

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DANUZA MENEGHELLO

**NA RODA DE RUA DE CAPOEIRA:  
O MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS E A  
RESISTÊNCIA POLÍTICA**

PORTO ALEGRE  
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DANUZA MENEGHELLO

**NA RODA DE RUA DE CAPOEIRA:  
O MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS E A  
RESISTÊNCIA POLÍTICA**

2

Dissertação apresentada como requisito à  
obtenção do título de Mestre em Geografia,  
Programa de Pós-Graduação em Geografia,  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Linha de Pesquisa: Análise Territorial  
Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Cláudia Luísa  
Zeferino Pires

PORTO ALEGRE

2018

### CIP - Catalogação na Publicação

Meneghello, Danuza

Na Roda de Rua de Capoeira: o Mercado Público de Florianópolis e a Resistência Política / Danuza Meneghello. -- 2018.

224 f.

Orientador: Cláudia Luísa Zeferino Pires.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Atuação no Grupo Capoeira Angola Palmares. 2. Da cidade de Florianópolis e a Capoeira na cidade. 3. A Geografia de Mestre Nô: o Grupo Palmares no sul do sul do Brasil. 4. Mercado Público: espaço de passagem de coisas e gentes. 5. A Capoeira é prato que não se come no Mercado. I. Zeferino Pires, Cláudia Luísa, orient. II. Título.



2

Vão do Mercado Público de Florianópolis. Foto de Danuza Meneghello, 2009.

*A adaptação a situações negadoras da humanização só pode ser aceita como consequência da experiência dominadora, ou como exercício de resistência, como tática na luta política.*

Paulo Freire

## AGRADECIMENTOS

*A ti que estás entre as linhas de minhas letras e estás entre as fibras do meu coração.*

*E à capoeira.*

## RESUMO

A Capoeira, sobre a qual se reflete nesta pesquisa, é considerada uma luta e uma manifestação cultural afro-brasileira. Permanece viva durante toda a história do Brasil, graças aos mestres e seus discípulos, os quais, mesmo no período em que foi proibida, a mantiveram presente em ruas, terreiros, quintais, largos e praças. O objetivo deste trabalho é discutir o uso privado dos espaços públicos e a roda de capoeira como possibilidade de resistência, de conscientização política, em Florianópolis e, mais especificamente, no Mercado Público da capital. Pretendemos problematizar a Capoeira como uma disputa de ideias e de resistência, não somente física, contra o sistema político e econômico ao qual estamos submetidos. Nesse jogo de procura que é a pesquisa acadêmica, três trajetórias foram traçadas. Primeiro, uma reflexão sobre os fundamentos do Grupo Capoeira Angola Palmares, grupo que alicerça a Roda de Rua do Mercado Público de Florianópolis. Segundo, um histórico da Roda do Mercado e seu significado para a capoeira local e um breve panorama sobre a cidade de Florianópolis. Terceiro, uma investigação, por meio de entrevistas com distintos grupos sociais, para identificar se a roda de Capoeira de rua pode ser compreendida como lugar de conflito e/ou resistência política. Como roda de conversa e ao mesmo tempo de denúncia. Os pressupostos teórico-metodológicos utilizados tiveram por base a pesquisa participante, na ação de pesquisar fomos abrindo os caminhos que nos ajudaram a entender o que pensam e o que propõem os sujeitos desta investigação para a “Roda de Rua do Mercado”. E no entrelaçar das ideias ressurgiram os fundamentos da Capoeira de Florianópolis, a Capoeira da Ilha. Além disso, constatamos que a Capoeira já fazia parte da vida rotineira da cidade de Florianópolis, antiga Desterro. Revolver a terra é um modo de possibilitar que as sementes continuem a brotar mais fortes e resistentes.

**Palavras-chave:** Capoeira; Roda; Resistência; Espaço Público.

## ABSTRACT

Capoeira, about which we reflected in this research, is considered a fight and an Afro-Brazilian cultural manifestation. It remained alive throughout the History of Brazil, because of the masters and their disciples, who, even in the period when it was forbidden, kept it present in streets, *terreiros*, backyards and squares. The objective of this work is to discuss the private use of public spaces and the Capoeira Circle as a possibility of resistance, of political awareness, in Florianópolis, and, more specifically, in the Mercado Público of the capital. We intend to problematize Capoeira as a dispute of ideas and resistance, not only physical, against the political and economic system in which we are submitted. In the current research, three trajectories have been traced. First, a reflection on the fundamentals of the Grupo Capoeira Angola Palmares, a group that builds the Roda de Rua do Mercado Público de Florianópolis. Second, a history of the Roda do Mercado and its meaning for local capoeira and a brief panorama about the city of Florianópolis. Third, an investigation to identify, interviews with different social groups, to know if the Capoeira Circle can be understood as a place of conflict and/or political resistance. As a round of conversation and at the same time of denunciation. The theoretical-methodological assumptions used were based on the participant research, in the research action we were opening the paths that helped us to understand what the subjects of this research think and propose for the “Roda de Rua do Mercado”. In the union of ideas, we found the foundations of Capoeira in Florianópolis, the Capoeira da Ilha. Besides this, we found that Capoeira was already part of the routine life of the city of Florianópolis, old Desterro. Revolving the soil is a way to enable the seeds to continue to grow stronger and stronger.

**Keywords:** Capoeira; Capoeira Circle; Resistance; Public Place.

## RESUMEN

La Capoeira, sobre la cual se flexiona en esta pesquisa, es considerada una lucha y una manifestación cultural afrobrasileña. Permanece viva a lo largo de la historia de Brasil gracias a los Mestres y sus discípulos, los cuales, inclusive en el período en que fue prohibida, la mantuvieron presente en las calles, terreros, patios, paseos y plazas. El objetivo de este trabajo es discutir el uso privado de los espacios públicos y la rueda de capoeira como posibilidad de resistencia, de concientización política en la ciudad de Florianópolis y, más específicamente en el Mercado Público de la capital Catarinense. Pretendemos problematizar la Capoeira como una disputa de ideas, de resistencia no solamente física contra el sistema político y económico en que vivimos. En ese juego de búsqueda que es la pesquisa académica, tres trayectorias fueron trazadas. Primero, una reflexión sobre los fundamentos del grupo Capoeira Angola Palmares, grupo que cimienta la Roda de Rua do Mercado Público de Florianópolis; segundo, explicitar el histórico de la Roda do Mercado y su significado para la capoeira local y un breve panorama sobre la ciudad de Florianópolis; tercero identificar a través de la realización de entrevistas, con distintos grupos sociales, si la roda de capoeira de calle puede ser comprendida como lugar de conflicto y/o resistencia política. Como rueda de charla y al mismo tiempo de denuncia. Los presupuestos teórico metodológicos utilizados tuvieron por base la pesquisa participante, en la acción de pesquisar fuimos abriendo los caminos que nos ayudaron a entender lo que piensan y lo que proponen los sujetos de esta investigación para la “Roda de Rua do Mercado”. Y, en el entrelazar de ideas resurgieron los fundamentos de la Capoeira de Florianópolis, la Capoeira da Ilha. Además, constatamos que la Capoeira ya formaba parte de la rutina de la ciudad de Florianópolis, antigua Desterro. Revolver la tierra es un modo de posibilitar que las semillas continúen brotando cada vez más fuertes y resistentes.

7

**Palabras clave:** Capoeira; Roda; Resistencia; Espacio Público.

## SUMÁRIO

<b>A LADAINHA: UMA INTRODUÇÃO</b> .....	<b>17</b>
ESSA ARTE ME ENCANTA: ATUAÇÃO NO GRUPO PALMARES: CAPOEIRISTA E PESQUISADORA .....	17
<b>AJUDA EU BERIMBAU: CAPÍTULO PRIMEIRO</b> .....	<b>25</b>
1.1 METODOLOGIA DO TRABALHO .....	26
1.2 ROTEIROS DE ENTREVISTAS – QUESTÕES POR SEGMENTO .....	29
1.3 ROTEIROS DOS QUESTIONÁRIOS – QUESTÕES POR SEGMENTO .....	34
1.4 REGISTRO DA RODA DO MERCADO .....	36
<b>ESTA COBRA TE MORDE: CAPÍTULO SEGUNDO</b> .....	<b>40</b>
2.1 DA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS .....	41
<b>MASSARANDUBA É MADEIRA DE LEI: CAPÍTULO TERCEIRO</b> .....	<b>53</b>
3.1 A GEOGRAFIA DO MESTRE NÔ: O GRUPO PALMARES RUMO AO SUL DO SUL DO BRASIL .....	54
<b>JOGO DE DENTRO JOGO DE FORA: CAPÍTULO QUARTO</b> .....	<b>81</b>
4.1 MERCADO PÚBLICO: ESPAÇO DE PASSAGEM DE COISAS E GENTES.....	82
4.2 CAPOEIRA EM FLORIANÓPOLIS .....	124
<b>CAPOEIRA NÃO É PRATO QUE SE COME NO MERCADO: CAPÍTULO QUINTO</b> .....	<b>154</b>
5.1 TEM CAPOEIRA MOÇO?.....	155
<b>CHAMADA: CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>193</b>
<b>MESTRE NÔ: REFERÊNCIAS</b> .....	<b>198</b>
AUDIOVISUAIS .....	198
ENTREVISTAS .....	199
PERIÓDICOS [JORNAIS].....	200
REFERÊNCIAS .....	203
<b>ANEXOS</b> .....	<b>216</b>
ANEXO I: GRÁFICOS DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS COM OS CAPOEIRISTAS EM CANOAS-RS.....	216
ANEXO II: GRÁFICOS DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS COM O PÚBLICO FREQUENTADOR DO MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS-SC .....	221

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Batismo de capoeira, Danuza e Mestre Bobó, Lona Azul, 1990. ....	18
Figura 2: Jogo de Metre Nô e Mestre Braulino, Lona Azul, em Florianópolis, 1990....	19
Figura 3: Jogo de Metre Nô e Mestre Braulino, Lona Azul, em Florianópolis, 1990....	19
Figura 4: Mapa de localização de Florianópolis.....	45
Figura 5: Destaque de manchetes de jornais locais e nacionais sobre Florianópolis. ....	51
Figura 6: Noite com lua. ....	57
Figura 7: Primeira versão do desenho de Mestre Nô.....	58
Figura 8: Segunda versão do desenho do Mestre Nô .....	59
Figura 9: Terceira versão do Desenho do Mestre Nô.....	60
Figura 10: Quarta versão do desenho do Mestre Nô, colorida. ....	61
Figura 11: Quinta versão do desenho do Mestre Nô. ....	61
Figura 12: Sexta versão do desenho do Mestre Nô, com o nome do grupo. ....	62
Figura 13: Palmares no mundo.....	63
Figura 14: Palmares na terra da capoeira.....	63
Figura 15: Roda na Barra da Lagoa. 1986. Alemão (camiseta com símbolo da Palmares e Calunga (camiseta branca) tocando berimbau.....	67
Figura 16: Ginásio de Alumínio/UFSC (1988). Batismo de Capoeira do Grupo Palmares. ....	69
Figura 17: Ginásio de Alumínio/UFSC (1988). Batismo de Capoeira do Grupo Palmares. ....	69
Figura 18: Ginásio de Alumínio/UFSC. 2016. Roda da Re Volta. Abertura dos trabalhos de Extensão do Projeto “Capoeira da Ilha”. ....	70
Figura 19: Roda da Catedral. 1986. No berimbau da esquerda para direita: Alemão, Pinóquio e Calunga. A criança sem camisa jogando é o Polegar. Referências da Capoeira da Ilha. ....	74
Figura 20: Foto do Mestre Alemão, durante entrevista concedida em 2017.....	75
Figura 21: Circo Voador/Rio de Janeiro. 1983. ....	77
Figura 22: Lona Azul/Florianópolis. 1990. ....	78
Figura 23: Lona Azul/Florianópolis. 1990. ....	78
Figura 24: Sul: Revista do Círculo de Arte Moderna – 1948 a 1952 p.18.....	81
Figura 25: Mapa de localização do Mercado Público de Florianópolis .....	85
Figura 26: Mercado e cais do porto. Primeiras décadas do século XX.....	86
Figura 27: Mercado no lugar atual. Ao fundo o prédio da Alfândega. Primeiras décadas do século XX. ....	87
Figura 28: Ao fundo o Mercado Público, década de 1950. Acervo: APE.....	87
Figura 29: Mercado no fim do dia. Primeiras décadas do século XXI.....	88
Figura 30: Roda do Mercado. No Vão Central: as mesas. Primeiras décadas do século XXI. ....	88
Figuras 31: Conflito entre comerciantes e capoeirista. Roda do Mercado. Ano de 2015. ....	89

Figura 32: Policiais abordando capoeirista. Roda do Mercado. Ano de 2015. ....	89
Figura 33: Augustus Earle, Negroes Fighting, Brazils [Negros combatendo, Brasil]. Rio de Janeiro. 1821 a 1824).....	90
Figura 34: Intervenção policial, ano de 2015. ....	90
Figura 35: Mercado em 2016. O mundo dá voltas. ....	92
Figura 36: Roda em janeiro de 2018. Na passagem. ....	95
Figura 37: Roda em junho de 2017. Na passagem. ....	95
Figura 38: Visão da Roda de Capoeira de dentro do Mercado.....	96
Figura 39: Augustus Earle, Dance, Brazil, 1820-24.....	97
Figura 40: “Desembarque do Imperador Dom Pedro II e da Imperatriz Dona Tereza Cristina na Ilha de Santa Catarina, no dia 12 de outubro de 1845”, Vicente Pietro, 1845. ....	98
Figura 41: Obras do aterro para a construção da ala norte do Mercado Público de Florianópolis (1894). Ao fundo o antigo prédio da Alfândega. ....	99
Figura 42: Antigo cemitério na parte leste do “estreito” que separa a Ilha do Continente. Atual Parque da Luz. ....	100
Figura 43: Visão parcial do Centro de Florianópolis (1970).....	100
Figura 44: Passeio da Liberdade. Projeto em andamento/em obras. ....	101
Figura 45: Mercado Público de Florianópolis, 2017. Projeto concluído.....	101
Figura 46: Projeto de revitalização do Largo da Alfandega. Em elaboração. ....	102
Figura 47: Projeto Centro Sapiens: transformar o Centro Histórico de Florianópolis (parte leste), em um local criativo, voltado para turismo, gastronomia e tecnologia. Em andamento.....	102
Figura 48: Fotos das placas referentes ao tombamento e preservação do Mercado Público de Florianópolis, tiradas em um domingo, no inverno de 2016. ....	107
Figura 49: Vão do Mercado Público de Florianópolis ocupado por mesas, em um domingo, no inverno de 2016. ....	108
Figura 50: Interior do vão central do Mercado Público de Florianópolis, em um domingo, no inverno de 2016. ....	108
Figura 51: Folheto de programação cultural distribuída no Mercado, em destaque apenas as apresentações musicais contratadas. Florianópolis, maio 2018. ....	111
Figura 52: Vão central do Mercado Público.....	111
Figura 53: Jogo de Capoeira no vão do mercado Público. ....	121
Figura 54: Capoeira, do pintor, ilustrador, escultor e jornalista argentino naturalizado brasileiro Hector Paride Bernabó, conhecido como Carybé.....	124
Figura 55: “Variedade: caza feliz”. O Correio Catharinense, Florianópolis, edição 030, 1853. ....	127
Figura 56: “Variedade: caza feliz”. O Correio Catharinense, Florianópolis, edição 030, 1853. ....	127
Figura 57: “Concurso de papagaios”. O Estado, edição 6808, Florianópolis, 1936, em Concurso de Papagaios.....	129
Figura 58: Fragmentos do jornal O Mercantil, Florianópolis, 23 jul. 1861. ....	130
Figura 59: Fragmento do jornal O Mercantil, Florianópolis, 23 jul. 1861.....	131
Figura 60: Fragmentos do jornal O Mercantil, Florianópolis, 23 jul. 1861. ....	131

Figura 61: “As lutas de capoeira no Circo Queirolo” (circo dos irmãos Queirolo atuante até os dias de hoje). Fragmentos do jornal O Estado. Florianópolis, 29 nov. 1928. ....	132
Figura 62: O Pacajá. O Pacajá. Florianópolis, Edição 26, p. 1. Disponível em: < <a href="http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=766429&amp;pesq=capoeira">http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=766429&amp;pesq=capoeira</a> >. Acesso em 18 ago. 2018. ....	135
Figura 63: O Pacajá. O Pacajá. Florianópolis, Edição 26, p. 1. Disponível em: < <a href="http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=766429&amp;pesq=capoeira">http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=766429&amp;pesq=capoeira</a> >. Acesso em 18 ago. 2018. ....	136
Figura 64: “Pedro e seu amo”. O Pacajá. Florianópolis, Edição 20, p. 82-83, 1862. Disponível em: < <a href="http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=766429&amp;pesq=capoeira">http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=766429&amp;pesq=capoeira</a> >. Acesso em 18 ago. 2018. ....	137
Figura 65: Dança de guerra ou jogar Capoeira, Johann Moritz Rugendas. ....	142
Figura 66: Capoeira, Rozina Becker do Valle, 1966. ....	145
Figura 67: Vão do Mercado Público de Florianópolis. ....	154
Figura 68: Mapa da Roda de Capoeira do Mercado Público de Florianópolis, com as localizações ao longo do tempo. ....	169
Figura 69: Boneco de Luiz Henrique Rosa, no hall da Torre Oeste do Mercado Público de Florianópolis, 2017. ....	192
Figura 70: Chamada, desenhos de Caribé. Salvador: Livraria Progresso, 1955. ....	193
Figura 71: Mestre Nô, Roda do Mercado, 2014. Acervo Danuza. ....	198

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População no Censo Demográfico das capitais - 2010.....	46
Tabela 2: Alguns índices do IBGE sobre Florianópolis .....	48
Tabela 3: Reajuste da tarifa do transporte coletivo .....	50
Tabela 4: População no Censo Demográfico nas capitais - 1872/2010 .....	52
Tabela 5: Capoeira na roda, Capoeira na vida.....	64
Tabela 6: Mestres formados pelo Mestre Nô.....	66

## **LISTA DE SIGLAS**

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SEPHAN – Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município

IPUF – Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis

APESC – Arquivo Público do Estado de Santa Catarina

AHMF – Arquivo Histórico do Município de Florianópolis

ACCS – Ação Curricular em Comunidade e em Sociedade

FORPOP – Fórum Permanente de Artes e Tradições Populares

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

*O começo. 1987.*

*Alemão. Sábado. Todo, todo sábado. Meio dia. Faça chuva, faça sol.*

*Tinha que ir.*

*O aquecimento começava em casa, a correria era ou para deixar tudo arrumado (eu, por exemplo, com dois filhos pequenos só ia porque o companheiro segurava a “roda” da casa), ou para curar uma ressaca (o que era raro naquela época, pois era tudo guri) ou para simplesmente espantar a preguiça e vir para o centro.*

*Mas tinha que ir.*

*A novidade era o que motivava todos.*

*Treinar a semana toda e no sábado praticar a arte de destreza na rua, no meio daquele burburinho da cidade. Esse era o encantamento.*

*No nosso imaginário era na roda de rua, nesse espaço sem paredes, aberto, onde tudo pode acontecer que mais nos aproximava da capoeira que aprendíamos e acreditávamos. A capoeira jogada em Salvador, Bahia, nas Festas de Largo de décadas atrás, como conta Mestre Nô.*

*O Mercado Público com 89 anos em 1987 se transformou na possibilidade semanal, concreta, de combatividade física e cultural.*

*E durante alguns anos foi isso que fizeram: os capoeiras fincaram no cotidiano da cidade e na cabeça da capoeiragem a Roda do Mercado.*

*Nesses 30 anos, cada um tem uma opinião sobre ela.*

*São vários matizes interligados, não possui uma única essência, pois se a roda de capoeira é a roda da vida, a contradição está presente. Eis então o espaço do jogo malandro, do jogo brincado, do jogo violento. Do conflito, do tumulto, da criança, do ritmo que arrepia. Dos que nunca foram e dos que sempre estiveram lá. Do minguado de gente, da falta de instrumento, do bêbado, do movimento, da mulher, do povo que vê e passa e do povo que vê e fica.*

*O espaço do encontro, sempre.*

*E cada um tem uma cena, uma recordação.*

*Dos Mestres: Nô, Braulino, Bobó, com seus olhos tristes, Ferreirinha, com sua humildade e magreza, Bandeira, Pop, Dindo, Felipe, Boa Gente, Bom Cabrito, João Pequeno, Lázaro, Virgílio.*

*Dos dias de vento sul.*

*Dos desafetos.*

*Das rodas com oito, dez pessoas.*

*Das rodas com muitos.*

*E dos sábados sem roda.*

*Os sábados sem roda, que sejam esses uma simples lembrança, mas que sejam também uma provocação.*

*Ocupar espaços públicos, encontrar os camaradas e entregar-se à pura diversão, sem ter que a comprar, é algo cada vez mais raro. Nos dias de hoje, em que estamos amordaçados pelo tempo e confinados em espaços fechados, expor-se é uma ousadia. Ocupar e oferecer a vadiagem da capoeira como cultura que se recria é ser capoeira, é fazer o que sabemos e fazemos porque esse saber não tem certificado, foi conquistado e mantido como ideia e como meio de vida.*

*E se o desafio é continuar, se a ideia é persistir, que seja aqui pisando essas pedras centenárias, hoje encobertas, no Mercado Público.*

*Patrimônio que resiste.*

*Danuza Meneghello [1990]*

## A LADAINHA<sup>1</sup>: UMA INTRODUÇÃO

*Essa arte me encanta: atuação no Grupo Palmares: capoeirista e pesquisadora*

O jogo começa no pé do berimbau (e lá berimbau tem pé, diria Mestre Nô rindo). Sou uma pesquisadora capoeirista. Não vou criar nenhum tipo de disfarce, não. Sou ativista. Aperto a mão e vou para o jogo.

A pesquisa que aqui apresentamos, é resultado do pensar e do agir de uma mulher capoeirista. E a pergunta que procuramos responder, “*a roda de rua de capoeira pode ser considerada um movimento de resistência à privatização do vão central do Mercado Público de Florianópolis?*”, nos levou para uma roda mais ampla, onde o jogo exigiu malícia e malandragem.

A reflexão sobre essa pergunta me fez retornar para uma manhã de sol em Florianópolis. No dia anterior choveu, muito, mas espetacularmente o sábado do dia 30 de outubro de 1990 amanheceu com sol. A montagem da Lona Azul<sup>2</sup>, no Aterro da Baía Sul, de Florianópolis, foi abaixo de água.

Estávamos todos encharcados, puxando cordas, carregando caixas, correndo, para no dia seguinte estar tudo pronto para o *IIIº Batismo de Capoeira do Grupo Ajagunã de Palmares*<sup>3</sup>. Molhados, mas animados. Seria um grande encontro de mestres, de capoeiristas de vários lugares do Brasil. Mestres mais velhos com toda a sua experiência e malandragem e jovens capoeiras com sua vivacidade e disposição. A capoeira estava em festa e trazia como presente para Florianópolis por meio dos mestres uma história viva de resistência contra a escravidão dos corpos e das ideias.

No sábado desse dia eu fui batizada (momento que o aluno recebe sua primeira graduação, cordel, é a sua entrada no “mundo” da capoeira). Lá estavam camaradas e familiares, suporte contínuo dessa caminhada. Ali recebi o primeiro cordel. O que marcou não foi a graduação (algo que no grupo nunca foi de muita importância), mas ter entrado no mundo da capoeira pelo gingado de Mestre Bobó, jogador de capoeira, baiano, com seus 60 e poucos anos. O que marcou foi meu primeiro filho também sendo batizado pelo

---

<sup>1</sup> Sequência dos cantos na roda do Grupo Capoeira Angola Palmares: ladainha, louvação, corrido ou quadra e adeus, adeus.

<sup>2</sup> Encontro anual do Grupo Palmares em Florianópolis, organizado pelo Contramestre Alemão, que coordenava os treinos de capoeira na UFSC. Foi quem me ensinou a capoeira. Nas páginas procedentes falaremos mais minuciosamente sobre ele.

<sup>3</sup> Filiado ao Grupo Capoeira Angola Palmares, coordenado nacionalmente por Mestre Nô.

Mestre João Pequeno, baiano de Salvador. Mestres que traziam no corpo a certeza de quem sabe o que faz e no olhar a simplicidade de quem faz da capoeira vida.

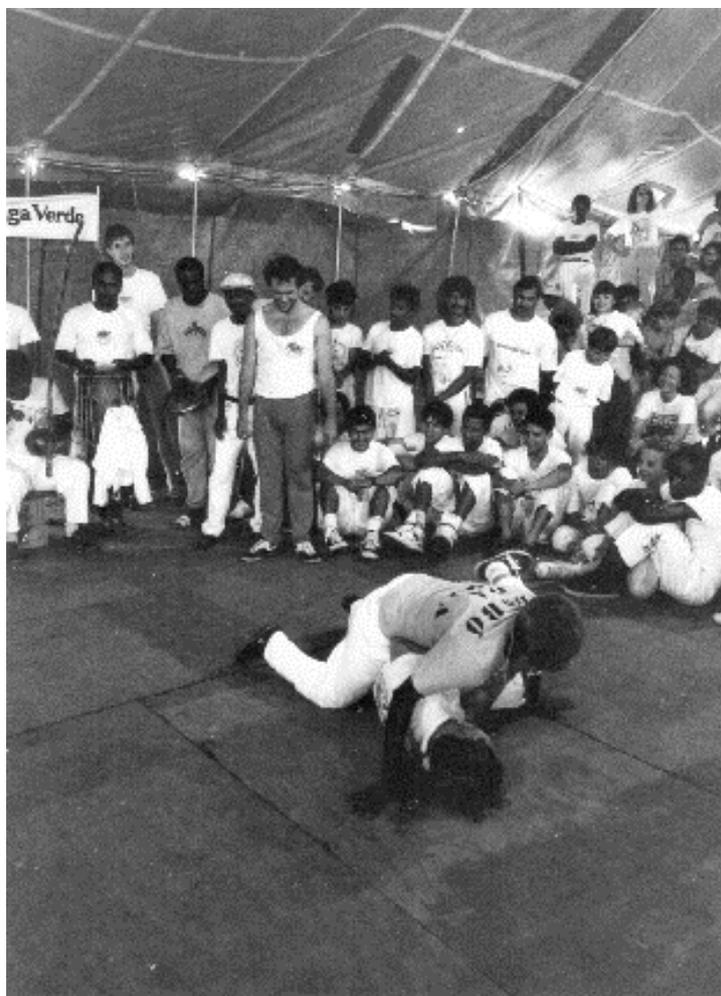


Figura 1: Batismo de capoeira, Danuza e Mestre Bobó, Lona Azul, 1990.  
Arquivo do Contramestre Alemão.

A Lona Azul<sup>4</sup> marcou uma geração. É base essencial da minha jornada de capoeirista. São 27 anos na volta ao mundo da capoeira. Foi onde conheci Mestre Nô. Mestre que, desde 1987 até hoje, em 2017, volta para Florianópolis. Todo ano. Ensinando, jogando, falando e tocando. Incansável. E é a formação desses capoeiristas que me inspira para o jogo com a academia. Para a pesquisa.

---

<sup>4</sup> Kao, Yan, Liz, Ananda e Rege (in memória) presentes na lona Azul! Amores da minha vida, hoje cada um em sua jornada. Gratidão pelo jogo compartilhado.



Figura 2: Jogo de Metre Nô e Mestre Braulino, Lona Azul, em Florianópolis, 1990.  
Acervo Contramestre Alemão.

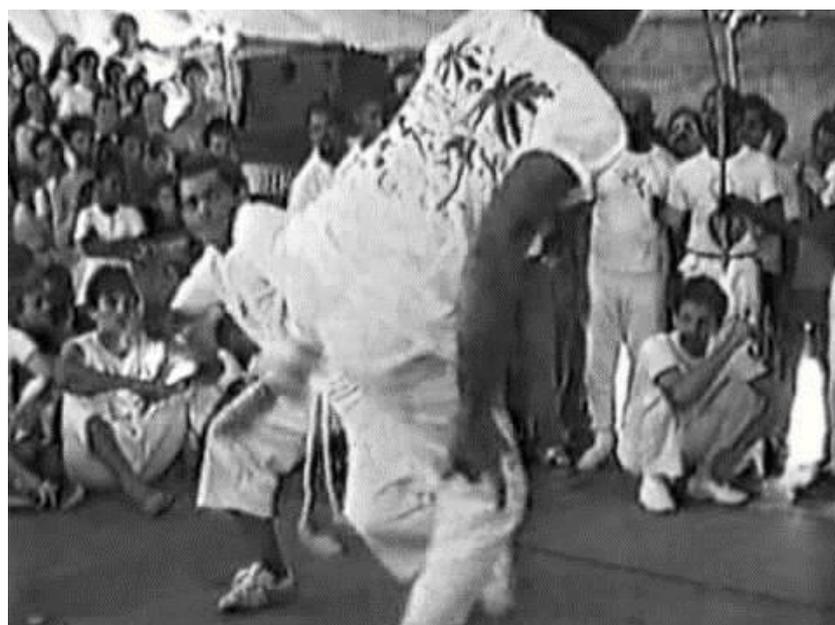


Figura 3: Jogo de Metre Nô e Mestre Braulino, Lona Azul, em Florianópolis, 1990.  
Acervo Contramestre Alemão.

Mestre Nô<sup>5</sup> se tornou mestre em 1964, no Bairro da Massaranduba, Salvador, Bahia. Sua história revela a trajetória do homem, mas também a história da arte capoeira. Do valor da roda de rua de Capoeira na formação de um capoeirista e na sua importância enquanto resistência política.

Em 2013, quatro capoeiristas – Bagé, Danuza, Polegar e Pinóquio – saíram de Florianópolis e rumaram para Salvador. Foram conhecer e documentar a caminhada de Mestre Nô. Da sua juventude no Bairro da Massaranduba até a Boca do Rio, onde vivia na época. O pequeno grupo seguiu o mestre em todos os lugares onde ele treinou e deu aula. Alguns já muito modificados. Ver e ouvir as pessoas que foram aparecendo durante os nossos registros foi emocionante.

Também ali chovia. Munidos de filmadora e gravador, caminhamos pela Massaranduba, por entre poças, fazendo entrevistas embaixo de marquises. Aquele homem foi aos poucos, no contar da sua história, se fazendo jovem. Em cada situação lembrada e narrada, o Mestre virava um rapazote jogador de Capoeira, frequentador das rodas de rua das festas de Largo. O homem de sessenta e nove anos ressurgiu para nós o capoeira dos anos setenta: homem da rua, vadiando nas rodas.

20

Nunca tínhamos nos deparado com tamanho reconhecimento e notória popularidade do nosso mestre, isso que o legitima como uma pessoa do meio popular e não somente um bom capoeira, mas alguém que com seus ensinamentos, mudou vidas por onde passou. (CORRÊA; PINTO, p.5, 2013)

Antes dos anos noventa do século passado, em Salvador, capoeira que era capoeira frequentava as rodas de rua, que não eram e não são rodas de apresentação. São rodas de Capoeira que se *armam* na espontaneidade. Alguns levam instrumentos, outros levam apenas o corpo e a vontade. E são nessas rodas, que se reconheciam o valor de um capoeira. Na sua destreza e malícia, ele se consagrava nessa luta de ataque e defesa. Era reconhecido como bom lutador, e pela boca do povo começava a ser chamado de *mestre*, o que sabe o seu ofício e sabe bem.

A pesquisa trata exatamente da importância de uma roda de rua de Capoeira, como manifestação de resistência da cultura afro brasileira.

---

<sup>5</sup> Mestre Nô, educador na roda e orientador na vida. Caminho com ele há 28 anos, com amor e gratidão te agradeço mestre, pela capoeira, pela ginga do corpo, pela malandragem.

E escrever sobre a Roda de Rua de Capoeira que acontece no Vão do Mercado Público de Florianópolis exigiu uma reflexão sobre o próprio Mercado. Mas não apenas deste patrimônio material, mas igualmente da cidade que ele está inserido.

Em 1989, quando cheguei ao chamado “Ginásio de Alumínio”, do Centro de Desporto, da Universidade Federal de Santa Catarina, onde Alemão ensinava, encontrei o que fui buscar: uma luta genuinamente brasileira, com fundamento histórico e cultural. Forjada pelo negro em tempos de escravidão. E ensinada por um capoeirista que acredita que a Capoeira é uma das manifestações que resiste e combate a domesticação do corpo e a manipulação das ideias.

Em 1990, quando comecei a frequentar a Roda de Capoeira do Mercado Público de Florianópolis, principiei a entender o que é uma roda de rua e o seu valor para a Capoeira. Hoje escrevo sobre uma realidade que me formou e me forma enquanto ser capoeira. Alemão passa para seus alunos o que acredita e o que lhe deu consistência e constância,

[...] eu sou um cara que venho de uma capoeira não de academia, eu venho de uma capoeira de fora academia, extra academia e aí quando eu vou pra Salvador, quando eu vejo as rodas de rua em Salvador, festa de Largo...eu piro com isso...eu completo meus dezoito anos na roda do Bonfim...é meu rito de passagem...eu começo a ter respeito na roda de rua...pô me arrepio todo... (ALEMÃO, 2017)

21

E mostra o braço como sinal de que a memória é vida escondida.

E diz,

[...] roda de rua vira um negócio pra mim que...capoeirista que não joga na rua ele é capoeirista de circuito fechado, capoeirista de plástico, capoeirista esterilizado, capoeira precisa do germe da rua, dos micróbios, dos vermes da rua na mão pra criar anticorpos... (ALEMÃO, 2017)

Aqui está a essência do seu legado. O que se torna constante na sua prática e no seu dizer. E constância é algo que tenho na vida<sup>6</sup>.

A *Roda de Capoeira do Mercado* se transformou em um desafio, espaço único de superação. Ali se exercita o corpo e a resistência política. Mestre Nô, com sua história

---

<sup>6</sup> Dona Maria Constância é minha mãe. Mulher de fé. Minha mãe é mulher que dá lição de constância, de luta contínua contra as securas da vida. É seu exemplo que me ergue das rasteiras. Gratidão pela fé, mãe.

peçoal, e Alemão, agindo de acordo com os fundamentos passados pelo mestre e vivenciados em Salvador, fez da roda provavelmente mais do que esperava. Ao mesmo tempo que os capoeiristas tiveram no Mercado um espaço para praticar essa luta de ataque e defesa, tiveram conjuntamente que se defender de um outro ataque, mais sutil: o preconceito social e racial. A discriminação, o xingamento, o olhar atravessado, a ameaça e a falta de lugar *vazio* no vão central foram e são alguns *golpes* dos quais temos nos esquivados.

Na caminhada até os dias de hoje (2017/2018) minha prática e meu pensar sobre Capoeira tem como herança os ensinamentos desses dois sujeitos, Mestre Nô e Contramestre Alemão.

Junto com o Mestre Polegar<sup>7</sup> (meu irmão e professor de Capoeira) tenho coordenado o Projeto de Extensão “Capoeira da Ilha”, no mesmo local que Alemão iniciou seu trabalho, no Ginásio de Alumínio da UFSC. São trinta anos de jogo de dentro, jogo de fora, jogo entre a cultura popular e a academia. Transito entre estes espaços de saber. E com esse movimento de “tronco” é que desenvolvo uma pesquisa que me coloca de frente com a produção científica e a resistência cultural.

22

E aos poucos começaram as perguntas. Definiram-se os objetivos. Na Capoeira costumamos dizer que estamos prontos para um *jogo de dentro, jogo de fora*. Ataque e defesa.

Na roda, espaço pleno de possibilidades, infindável pela sua forma, queremos entender que jogo (essa expressão, *jogo*, possui neste trabalho o sentido de disputa, envolve ação e reação), afinal, se estabelece no Mercado. E assim, dentro da própria Capoeira e fora dela (público não capoeirista), nos dispomos como nosso principal objetivo identificar e analisar se a *Roda de Rua de Capoeira pode ser considerado um movimento de resistência à privatização do Mercado Público de Florianópolis*.

Alguns caminhos foram percorridos para analisarmos e compreendermos a *Roda de Capoeira do Mercado Público de Florianópolis*.

Consideramos, por exemplo, fundamental contextualizar a cidade de Florianópolis e sua realidade social repleta de contradições e desafios.

---

<sup>7</sup> Polegar é irmão de estrada. Cruzamos algumas fronteiras juntos. Com ele fui à Moçambique e estar junto em solo africano, é estar junto sempre. Avante menino passarinho.

Rever a luz da pesquisa a trajetória de Mestre Nô e do Contramestre Alemão (convivendo com Mestre Nô em Salvador, que o Contramestre Alemão definitivamente se forma como um capoeira que joga na rua), foi base importante para justificar a importância da roda do Mercado para os capoeiristas de Florianópolis. E mesclada a essa trajetória revela-se a história do Grupo Palmares e a vivência dessa capoeirista pesquisadora.

Buscamos compreender a Roda de Capoeira do Mercado Público de Florianópolis levando em consideração o seu surgimento e analisamos a disputa travada entre o Mercado Público de Florianópolis (comerciantes) e a Roda de Capoeira (capoeiristas).

E com a diversidade de opiniões investigamos se *a Roda de Capoeira do Mercado Público é considerada um movimento de resistência política nas disputas dos espaços públicos*.

No capítulo primeiro procuramos apresentar a cidade de Florianópolis pelo olhar de quem é morador do lugar. Uma cidade, que aparece nas propagandas turísticas e nos jornais escritos e falados de maior circulação como sinônimo de belezas naturais e povo acolhedor, para uma cidade que transforma o seu patrimônio natural em mercadoria e que considera que o nativo é principalmente o açoriano.

No segundo capítulo as reflexões estão relacionadas ao Grupo Palmares e a trajetória, a vivência do Mestre Nô no mundo da Capoeira. Aqui nesse capítulo encontramos desenhado os fundamentos que sustentam esta pesquisa. É a compreensão que Mestre Nô tem sobre a roda de rua, sobre a Capoeira, da sua importância como orientação para vida que referencia as ideias que serão traçadas adiante. Como diz o Mestre, “Capoeira na roda, capoeira na vida”.

Desenvolvemos a partir da fala do Mestre, as diversas etapas do Escudo da Palmares, criado por Mestre Nô. Elaboramos o passo a passo da produção de um símbolo conhecido mundialmente.

No capítulo terceiro discute-se o Mercado Público de Florianópolis como o espaço geográfico aglutinador dos moradores (e dos passantes) da cidade. Local de atração de todos, mas de permanência de alguns. Neste capítulo o prioritário não é contar a história do Mercado Público de Florianópolis<sup>8</sup> e sim entender quem efetivamente pode

---

<sup>8</sup> Inúmeros trabalhos acadêmicos e literários encontram-se disponíveis em forma impressa e/ou virtualmente sobre a história do Mercado.

ocupá-lo. Quais as leis que regem a sua ocupação e a quem favorece. Elaboramos um breve organograma histórico do Mercado Público, através dos documentos pesquisados, para melhor compreensão, visto como já justificado acima, a história deste patrimônio material de Florianópolis não era nosso objetivo de pesquisa. Neste capítulo dois outros temas são tratados, a Capoeira em Florianópolis, e através da pesquisa em jornais digitalizados, nos deparamos com informações importantes referentes a Capoeira em Florianópolis. E por último, a compreensão sobre a Roda de Rua de Capoeira, lugar insubstituível na formação de um capoeirista.

As entrevistas com capoeiristas, representantes do setor público e legislativo da cidade, suas opiniões e sugestões sobre a Roda de Rua de Capoeira no Vão Central do Mercado Público de Florianópolis, são abordadas no quarto e último capítulo. Algumas entrevistas não foram realizadas a contento, pois algumas das pessoas que foram listadas como fundamentais para compreender a “Roda do Mercado”, não quiseram falar. Mas consideramos que nesse caso o silêncio é um modo de se pronunciar.

Nas Considerações Finais o pensar se volta para a resistência política e cultural que as manifestações populares precisam manter e aperfeiçoar. Os capoeiristas, hoje, não podem esquecer que praticam uma luta secular, desenvolvida em condições extremamente adversas, rebelde no pensar e tendo na essência a luta pela liberdade. Uma luta criada por negros. E este fato faz toda a diferença.

## AJUDA EU BERIMBAU: CAPÍTULO PRIMEIRO



Mercado Público. Aguardando o início da Roda. 2008. Acervo pessoal Danuza.

## 1.1 Metodologia do trabalho

Metodologia é processo. É ferramenta que possibilita fazer o caminho entre o estudo das fontes, das referências teóricas, e da narrativa, da vivência de quem pesquisa. Alves (2013, p. 38) defende que o método é uma maneira de obter resultados. A base metodológica desta pesquisa e suas perguntas fazem parte de um trajeto, de um ir e vir pelo espaço geográfico entre Porto Alegre e, principalmente, Florianópolis, percorrendo as ruas dessas cidades.

A investigação tem como intenção ser, também, uma intervenção. Que aponte caminhos para a ação social e cultural, para a resistência e a transformação. Mas é um caminho de estudo, mesmo retornando diversas vezes para a militância, para esse jogo entre pesquisadora e capoeirista. Eis o pensamento que me orienta:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História. (FREIRE, 1996, p. 23).

26

Meu objetivo como mestranda é fazer o caminho da pesquisa participativa, inquieta. Como pesquisadora capoeirista estou, nesse momento, entre o mundo da Capoeira e a academia. Sendo assim é preciso desenvolver um trabalho cuidadoso de investigação, elaborar um conto sobre o conto e dialogar com as narrativas dos diversos entrevistados. Mas essa investigação é também uma intervenção. A ideia é sinalizar, apontar alguns caminhos, para ação social e para resistência cultural.

Consideramos que o pesquisador interage com a sua pesquisa, com os sujeitos sociais e com os espaços geográficos, conforme aponta Minayo, para quem: “A pesquisa social trabalha com gente e suas realizações, compreendendo as pessoas ou grupos como atores sociais em relação e em perspectivas” (2011, p. 57). Não estamos isolados, apartados por uma capa de neutralidades. Para a autora, os sujeitos no campo

[...] fazem parte de uma relação de intersubjetividade, de interação social com o pesquisador, daí resultando num produto compreensivo que não é a realidade concreta e sim uma descoberta construída com todas as disposições em mãos do investigador: suas hipóteses e pressupostos teóricos, seu quadro conceitual e metodológico, suas interações, suas entrevistas e observações, suas inter-relações com os colegas de trabalho. (MINAYO, 2011, p.57).

Iniciar os estudos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul foi uma ação. Foi o princípio da pesquisa. As linhas de pesquisa me atraíram. A prática social e acadêmica da professora Claudia Zeferino Pires<sup>9</sup> me motivou a encarar a academia. A ideia estava plantada, vital era garantir que a semente brotasse.

Quando iniciei os estudos, no primeiro semestre de 2016, estava disposta a dar *a volta ao mundo* (que tem o tamanho das nossas expectativas). Nas tardes secundais de outono, a disciplina foi *Geografia: teoria e método*. A professora Dirce Suertegaray<sup>10</sup> instigou a reflexão, principalmente da geografia inserida no contexto histórico que vivíamos naquele momento. Teoria e método para compreendermos essa ciência no girar do mundo. E, principalmente, para ganharmos alento e resistência perante a realidade política que nos golpeava. Seu ânimo invejável me empurrava todo fim de tarde para frente. Era preciso seguir.

Nas terças, pegava o ônibus na Avenida João Pessoa. Percorrer de manhã em transporte coletivo a Avenida da Azenha e a extensa Bento Gonçalves era uma introdução, na prática, da aula que teria dali a pouco com o Professor Álvaro Heidrich.<sup>11</sup> Nesse trajeto semanal, solitário e ao mesmo tempo coletivo, eu vivia e pensava *O território, a sociedade e a cultura*. Compartilhar ideias com o professor e cafés com alguns estudantes, fez com que o frio portalegrense daquele primeiro semestre não me fizesse desanimar do mestrado.

No segundo semestre, entre o inverno e a primavera, a reflexão foi sobre *Espaço, política e cidadania*, disciplina ministrada pela professora Claudia Pires. Desse lugar da sala de aula, no decorrer dos meses, o grupo ganhou a cidade. E num crescente, as reflexões foram feitas. Entre leituras e práticas, ficava a indagação: de que lado da trincheira estamos? E quando ganhamos a rua, passamos da indagação para a emoção e a indignação.

Caminhar por Porto Alegre e estar misturada com a sua realidade social conferiu cidadania à geografia. A teoria e seus métodos foram base para compreendermos um

---

<sup>9</sup> Mestra de toda hora. A distância geográfica foi desafio para a proximidade afetiva e teórica. Que sigas confiante nas tuas ideias e ideais. O tempo não conta para aqueles que acreditam no fazer. Gratidão professora por ter me recebido e orientado nesta jornada.

<sup>10</sup> Professora que na sua vivacidade intelectual e política me deu lição de resistência. Avante.

<sup>11</sup> Sua tranquila fala e seu profundo conhecimento geográfico foi provocação necessária para instigar o estudo e o debate. Bom jogo.

pouco mais os territórios, a sociedade e a cultura. E com isso, estando no espaço, saber que nossa postura política é o que de fato nos faz efetivamente cidadãos.

Em Florianópolis, também no segundo semestre de 2016, fiz duas disciplinas: o seminário especial *Educação e relações raciais no Brasil contemporâneo*, com a professora Joana Passos, no Centro de Educação; e o *Temporalidades e Territorialidades: a construção social do espaço*, com a professora Juliana Machado, na Antropologia. Foi um *dendê* a mais para temperar as ideias sobre Capoeira, negritude, racismo, segregação, identidade e resistência.

Sentia-me, pois, fecunda de fundamento para o bom combate entre a Capoeira e a geografia.

Era premente, no fim do ano de 2016, já tão cheio de desafios, trabalhar no projeto. A saúde do corpo falou mais alto. Em fevereiro de 2017, fui submetida a duas cirurgias. Quadril. Sem “jogo de cintura”, me vi estática. Para um capoeira, não estar em movimento é estar acorrentado. Foi um desafio. Difícil jogo nessa roda da vida.

A pesquisa começou no pensar, no campo das ideias. Certamente seguirá após a sua conclusão,

[...] consideramos que a pesquisa se faz a partir do momento em que o pesquisador começa a pensar sobre ela, e não apenas quando inicia seu trabalho de campo. Da mesma forma, ela também não tem ponto final, mas uma pausa para pensar e até desconstruir certas afirmações. (SOUZA, 2013, p. 56).

No contato com as pessoas, com os livros e documentos, procurava principalmente a qualidade.

A palavra qualidade deriva de *qualitas* e significa essência. Assim, qualidade designa parte essencial, aquilo que é mais importante e determinante [...] significa outra dimensão fundamental de fenômenos qualitativos, que é a sua busca de profundidade e plenitude. (RAMIRES; PESSÔA, 2013, p. 25).

O enfoque foi de uma pesquisa participante, valendo-se de trabalho de campo de cunho qualitativo, nesse sentido estamos “mais preocupados com o processo [...] tendo o ambiente natural como fonte direta dos dados, e grande destaque é dado à interpretação do significado das ações sociais”. (RAMIRES; PESSÔA, 2013, p. 25).

Utilizamos como instrumento de pesquisa os questionários, as entrevistas e o material iconográfico produzido sobre o Mercado Público e a roda, reportagens, arte

gráfica, fotos, mapas, tabelas, vídeos, debates e exposições. Foi como olhar por um caleidoscópio, e ali a variedade do mundo dos capoeiras e dos que não são capoeiristas foi visto na sua diversidade. Inicialmente, montamos um roteiro para cada um dos entrevistados. Estabelecemos com cada “grupo” perguntas específicas, mas algumas foram comuns. A intenção foi preservar as particularidades, e ao mesmo tempo considerar se em alguns questionamentos aconteciam divergências ou convergências.

Elaboramos o roteiro antes de ir a campo, mas é importante salientar que algumas perguntas surgiram espontaneamente no decorrer das entrevistas e outras previamente planejadas não foram feitas. A seguir o roteiro elaborado para a realização das entrevistas.

### *1.2 Roteiros de entrevistas – questões por segmento*

<p><b>ASSOCIAÇÃO DOS COMERCIANTES DO MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS</b></p>	<p>São moradores de Florianópolis?          Desde quando frequentam o Mercado Público?          Desde quando fazem parte da Associação?          Data da Fundação da Associação:          Principal objetivo da Associação:          Qual o sentido do Mercado Público para a Cidade?          Como analisam as últimas mudanças ocorridas no Mercado Público?          Poderia explicar qual o processo jurídico que rege a utilização do Mercado atualmente?          E o Mix-Ocupação do Mercado, tem conhecimento sobre ele?          E o Vão Central do Mercado Público como analisa a sua utilização?          Consideram que houve uma mudança do público consumidor após a reforma de 2015? Podem comentar um pouco sobre isso?          Sobre as atividades não comerciais que aconteciam no Mercado Público alguma permanece até hoje? Quais são?          Como pensa a Associação sobre as atividades no Mercado que não estejam relacionadas ao comércio.          Sabem da existência do Espaço Cultural Luiz Henrique Rosa? É um espaço aberto para a cultura no Vão Central?          O que vocês consideram que é a Capoeira?          E qual a opinião sobre ter uma Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado?</p>
---	---

	<p>Que motivos, na opinião de vocês, levam os comerciantes do Mercado Público de Florianópolis a não quererem a Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado? Por que?</p> <p>Durante a roda já observaram alguma tensão/conflito entre comerciante, usuários e capoeiristas? Como se manifesta?</p> <p>Possuem alguma proposta para amenizar essa situação?</p>
<p><b>ORGÃO PÚBLICO MUNICIPAL: ADMINISTRAÇÃO DO MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS</b></p>	<p>É morador de Florianópolis?</p> <p>É funcionário público municipal? Qual setor?</p> <p>Trabalha no Mercado Público? Desde quando?</p> <p>Para além do trabalho frequenta o Mercado?</p> <p>Qual o sentido do Mercado Público para a Cidade?</p> <p>O Mercado é um patrimônio histórico material de Florianópolis. Qual à importância desse tombamento?</p> <p>Como analisa as últimas mudanças ocorridas no Mercado Público?</p> <p>Poderia explicar a atual gestão do espaço do Mercado Público de Florianópolis.</p> <p>E o Mix-Ocupação do Mercado, tem conhecimento sobre ele?</p> <p>E o Vão Central do Mercado Público como analisa a sua utilização?</p> <p>Tem conhecimento das atividades não comerciais que aconteciam no Mercado Público? Alguma permanece até hoje? Quais são?</p> <p>A administração municipal tem algum parecer sobre as atividades no Mercado que não estejam relacionadas ao comércio.</p> <p>Sabem da existência do Espaço Cultural Luiz Henrique Rosa? É um espaço aberto para a cultura no Vão Central?</p> <p>O que consideras que é a Capoeira?</p> <p>E qual a opinião sobre ter uma Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado?</p> <p>Que motivos, na tua opinião, levam os comerciantes do Mercado Público de Florianópolis a não quererem a Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado? Por que?</p> <p>Tiveram algum conhecimento sobre alguma tensão/conflito entre comerciante e capoeiristas? Como?</p> <p>Possuem alguma proposta para amenizar essa situação?</p>
<p><b>ORGÃO PÚBLICO MUNICIPAL: SERVIÇO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E NATURAL DO</b></p>	<p>É morador de Florianópolis?</p> <p>É funcionário público municipal? Qual setor?</p> <p>Para além do trabalho frequenta o Mercado?</p> <p>Qual o sentido do Mercado Público para a Cidade?</p> <p>O Mercado é um patrimônio histórico material de Florianópolis. Qual à importância desse tombamento?</p> <p>Como analisa as últimas mudanças ocorridas no Mercado Público?</p>

<p><b>MUNICÍPIO - SEPHAN</b></p>	<p>Poderia explicar a atual gestão do espaço do Mercado Público de Florianópolis.  E o Mix-Ocupação do Mercado, tem conhecimento sobre ele?  E o Vão Central do Mercado Público como analisa a sua utilização?  Tem conhecimento das atividades não comerciais que aconteciam no Mercado Público? Alguma permanece até hoje? Quais são?  Sabe da existência do Espaço Cultural Luiz Henrique Rosa?  É um espaço aberto para a cultura no Vão Central?  O que consideras que é a Capoeira?  E qual a opinião sobre ter uma Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado?  Que motivos, na tua opinião, levam os comerciantes do Mercado Público de Florianópolis a não quererem a Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado? Por que?  Tem algum conhecimento sobre alguma tensão/conflito entre comerciante e capoeiristas? Como?  Possuem alguma proposta para amenizar essa situação?</p>
<p><b>ORGÃO PÚBLICO FEDERAL: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN</b></p>	<p>É moradora de Florianópolis? Há quanto tempo?  Principal objetivo do IPHAN? Poderia falar sobre Patrimônio Material e Imaterial?  Quais os Patrimônios em Florianópolis? O Mercado Público de Florianópolis é um patrimônio tombado pelo IPHAN?  Frequenta o Mercado Público?  Qual o sentido do Mercado Público para a Cidade?  Como analisas as últimas mudanças ocorridas no Mercado Público?  Uma parte do espaço público, ou seja, do Vão Central do Mercado Público foi licitado pela Prefeitura Municipal. Atualmente existe um contrato em forma de condomínio entre o poder municipal e os comerciantes. Como analisas esse processo de privatização do espaço público?  Sabes da existência do Espaço Cultural Luiz Henrique Rosa?  Consideras que é possível desenvolver atividades no Mercado que não estejam relacionadas ao comércio?  Qual a tua compreensão sobre a Capoeira?  E qual a opinião sobre ter uma Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado?  Consideras que essa manifestação guarda a ancestralidade dos negros? Ela é associada de algum modo à negritude?  Que motivos, na tua opinião, levam os comerciantes do Mercado Público de Florianópolis a não quererem a Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado? Por que? Tens</p>

	<p>conhecimento de situações semelhantes em outros lugares?          Conflito entre poder público, comércio e capoeiristas?          Durante a roda já tivestes conhecimento de alguma tensão/conflito entre comerciante e capoeiristas?          Possuem alguma proposta para amenizar essa situação? Tem conhecimento da lei dos espaços públicos? Atua em conjunto com a SEPHAN e Prefeitura?          Sabe de algum projeto para o Largo da Alfândega?</p>
<p><b>PODER LEGISLATIVO MUNICIPAL: VEREADOR LINO PERES</b></p>	<p>É morador de Florianópolis?          Consideras que vivemos numa cidade segregada? Identificas isso nas tuas andanças como vereador?          Freqüentas o Mercado Público?          Qual o sentido do Mercado Público para a Cidade?          Como analisas as últimas mudanças ocorridas no Mercado Público?          Consideras que é possível desenvolver atividades no Mercado que não estejam relacionadas ao comércio?          Uma parte do espaço público, ou seja, do Vão Central do Mercado Público foi licitado pela Prefeitura Municipal. Atualmente existe um contrato em forma de condomínio entre o poder municipal e os comerciantes. Como analisas esse processo de privatização do espaço público?          Qual a tua compreensão sobre a Capoeira?          E qual a opinião sobre ter uma Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado?          No final de 2016, o teu gabinete, através da tua ação alterou a lei N. 7.870 de 2009 pela lei N. 10139. Exatamente o que se pretende com ela?          Observa-se no decorrer de quase um ano em que a lei foi sancionada o não cumprimento da mesma. O que de fato é possível ser feito para uma lei se tornar realidade?          Consideras que essa manifestação guarda a ancestralidade dos negros? Ela é associada de algum modo à negritude?          Que motivos, na tua opinião, levam os comerciantes do Mercado Público de Florianópolis a não quererem a Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado? Por que?          Tens conhecimento de situações semelhantes relacionadas a cultura popular em outros lugares de Florianópolis?          Durante a roda já tivestes conhecimento de alguma tensão/conflito entre comerciante e capoeiristas?          Possuem alguma proposta para amenizar essa situação?</p>
<p><b>CAPOEIRISTA CONTRAMESTRE ALEMÃO</b></p>	<p>Idade          Procedência          Ano que chegou na cidade          Capoeirista desde?          Qual o sentido do Mercado Público para a cidade?</p>

	<p>Qual a tua opinião sobre as últimas reformas (2015) ocorridas no Mercado?          Tem o costume de ir no Mercado Público de Florianópolis?          Tem alguma lembrança mais marcante?          O que você considera que é a Capoeira?          Podes falar um pouco da chegada da Palmares aqui em Florianópolis? Na UFSC?          E a relação capoeira e universidade?          E a Roda de Rua qual a tua opinião?          O que levou a colocar a Roda no Mercado? Que ano foi isso? Qual a ideia na época?          Qual a importância da roda do mercado para a cidade? Para o mercado?          E qual a importância dessa roda, do movimento realizado nesses anos para os mestres que aqui estiveram? Arrisca um palpite?          Que mestres que tu lembras estiveram aqui?          Ela foi significativa na tua vida de capoeirista? Podes comentar um pouco.          Participas da Roda do Mercado atualmente? Qual tua compreensão sobre ela?          Uma das justificativas para não se fazer a Roda no Vão Central é por não ser cultura açoriana. Qual tua opinião sobre esse pensamento?          Na tua opinião é importante que a Roda seja no Vão Central?          Que motivos, na tua opinião, levam os comerciantes do Mercado Público de Florianópolis a não quererem a Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado? Por que?          Durante a roda você já observou alguma tensão/conflito entre comerciante, usuários e capoeiristas? Como se manifesta?          Tem alguma proposta para amenizar essa situação?</p>
<p><b>DEMAIS CAPOEIRISTAS</b></p>	<p>Idade          Procedência          Capoeirista desde?          Tem o costume de ir no Mercado Público de Florianópolis?          Por que você vem no Mercado Público? Tem alguma lembrança mais marcante?          Qual o sentido do Mercado Público para a cidade?          Qual a tua opinião sobre as últimas reformas (2015) ocorridas no Mercado?          O que você considera que é a Capoeira?          E a Roda de Rua qual a tua opinião?          Participou da roda de Rua do Mercado? Ela foi significativa na tua formação de capoeirista? Podes comentar um pouco.</p>

	<p>Consideras a Roda do Mercado significativa para a capoeiragem da cidade?</p> <p>Alguma roda, algum jogo ou situação te marcou até hoje?</p> <p>Algum capoeirista?</p> <p>Participas da Roda do Mercado atualmente? Qual tua compreensão sobre ela atualmente?</p> <p>Quais as mulheres que recordas que passaram pela Roda do Mercado? Alguma é capoeirista até os dias atuais?</p> <p>Uma das justificativas para não se fazer a Roda no Vão Central é por não ser cultura açoriana. Qual tua opinião sobre esse pensamento?</p> <p>Na tua opinião é importante que a Roda seja no Vão Central?</p> <p>Que motivos, na tua opinião, levam os comerciantes do Mercado Público de Florianópolis a não quererem a Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado? Por que?</p> <p>Durante a roda você já observou alguma tensão/conflito entre comerciante, usuários e capoeiristas? Como se manifesta?</p> <p>Consideras que o conflito da Roda de Capoeira no Mercado Público possa ser racial?</p> <p>Tem alguma proposta para amenizar essa situação?</p>
--	--

### 1.3 Roteiros dos questionários – questões por segmento

<p><b>QUESTIONÁRIO APLICADO COM CAPOEIRISTAS DE CANOAS/RS</b></p>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. Idade:</li> <li>2. Procedência:</li> <li>3. Conhece pessoalmente o Mercado Público de Florianópolis? ( ) Sim ( ) Não</li> <li>4. Esteve nos últimos cinco anos no Mercado Público? ( ) Sim ( ) Não</li> <li>5. Qual a impressão principal desse lugar?</li> <li>6. Por que você vai no Mercado Público de Florianópolis?</li> <li>7. Você sabe o que é uma Roda de Rua de Capoeira? ( ) Sim ( ) Não</li> <li>8. Que palavra você usaria para descrever a Roda de Rua de Capoeira?</li> <li>9. Considera a Roda de Capoeira de Rua ( ) Muito importante ( ) Importante</li> </ol>
---	--

	<p>( ) Importante mas não fundamental</p> <p>10. Essa Roda de Rua do Mercado acontece há 30 anos. No decorrer dos anos tem sido cada vez mais difícil realiza-la. Na tua opinião essa Roda:</p> <p>( ) Deve permanecer</p> <p>( ) Deve permanecer no entorno do mercado</p> <p>( ) Difícil de manter</p> <p>11. Que motivos, na tua opinião, levam os comerciantes do Mercado Público de Florianópolis a não quererem a Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado?</p>
<p><b>QUESTIONÁRIO APLICADO COM PÚBLICO EM GERAL FREQUENTADOR DO MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS (DIA DE RODA)</b></p>	<p>1. Idade:</p> <p>2. Procedência:</p> <p>3. É frequentador assíduo do Mercado Público de Florianópolis:</p> <p>( ) Sim</p> <p>( ) Não</p> <p>4. Por que você vem no Mercado Público?</p> <p>5. Qual o sentido do Mercado Público para a cidade?</p> <p>6. O que você considera que é a Capoeira?</p> <p>7. E qual a tua opinião sobre ter uma Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado?</p> <p>8. Essa Roda de Rua do Mercado acontece há 30 anos. No decorrer dos anos tem sido cada vez mais difícil realiza-la. Na tua opinião essa Roda deve continuar no Vão Central?</p> <p>( ) Sim</p> <p>( ) Não</p> <p>Por que?</p> <p>9. Que motivos, na tua opinião, levam os comerciantes do Mercado Público de Florianópolis a não quererem a Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado? Por que?</p> <p>10. Durante a roda você já observou alguma tensão/conflito entre comerciante, usuários e capoeiristas?</p> <p>( ) Sim</p> <p>( ) Não</p> <p>11. Como se manifesta?</p>

Elaboramos a partir de textos escritos por capoeiristas uma tabela, contendo de forma mais resumida momentos importantes da vida de Mestre Nô. Do mesmo modo foram feitos os mapas “Palmares no Mundo” e “Palmares na terra da Capoeira” que cartografam o Grupo Palmares tanto no Brasil como o localizam mundialmente.

Importante salientar que foram os resultados das entrevistas que pautaram as minhas análises no decorrer da pesquisa. Elas formam base para desenvolver os capítulos sobre a Capoeira no Mercado Público.

#### *1.4 Registro da Roda do Mercado*

O registro da Roda do Mercado aconteceu de modo mais sistemático, desde o momento da aprovação para cursar o Mestrado, em março de 2016. Fotografias e filmagens. No ano de 2017 e 2018 coletamos dados, realizando entrevistas com capoeiristas de diferentes gerações. Os que estiveram desde o princípio na Roda do Mercado – Contramestre Alemão, Mestre Calunga, Mestre Pop, Mestre Pinóquio, Mestre Gerry, Mestre Polegar, Contramestra Jô, Mestre Jimmy Wall. Realizamos um questionário com capoeiristas de Canoas/RS em outubro de 2017, na sede do Grupo Capoeira Angola Palmares, do Mestre Dindo. Capoeiristas que participaram e participam da Roda do Mercado.

Em Florianópolis e na Ilha de Itaparica, na Bahia, entrevistamos Mestre Nô, responsável pelo Grupo Capoeira Angola Palmares e exímio jogador nas rodas de rua de Salvador. Como citado anteriormente, dedicamos um capítulo para esse homem, fundamento da Capoeira que temos hoje em Florianópolis e que praticamos.

Trabalhar com a pesquisa qualitativa é trabalhar com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes, uma vez que: “o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações”. (MINAYO et al., 2011, p. 21).

A pesquisa foi desenvolvida pensando o jogo, a roda e a vida. Assim é no mundo da Capoeira. O jogo envolve mais de um. Mexe com emoções, estratégias, raciocínios e atitudes. Entre os pares prevalece geralmente a harmonia, mas mesmo no grupo, opiniões divergentes surgem, quiçá, com o outro, aquele que joga no tensionamento, no contragolpe.

O jogo foi feito com grupos bastante distintos. E é no círculo de conversa, na roda enquanto espaço das ideias, que a discussão sobre Mercado e Capoeira foi desenvolvida.

Concordamos com Ramires e Pessôa (2013) quando afirmam que trabalhar com pesquisa qualitativa é se dar conta que a relação entre o mundo real e o sujeito é uma

relação dinâmica. Existe nesse contato uma interdependência e geram-se, indubitavelmente, conflitos e tensões.

Importante é circular a palavra, que em cada grupo representa o seu modo de entender a cidade. E aqui nos deparamos com situações constrangedoras. Das entrevistas estabelecidas como fundamentais para a compreensão do que acontece ou como as distintas partes pensam a roda do Mercado, algumas não foram realizadas a contento. Explico. Alguns sujeitos integrantes do quadro administrativo do Mercado Público de Florianópolis não nos receberam, enquanto outros não permitiram que a entrevista fosse gravada. Tal é o caso do gerente do Mercado Público, cujo aceite para a entrevista demandou algumas idas e vindas e mesmo assim, quando aceitou responder as perguntas, não permitiu a gravação.

De modo semelhante, a secretaria da Associação do Mercado Público de Florianópolis, Fátima Bernarde, até o presente momento não respondeu positivamente ao encontro. No primeiro contato que tivemos, ao findar a conversa sem gravação, quando perguntei novamente se poderia utilizar as suas respostas na pesquisa, como sendo a posição da Associação, ela não permitiu, alegando que eram opinião pessoal. Se quisesse utilizar seria nessas condições.

O trabalho de campo, pois, por si só é aprendizado. É um jogo onde ora avançamos e ora recuamos para tomar impulso.

Durante a aplicação do questionário dirigido ao público consumidor, o qual frequenta o Mercado Público nas manhãs de sábado, fomos informados de que não podíamos aplicar os questionários, a atividade estava proibida. Mesmo estando na área do vão central, onde ficam as mesas. Alegação? O espaço era privado e o público não poderia ser incomodado. Além disso, fomos interpelados por alguém que se intitulava *advogado* da Associação dos Comerciantes. Fato posteriormente negado pela secretária. Fizemos mesmo assim.

O Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município - SEPHAN, órgão responsável pelo Patrimônio Histórico de Florianópolis, ligado ao Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis - IPUF, só após muita insistência agendou um encontro. Na entrevista, tive a grata satisfação de conhecer Karina Baseggio, arquiteta do referido órgão. Além de calmamente responder as minhas indagações, posteriormente

encaminhou material referente ao Mercado Público de Florianópolis para mim. Foi com base nesse material, que elaboramos o fluxograma sobre o Mercado Público.

As idas nos arquivos públicos, foram extremamente produtivas e prazerosas. O atendimento prestado pelo historiador Haylor Dias, no Arquivo Histórico Municipal de Florianópolis - AHMF, foi na realidade uma aula de cidadania. Me ajudou a pesquisar sobre o Mercado, de fato não fez a mera separação de material, ficou junto, auxiliando no que foi possível. Ao perguntar sobre mais material de Florianópolis do século XIX, relatou que muitos foram perdidos por não receberem tratamento adequado. O AHM da nossa cidade está praticamente abandonado. Faltam recursos físicos e humanos. Reina a umidade e a traça, inimigas implacáveis dos documentos conservados em papel, como revela notícia recente, veiculada pela grande mídia: “Pouco caso oficial ameaça o arquivo histórico de Florianópolis” (**Notícias do Dia online**, 30 jul. 2017). No Arquivo Público Estadual de Florianópolis - APESC o atendimento e a atenção, do mesmo modo, foram sempre no intuito de colaborar com a pesquisa. Graziela Nunes e os demais arquivista foram solícitos nas minhas procuras ao longo dos quatro ou cinco meses em que visitei periodicamente esses locais.

38

Entrevistar a chefe da Divisão Técnica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional de Santa Catarina – IPHAN, Regina Helena Meirelles Santiago, foi uma outra aula. Lição sobre patrimônio Material e Imaterial catarinense. Foi uma das entrevistas mais longas. Santiago<sup>12</sup> tem sido uma referência para a capoeiragem da cidade. Une o conhecimento técnico com a atitude política ética.

A entrevista com o Vereador Lino Peres<sup>13</sup>, responsável pela alteração da lei que garante a utilização de determinados espaços públicos, incluindo aqui o Vão Central do Mercado Público, foi a lição sobre cidade. Escutá-lo falar sobre Florianópolis, suas desigualdades sociais, os espaços segregados e o racismo disfarçado, significou a certeza de que estamos resistindo não apenas para a manutenção de uma roda histórica, mas sim por uma ideia de cidade que consideramos mais justa e igualitária.

Alguns caminhos foram percorridos, com desvios e encruzadas. O contato com as pessoas, a aproximação dos livros e a visita reflexiva aos lugares foi o que juntei e transformei nesse relato. Todas as entrevistas utilizadas foram autorizadas pelos

---

<sup>12</sup> Axé para essa mulher permanecer na luta da resistência da cultura popular.

<sup>13</sup> Lino Peres, vereador e morador de Florianópolis está presente em todas as lutas populares da cidade. Caminhante tem feito o caminho assim: sem descanso. Axé para tuas andanças.

entrevistados, gravadas em áudio ou em áudio e imagem. Em um único caso, foi respeitada a solicitação de que o entrevistado não fosse identificado, empregando-se um pseudônimo.

Viajei do sul ao nordeste, entre os anos de 2016 e 2018. De Porto Alegre, tendo como base Florianópolis, a Salvador. Nessa última cidade estive de 23 de janeiro a 13 de fevereiro de 2018, acolhida por irmãos da estrada da vida.<sup>14</sup> Ali realizei leituras, entrevistei Mestre Nô e Mestre Americano, este último no dia 31 de janeiro, na roda do Mercado Modelo. Embora a entrevista com Mestre Americano não tenha sido explorada nessa dissertação, ela forneceu subsídios para pensar a Roda de Capoeira do Mercado Público de Florianópolis. O mesmo Americano que Alemão comenta que jogou em 1984 e que continua transformando todo dia a roda em alimento e dignidade. É um dos mestres de Capoeira que comanda a Roda do Mercado Modelo de Salvador.

As referências teóricas e metodológicas que me auxiliaram foram diversas. Autores que pensam a sociedade como algo complexo, mutável e dinâmico, inconstante e dialética. Autores que também aceitam uma pesquisa acadêmica onde o pesquisador é, faz parte ativa do lugar e da situação que está pesquisando e que compõe um dos grupos sociais envolvidos no problema.

Tem que ter fundamento na roda, resistência no jogo e combatividade na vida. Saber o que está fazendo e escolher o caminho. Saber os fundamentos que são os guias na trajetória. Os princípios. E ser resistente perante o jogo: teórico e prático, palavra e ação. No combate do corpo e no combate do pensar, a Capoeira ensina a vergar para não quebrar.

Berimbau chamou. IÊ é hora, é hora, camará!

---

<sup>14</sup> Marquinho, o Bolita, é irmão e padrinho dessa minha jornada de capoeirista. Abriu a casa como já tem feito com o coração. Sônia, Gleica e Leni me deram a tranquilidade para o corpo e a mente. Gratidão.

**ESTA COBRA TE MORDE<sup>15</sup>: CAPÍTULO SEGUNDO**



Bruxa dos Tempos Modernos. Franklin Cascaes, 1976. Nanquim sobre papel, 65,5 x 47,5 cm.  
Acervo: Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral. Secretaria de Cultura e Arte,  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

<sup>15</sup> *Corrido* de Capoeira, cantada como alerta durante um jogo mais malicioso, perigoso ou traiçoeiro. Música de domínio popular. As músicas de capoeira possuem várias versões, mas estamos seguindo as escritas no livro de Waldeloir Rego.

## 2.1 Da cidade de Florianópolis

Tinha seis anos. 1970. Chegamos quase de noite na Ilha de Santa Catarina. Lembro, hoje com 53 anos, que dois fatos me marcaram: a passagem pela Ponte Hercílio Luz, e ao chegar no bairro da Chácara da Espanha, da casa com uma bola na frente.

Achei linda, a bola!

Na luz do sol do dia seguinte, constatei que a bola era de pedra, fria e fixa. E quis voltar para o campo.

Nasci em Cruz Alta, centro-norte do Rio Grande do Sul, e como dizia meu pai, vivia correndo “desgadeiada”. O cheiro da infância é o cheiro de bosta. Morar na cidade e em um apartamento, foi, penso agora, o primeiro jogo mais forte na roda da vida. E dali em diante o cheiro que marcará o passar do tempo será o cheiro do mar. Maresia.

Florianópolis na década de 1970 era uma cidade com 143.414 habitantes que começava a mudar. Modificavam-se os espaços urbanos e naturais. Efetivamente, Florianópolis, já com um setor educacional e administrativo-comercial consolidado, situava-se no mapa turístico e de investimentos imobiliários do Brasil.

Nas palavras de Monteiro, a Florianópolis que em meados do século XX possuía uma paisagem, tanto na ilha como no continente, paradisíaca “[...] ainda se achava adormecida. O turismo era incipiente e ocasional, já que a cidade ainda não tomara consciência da sua ‘vocaçãõ’.” (PIMENTA et al., 2005, p.15). A partir dos anos de 1970, a cidade, assim como todo o Brasil, sendo governados por um poder ditatorial, vivem mudanças extremas na sua economia e política.

Em Florianópolis, tanto o poder municipal como o estadual iniciam um processo de expansão territorial, principalmente, na Ilha de Santa Catarina. Todo o espaço litorâneo, parte central, sul e norte passam por mudanças nas suas características naturais: aterros, estradas interligadas e asfaltadas, aeroporto, nova ponte, verticalizações e construções na orla marinha, em mangues e em costões. A cidade

[...] recebe forte incremento da atividade turística nacional e internacional e da construção civil. Há um significativo incremento do número de migrantes. A pressão imobiliária daí resultante provoca a substancial transformação da paisagem urbana. A partir de meados da década de 1960, há o adensamento e verticalização das áreas centrais urbanizadas, com substituição de residências unifamiliares por multifamiliares. Iniciou-se a ocupação de encostas de morros e manguezais por populações de baixa renda, expulsos das áreas centrais

e de orla, mais valorizadas, ou por imigrantes de zonas rurais do Estado. (ARAUJO et al., 2008, p. 14).

Monteiro (PIMENTA et al., 2005) conta que quando retorna, em 1977, percebe atordoado que a conurbação havia se consumado tanto na ilha de Santa Catarina como no continente. Ao nos darmos conta disso, olhando hoje a cidade esgotada por tantos buracos, construções e aterros, nos vem a imagem de uma ilha que inicia o seu fim: a ilha deixando de ser ilha. A urbanização avançava vorazmente.

Fui criança e adolescente nessa cidade em transformação. Arrisco dizer que em parte perdemos juntas a ingenuidade. As ruas do centro eram meu quintal. Ali brincava de polícia e ladrão, esconde-esconde, ia no cinema e comprava pão. E foi também para essa rua que eu fugia do apartamento na Chácara da Espanha para ver o exército invadir as ruas e impedir a juventude de se manifestar contra os horrores de uma ditadura militar. Desde os doze anos era “sujeito passivo” dos protestos políticos. Em 30 de novembro de 1979, durante a manifestação que ficou conhecida como “Novembrada” eu estava em cima de umas das árvores da Praça XV. A rua me dava a melhor lição de cidadania. O incrível é que é desse lugar que a Capoeira também vai me ensinar a resistir. “A rua é a universidade do capoeirista”, nos fala sempre Mestre Pinóquio.

De 1970 para cá, Florianópolis tem vivido momentos significativos. Impactando seu patrimônio material e imaterial, “[...] a expansão urbana acontece em direção aos balneários, ao interior da ilha e ao continente. Há o incremento da conurbação com os municípios vizinhos de São José, Palhoça e Biguaçu. (PIMENTA et al., 2005, p. 14).

A leitura do material produzido pelo IPUF destaca nas linhas seguintes que a cidade, mesmo apresentando problemas com a sua expansão, consegue “[...] manter signos da sua história presentes não só na estrutura urbana, através da arte, arquitetura e do traçado urbano, como também nos fazeres, costumes e tradições [...]” (ARAUJO et al., 2008, p. 14). Mas o próprio documento, em suas linhas posteriores, apresenta uma realidade bastante adversa:

A desarticulação das políticas públicas compromete o patrimônio histórico, a exemplo da perda substancial de regiões tradicionais, tais como o Estreito, que perdem, completamente, sua identidade local; na década de 1970, a visão era a metropolização em detrimento da preservação do patrimônio histórico. Isto se reflete no Plano Diretor de 1976, que não considerou os conjuntos históricos existentes e promoveu uma ruptura entre a cidade e o mar. Os núcleos do interior da ilha eram, originalmente, ocupações rurais, de densidade territorial baixa e

esparsa. O Plano Diretor de 1985 possibilitou a ocupação nos interstícios, modificando as características das áreas, densificando a ocupação das mesmas. (ARAUJO et al., 2008, p. 18)

Diversos são os embates entre o poder público e a população e entre os próprios órgãos do poder municipal para modificar, alterar ou barrar projetos que beneficiavam somente o setor empresarial de Florianópolis e a sua elite econômica. Poderíamos aqui lembrar da luta pela transformação em parque<sup>16</sup> do espaço localizado na margem insular da Ponte Hercílio Luz, onde se localizava o antigo cemitério, hoje conhecido como Parque da Luz; a luta pela transformação da Ponta do Coral, espaço localizado na Beira Mar Norte, em 100% pública (luta que acontece desde a década de 1980); a construção de um shopping ocupando área de mangue (batalha perdida pela população na década de 2000); e a luta por um Mercado Público para que se mantenha com uso público.

Florianópolis, comenta Monteiro, muda muito na virada dos séculos XX-XXI. O autor comenta sobre os aterros da Baía Norte e o da orla Sul, e considera lamentável, “que o coração da cidade, impregnado de maritimidade, houvesse sido subtraído dela. Não teria sido impossível [...] haver deixado uma língua d’água, um braço de mar [...] que lembrasse o frontão da Praça XV e o Mercado Municipal” (MONTEIRO, 2005, p. 20).

43

E novamente nas Diretrizes Básicas do Plano Diretor de 2007, revisto em 2008, pelo Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis-IPUF (2008, p. 18), nota-se a relação estabelecida entre a preservação do Patrimônio e o modo como se dá a ocupação territorial de Florianópolis, “os acervos patrimoniais, urbanos e rurais necessitam de inventário expedito, pois a intensa [...] ocupação tem provocado perdas significativas dos acervos, histórico, arquitetônico, paisagístico e de ambiência desses conjuntos”, ocupação e perdas que consideramos resultado de uma lógica político-administrativa que entende o patrimônio natural e material como possibilidade de renda. Ou seja, alegar que o crescimento populacional é fator preocupante de destruição das riquezas de um lugar é desfazer-se da responsabilidade de um governo pensar o que ocupa, como ocupa e quando ocupa determinados lugares.

No próprio documento das Diretrizes Básicas do Plano Diretor de 2007, ressalta-se que as cidades precisam manter o que possuem de único, de ímpar, pois correm o risco de, ao se tornarem homogêneas, padronizadas, perderem a sua identidade. O que há de

---

<sup>16</sup> Professor Etienne Luiz da Silva (UFSC) pensou o Parque da Luz e lutou para tornar pública a área. Foi embora para outras paragens em 1997. Gratidão pelos ensinamentos.

genuíno no Mercado Público de Florianópolis ter *fast food*? Essa cidade continental e insular tem sido devorada com rapidez. E avidez.

No censo de 2010 (IBGE, 2016), éramos 421.240 pessoas (623,68 hab./ km<sup>2</sup>) e a estimativa para 2017 nos levava para 485.838 habitantes, espalhados atualmente, considerando os aterros realizados no município e a sua faixa marítima, em uma área territorial de 675,409 km<sup>2</sup>, que é composta por formações geomorfológicas extremamente sensíveis: mangues, restingas, Mata Atlântica, dunas, rios, lagoas, encostas de morros, costões e baías entre outras. A magia da cidade está em descobrir como mesmo sendo paulatinamente devorada em suas riquezas naturais e culturais será possível manter algumas áreas protegidas. E mais, como manter, em uma cidade predominantemente branca (85% da população), como apontado acima, manifestações culturais consideradas “não-açorianas”? Aliás, esse é um outro desafio (que não cabe aqui nesta Dissertação): entender, efetivamente, o que é *cultura açoriana*.

Na cidade impera um discurso semelhante a uma *ladainha*, ou seja, conta uma história: um pedacinho de terra perdido no mar colonizada por famílias açorianas nas primeiras décadas do século XVIII. “Ao lado das fortificações baleeiras, a fixação de casais açorianos trouxe consequências mais duradouras e variadas para a formação sócio espacial do sul do Brasil” (PEREIRA, 2011, p. 23), atendendo demandas estratégico-militares e as voltadas ao comércio, principalmente da farinha de mandioca, do óleo de baleia (extraído pela mão-de-obra escrava, ou seja, convivia-se com outra cultura) e do pescado.

Na antiga Desterro, o povo pobre e negro (predominantemente) foi sendo deslocado para os morros próximos do centro da província. “Em 1872, a Ilha de Santa Catarina possuía 26.311 habitantes [...] a “cidade velha” vai ficando congestionada, o que leva a população a buscar os contornos do morro” (BARROS, 2008, p. 214). Dos 26.311 habitantes, 3.477 eram africanos livres e 2.940 escravos (LIMA, 2013), e é essa população que será atingida pelas mudanças higienistas que serão implantadas na antiga Desterro. Diversos autores abordaram em suas pesquisas essa Desterro do século XIX, cujas gentes e cujos lugares passaram por modificações profundas, mais especificamente o povo negro, e apresentam uma cidade que se faz na desigualdade racial e espacial. Cardoso (2004; 2007), Mamigonian et al. (2013), Ouriques (2013), Leite (1996), entre tantos outros, nos apresentam uma cidade para além de um pedacinho de terra perdido no mar.

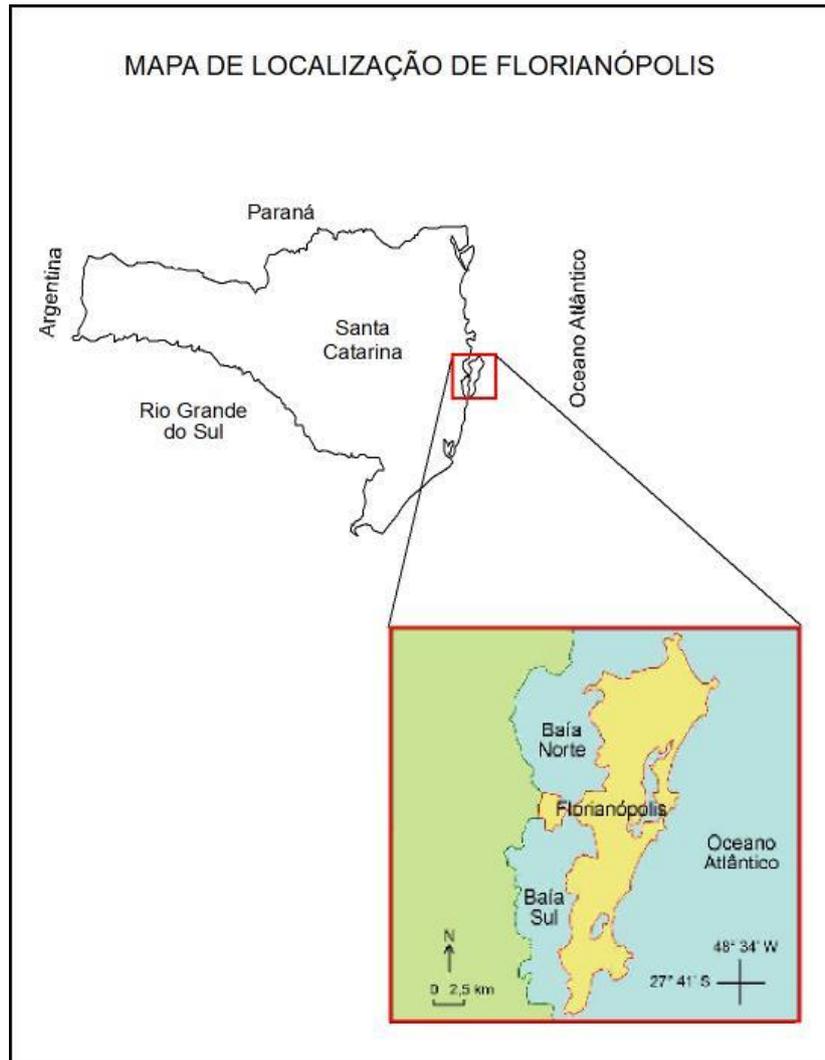


Figura 4: Mapa de localização de Florianópolis  
FONTE: Elaborado pelo professor e geógrafo Marcio Marchi<sup>17</sup>, 2018.

Hoje, os que caminham em volta da velha figueira, praça que no princípio, lá pelas décadas de 1885, foi “circundada por um gradil e portões de ferro” vindos da Inglaterra, e que “o comandante da companhia de polícia ficou encarregado de fazer policiar [...] durante todo o dia, devendo ser fechado ao pôr do sol e a limpeza feita por um sentenciado” (BARROS, 2008, p. 215), não são mais somente os brancos. Pretos, pardos, amarelos e indígenas, cada um percorre as ruas da cidade criando trajetos e imprimindo no traço sua história. E da cidade cada um tem uma memória, vivida e significativa. Juntam-se a esses um outro segmento: os aproximadamente 700 moradores

<sup>17</sup> “Eu faço”, disse o rapaz. E fez. Mapa e tudo que fosse preciso. Gratidão rapaz irrequieto. Avante.

em situação de rua que, então, compõem o mapa onde a cidade vem se espelhar (MELLO; STROPASOLAS, 2017).

Tabela 1: População no Censo Demográfico das capitais - 2010

Município	Total	Branca	Preta	Amarela	Parda	Indígena
Florianópolis (SC)	421240	356142	20839	2196	41009	1028

FONTE: IBGE. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175#resultado>>. Acesso em: ago. 2017.

A cidade de Florianópolis, desde a década de 1990, intensifica as contradições de ser um lugar que atrai pelos investimentos públicos e privados uma população de média e alta renda e, ao mesmo tempo, amplia o processo de segregação: lugares públicos passam a ser geridos por uma lógica privada (e os preços mais elevados passam a delimitar o público que pode frequentá-los), ao passo que vai se fazendo a retirada da população de baixa renda das áreas mais acessíveis. Esse processo vem acontecendo desde o século XIX.

Assim, cada vez mais, a

[...] valorização imobiliária, o afluxo de capitais e os constantes investimentos públicos e privados nas áreas urbanas situadas no eixo privilegiado de Florianópolis espelham, sob o ponto de vista da área dominante, o sucesso de seu projeto de segregação espacial. (SUGAI, 2015, p. 48)

Construindo uma compreensão sobre cidade, vamos aprofundando uma análise sobre o espaço urbano, que é produzido histórica e socialmente. A cidade apresenta-se qual um camaleão, ora como espetáculo, ora como tragédia. Oferece oportunidades, mas as nega como possibilidades. Para Carlos (2016, p. 97), a cidade primeiramente é “produzida como lugar de vida – portanto como uso”, mas passa a ser “reproduzida sob os objetivos da realização do processo de valorização: a cidade como valor de troca [...] que a torna mercadoria”. A cidade oferece, para poucos, os *produtos de marca*, mas “para uma imensa parcela da sociedade, a vida urbana constitui-se pela precariedade absoluta, envolvida num processo de trabalho dividido e sem conteúdo, numa cidade que não lhe pertence e com a qual não se identifica”. (CARLOS, 2016, p. 98).

Concordamos que o que torna um espaço geográfico vivo são suas relações sociais, geralmente conflituosas, visto que na concretude do dia a dia vários grupos e pessoas o disputam ou o comungam. E no espaço público dá-se o que Ângelo Serpa chama de “territorialização do espaço”. Considera que ao se privatizar o espaço que na sua essência é público diversas “barreiras invisíveis” são erguidas, “O espaço público transforma-se [...] em uma justaposição de espaços privatizados; ele não é partilhado, mas sobretudo, dividido entre diversos grupos” (p. 36, 2007).

Para Vasconcelos (2016, p. 21), as cidades brasileiras podem ser examinadas na perspectiva da divisão em partes. Cada grupo social possui uma compreensão de onde vive e do que o cerca. Se inquirirmos sobre o significado do espaço urbano, do espaço urbano público da cidade para um morador de condomínio fechado, para um morador de favela, para um indígena, para um comerciante, para um capoeirista, o que nos responderiam?

Santos (2006) nos coloca a reflexão de que o espaço geográfico reúne a materialidade e a vida que a anima, “Os eventos, as ações não se geografizam indiferentemente” (p. 56). Em Florianópolis, os espaços na cidade, como praças, parques, lugares de lazer onde não se paga para entrar ou permanecer, são cada vez mais raros. Alguns espaços que deveriam ser de acesso irrestrito, como costões, praias, áreas verdes e pontais, estão sendo privatizados ou em vias de sê-lo, são ocupados por hotéis ou condomínios de luxo, ali entram apenas alguns cidadãos “de bem” e não qualquer cidadão.

A cidade que construímos, imperfeita em todos os seus aspectos, políticos e ambientais, tem gerado cidadãos imperfeitos. A desigualdade social que diariamente convivemos, a destruição voraz do ambiente natural, a mercantilização da cultura popular nos afasta vigorosamente de uma sociedade composta por cidadãos no amplo significado da palavra. Nos falta a plenitude, a igualdade de direitos. De sermos politicamente humanos.

E temos assim como resultado uma cidade desigual onde não compartilhamos nem os territórios e nem as experiências, afinal as relações que se estabelecem no espaço geográfico guardam diferentes ações, como nos alerta Santos (p.36, 2006), “Há, em cada momento, uma relação entre valor da ação e o valor do lugar onde ela se realiza; sem isso,

todos os lugares teriam o mesmo valor de uso e o mesmo valor de troca, valores que não seriam afetados pelo movimento da história”.

Florianópolis apresenta, através principalmente da mídia de maior circulação e de projetos desenvolvidos pela iniciativa privada (como por exemplo o grupo REAL URBANISMO), em uma primeira olhada, somente encantos, belezas sem par: beira mar norte asfaltada e limpa, shoppings, praias com pessoas tomando champanhe, possibilidade de surf, hotéis de luxo...de fato a cidade apresenta alguns índices interessantes como os destacados abaixo coletados no site do IBGE, que podem iludir.

Tabela 2: Alguns índices do IBGE sobre Florianópolis

87,8% de domicílios com esgotamento sanitário adequado
Taxa de mortalidade infantil média de 10,84 % para 1000 nascidos vivos.
Salário médio mensal de 4,8 salários mínimos [2015]
Pessoal ocupado [2015]: 317.299 pessoas (67,6%)
Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) [2010]: 0,847
Estabelecimentos de Saúde SUS [2009]:134 (49 centros de saúde)
Frota [2016]: automóveis: 218.747
Índice de GINI: 0,40

FONTE: **IBGE**. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/Tabela/3175#resultado>>. Acesso em: ago. 2017.

48

Mas vejamos.

O salário médio mensal era, em 2015<sup>18</sup>, de 4,8 salários mínimos, e 67,6% da população estava ocupada. No entanto, aproximadamente 24,6% dos habitantes tinham um rendimento mensal de **até** meio salário mínimo, o que equivalia, no ano em destaque, a R\$ 394,00. Em que condições vivem cerca de 115 mil pessoas com essa renda ou com valores inferiores? O IBGE, nas suas pesquisas, aponta uma parcela considerável da população economicamente ativa que “vive” sem rendimentos (11.575 moradores de Florianópolis) ou que recebem entre ½ e 5 salários mínimos.

E os 43% restantes da população ocupada? Encontramos na tabela do Instituto, como exemplo, 3.901 pessoas economicamente ativas que recebem mais de 30 salários mínimos, ou seja, mais de R\$ 23.640,00. São realidades muito díspares em uma mesma

---

<sup>18</sup> A população de Florianópolis em 2015 estava estimada em 469.690 habitantes, segundo o IBGE. Conferir: IBGE. Cidades. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis>>. Acesso em agosto de 2016.

cidade, reflexo do país e do mundo em que vivemos. Na roda da vida, esse não é um jogo inédito.

Pelos dados do IBGE (2010), Florianópolis apresenta 87,8% dos domicílios com seus esgotos sanitários em condições adequadas de uso. Segundo a mesma fonte, temos 147.513 domicílios ocupados. Deduz-se, portanto, que 20.497 deles não têm adequação no tratamento sanitário. Desses, 408 são considerados habitação em casa de cômodo, cortiço ou “cabeça de porco”<sup>19</sup>. Se fôssemos esmiuçar mais os dados do IBGE, perceberíamos que é preciso ser *magô* para viver na *ilha da magia*. Mesmo que, olhando os números, alguns digam: mas o que são 408 domicílios? Oras, são pessoas.

Que dado relacionado a deslocamento pode representar qualidade de vida em uma cidade? Em Florianópolis, temos 218.747 veículos particulares. Transporte coletivo? São 2004 ônibus. A cidade, mesmo transformando o mar em asfalto, vive congestionada. Mas a lógica é utilizar os investimentos públicos focando no sistema viário de Florianópolis. Esse desenvolvimento privilegiou e privilegia uma determinada classe social que estabelece ligações entre

[...] as áreas residenciais das camadas de alta renda, os bairros previstos para sua expansão residencial e os balneários turísticos e de veraneio destinados às elites. Esse processo demonstrou o alto poder segregativo da classe dominante e o seu grau de controle sobre as ações do Estado. (SUGAI, 2015, p. 182).

O sistema viário favorece a locomoção individual. São vias expressas que interligam as rodovias estaduais, e estas a bairros que comportam melhor infraestrutura. O sistema de transporte coletivo é deficitário e não possibilita um deslocamento adequado ou viável. São horas para ir de um terminal ao outro, ônibus lotados, e o preço da tarifa cujo preço compromete a renda mensal do trabalhador.

A tarifa do ônibus foi reajustada em janeiro de 2018 para R\$ 4,20 (G1, 2017). São 168 reais por mês. Com um salário mínimo de R\$ 954,00 (que recebeu neste mesmo ano um aumento ínfimo de 17 reais, decretado pelo *governo golpista*<sup>20</sup>), restam R\$ 786,00 para as demais necessidades básicas. Novamente, cabe o slogan cantado nas ruas durante

---

<sup>19</sup> Expressão popular que designa habitação coletiva de pessoas de classe pobre; cortiço.

<sup>20</sup> Referência ao governo que assumiu a presidência da República, no ano de 2016, após um golpe de Estado contra a presidenta legitimamente eleita em 2014.

as manifestações do Movimento Passe Livre<sup>21</sup>: “Ilha da magia, tem que ser mago pra pagar essa quantia”.

Tabela 3: Reajuste da tarifa do transporte coletivo

<b>Tipo de transporte e pagamento</b>	<b>Tarifa atual</b>	<b>Tarifa a partir de 1º de janeiro de 2018</b>
Convencional no cartão	R\$ 3,71	R\$ 3,99
Convencional no dinheiro	R\$ 3,90	R\$ 4,20
Executivo trajeto curto	R\$ 6,50	R\$ 7,00
Executivo trajeto longo	R\$ 8,50	R\$ 9,00

FONTE: PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/ptcov>>. Acesso em 5 de jan. 2018.

E assim vai se revelando uma cidade que procura, como tantas outras, esconder suas contradições sociais. Ler o jornal, em tardes fagueiras, pode por exemplo, mostrar manchetes que colocam na roda uma cidade para além da sua lagoa formosa:

50

---

<sup>21</sup> Sarah! Que se descobre nas ruas da cidade uma mulher em movimento de libertação. Que sigas com alegria, amada filha. Aproveito e abraço a Gê.



Figura 5: Destaque de manchetes de jornais locais e nacionais sobre Florianópolis. Seleção e organização nossa. (2017).

Eis a cidade. Facetas, lados, histórias e realidades.

Florianópolis está inserida em um país onde

Mais de 318 mil jovens foram assassinados no Brasil[...] entre 2005 e 2015. Apenas em 2015, foram 31.264 homicídios de pessoas com idade entre 15 e 29 anos, uma redução de 3,3% na taxa em relação a 2014. Os homens jovens continuam sendo as principais vítimas: mais de 92% dos homicídios acometem essa parcela da população. **A cada 100 pessoas assassinadas no Brasil, 71 são negras.**

De acordo com informações do Atlas, os negros possuem chances 23,5% maiores de serem assassinados em relação a brasileiros de outras raças, já descontado o efeito da idade, escolaridade, do sexo, estado civil e bairro de residência. (IPEA, 2017, grifo nosso)

Aqui também, desde o período colonial escravista, temos uma realidade adversa para a população negra<sup>22</sup>. População que só na freguesia de Desterro, ultrapassava entre os anos de 1854 a 1864 aproximadamente quatro mil novecentos e sessenta e nove *corpos* escravizados (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. Ofícios do chefe de polícia para o Presidente da Província, 1833/1870. Caixa 26, 1843).

O mar já *foi* considerado lugar para os excrementos. Eram carregados pelos tigres, esses *animais* indomáveis que eram adestrados no pau e no chicote. “Tigres” é o nome pelo qual ficaram conhecidos os negros que carregavam pela cidade até o mar o excremento dos brancos. Os tigres: pobres e sujos, no entanto, aguerridos. O mesmo mar para onde iam essas fezes continua hoje, nas suas profundezas, infectado pelos esgotos de restaurantes e casas, muitas vezes correndo a céu aberto, incólumes, pelas areias de praias como Ingleses e Campeche. Um lixo, o luxo! Mar que na superfície vale milhões. A janela, o terreno, a casa que beira o mar esse é o patrimônio rentável. Mas já foi a cloaca oficial da população da Vila de Nossa Senhora do Desterro (BARROS, 2008).

52

Tabela 4: População no Censo Demográfico nas capitais - 1872/2010

Região	Capital	1872 <sup>1</sup>	1890 <sup>1</sup>	1900 <sup>1</sup>	1920 <sup>1</sup>	1940 <sup>1</sup>	1950 <sup>1</sup>	1960 <sup>2</sup>	1970 <sup>2</sup>	1980 <sup>2</sup>	1991 <sup>3</sup>	2000 <sup>3</sup>	2010 <sup>3</sup>
Sul	Florianópolis	25.709	30.687	32.229	41.338	46.771	67.630	98.520	143.414	196.055	254.941	341.781	421.240

FONTE: **IBGE**, Censo Demográfico 1872, 1890, 1900, 1920, 1940, 1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 2000 e 2010. (1) População presente. (2) População recenseada. (3) População residente.

E é nessa cidade, com sua história, como em todo o Brasil contada pelos poderosos, que me faço capoeira.

<sup>22</sup> No século XIX há um expressivo aumento da população cativa em Santa Catarina devido a produção agrícola “exportadora”. A dissertação defendida em 2005 por Clemente Gentil Penna é bastante elucidativa sobre essa temática. Conferir em: PENNA, Clemente Gentil. **Escravidão, liberdade e os arranjos de trabalho na Ilha de Santa Catarina nas últimas décadas de escravidão (1850-1888)**. 2005. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/101610>>. Acesso em: 28 maio 2016.

## MASSARANDUBA É MADEIRA DE LEI<sup>23</sup>: CAPÍTULO TERCEIRO



Mestre Nô e Mestre Polegar no centro da foto. Percorremos o Bairro da Massaranduba/SSA, registrando os primeiros passos do Mestre Nô no mundo da Capoeira. Por onde passávamos os amigos de outrora se juntavam nessa caminhada histórica, 2013. Acervo pessoal Danuza.

---

<sup>23</sup> Corrido de Capoeira onde compara um bom capoeirista a madeira de lei: Massaranduba. Nome do bairro (SSA) onde Mestre Nô cresceu e se consagrou como mestre de Capoeira.

### 3.1 A geografia do Mestre Nô: o Grupo Palmares rumo ao sul do sul do Brasil

Norival Moreira de Oliveira, Nô, no mundo da Capoeira, foi consagrado mestre nas rodas de rua. Com vinte anos e morador da Massaranduba, ele afirma:

[...] quando eu falo época eu me refiro a de 60. Então as rodas de rua já aconteciam. Nas “Festas de Largo”. Raramente acontecia rodas na rua fora da época. Os mestres que faziam. Então nessa época, eu estava mais como aprendiz e não tinha espaço para estar tocando. Como hoje também os garotos não tocam.

Então, mas fora isto tinha as rodas das “Festas de Largo”. Elas aconteciam nos finais de ano, aí vem a festa de 8 de dezembro, que é a festa de “Nossa Senhora de Conceição da Praia”, mas a véspera que é o forte da festa, a véspera. E na véspera aconteciam as rodas, a primeira roda, aí que era forte. Os capoeiristas geralmente treinavam o ano todo, treinavam o ano todo para essas festas. Alguns capoeiristas se preparavam para essas festas, que era o “tira-teima”. Tira-teima quer dizer procurar alguém que jogou com ele um ano atrás e deu umas quedas nele, umas rasteiras nele, umas cabeçadas. Aí ele esperava um ano para ele reencontrar o camarada para poder tirar o “tira-teima”. (MESTRE NÔ)<sup>24</sup>

Quando ele chegou ao sul do Brasil, em Canoas, no Rio Grande do Sul, no ano de 1983, trazia como herança a vivência de jogador de rua. Quatro anos depois, quando adentrou a Ilha de Santa Catarina a convite do Alemão<sup>25</sup> (apelido na Capoeira do Contramestre e fundador do grupo Ajagunã de Palmares), Mestre Nô plantou também em Florianópolis o espírito da rua, da vadiação: “Ele se faz presença marcante nas rodas, na maneira de jogar, tocar, cantar, uma referência nos fundamentos de roda e para o enfrentamento das dificuldades da vida.” (PINTO et al., 2014, p. 74)

Mestre Nô, logo depois que foi considerado pronto para caminhar sozinho pelo mestre Nilton, que lhe ensinou a Capoeira, desenvolveu, ou como ele mesmo comenta, continua desenvolvendo seu método próprio de ensinar. Ele ensina o que faz. Eis o sentimento fundamental de um educador: acreditar no que ensina, ter amor. Paulo Freire em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, afirma, sobre a ideia de ensinar, que

---

<sup>24</sup> Dados obtidos em entrevista realizada com Mestre Nô. Out. 2016. Canoas/RS.

<sup>25</sup> Carlos Alberto Dal Molin Silva, Alemão no mundo da Capoeira. Ao vir estudar na UFSC, em Florianópolis, trouxe o Grupo Palmares e Mestre Nô. Meu mestre, amigo de jornada. Com ele encontrei o que me sustenta na caminhada: a Capoeira. Gratidão sempre.

[...] embora diferentes entre si, quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado [...] quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém. Por isso é que, do ponto de vista gramatical, o verbo ensinar é um verbo transitivo-relativo. Verbo que pede um objeto direto - alguma coisa - e um objeto indireto - a alguém. (FREIRE, 1996, p. 12)

Em seu *Curriculum Vitae*<sup>26</sup>, escrito em 2013 pela Contramestra Jô e pelo Professor Bagé, ambos do Grupo Palmares, várias passagens nos lembram do trabalho pedagógico, cultural e filosófico que o Mestre Nô vem fazendo em diversos estados do Brasil e demais países. Nesses encontros, não só com grupos palmarinos, observamos que

Seu método de ensino-aprendizagem da cultura popular, capoeira, é utilizado por ele e seus discípulos desde os anos 1970 [...] Guardiã de uma tradição centenária, está sempre em contato com inovadoras técnicas [...] debatendo e ensinando pelos países onde viaja e pelos eventos que participa ou coordena. (CORRÊA; PINTO, 2013, p. 3)

A Capoeira, na nossa ideia e compreensão, é a luta do mais fraco, do oprimido. Nasce assim, e assim é que viceja. Cria raiz, tronco, folhas e frutas. É gestada nos porões dos tumbeiros, parida nas senzalas da *terra brasilis* e crescida e amadurecida no solo livre dos quilombos.

Mestre Nô tem sido semente genuinamente brasileira, resistente às pragas sociais que infestam culturas populares. Vive em Itaparica, com duas mulheres, uma com cabelos em caracol iniciando os primeiros passos na vida e na Capoeira, sua filha, e a outra a companheira desses seus dias. Vive na ilha em que foi parido. Ali dá aula e recebe os que atravessam a baía de todos os santos para ouvir e praticar o movimento do corpo e do saber. É ele quem nos fala da Capoeira como o “campo de mandinga”, lugar onde se aprende a resistir com malícia e malandragem aos embates da vida. Assim,

[...] a capoeira é uma arte e um meio de defesa pessoal criada por africanos e afro-brasileiros escravizados no Brasil, e surge da necessidade de se libertar, tendo o corpo como o último recurso contra formas sofisticadas de controle e exploração das massas [...]. Ao longo da sua criação, ela se mostrou igualmente eficaz na luta cultural, produzindo um acervo de músicas, instrumentos e cantorias portadores

---

<sup>26</sup> Esse estudo foi base para a aprovação do Reconhecimento do Notório Saber e para o Título de *Honoris Causa* dado pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 2015. Luta de todos, mas um axé especial ao professor Fábio Machado.

da memória de um povo que foi subjugado, mas que lutou incansavelmente pela sua libertação e para manter acesa a chama da esperança. (CORRÊA; PINTO, 2013, p. 6)

A Capoeira, como aqui a entendemos, é consciência de que o corpo falha perante o açoite, e falha defronte à bala, e falha exposto à miséria, e falha na rudeza da marginalização.

O corpo falha quando está vazio de intenção. Quando a casca está oca de vida.

O corpo falha, mas tem instinto. A Capoeira é instinto.

E no instinto, na agonia da mordação, nasce a raiva, digna. Na ânsia da sobrevivência pulsa a vida que nos força a resistir, a perseverar e a encontrar fissuras, brechas, que no gingado do corpo guiado pelo movimento do pensar, transformam as fissuras em forças que rompem grilhões e cadeados.

Para Corrêa e Pinto (2013, p. 6) a Capoeira é uma manifestação cultural afro-brasileira que possui o instinto “[...] de preservação e sobrevivência humana e cultural. Esse recurso pedagógico típico das populações empobrecidas sobreviveu até nossos dias como uma prática cultural marginal, sendo recente o reconhecimento do seu valor”. Importante salientar que esse reconhecimento *recente* se refere aos órgãos públicos e privados, e não a quem joga e admira a Capoeira.

56

Mestre Nô, capoeira da periferia de Salvador, da localidade da Massaranduba, morador da Ilha de Itaparica, nordestino em um país sudeste-sul, sabe o que é estar nas bordas sociais. Na margem das possibilidades. A Capoeira o preparou para o jogo, para todos os jogos. Abriu as fissuras e avança para o que ele considera sua missão: ensinar a Capoeira, para menina, menino, homem e mulher. Consagra mestres no Brasil e no mundo, recebe homenagens e títulos, mas o que faz com mais gosto é ensinar, é estar na roda. Nesse círculo de amigos, alunos e capoeiristas. Observa e aplica na Capoeira o que vai aprendendo na vida, e aplica na vida o que lhe ensina a Capoeira: tira daqui, bota lá, Idalina, tira de lá, bota aqui, Idalina.<sup>27</sup>

O Escudo da Palmares, símbolo do Grupo Palmares criado por Mestre Nô, é um exemplo.

Deitado em cima de uma caixa d'água, na sua casa, na Boca do Rio, Salvador, Bahia, Nô observa o céu. Noite que o planeta Vênus se aproxima da Lua, de um fenômeno

---

<sup>27</sup> Música de capoeira [corrido]. Domínio popular.

natural, astronômico, surge o símbolo do Grupo Palmares. Ele mais de uma vez nos contou essa história. Fez esse relato no dia seis de janeiro de dois mil e dezoito, na Ilha de Itaparica, Coroa, em sua casa, numa tarde quente de verão. Com sua filha Moana<sup>28</sup>, silenciosamente sentada em uma cadeira nos observando, e sua esposa Anika, atenta escutando, ele nos conta:

Foi um acontecimento muito proveitoso... a ideia surgiu, surgiu a ideia no momento que eu tinha saído de uma aula, tava muito cansado, aí cheguei na minha casa e antes de tomar banho, jantar, tudo isso, e dormir, eu tinha mania de, tinha uma caixa d'água em cima da minha casa, eu deitava com as mãos entrelaçadas e aí eu ficava olhando pra cima, tentando relaxar um pouquinho... aquela coisa que a gente chama assim... ah! vou dar um tempo... vou dar um tempo pra depois... pra deixar fluir, baixar a poeira do corpo.

E aí o Mestre coloca suas mãos atrás da cabeça e reclina o corpo na cadeira. Na hora vejo o homem que chega em casa, na Boca do Rio e antes de entrar em casa repousa uns minutos olhando o céu. Tinha 34 anos e andava a inventar coisas. E continua:

Aí de repente eu percebi algo diferente, assim, no firmamento, a lua estava em minguante e a estrela maior, a estrela mais brilhante estava dentro da lua em minguante...eu achei superinteressante... não era de lado, ela estava virada... e a estrela dentro... aí eu desci, peguei uma caneta e desenhei...

57



Figura 6: Noite com lua.

Acervo Grupo Capoeira Angola Palmares.

E a imaginação voa: lá está o homem desenhando o que vê. Algo assim, talvez:

---

<sup>28</sup> Moana e Anika, uma com sua alegria e a outra com sua atenção, me inclino agradecida por todo alimento do corpo e do coração.

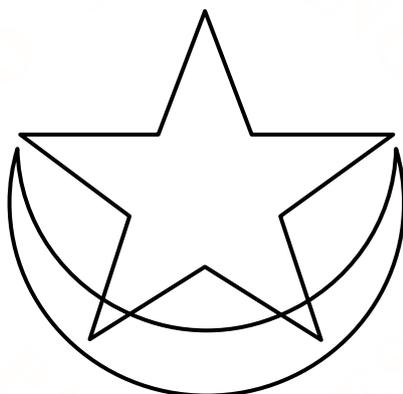


Figura 7: Primeira versão do desenho de Mestre Nô.  
Acervo Grupo Capoeira Angola Palmares.

O momento da criação, esse estado de deixar-se levar e ao mesmo tempo de manter-se alerta, é o que faz de Norival Moreira de Oliveira um Mestre, um pensador da Capoeira. Para Freire (1997, p. 305), em situações que parecem não possuir “[...] sentido, direção, ele se insinua; pois, a possibilidade de reconstrução lateja, sutilmente, e se anuncia das maneiras mais diversas”. Um trabalhador de siderurgia durante o sol e um ensinador de Capoeira durante a noite, morador da Boca do Rio, bairro popular, periférico de Salvador, permitir-se “baixar a poeira do corpo”, é por si só um fenômeno. Deitar e olhar o céu? Um espetáculo<sup>29</sup>! E além de todas essas proezas, não apenas olha, mas observa, pensa, relaciona e cria:

58

[...] na ocasião, eu estava trabalhando em uma siderúrgica, uma usina siderúrgica, e no dia seguinte eu tinha que trabalhar pela manhã. Eu fiz o desenho e levei e pedi a um amigo pra fazer, cortar, eu queria igualmente ao que eu fiz, o símbolo da estrela dentro da lua em minguante... ele deu um acabamento ele fez a coisa bem melhor, ele acertou, fez com compasso... e com a chapa em inox... eu encontrei o que queria... coloquei a chapa no papel, risquei, depois coloquei o compasso no meio da estrela, fiz o círculo fechando, formando um escudo. E o escudo estava pronto... o que ia simbolizar o meu trabalho dali pra frente estava pronto.

---

<sup>29</sup> Seu José, meu pai, leitor e contador de histórias, vez ou outra relatava o que via em suas andanças, muitas, pela cidade, e se utilizava dessa expressão: que espetáculo! Espetáculo era ele, homem que tinha o dom de entreter. Gratidão pelo gosto pelas letras, pai.

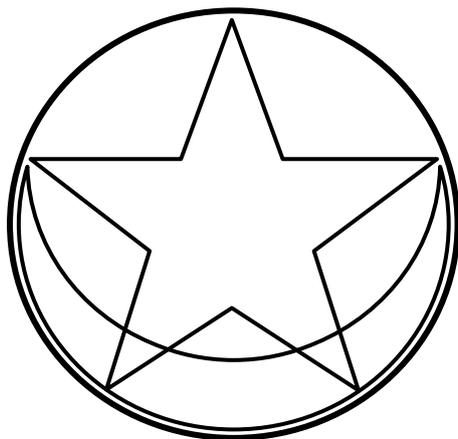


Figura 8: Segunda versão do desenho do Mestre Nô  
Acervo Grupo Capoeira Angola Palmares

E continua:

O escudo estava pronto, e pra encontrar o nome eu pensei de cara... Palmares, Palmares... Quilombo dos Palmares... ficou na minha cabeça... daí encontrei a palavra palmares, poxa, legal. O nome já tinha, o escudo já tinha, agora faltavam as cores. Porque é muito importante você ter um histórico de algo que vá simbolizar o seu trabalho dali pra frente, seria uma marca que se tornaria no futuro um marco.

59

Um *marco*! Qual o significado de se ter um histórico, ou seja, consciência do processo que se faz ao viver? Significa estar consciente. Ter na memória o porquê das escolhas e ter na caminhada um local para se chegar é até hoje modo de ser desse capoeirista. É isso que Mestre Nô destaca nesse seu depoimento. Ao estar no processo de criação, está memorizando, aclarando as ideias para que o ato de transformar a teoria em prática esteja impregnado de história, de vida, de certezas.

Pra mim eu estava numa busca de avanço. Eu estava realmente fazendo capoeira na roda, capoeira na vida. Eu estava indo pra frente, eu não queria algo que ficasse assim estagnado, eu queria a energia, a energia estava pronta ali através dos astros entrelaçados, pra mim foi uma coisa que eu fiquei gratificado. Depois eu vim a saber que aquilo ali era um fenômeno.

Conversamos um pouco sobre a aproximação de Vênus da Lua. Esses astros de tempos em tempos podem estar alinhados, e vistos daqui da Terra, eles parecem estar muito próximos.

Mas como foram escolhidas as cores do símbolo?

Faltavam as cores, tinha que ser algo que simbolizasse... eu pensei na nossa bandeira, na bandeira do Brasil, e que eu iria utilizar no seguimento do meu trabalho, as cores que eu colocasse no meu escudo iria dar seguimento, envolvendo o meu trabalho... eu tava olhando lá na frente... eu não tava olhando aqui na frente [...]

O Mestre coloca a mão sobre os olhos e faz um gesto de quem tapa os olhos para ver melhor. Depois tira a mão do olho, levanta a cabeça e olha como quem olha para o infinito:

[...] tava olhando lá na frente... isso eu fiz realmente. Eu pensei, eu levei mais ou menos uns quinze dias pra encontrar as cores e encontrei as cores da bandeira. Como é que eu iria arrumar? Eu joguei o verde na estrela, depois joguei o amarelo na lua, por conta de quê, por que eu joguei essas cores? Porque a lua quando ela sai é amarela, é amarelada, no sair dela é amarela... esses astros... quando saem é com a cor mais ou menos amarelo, amarelo ouro... aí eu dei o amarelo ouro para lua e o verde joguei pra estrela... o verde folha... pra simbolizar... pra ficar um verde da bandeira... não joguei um verde bandeira... não... pra não ficar muito, assim, patriota... o verde representa nossas matas... eu escolhi um dos verdes que mais me agradou, o verde folha. O azul eu joguei o azul celeste, não o azul mar, o azul marinho, não, joguei o azul celeste fechando o escudo em volta.

60



Figura 9: Terceira versão do Desenho do Mestre Nô.  
Acervo Grupo Capoeira Angola Palmares.

O importante? Os dois astros, verde folha e amarelo... e aí eu pergunto: Mestre, e a cor preta? Ah! Eu esperei essa contestação... a cor preta foi a homenagem ao maior quilombo das Américas... o Quilombo dos Palmares, que foi o nome que eu dei ao grupo, Palmares, em homenagem à negritude, da onde a capoeira veio, do talento, do sofrimento, da ânsia de liberdade desse povo negro, pra mim foi simbolizado nessa cor... foi homenagem pra eles, para eles constarem na minha simbologia, para constarem naquele símbolo que ia pra frente... eu não tenho tatuado ele no meu corpo, eu tenho tatuado no

meu coração, dentro. Então o preto entrou na minha simbologia, que é o maior campo, note, no escudo da Palmares, ela ocupou um espaço muito grande, tudo em volta dela, eu fiz de propósito, eu fiz justamente para justificar.



Figura 10: Quarta versão do desenho do Mestre Nô, colorida.  
Acervo Grupo Capoeira Angola Palmares.

E o nome em volta, a princípio eu coloquei *capoeira palmares*, mas teve muita polêmica... bom, então vou jogar um *angola*.

61



Figura 11: Quinta versão do desenho do Mestre Nô.  
Acervo Grupo Capoeira Angola Palmares.



Figura 12: Sexta versão do desenho do Mestre Nô, com o nome do grupo.  
Acervo Grupo Capoeira Palmares.

Mestre Nô explica um pouco a necessidade de destacar o nome angola. Ele afirma que até o início da década de 80 não havia a necessidade de se diferenciar que jogador se era, mas depois se tornou necessário disputar o nome “angola”. Segundo ele,

[...] então tive que jogar um angola no meio...Capoeira Angola Palmares, e aí passei a me aprofundar muito mais, muito mais... tudo isso espelhado e incentivado pela escuderia e os contestamentos que estavam sendo feitos... tudo isso me levou a me fortalecer muito mais... realmente estava sendo procurado através do divino, sei lá, algo protetor que eu agradeço, a oportunidade de que o cara tem que ter... algo assim: vai pra frente, força... sem competir com ninguém... eu sempre fui numa direção boa, eu tava seguindo a minha estrada, sempre seguindo a minha estrada, sempre olhando por cima, na distância, como até hoje, até o momento olhando pra distância, eu não vou nunca olhar pro meu umbigo, não, não vou olhar não, baixar a cabeça, não vou, vou olhar pra frente, lá na frente.

62

O poder social está em dar vida ao sentimento, seja qual for: dar nome e, assim, fazê-lo existir, isto é, apropriar-se da palavra, do verbo. A base é o conhecimento de onde se está e do que se é. E qual a principal estratégia para quebrar o que está sólido? Dar significado ao que fazemos e falamos, não apenas o que ditam as teorias, mas sim da maneira como significamos o que realizamos e assim criamos possibilidades.

A “Palmares” atravessou terras e mares. Mestre Nô é, nos dias de agora, o coordenador geral do Grupo Capoeira Angola Palmares. O trabalho está localizado em 12 países e em diversos estados do Brasil. No **Curriculum vitae Norival Moreira de Oliveira**, realizado por Corrêa e Pinto (2013), dois mapas localizam a Capoeira Palmares, plantada e cultivada por mestre Nô e seus discípulos.

Figura 13: Palmares no mundo

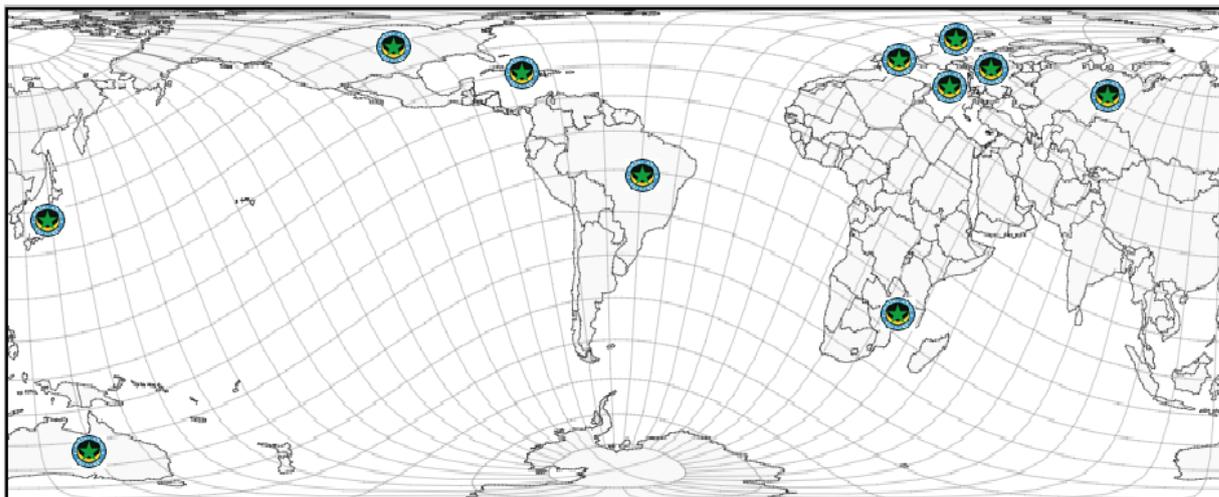
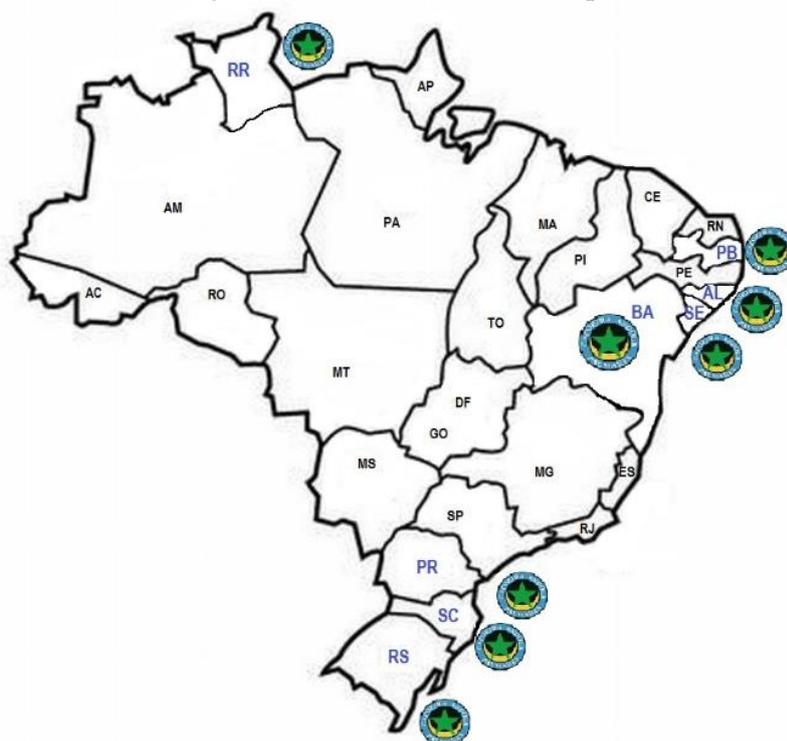


Figura 14: Palmares na terra da capoeira



FONTE: CORRÊA E PINTO, 2013. [reelaborado pelo geógrafo, professor doutor da UFBA e capoeirista Bolita (Palmares) - Marco Tomasoni].

Das suas andanças, colocamos aqui em destaque breves momentos, pequenos sinais do seu constante movimento.

Tabela 5: Capoeira na roda, Capoeira na vida

VOLTA AO MUNDO	DATAS
Nascimento, 22 de junho	1945
No dia 18 de setembro, foi graduado Mestre pelo Mestre Nilton, que lhe entregou o diploma.	1964 
No dia 20 de novembro, Mestre Nô funda a Associação Brasileira Cultural de Capoeira Angola Palmares (ABCCP).	1979 
Convidado por seu aluno Macaô ( <i>in memoriam</i> ), chega pela primeira vez no sul do Brasil, na cidade de Canoas (RS).	1983
O Contramestre Alemão leva para Santa Catarina o Grupo Capoeira Angola Palmares. Os treinos acontecem na UFSC.	1986
No dia 15 de maio, é realizada a primeira Roda de Capoeira, na UFSC, que marca o início dos trabalhos do Grupo Ajagunã de Palmares, coordenado pelo contramestre Alemão e vinculado ao Grupo Palmares.	1987
Na semana do dia 20 de novembro, Mestre Nô visita pela primeira vez Florianópolis, onde coordena o 1º Batismo de Capoeira da Associação Cultural de Capoeira Ajagunã de Palmares, no encontro do Grupo Palmares.	1987
É criada pelo Contramestre Alemão a Roda do Mercado no vão central do Mercado Público de Florianópolis.	1987
Em 3 de julho, Mestre Nô se tornou idealizador, fundador e diretor do conselho de mestres da ABCA/SSA/BA, local onde se encontra a “velha-guarda” da Capoeira.	1987
Em agosto, Mestre Nô juntou-se à delegação brasileira (Mestres Moraes, João Grande, Cobrinha Mansa e Lua de Bobó) para participar do Festival da Cultura Negra em Atlanta, nos EUA.	1990
Marco da internacionalização. Até 2006, foram 16 participações na organização e realização de eventos nos EUA, ministrando <i>workshops</i> , aulas, palestras e batismos.	1990
Mestre Nô chegou pela primeira vez à Rússia, ministrando oficinas e palestras sobre Capoeira	1999
O Grupo Palmares chegou no Reino Unido com Mestre Valdir Axé.	1999
Em janeiro, Mestre Hailton fundou a Associação de Capoeira Angola Palmares em Vorarlberg (Áustria).	2000

O professor Daniel Fadul é o responsável pelo Grupo Capoeira Angola Palmares na Austrália.	2005
Fundada em Firenze, Itália, a Associazione Culturale e Sportiva Dilettantistica Capoeira Angola Palmares, pelo Contramestre Paahppi, que segue os princípios e as orientações do Mestre Nô.	2005
Mestre Nô recebe a Homenagem “Medalha de Zumbi dos Palmares” da Câmara Municipal de Florianópolis. Foto Acervo pessoal Danuza Meneghello.	2005 
Fundação do Grupo Palmares em Moscou, coordenado pelo Contramestre Nozinho.	2009
A associação Capoeira Angola Palmares encontra-se na Alemanha, na Suíça e em Liechtenstein, com a supervisão de Mestre Hailton e Mestre Nô.	2010
O Instrutor Pitoko é responsável pelo Grupo Capoeira Angola Palmares plantado em Maputo, Moçambique, pelo Mestre Polegar de Florianópolis (SC).	2006
O Instrutor Javali ensina Capoeira Angola Palmares no México. Conta com a orientação a distância do Contramestre Paahppi e de Mestre Nô.	2008
Mestre Vidal realiza o “I Encontro Internacional de Capoeira Angola Palmares” em Portugal.	2010
Reconhecimento: Nô recebe o Certificado de Mestre de Capoeira pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), Ministério da Cultura, Governo do Brasil.	2011 
Em 24 de agosto, na sede da ABCCAP, foi conferido ao Mestre Nô o Diploma de Grão Mestre Internacional de Capoeira Angola.	2012
O Grupo Capoeira Angola Palmares chega ao Japão, sob a responsabilidade do Monitor Jesse.	2012
Conselho de Mestres da Associação Brasileira de Capoeira Angola (ABCA), Pelourinho, Salvador/BA.	2013
Mestre Nô organizou, junto com seus alunos Bagé, Danuza, Jô Capoeira e o irmão de capoeira Mestre Pinóquio (Grupo Quilombola), o I Caderno de Capoeira: Capoeira da Ilha, livro financiado pelo PROEXT/MEC/SESU.	2013

<p>A Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) reconhece, em uma terça-feira, 29 de março, o título de Notório Saber a Norival Moreira de Oliveira, o Mestre Nô, referência mundial na prática e oralidade da Capoeira. Foi o primeiro título do gênero conferido pela UFSC, noticiado pela imprensa local (Notícias UFSC, 2016).</p>	<p style="text-align: center;">2016</p> 
---	---

É um Mestre que dá lição, vem informando e educando inúmeros capoeiristas. E nesse processo formando Mestres.

Tabela 6: Mestres formados pelo Mestre Nô

MESTRES	LOCAL	MESTRES	LOCAL
Lázaro	Salvador, BA	Marco Baiano	Maceió, AL
Dunga	Lauro de Freitas, BA	Amarelinho	Salvador, BA
Dindo	Canoas, RS	Pinguim	Salvador, BA
Ombrinho	Nova Iorque, EUA	Khorvão	Florianópolis, SC
Dalmo	Salvador, BA	Orli	Valença, BA
Sabiá	Campina Grande, PB	Gulliver	Canoas, RS
Periquito	Salvador, BA	Henrique	Salvador, BA
Um por um	Salvador, BA	Hailton	Guarabira, PB
Alabama	Salvador, BA	Tunico	Maceió, AL
Lincoln	Salvador, BA	Cabedelo	Cabedelo, PB
Nelson	Valença, BA	Calunga	Florianópolis, SC
Braulino	Salvador, BA	Polegar	Florianópolis, SC
Valdir Axé	Salvador, BA	Nininho	Aracajú, SE
Dentinho	Canoas, RS	Dinelson	Salvador, BA
Sem Terra	Santa Rita, PB	Jimmy Wall	Florianópolis, SC
Naldinho	João Pessoa, PB	Nozinho	Salvador, BA
Craúna	Bayeux, PB	Nenem	Salvador, BA

FONTE: CORRÊA E PINTO, 2013. E diretamente com o Mestre Nô (2018) [tabela nossa].

Nos primeiros anos da década de oitenta, Mestre Nô tem a experiência de quem joga o que ensina, de quem está no mundo da rua e tem o que mostrar e contar. Ao chegar à Ilha de Santa Catarina, torna-se a primeira referência de Capoeira baiana do Brasil em Florianópolis.

Como consta nos quadros apresentados, o sul do Brasil entra na vida do Mestre Nô através de Macaô, capoeirista que vivia em Canoas (RS) e desenvolvia um trabalho

desde 1978. Em 1980, ele acompanha a família que se muda para Salvador, uma vez que o pai era militar e foi transferido para lá. “Segundo o mestre, eles se conheceram no Parque Júlio Cesar, no bairro da Pituba. ‘Estava varrendo a escola e ele chegou’. Na conversa, Macaô comenta que ensinava uns moleques numa garagem, em Canoas”. (CORRÊA; PINTO, 2013, p. 15).

A volta de Macaô para Canoas, em 1980, é significativa para “os moleques” do Sul, um dos quais é Alemão (Carlos Alberto Dal Molin Silva). Macaô abre a estrada por onde Mestre Nô irá passar trazendo a Capoeira, a Capoeira Angola Palmares. Ano? Em 1983. Essa estrada tem duplo sentido. Alemão, no final do mesmo ano viaja para Salvador. Durante alguns meses acompanha os passos de Mestre Nô. Hospedado na casa do Mestre, faz da Capoeira o pão de todo dia. Em 1984, já graduado contramestre<sup>30</sup>, ele chega a Florianópolis.



Figura 15: Roda na Barra da Lagoa. 1986. Alemão (camiseta com símbolo da Palmares e Calunga (camiseta branca) tocando berimbau.  
Acervo Contramestre Alemão.

A esse legado trazido por Mestre Nô, de um exímio jogador de rua de Capoeira, mescla-se, então, a juventude de Alemão, moleque de Canoas, cidade urbanizada e

---

<sup>30</sup> No sistema de graduação do Grupo Capoeira Angola Palmares, temos, em ordem crescente, os seguintes cordéis: verde (aluno); verde-amarelo; amarelo (instrutor); amarelo-azul; azul (professor); trançado (contramestre); branco (mestre).

próxima geográfica e economicamente de Porto Alegre, com características extremamente diversas da realidade de Florianópolis nos primeiros anos da década de oitenta.

Alemão chega a Florianópolis impregnado pela experiência vivida em Salvador, onde aprendeu os fundamentos que dão sustento para a combatividade e a resistência tão necessárias para a arte luta Capoeira. Passou quatro meses morando com Mestre Nô, na Boca do Rio, vadiando em diversas rodas de rua.

Esta viagem foi momento de encontro entre Alemão e uma geração de mestres baianos. Em Salvador, Nô lhe apresentou os Mestres Canjiquinha, Paulo dos Anjos, Waldemar, Bobó, Caiçara, Curió, Boca Rica, João Pequeno, João Grande, Gato Preto, além de Moraes e Cobrinha Mansa que estavam retornando do Rio de Janeiro. Participou da Roda do Bonfim, dividindo o chão de pedra feito pelos escravos com capoeiras como King Kong, Bira Gaguinho, Braúlio, Americano, Dois de Ouro. Uma roda inesquecível para ele. (PINTO et al., 2014, p. 15).

Com esse modo de viver e compreender a Capoeira, Alemão começa a ensinar na Universidade Federal de Santa Catarina, há 30 anos. Ele relata esses primeiros passos da seguinte forma:

[...] meu início na capoeira se deu em 1977... é o mesmo ano que começa a capoeira em Florianópolis... primeira vez que vim a Florianópolis foi pra surfar. 1980, capoeirista, cordel verde amarelo... eu tinha ouvido falar no batizado do Índio... que tinha um mestre de capoeira em Florianópolis, me chamou atenção. Eles não chamavam de mestre, era o Pop de Florianópolis. Eu fiquei na Lagoa da Conceição, e um dia perguntando pros outros... olha é lá perto do terminal de ônibus. Procurei, procurei e não achei a capoeira. Fui todo paramentado e não achei a capoeira... (ALEMÃO, 2017)

Quando retorna, 1984, dessa vez como estudante da Universidade Federal de Santa Catarina, do curso de Educação Física, Alemão vem para ficar. O trabalho de Capoeira já estava acontecendo na universidade. Calunga, nos dias de agora Mestre Calunga, já ensinava o jogo. Era aluno de Mestre Pop, o mesmo de quem Alemão ouviu falar em Porto Alegre, veio procurar em 1980 e não encontrou. Alemão recebe de Calunga o espaço em que dava os treinos, na Universidade Federal de Santa Catarina. Desde lá, faz-se um trabalho de extensão gratuita, que dura mais de trinta anos atravessando os muros e cercas da UFSC e estendendo-se em direção à cidade.

É no “Ginásio de Alumínio”, que faz parte do Centro de Desportos da UFSC, que brotam seus alunos. A meninada do Bairro do Pantanal (principalmente) encheu de vida esse ginásio, antigo hangar de avião remontado na década de setenta dentro da universidade.



Figura 16: Ginásio de Alumínio/UFSC (1988). Batismo de Capoeira do Grupo Palmares. Acervo UFSC.



Figura 17: Ginásio de Alumínio/UFSC (1988). Batismo de Capoeira do Grupo Palmares. Acervo UFSC.



Figura 18: Ginásio de Alumínio/UFSC. 2016. Roda da Re Volta. Abertura dos trabalhos de Extensão do Projeto “Capoeira da Ilha”. Acervo Danuza Meneghello.

Nesse lugar, grandes mestres de Capoeira de Salvador, de São Paulo, do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina atuaram e atuam transformando a luta da Capoeira em arte. Atualmente, esse espaço está com os dias contados. Devido à duplicação da Rua Antônio Edu Vieira, paralela ao Ginásio, ele será destruído<sup>31</sup>. Nele foram formados muitos alunos, quatro dos quais permanecem atuantes na Capoeira em Florianópolis: dois mestres, Polegar e Khorvo, e duas contramestras, Jô e Danuza.

Marquinho, Bolita no mundo da Capoeira, comenta sobre os primeiros tempos de treino, em 1986:

Minha chegada à capoeira foi através de uma roda que vi no Pântano do Sul, uma ou duas semanas antes do início das aulas na UFSC.

Vi uma galera com berimbau e falei com Alemão... onde ele ensinava. Me disse que iniciaria na UFSC.

Compareci. Tinham mais uns outros. Foi na Sala dos Espelhos, pouco tempo depois apareceu a gurizada do Pantanal e logo começaram as rodas de divulgação no Convivência. Ali vinham outros capoeiristas e tinham muitos espectadores. Alemão conseguiu a Salinha, onde eram guardados instrumentos e materiais diversos. Ali tínhamos encontros e era ponto de arrumação de instrumentos. Eu tinha a responsabilidade de

---

<sup>31</sup> Lugares são memórias. Tempo é história.

pegar, arrumar, guardar. Com a ida para o Ginásio de Alumínio, tudo ficou melhor. Tínhamos espaço, e os treinos às vezes eram grandes. Foi nesse contexto que apareceu o Mercado, na parte central íamos jogar capoeira... roda às vezes tensa pelas rixas e outras questões entre os jogadores. Recordo-me dos descontentamentos entre os comerciantes por usarmos o vão central (então ainda passagem de carros, às vezes). (BOLITA, 2017)

A Sala de Espelho era a que atualmente encontra-se ocupada por aparelhos para musculação e fortalecimento. No Convivência (um dos prédios da UFSC), antes da reforma, o Grupo Palmares tinha uma pequena sala onde guardava instrumentos e material diverso. Ponto de encontro dos alunos de Alemão, ali se reuniam e depois subiam juntos para os treinos no Ginásio.

E é nessa época que *arma* a *Roda de Capoeira do Mercado Público de Florianópolis*. Uma das expressões usadas para explicar para nós, seus alunos, a importância de uma roda de rua era que precisávamos voltar a “sujar” as mãos naquele lugar para adquirir anticorpos sociais e voltar para os espaços abertos onde a Capoeira foi criada. O guri de Canoas trouxe de Salvador a lição ensinada por Mestre Nô e pelos outros jogadores de Capoeira: é na roda de rua que se consagra um bom capoeira.

71

Ainda no Rio Grande do Sul, a Capoeira que Alemão praticava em Canoas era diferenciada no conteúdo e na forma da praticada em Porto Alegre. O que unia em parte os capoeiristas desse momento era a combatividade. Mas, nos conta Alemão, o modo militar e hierárquico que predominava na Capoeira que era ensinada dentro das academias não era o modo como Macaô treinava.

No Rio Grande do Sul tinha toda uma história militar em cima da capoeira, pra, vamos dizer assim, pra legitimação. No meio das academias, a galera trouxe uma coisa marcial pra dentro da capoeira, e essa coisa marcial era uma saudação à bandeira do Brasil, era uma ordem unida assim de todo mundo de calcanhares, o mais graduado ao menos graduado... todo mundo de pé, meter a mão no peito... as pessoas faziam isso na academia pra trazer para a capoeira um status de coisa organizada. (ALEMÃO, 2017)

Alemão comenta a dificuldade de praticar a Capoeira em um estado como o Rio Grande do Sul.

Porque a capoeira quando chega no Rio Grande do Sul, lá no começo quando ela chega no Rio Grande do Sul, a capoeira no Sul ainda é marginalizada. Um estado machista... uma cultura de tradição forte, de gaita, de violão, de não sei o quê, daqui a pouquinho chega uns caras tocando berimbau, fazendo uma coisa que é da Bahia, que não faz

sentido, meio que dançando... e a gente começa a ter que mostrar que... em roda de rua, mostrar que o pau pega... nas rodas de rua... eu aprendo uma capoeira no Rio Grande do Sul, uma capoeira de combate, uma capoeira de luta, de briga, uma capoeira que precisa mostrar para o povo gaúcho que a capoeira, ela é uma luta. (ALEMÃO, 2017)

É digno de nota que a formação de Alemão, até conhecer o Mestre Nô, que teve, como já relatado anteriormente, uma formação diríamos assim, “de rua”, é também a formação que o guri do Sul está, na sua *infância* de Capoeira, aprendendo. Ele frequentava lugares fechados, academias, mas não é ali que mora a sua essência. Ele mesmo reforça:

[...] dentro dessa tentativa de mostrar que a capoeira é uma luta, a capoeira tenta ir para dentro das academias, as academias que já tinham luta dentro delas... E a capoeira, pra poder entrar nesse meio, ela tem que fazer um pacote, para entrar nesse meio dessas academias de luta. E qual era o pacote? Uniforme, graduação, e uma forma de saudar, de respeito, uma hierarquia que acompanhasse essas outras lutas que tinham dentro dessas academias. Então é assim que a capoeira começa a ir pra dentro das academias no Rio Grande do Sul. (ALEMÃO, 2017)

A essência está na origem, em como ele entra no mundo da Capoeira e quem o introduz:

[...] nós, ao contrário disso, a gente aprende a capoeira com um cara que não é mestre, com um cara que sabe pouco de capoeira, começa a ensinar no fundo do quintal da casa de um amigo... junto com uma rinha de galo, era ali que começou a capoeira, interessante né? Ali que começou a capoeira em Canoas. A gente começa a jogar capoeira num lugar que não é academia, a gente não tem essa coisa de academia, então a gente começa a jogar sem ter um mestre, essa coisa, e a gente quando chega na capoeira de Porto Alegre, a gente é rechaçado, porque a gente tinha uma movimentação boa, a gente era guerreiro, mas não tinha aquela organização e eles queriam que a gente entrasse naquela organização, mas a gente não achava aquilo legal, não fazia parte da gente. Então durante um tempo a gente foi meio que colocado à margem dessa capoeira de Porto Alegre. (ALEMÃO, 2017)

Via de mão dupla, a origem traz uma essência, qual seja, estar caminhando contra a lógica do momento: mestres, uniforme, hierarquia, saudações, patriotismo. Surge aqui novamente uma semelhança, pois quando mestre Nô relata a história das cores do escudo Palmares, afirma que até se inspira nas cores da bandeira nacional, mas não quer algo muito patriótico e por isso altera algumas das tonalidades.

Corre o ano de 1979. Alemão ouve falar e depois tem contato com Índio, capoeirista que sai de Salvador, vai morar em Porto Alegre e fazia a Roda do Mercado

Modelo em sua cidade de origem. Alemão o conhece em Porto Alegre e assim relata essa experiência:

[...] o Índio, um cara do Mercado... olha só... um cara do Mercado Modelo de Salvador, um cara que ganhava grana jogando capoeira no Mercado. Então eu já tive essa primeira relação de capoeira do Mercado com o Índio, em 79. Outra coisa também: quando eu começo a jogar capoeira em Porto Alegre, nessa Budokan... a Siqueira Campos ficava do lado do Mercado de Porto Alegre, e a gente pegava o ônibus canoense, descia do ônibus e passava pelo Mercado para ir na academia. Então já tinha essa coisa de passar pelo Mercado Público de Porto Alegre. Só que o Mercado Público... tinha uma sorveteria que era boa pra caramba, umas coisas de umbanda. (ALEMÃO, 2017)

Buscando na memória laços, vestígios de uma ligação intuitiva com a sua decisão de colocar uma roda de Capoeira de rua em Florianópolis, no Mercado Público, ele complementa:

[...] essas coisas de umbanda que tinha no Mercado de Porto Alegre, isso é uma coisa também legal. O meu pai, quando eu comecei a jogar capoeira, botou uma loja de artigos de umbanda junto, ao mesmo tempo, na minha família, e muitas das vezes eu tinha que ir a Porto Alegre buscar coisas no Mercado Público, lá nas lojas de umbanda do Mercado Público de Porto Alegre pra trazer pra loja do meu pai. Então eu tinha essa coisa de ir no Mercado Público... tinha algumas vezes que ir... então eu sempre tive alguma coisa com o Mercado. (ALEMÃO, 2017)

73

Em Salvador, desde a década de 60 do século XX, acontece a *Roda de Capoeira do Mercado Modelo*. Atualmente, ela tem outra perspectiva, mas inicialmente era armada de modo bastante espontâneo. Essa mescla entre um espaço considerado patrimônio histórico material municipal (porta da cidade) e uma luta considerada uma manifestação afro-brasileira (patrimônio histórico imaterial nacional) dá origem, em 1987, à *Roda de Capoeira do Mercado Público de Florianópolis*, que na fala de Alemão é espaço, lugar da cidade do qual, de um modo ou de outro, ele sempre esteve aproximado, “então eu sempre tive alguma coisa a ver com o Mercado...” (ALEMÃO, 2017).

A primeira roda de rua de Capoeira armada pelo Grupo Palmares não ocorre, no entanto, no Mercado. Não. A roda é armada levando em conta a memória afetiva do guri que fez 18 anos na roda do Bonfim em Salvador, a roda de rua, onde cada um leva o que veio buscar. Roda de Festa de Largo. Nos tempos de agora, jogar em uma roda com 18 anos pode ser considerado gesto miúdo, mas nos tempos de outrora era gesto graúdo. Um

rapaz branco, do sul, metido entre camaradas como Braulino<sup>32</sup>, Birro Doido, Nô, Lázaro, King Kong, Dois de Ouro, Bira Gaguinho e tantos outros mestres importantíssimos para a Capoeira de Salvador e do mundo.

[...] porque eu boto a roda na Catedral por causa da Bahia, por causa das festas de Largo da Bahia que eu jogava capoeira... entendeu? Tinha as escadarias, eu vi aquelas escadarias parecidas com as festas de Largo... eu vou fazer roda na frente, que nem os capoeiristas faziam lá. Festa do Bonfim, Festa da Pituba, várias festas que eu participei, sei lá, da Ribeira, várias festas que eu participei... por isso que eu cheguei aqui fazendo roda lá. (ALEMÃO, 2017)

Quando acontece o primeiro grande encontro da Palmares em Florianópolis, a roda onde os capoeiristas vão vadiar é a da Catedral. Alemão justifica dizendo que não fez no Mercado porque o lugar mais estratégico para estacionar o ônibus trazendo a “galera” do Rio Grande do Sul era na frente da Catedral.



74

Figura 19: Roda da Catedral. 1986. No berimbau da esquerda para direita: Alemão, Pinóquio e Calunga. A criança sem camisa jogando é o Polegar. Referências da Capoeira da Ilha. Acervo Contramestre Alemão.

Esse é o primeiro ano em que a cidade recebe, vê e convive com mestres representativos da Capoeira baiana. São os da velha guarda, guardadores mesmo, da Capoeira: Mestres Bobó, Ferreirinha, João Pequeno e Curió. Esses quatro homens,

---

<sup>32</sup> Mestre Braulino partiu para Aruanda. Foi um homem que transformou a todos que estiveram ao seu lado. Impossível estar com ele e não estar em constante estado de vigilância, irritação, também, e bom humor. Foi um dos jogadores mais assíduos da roda do Mercado. “Me chama que eu vou”, dizia sempre. Veio sempre. Iê viva, meu mestre!

fundamento da Capoeira Angola de Salvador, foram convidados por Mestre Nô e recebidos pelo Contramestre Alemão. Durante alguns minutos, este último fica tentando lembrar do ano do Encontro, o 1º Batismo de Capoeira. Trata-se de 1987, mas mesmo assim insiste em procurar e comprovar.

Alemão: ... e fizemos a roda na frente da Catedral pela logística do ônibus. Não porque ali era o lugar de eu fazer roda... eu já não fazia mais muita roda ali...

Danuza: ... em 87, tu lembra que já tinha feito roda no Mercado...

Alemão: Já tinha feito roda no Mercado...

Danuza: É... provavelmente, porque o batismo acontecia para o fim do ano, né?

Alemão: É pro fim do ano...o batismo de 87, se eu não me engano, é novembro de 87...

Danuza: É, obviamente tu deves ter feito roda...

Alemão: É... mas não roda pro batismo, sim roda de Capoeira... o que acontecia... eu não fazia todo sábado ainda... eu começo a fazer todo sábado eu acho que é 87... 86 não... eu fiz uma, depois fiz outra... quando vem alguém, entendeu... **já te digo a data do batismo...** [grifo meu] eu tenho aqui... porque... o que que acontece, como eu não tenho arsenal de capoeira em Florianópolis essa época ainda, eu não tenho grupo, estou chegando... tô começando um trabalho. (ALEMÃO, 2017)

75

E Alemão continua procurando no celular a data do primeiro batismo: “seis doze de 87... olha aqui... seis do doze de 87, a data do primeiro batismo de Capoeira”, e me alcança o celular.

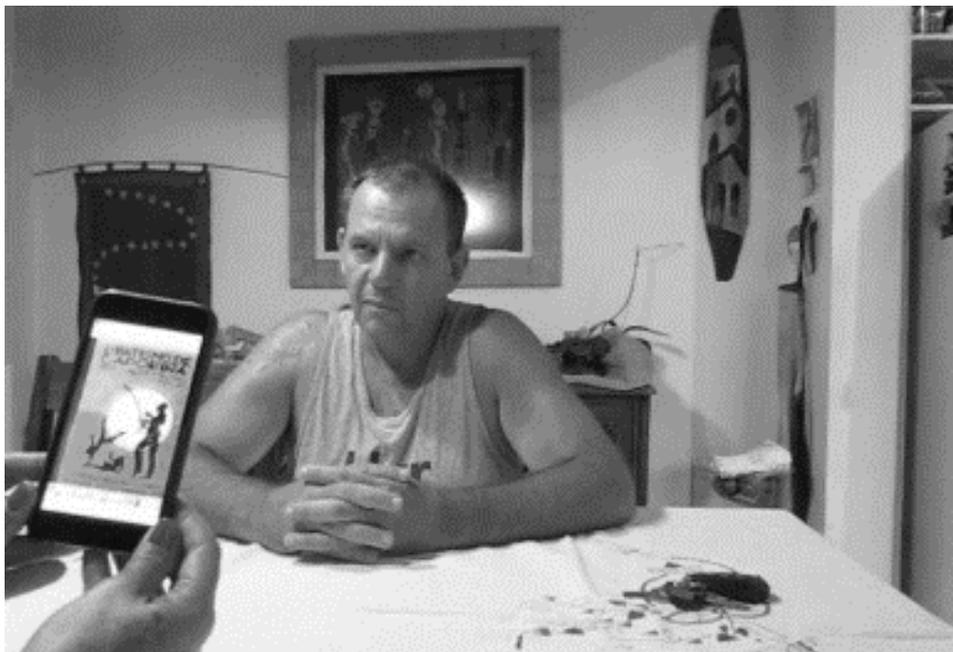


Figura 20: Foto do Mestre Alemão, durante entrevista concedida em 2017. Acervo Danuza Meneghello.

Ele é assim, insistente. Penso na formação que tivemos como capoeiristas da Palmares, dois mestres extremamente exigentes e criativos, centrados na Capoeira. De 1986-1987 até o momento em que Alemão efetivamente se afasta do grupo, e é importante deixar isso na clareza da história da Capoeira da ilha, ele não se afastou em nenhum momento *da Capoeira* (talvez ele mesmo não tenha clareza disso), Alemão se afastou do grupo, do que envolve estar em grupo. Ele permanece um capoeira. Então, a formação que estamos tendo é uma formação para todas as rodas que a vida nos apresentar. Uma formação que exige: posicionamento, fundamento, combatividade e resistência.

Pensando em Mestre Nô e em Alemão como a linha paterna e na ancestralidade<sup>33</sup> da Capoeira como a linha materna, entende-se a insistência de permanecermos em guarda, vigilantes e teimosamente lutando pela manutenção de uma luta secular em um espaço secular: a Roda de Capoeira no Mercado Público de Florianópolis.

A relevância de desenhar o contexto em que Mestre Nô se forma um capoeirista e um mestre de Capoeira, e mais, a sua importância na formação do Contramestre Alemão é exatamente para colorir em fortes cores quem são esses homens e como educaram uma geração de capoeiristas em Florianópolis. Direta ou indiretamente, foram responsáveis pela composição da *Capoeira da Ilha*. E Mestre Nô continua na atualidade a sua caminhada nordeste-sul: *é mestre que dá lição*.

Alemão destaca ainda a importância de outra figura na sua formação: Mestre Korvo, capoeirista da zona norte do Rio de Janeiro, do subúrbio, um excelente cantador que traz a malandragem, a malevolência do carioca:

[...] e vem morar em Canoas [o Mestre Korvo] e eu fico muito amigo do cara, o cara era muito legal, era muito gente boa e eu trabalhava nessa loja de artigo de umbanda do meu pai e era o encontro dos capoeiristas, porque era no centro de Canoas, eu botava sempre tocando um som de capoeira, porque meu pai vendia disco e ali vinha Camafeu de Oxóssi, os discos de capoeira vinham junto, vinha berimbau pra vender, então aí começa minha coisa com a música dentro da capoeira, porque eu ficava na loja trabalhando com o meu pai e eu botava só música de capoeira... eu tinha os discos, o Eu Bahia... eu tinha o Viva a Bahia, eu tinha o Suassuna Dirceu primeiro volume, o do Mestre Bimba... essa musicalidade chegou pra Canoas através da loja de umbanda do meu pai e os berimbaus e os atabaques também vinham pela loja... e foi aí que eu comecei a ser um instrumentista, um cantador de capoeira que foi sempre uma característica minha... e o Korvo era um cara que se identificou porque ele era umbandista... chegou ali, nós

---

<sup>33</sup> Saravá Pai Giovanni. Amor dessa filha capoeirista. Axé irmãos da gira.

ficávamos conversando, ele me explicando coisa, falando de cultura, eu me encantei com o cara. Então essas são as minhas influências de capoeira. (ALEMÃO, 2017)

Influências que carrega até hoje. E prossegue descrevendo a sua chegada a Florianópolis:

Quando eu chego em Florianópolis...quando eu chego no finalzinho de 84 em Florianópolis, eu chego, vindo de Salvador depois de um tempo, jogando capoeira pra caramba, depois com ele eu fui pro Rio de Janeiro, com o Korvo, conheci a Senzala na época...daí fui pro Circo Voador, no Circo Voador vi aquele evento com aquela montoeira de Mestres Velhos, aquilo gravou a minha cabeça, pra fazer aqui... pra fazer aqui depois... (ALEMÃO, 2017)



77

Figura 21: Circo Voador/Rio de Janeiro. 1983.

Fonte: [https://issuu.com/acervocircovoador/docs/catalogo\\_acervo\\_cronologia\\_catalogo](https://issuu.com/acervocircovoador/docs/catalogo_acervo_cronologia_catalogo). Acesso em abril de 2017.

E continua:

Por que que eu faço numa lona? A Lona Azul? Por causa do Circo Voador... uma coisa que eu tinha visto lá no Circo Voador tento fazer um circo voador em Florianópolis... porque que eu faço ali na frente do Mercado? Porque era o lugar que eu jogava capoeira... não tinha como fazer no Mercado, então eu fiz ali na frente do Mercado... no aterro da Baía Sul. (ALEMÃO, 2017)



Figura 22: Lona Azul/Florianópolis. 1990.  
Acervo Alemão.



Figura 23: Lona Azul/Florianópolis. 1990.  
Acervo Alemão.

Em 1989, quando cheguei ao chamado “Ginásio de Alumínio” do Centro de Desportos da Universidade Federal de Santa Catarina<sup>34</sup>, onde Alemão ensinava, encontrei o que fui buscar: uma luta genuinamente brasileira, com fundamento histórico e cultural.

---

<sup>34</sup> Eu fazia Geografia. Me formei. Leciono no Colégio de Aplicação. Sandra amiga e irmã foi incentivo sempre, para seguir, para acreditar que outro mundo é possível. Gratidão.

Forjada pelo negro em tempos de escravidão. E ensinada por um capoeirista que acredita que a Capoeira é uma das manifestações que resiste e combate a domesticação do corpo e a manipulação das ideias.

Em 1990, quando comecei a frequentar a Roda do Mercado, passei a entender o que é uma roda de rua e qual o seu valor para a Capoeira. Hoje escrevo sobre uma realidade que me formou e me forma como ser capoeira. Alemão passa para seus alunos o que acredita e o que lhe deu consistência e constância. Em suas palavras:

Eu sou um cara que venho de uma capoeira não de academia, eu venho de uma capoeira de fora-academia, extra-academia e aí quando eu vou pra Salvador, quando eu vejo as rodas de rua em Salvador, festa de Largo... eu piro com isso... eu completo meus dezoitos anos na roda do Bonfim... é meu rito de passagem. Eu começo a ter respeito na roda de rua... pô, me arrepio todo... (ALEMÃO, 2017)

Mostra o braço como sinal de que a memória é vida escondida e diz:

Roda de rua vira um negócio pra mim que... capoeirista que não joga na rua, ele é capoeirista de circuito fechado, capoeirista de plástico, capoeirista esterilizado. Capoeira precisa do germe da rua, dos micróbios, dos vermes da rua na mão pra criar anticorpos [...] (ALEMÃO, 2017)

79

Aqui está a essência do seu legado, o que se torna constante na sua prática e no seu dizer. E constância é algo que tenho na vida<sup>35</sup>.

A *Roda de Capoeira do Mercado* se transformou em um desafio, espaço único de superação. Ali se exercita o corpo e a resistência política. Mestre Nô, com sua história pessoal, e Alemão, agindo de acordo com os fundamentos passados pelo mestre e vivenciados em Salvador, fez da roda provavelmente mais do que esperava. Ao mesmo tempo que os capoeiristas tiveram no Mercado um espaço para praticar essa luta de ataque e defesa, precisaram conjuntamente se defender de um outro ataque, mais sutil: o preconceito social e racial. A discriminação, o xingamento, o olhar atravessado, a ameaça e a falta de lugar *vazio* no vão central foram e são alguns *golpes* dos quais temos nos esquivados.

---

<sup>35</sup> Dona Maria Constância é minha mãe. Mulher de fé. Minha mãe é mulher que dá lição de constância, de luta contínua contra as securas da vida. É seu exemplo que me ergue das rasteiras. Gratidão pela fé, mãe.

Na caminhada até os dias de hoje (2017/2018), minha prática e meu pensar sobre Capoeira têm como herança os ensinamentos desses dois sujeitos, Mestre Nô e Contramestre Alemão. Junto com o Mestre Polegar (meu irmão e professor de Capoeira), tenho coordenado o Projeto de Extensão “Capoeira da Ilha”, no mesmo local que Alemão iniciou seu trabalho, o Ginásio de Alumínio da UFSC. São trinta anos de jogo de dentro, jogo de fora, jogo entre a cultura popular e a academia. Transito entre estes espaços de saber, e com esse movimento de “tronco”, no balanço do corpo, desenvolvo uma pesquisa que me coloca de frente com a produção científica e a resistência cultural.

**JOGO DE DENTRO JOGO DE FORA: CAPÍTULO QUARTO**

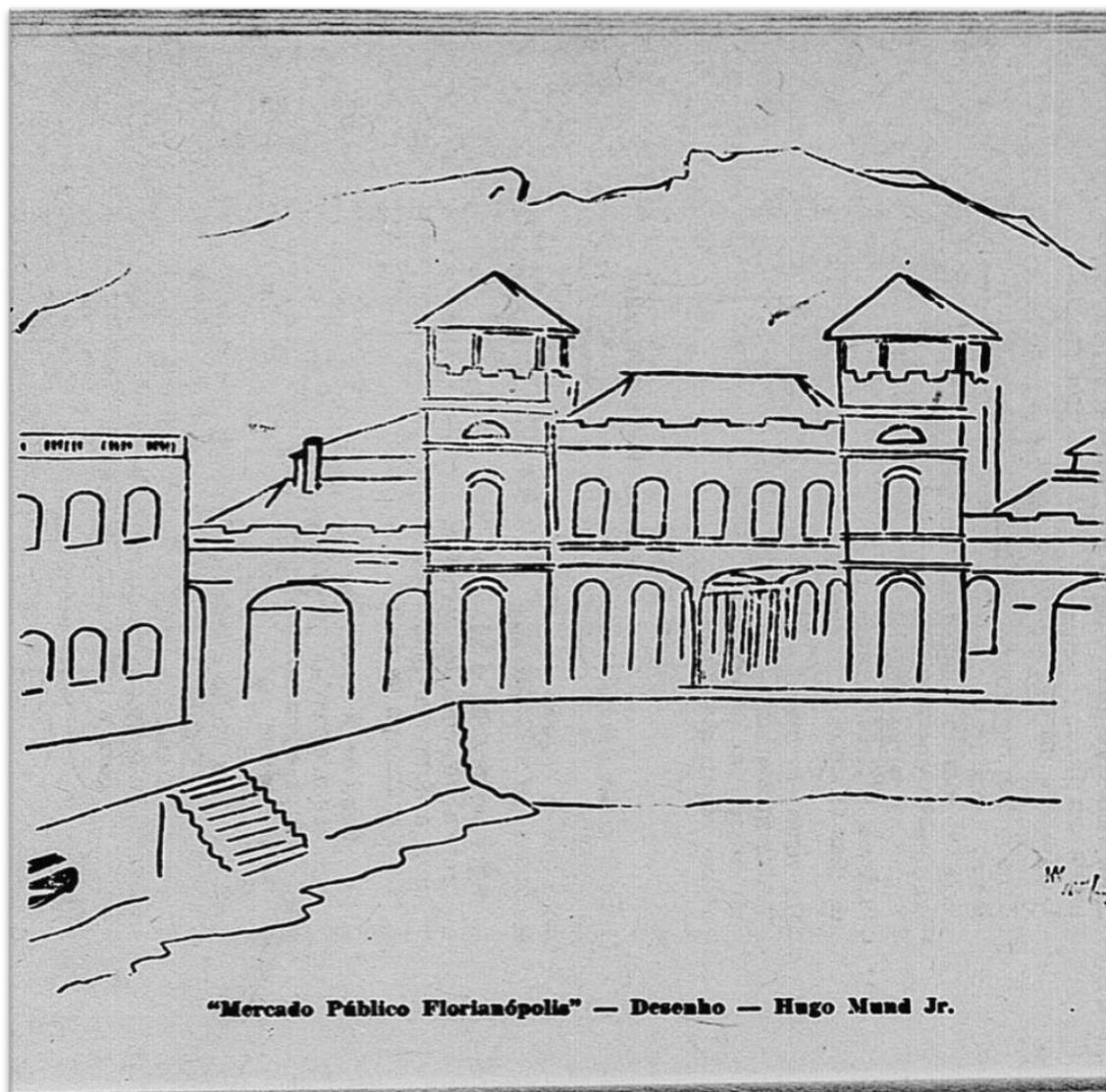


Figura 24: Sul: Revista do Círculo de Arte Moderna – 1948 a 1952 p.18.

#### 4.1 Mercado Público: espaço de passagem de coisas e gentes

*A capoeira ensina a vergar para não quebrar.* E foram muitas as tentativas de quebra. Negros e índios vêm andando vergados basicamente desde 1500, Rego (p. 12, 1968), em Capoeira Angola, coloca que “[...] o documento mais antigo, legalizando a importação de escravos para o Brasil, inclusive indicando o local de procedência é o alvará de D. João III, de 29 de março de 1559, permitindo sejam importados escravos de São Tomé [...]”. Em 1559, são quatrocentos e cinquenta e nove anos na resistência.

O tráfico de gente, gente negra, iniciou-se, pois, pouco menos de uns 50 anos após a invasão das terras do Brasil (1550). No recenseamento feito no Brasil em 1872 são apresentados alguns dados,

O Censo, feito em 1872, foi realizado com sucesso como parte das políticas inovadoras de D. Pedro II. O resultado foi o registro de 10 milhões de habitantes, onde a população escrava correspondia a 15,24% desse total. Os 10 milhões de pessoas estavam distribuídos em 21 províncias, sendo cada uma subdividida em municípios que, por sua vez, eram divididos em paróquias. Ao todo, eram 1.440 paróquias, as unidades mínimas de informação, que serviram de base para o mapa disponibilizado. O recenseamento é considerado bastante completo por trazer o único registro oficial da população escrava nacional, os imigrantes separados por nacionalidade e fazer, ainda, um inventário inédito das etnias indígenas. De acordo com o levantamento, 58% dos residentes no país se declaravam pardos ou pretos, contra 38% que se diziam brancos. Os estrangeiros somavam 3,8%, entre portugueses, alemães, africanos livres e franceses. Os indígenas perfaziam 4% do total dos habitantes (BRASIL, 2013).

82

Cinquenta e oito por cento de negros e pardos, séculos atrás. Em um país que em relação a escravidão apostou na desmemória (queima de diversos documentos alusivos ao período escravista) e elaborou um discurso da igualdade racial, falso, que mantém até os dias atuais. Nosso trabalho não tem como objetivo apresentar as políticas eugenistas, de branqueamento desenvolvidas no Brasil, mas elas aparecem tanto na mídia como no pensamento acadêmico e em livros didáticos. São inúmeras as tentativas de homogeneizar a cor dos que vivem abaixo do Equador,

[...] o início da política de “embranquecimento” do povo, com a chegada dos primeiros grupos de imigrantes europeus. “A solução para o que era visto como um problema (a população negra e indígena) era o projeto de embranquecimento”, afirma José Luis Petruccelli, pesquisador do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). “Em 350 anos de tráfico negreiro, entraram no país cerca de 4 milhões

de africanos. Entre 1870 e 1930 vieram morar aqui praticamente 4 milhões de imigrantes europeus”, compara. (BRASIL,2013).

E acrescenta,

Quando o Censo foi feito, acabava de entrar em vigor no Brasil a Lei do Ventre Livre (28 de setembro de 1871) que tornava livres as crianças nascidas de mulheres escravas. Consequência de pressões nacional e internacional, ela foi sancionada em um momento em que o Brasil ainda registrava um significativo número de escravizados. Os motivos que levaram o Governo Imperial a se empenhar em registrar os dados censitários da população da época são, até hoje, motivo de debate entre especialistas. Em 1885 foi promulgada a Lei dos Sexagenários, tornando libertos os escravos com mais de 60 anos. A Abolição da Escravatura ocorreu somente em 1888. O Brasil foi o último país a decretar a abolição. (BRASIL, 2013).

Em Santa Catarina, em Desterro, se tem registro de escravos desde 1536. Barros, comenta que nos relatos de viajantes aparecem indicações sobre a existência de escravos. E que “Dias Velho, ao fundar a Póvoa de Nossa Senhora do Desterro, estava acompanhado de sua família, agregados e escravos”.

A mesma autora destaca que

[...] a mão-de-obra escrava passou a ser inserida dentro do cotidiano ilhéu. Serviam para o serviço doméstico ou urbano. Os homens abasteciam a iluminação pública, removiam os excrementos, carregavam mercadorias em serviços portuários, trabalhavam em edificações ou serviços ambulantes. As mulheres trabalhavam como lavadeiras, costureiras, amas de leite, quitandeiras ou serviços domésticos. (BARROS, 2008)

No Brasil, as manifestações do negro são marcas que o branco (a ideologia burguesa branca) através do extermínio, da genética e da estética tem, violentamente, procurado apagar.

O IBGE, entre as diversas pesquisas que realiza, uma delas é sobre a cor ou raça da população brasileira (autodeclararão). As pessoas são perguntadas sobre sua cor. As opções são: branca, preta, parda, indígena ou amarela.

Em 2015 de acordo com dados da PNAD, o resultado foi: 45,22% dos brasileiros se declaram como brancos, 45,06% como pardos, 8,86% como pretos, 0,47% como amarelos e 0,38% como indígenas (IBGE, 2017). A população residente estimada no Brasil era de 206 milhões de pessoas. Negros e pardos perfaziam 53,92% da população.

Negros e pardos, essa mesma raça que fugia da senzala, formava quilombos (Quilombo dos Palmares, por exemplo, de 1630 a 1697) e se rebelava contra a chibata. A mesma raça que cria na adversidade, uma luta de ataque e defesa: a capoeira. Negros que, em solo brasileiro, na resistência contra a escravidão, fazem do corpo arma de liberdade.

Lima et al. (2009, p. 15) nos instiga a pensar, quando coloca “No que diz respeito aos afro-descendente [...] a questão começa a partir do momento em que o espaço, marcado pelo humano, tem essa marca apagada de forma violenta e substituída por outra”.

E mais, afirma que o ato de retirar do espaço geográfico o registro de um povo é na realidade torna-lo nulo de humanidade e faze-lo “[...] incapaz de marcar o seu próprio espaço”. (LIMA et al, 2009, p. 15). Estamos aqui considerando que o espaço geográfico é onde se dá a experiência histórica e social dos grupos e indivíduos.

O espaço geográfico está marcado por nosso movimento, ao movimentar-nos registramos nosso pensar e nossas ações que são sociais e são individuais. Vamos nos tornando seres sociais, coletivos, mas o tempo não deixa de revelar o nosso íntimo ser. É na mutabilidade dos outros e das coisas que presenciamos o correr do tempo.

E o tempo não envelhece. Esse pensar, essa observação é algo muito presente no mundo da capoeira, nas conversas. Principalmente por que para esses sujeitos a volta do mundo é grande e para tudo tem seu tempo. Nada termina definitivamente. Em um outro lugar e em outro tempo a capoeira te possibilita um novo movimento, uma nova jogada, um constante começo: “o tempo não para”.

No movimento da sociedade vamos registrando no espaço geográfico nossas ações, deixando marcas. Não seria o tempo a régua e o compasso? O instrumento que guarda e espalha essas marcas?

E ao pensar sobre o tempo pensamos em velocidade. A rapidez e a instantaneidade de tudo: coisas e gentes. As mudanças que são registradas na memória: eis a ação brutal do tempo sobre as sociedades.

E lembrar, não esquecer, é ação fundamental, quando se fala em memória nacional. A memória ao guardar a lembrança do que viu, foi, fez, é fundamental porque preserva na mente (e coração), o legado de outras gerações. Nos torna responsáveis socialmente. Nos possibilita o avanço (coletivo) do pensar e do fazer. A memória é possibilidade de preservarmos a ação do tempo no espaço. No entanto as imagens e mensagens geradas pelos meios de comunicação fazem, criam realidades. Podemos

observar a *fábrica de ilusões* em ação quando observamos por exemplo as propagandas ou campanhas sobre revitalizações (que significa *dar vida nova* ou restituir à vida). O Mercado Público de Florianópolis, é um exemplo. *Não estava morto*, estava sem restauro, sem cuidado, sem investimento público. É então revitalizado, e se torna espaço de exclusão de uma classe social. Já não admite o casual, o não formal.

São esses lugares que nos possibilitam enxergar as contradições do mundo.

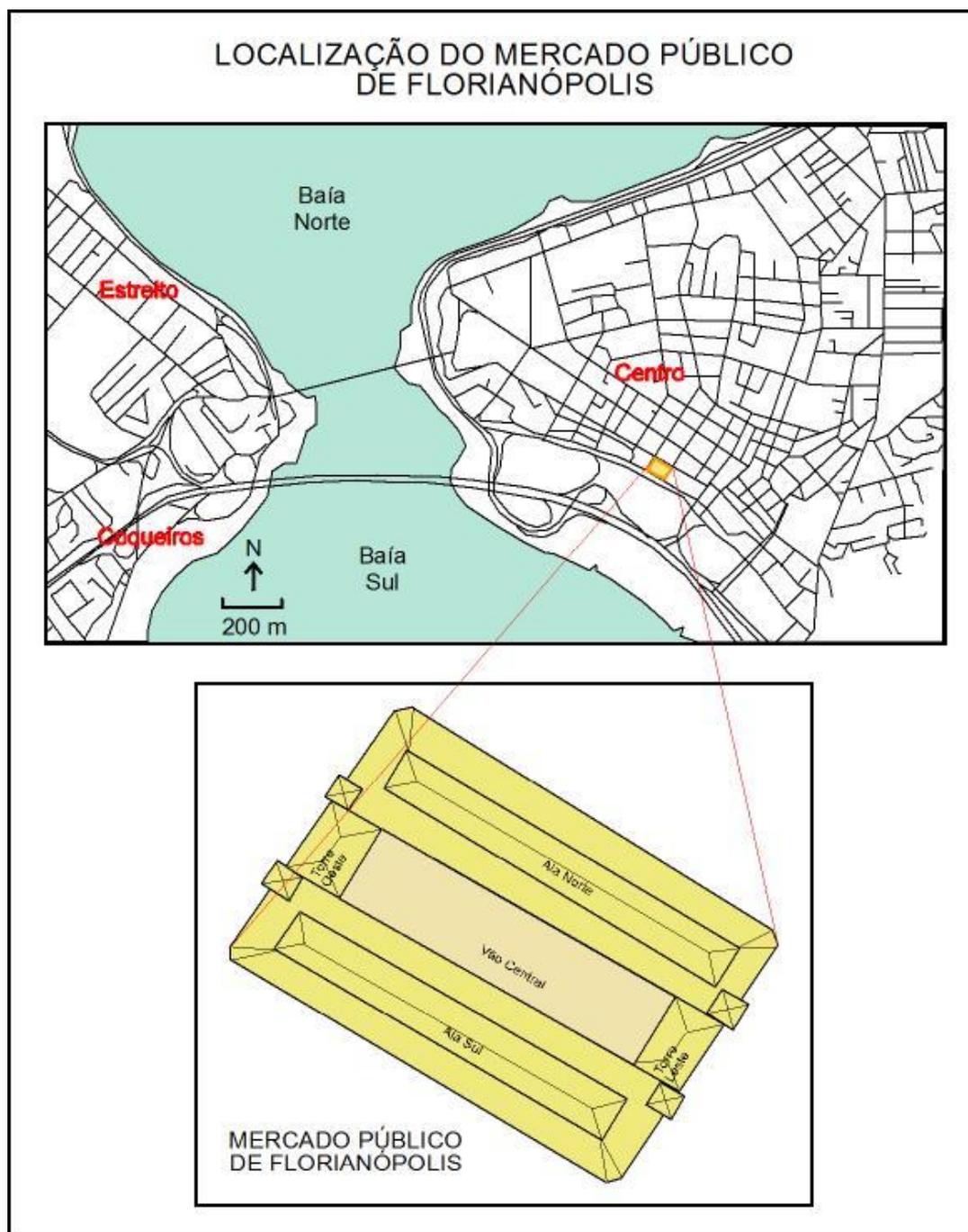


Figura 25: Mapa de localização do Mercado Público de Florianópolis  
FONTE: Elaborado pelo professor e geógrafo Marcio Marchi, 2018.

Nas fotos antigas que retratam a cidade, o Mercado Público e a Alfândega sempre foram os lugares da compra e da venda. Troca de coisas: do peixe, da verdura, da carne, do cereal. Troca de humanidades: da informação corriqueira e oficial, das receitas de remédios caseiros, dos encontros e das desavenças.



Figura 26: Mercado e cais do porto. Primeiras décadas do século XX.  
Acervo: Arquivo Público Estadual (APE)

Nas fotos antigas chama atenção a diversidade das pessoas e das atividades. Em uma o cais do porto, o trabalho ligado ao mar, o chegar e o partir. Nas outras o movimento de gente. A atual rua Conselheiro Mafra (próxima foto) repleta de pessoas lembra as manhãs de sábado dos dias de hoje. Leiteiros, carroças com sacas de alimentos, homens com distintas vestimentas, poucas mulheres, policiais, crianças descalças. Em outra foto o homem com seu balaio, a bicicleta e o menino, a carroça, o ônibus e a vigilância policial, sempre.

O Mercado era a porta da cidade.



Figura 27: Mercado no lugar atual. Ao fundo o prédio da Alfândega. Primeiras décadas do século XX.

Acervo Fonte: APE

87



Figura 28: Ao fundo o Mercado Público, década de 1950. Acervo: APE

Ainda o é.



Figura 29: Mercado no fim do dia. Primeiras décadas do século XXI.  
Acervo: Danuza Meneghello (2016).

88

Porém estreita.



Figura 30: Roda do Mercado. No Vão Central: as mesas. Primeiras décadas do século XXI.  
Acervo: Danuza Meneghello (2017).

Em 1898, a Lei Número 56, do município de Florianópolis, que trata sobre a praça do Mercado, capítulo 3, já recitava uma ladainha, que em parte permanece até hoje,

Art. 24. Dentro da praça e suas imediações é proibido:  
§ 2º. Haver jogos, tocatas, danças e quaisquer outros divertimentos que possam ocasionar alaridos. (FLORIANÓPOLIS, LEI NÚMERO 56, 1898)



Figuras 31: Conflito entre comerciantes e capoeirista. Roda do Mercado. Ano de 2015.



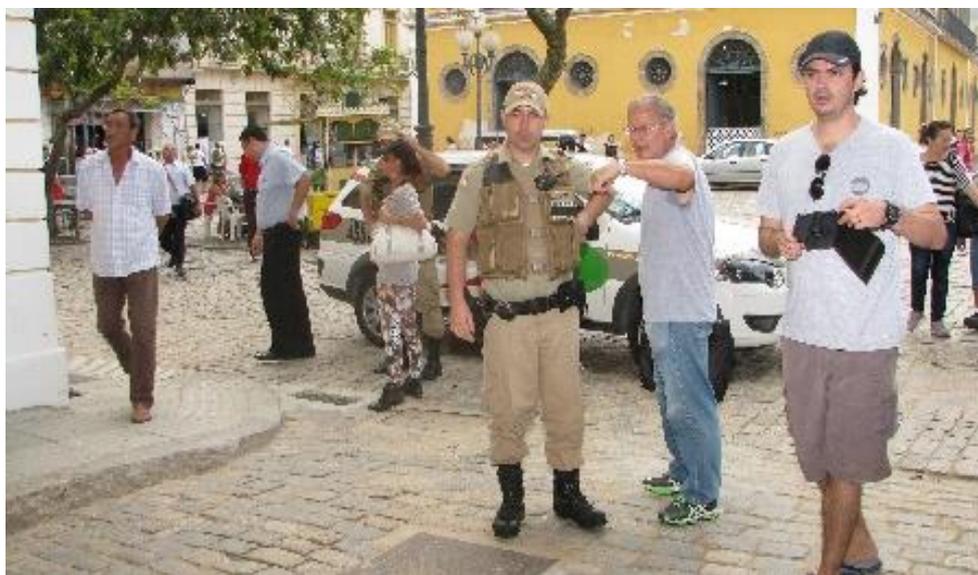
Figura 32: Policiais abordando capoeirista. Roda do Mercado. Ano de 2015.  
Acervo: Danuza Meneghello.

§ 4º Vagarem ébrios e mendigos. O administrador os advertirá para que se retirem e não o fazendo os remetterá a autoridade competente. (FLORIANÓPOLIS, LEI NÚMERO 56, 1898)



Figura 33: Augustus Earle, Negroes Fighting, Brazils [Negros combatendo, Brasil]. Rio de Janeiro. 1821 a 1824).

90



*“Olha lá o nego!”<sup>36</sup>*

Figura 34: Intervenção policial, ano de 2015.  
Acervo: Danuza Meneghello.

<sup>36</sup> “Olha lá o negro Olha o negro sinhá/Mas que nego danado/Olha o negro sinhá/Oi me pega esse nego/Olha o negro sinhá/E derruba no chão/Olha o negro sinhá/Esse nego é valente/Olha o negro sinhá/Esse nego é um cão/Olha o negro sinhá [...]” Corrido de Capoeira. Domínio popular.

Um dos entrevistados, a *Mesa*, é assim que será identificada<sup>37</sup>, quando comentou sobre as mudanças ocorridas no Mercado (entrevista realizada em novembro de 2017), disse que “melhorou 100%, em todos os sentidos, limpeza, segurança... não tem que sentar com maconheiro, prostitutas... hoje o Mercado mudou, você pode sentar com crianças, famílias...” (MESA, 2017).

§ 5º. Demorem-se os criados ou quaesquer pessoas mais tempo que necessário para fazerem suas compras. (FLORIANÓPOLIS, LEI NÚMERO 56, 1898)

Impressiona nas leis que tivemos acesso, através das pesquisas realizadas no Arquivo Público Estadual (2017) e no Arquivo Público do Município (2017/2018), que tratam do controle social, policial sobre os moradores. A cidade era regida por toques de recolher, códigos de postura, castigos aos escravos, pena de morte, proibições das mais variadas principalmente relacionadas aos negros escravizados – pelos informes oficiais em 24 de março de 1888 a cidade de Desterro não tinha mais escravos, no dia 25 os últimos cativos receberam suas cartas de alforria (BARROS, 2008). E entrelaçado a esse rigor puritano temos na mesma cidade, roda dos enjeitados (mulheres que por *algum* motivo colocavam seus filhos na “roda”, que se localizava no Hospital de Caridade), procissões católicas, cadeia pública insalubre ao extremo, enfim as contradições de uma província inserida em uma república recém instituída. Na realidade o que assombra é que essa moral provinciana varou os séculos, e mesclada a ganância de uma elite burra tem feito desse lugar o paraíso de empreendedores vorazes que seguem uma cartilha rentista:

Florianópolis é sinônimo de lindas praias, morros com mata nativa, natureza exuberante e de um povo generoso e acolhedor, mas os encantos da capital catarinense vão muito além das belezas naturais e de sua gente: Floripa é um polo de oportunidades de bons negócios, de crescimento profissional e de qualidade de vida. Em razão disso, a cidade passou, de destino turístico preferido por 9 entre 10 brasileiros, a lugar ideal para empreender e criar os filhos, e morar em Florianópolis é, hoje, sonho de muita gente do País e de fora. (REAL URBANISMO, 2018).

---

<sup>37</sup> Tivemos que lidar com alguns contratemplos e exigências durante as entrevistas. A saber: a) aqueles que não quiseram ser entrevistados; b) aqueles que não aceitaram a gravação da entrevista concedida e c) aqueles que foram entrevistados, mas não autorizaram a identificação.

O texto assombra não pelo conteúdo, mas pelo fato de que existam pessoas que acreditam no que está escrito. Se em 2018 textos como este formam opinião e vendem mercadorias (e ilusões) até a velha figueira corre perigo. São inúmeros os projetos de *revitalização do Centro Histórico de Florianópolis*. Inúmeros<sup>38</sup>.

Mas voltemos ao Mercado Público. Esse que já é conteúdo dado pela cartilha das *ações revitalizadoras*.

Dita a Lei Número 56, de 1898:

Art. 25. A praça depois de fechada só poderá ser aberta quando houver ordem do Superintendente Municipal ou de qualquer autoridade policial.



92

Figura 35: Mercado em 2016. O mundo dá voltas.  
Acervo pessoal Danuza Meneghello.

Art. 43. Os quitandeiros têm as seguintes obrigações:  
§ 2º. A de assentarem-se no pateo em frente de seus lugares de modo a não *embaraçarem o trânsito* (grifo nosso).

---

<sup>38</sup> Podemos conferir alguns desses projetos disponibilizados no site Floripamanhã. Disponível em: <<http://floripamanha.org/2018/02/revitalizacao-do-largo-da-alfandega-divide-opinioes/>>. <<http://floripamanha.org/2018/01/aberto-edital-para-revitalizacao-do-centro-historico/>>. Acesso em: abril 2017.

§ 4º a de retirarem-se da praça do mercado, até o anoitecer, pois lhe é proibido ahi pernoitarem. (FLORIANÓPOLIS, Lei Número 56, de 1898)

O artigo acima é de 1898. Os quitandeiros são negras e negros, que principalmente durante a escravidão não podiam sequer adentrar na praça do mercado. Popinigis (2013), na página 160 comenta que “[...] em 1855, Desterro tinha 5.611 habitantes, dos quais 1.436 (25%) eram escravos. No Mercado [...] era ali que os escravos e escravas faziam a vida[...]”, tanto os escravos como os negros forros vendiam diversos produtos. E acrescenta, “[...] a praça do Mercado era, além da troca [...] o lugar onde se travavam relações sociais”. Relata que o regulamento do Mercado na metade do século XIX não permitia que pretos de ganho e mendigos andassem dentro da Praça do Mercado e que a desobediência acarretaria cadeia por 24 horas. Mas nos arredores, nas margens do Mercado, as negras (quitandeiras) continuavam a fazer comida para vender.

Nas margens. Atualmente essa é a sugestão destacada por *Mesa*, durante a sua entrevista, para a Roda do Mercado, “[...] parece uma birra fazer a roda no vão *central* (destaque nosso), sábado é o melhor dia, podem levar a roda para frente, para fora do Mercado, como se fosse a porta do Mercado [...]” e nesse momento argumentamos que a porta pode significar também saída e “[...] não é saída, é a união de duas áreas. O prédio é histórico, mas a prioridade hoje em dia mudou”. E assim tem sido, ou fora ou entre a passagem das alas sul e norte, e sempre sendo acusados de que *embaraçamos o trânsito*, o caminho.

No século XIX, no centro, no Vão Central do Mercado Público, só com autorização. No Art. 11. da Lei de 1896 reza que os “lugares entre as columnas são destinados para os quitandeiros exporem a venda tudo o que não é proibido existir na praça [...]”, e que *não passem do alinhamento das colunas*. A capoeira do porão onde foi gestada, ao vão onde tem sido jogada, tem sido como diriam os manés (como são chamados os nativos de Florianópolis), estorvo por onde passa. Principalmente por que *sempre passa* dos limites impostos ou consolidados: passou da senzala para os quilombos, dos quilombos para as ruas, das ruas para as cadeias<sup>39</sup>, das cadeias para as academias, das academias para as ruas e *para os vãos*.

---

<sup>39</sup> Em 1890 a Capoeira foi incluída no Código Penal Brasileiro, por meio do DECRETO Nº. 847, de 11 out., no Artigo 402. A partir daí foi considerada crime e violentamente perseguida. Conferir: BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. DECRETO Nº 847, de 11 de outubro de 1890. Código Penal dos Estados Unidos do Brazil: dos vadios e capoeiras. Capítulo XIII. Rio de Janeiro,

No Capítulo III, da **Colecção de Leis**, de 10 de maio de 1845, que trata da Tranquilidade Pública, encontramos outras passagens do cotidiano dos negros que nos fazem lembrar dos dias de hoje:

Artigo 38. Ficão prohibidos d'aqui em diante, os ajuntamentos de escravos, ou libertos para formarem batuques [...] Todos os que contravierem serão multados [...] sendo livres, e não tendo com que pagar [...] cadeia; e sendo captivos, e achando-se sem licença do seu senhor, será castigado conforme a lei. (APESC, 1845)

E, no **Decreto nº 15.347**<sup>40</sup>, de 28 de outubro de 2015, Capítulo I:

Artigo 4º § 5º Ficam *permitidas* [destaque nosso] apresentações culturais e/ou musicais no Espaço Luiz Henrique Rosa (Vão Central) *patrocinadas* pela Associação dos Permissionários do Novo Mercado Público de Florianópolis, em dias úteis, até às 22h; aos sábados, até às 19:00h; e, excepcionalmente, aos domingos e feriados, até às 17h (FLORIANÓPOLIS, 2015).

Ou seja, de acordo com o Artigo 2º § 4º, a Prefeitura Municipal de Florianópolis reconhece como legítima representante dos contratantes a Associação dos Permissionários do Novo Mercado Público de Florianópolis, uma entidade privada. Como consta no Parágrafo 5º, a Outorga será processada através do regime de concessão onerosa de uso, mediante contrato pelo prazo de 15 (quinze) anos. Depois desse tempo, poderá ser renovada por igual período caso exista interesse das partes.

O Gerente do Mercado, Peterson Rosa, que está vinculado à Secretaria de Administração (cargo comissionado) comenta sobre o Decreto 15.347:

O decreto dá um direcionamento do que deve ser feito. Fala sobre *as atividades não comerciais* (destaque nosso), o uso do espaço comum para outras atividades. Funciona da melhor maneira. Os eventos precisam de autorização do setor administrativo da Prefeitura. O espaço para essas atividades culturais é a passagem da ala sul para norte. Considero que o espaço é adequado para apresentações culturais. Não considero que a passagem seja pequena. É o espaço que tem. (ROSA, 2017)

---

RJ, 11 out. 1890. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaoor>>. Acesso em: 07 maio 2017.

<sup>40</sup> O Regulamento do Mercado Público Municipal de Florianópolis e outros documentos de igual teor podem ser encontrados na íntegra no site: <<https://leismunicipais.com.br>>.



Figura 36: Roda em janeiro de 2018. Na passagem.  
Acervo pessoal Danuza Meneghello.

95

É o espaço que tem.



Figura 37: Roda em junho de 2017. Na passagem.  
Acervo pessoal Danuza Meneghello.



Figura 38: Visão da Roda de Capoeira de dentro do Mercado.  
Acervo pessoal Danuza Meneghello.

Hoje é o espaço que tem para as manifestações culturais. Principalmente, na opinião de Peterson Rosa, na entrevista realizada em outubro de 2017, as que fazem parte da *cultura açoriana*, que não é o caso da Capoeira, “ela não faz parte da cultura catarinense, não faz parte da cultura açoriana. É um esporte”. Assim como os negros, que na sua quase totalidade, não podiam adentrar nos mercados construídos nessa cidade, não faziam parte da sociedade açoriana.

Antes de 1896 (quando o prédio do Mercado definitivamente é construído no local atual), quitandeiras, pombeiros, enfim os negros que circulavam pelo espaço urbano de Desterro e de Florianópolis estavam sempre de passagem, não podiam se demorar,

Artigo 33. Todo o vendeiro, que consentir dentro do armazém, taberna, ou casa de quitanda, vadios, escravos por mais tempo que necessário para compra ou venda, ou consentir nas ditas cazas de negócio, e quitanda, ou as suas portas ajuntamentos d'elles, toques, danças, ou quaisquer vozerias, será multado [...]

Artigo 40. Os escravos que forem encontrados pelas ruas, e praças á jogar, serão prezos. E entregues à polícia para os punir. (APESC, 1845, Capítulo III).



Figura 39: Augustus Earle, Dance, Brazil, 1820-24.

Disponível em: <<https://riachaotavacantando.wordpress.com/2011/03/18/augustus-earle-capoeira/>>

E nos Mercados anteriores era o mesmo impasse. Qual o *lugar* dos negros escravos ou libertos?

97

Na década de 1830, como relata Popinigis (2013), o Mercado estava localizado abaixo da Praça XV. Ali as quitandeiras estendiam suas tendas e seus panos e vendiam seus produtos. Pelos anos de 1838 as primeiras propostas para a construção de uma Praça do Mercado começam a ser debatidas. Quando o Mercado, as barraquinhas na realidade, são transferidas para as proximidades do Forte Santa Bárbara, atual Museu do Mar na João Pinto e a Ponte do Vinagre (Rio da Bulha), atual Hercílio Luz, a situação dos negros que tinham autorização para comercializar para si e para os seus senhores e senhoras era controlada e restritiva. No Código de Posturas de 1845, o Artigo 41 proibia expressamente os escravos de andarem nas ruas, ou estarem nas praças com quitandas, depois do toque, ou horas de recolher.

A mudança das barraquinhas foi devida a passagem da família real por Desterro. São os anos de 1845, e é importante salientar o motivo que faz com que as autoridades políticas da cidade façam essas mudanças: a *higiene*. Ou para usar um conceito atual, era necessário revitalizar a área, fazer a higienização do lugar: física e social. De lá pra cá várias “faxinas” serão feitas no centro de Florianópolis: na construção do Mercado Público no lugar atual (final do século XIX); na construção da Ponte Hercílio Luz (década

de 1920); nos aterros feitos na década de 1970<sup>41</sup>; no final da década de 1990 e início dos anos 2000 (retirada dos artesãos da Praça XV de Novembro); reformas em 2015 no Mercado Público; e mudanças em todo o centro histórico coordenado pelo setor privado com o apoio logístico e administrativo do poder público.

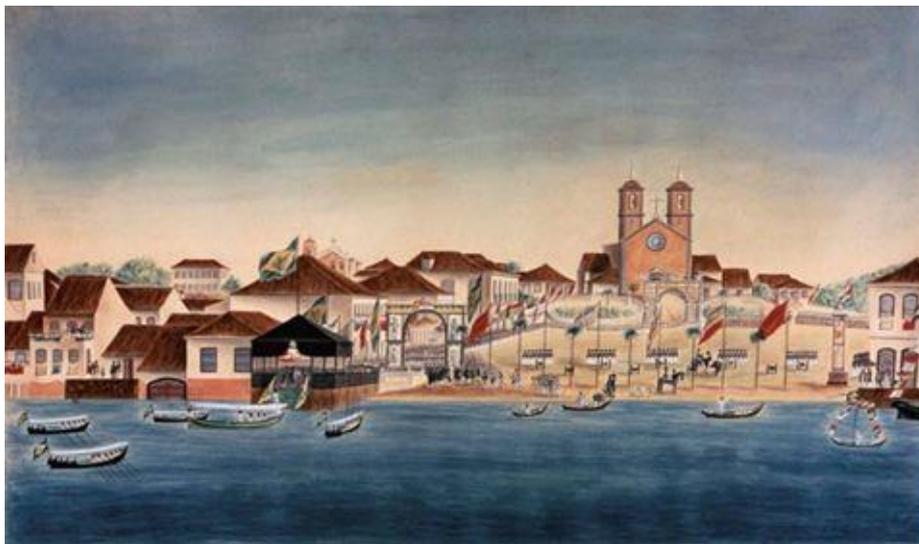


Figura 40: “Desembarque do Imperador Dom Pedro II e da Imperatriz Dona Tereza Cristina na Ilha de Santa Catarina, no dia 12 de outubro de 1845”, Vicente Pietro, 1845. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/plural/ha-170-anos-a-capital-da-provincia-e-freguesias-recebiam-a-visita-imperial>>. Acesso em: 10 maio 2018.

98

Em matéria publicada em jornal local, destacamos uma parte da história do Mercado Público, onde observamos o discurso da ordem e da higiene,

Antes do surgimento das redes de supermercados, o Mercado Público exerceu um papel estratégico no abastecimento de Florianópolis. A cidade foi uma das poucas a ter dois mercados públicos. Um funcionou de 1851 a 1896, quando foi demolido.

O outro funciona de 1896 até hoje, tendo recebido uma nova ala em 1931.

– A construção do primeiro prédio, além de ter sido um marco das lutas higienistas na cidade do Desterro, foi também a tentativa inicial de romper com o desenvolvimento urbano espontâneo que até então imperava na região – afirma Nivaldo Jorge da Silva, autor de *A Descoberta do Mercado*.

No final do século 18, os mercadores se aglomeravam em frente a atual praça 15 de Novembro. Ali eram vendidos em esteiras, no chão, ou às vezes direto das canoas, quase todos os tipos de gêneros alimentícios.

---

<sup>41</sup> Durante esses processos já citados dá-se a ocupação do maciço do Morro da Cruz, inicialmente na parte oeste/sul.

Mais tarde foram erguidas barraquinhas, mas a situação sanitária continuou péssima. (**Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 mar. 1998)

E o que preocupa a administração provinciana lá, século XIX, é o que atribula a administração municipal aqui, século XXI: sujeira, roubo, prostituição,

Em 1861 a Câmara de Nossa Senhora do Desterro pede ao governo provincial autorização para demolir as barraquinhas, porque elas eram “alugadas a pessoas imorais e até escravos, e que desde sua origem tem sido receptáculo de roubos e lugar de todo o gênero de prostituição, além do ridículo aspecto que faz apresentar à praia da praça da cidade” (in Eliane Veras da Veiga, *Processo Histórico de Mutação da Paisagem Urbana da  rea Central de Florianópolis*). Depois de muita pol mica [...], decidiu-se construir um mercado na parte mais baixa do Largo da Matriz. No dia 6 de janeiro de 1851, o presidente da Província entregou as chaves ao presidente da Câmara. Quatro dias depois, um edital autorizava a venda de “carne, peixe e todos os mais g neros” no Mercado Público, que permaneceu na Praça da Matriz até 1896, quando foi demolido. (**Diário Catarinense**, Florianópolis, 11 mar. 1998)



Figura 41: Obras do aterro para a constru o da ala norte do Mercado Público de Florianópolis (1894). Ao fundo o antigo prédio da Alfândega.

Disponível em: <<http://fotosantigasflorianopolis.blogspot.com.br/>>. Acesso em abril 2017.

Na década de 1920, iniciam-se os trabalhos para a constru o da Ponte Hercílio Luz. Observa-se na Figura 41 o antigo cemitério, que será transferido para o atual bairro do Itacorubi. Atualmente localiza-se neste lugar o Parque da Luz.



Figura 42: Antigo cemitério na parte leste do “estrito” que separa a Ilha do Continente. Atual Parque da Luz.

Disponível em: <<http://fotosantigasflorianopolis.blogspot.com.br/>>. Acesso em abril 2017.

Na década de 1970 iniciam-se as obras no Aterro da Baía Sul. A cidade muda radicalmente depois dessa obra. É o começo de grandes projetos do setor imobiliário.

100



Figura 43: Visão parcial do Centro de Florianópolis (1970).

Disponível em: <<https://bicicletanarua.files.wordpress.com/2011/10/dc-2010-05-02-fig-2.jpeg>>.

Acesso em: 10 abril 2018.

E Florianópolis continua desenvolvendo projetos “alvejantes”, que ou estão em andamento ou sendo pensados para o seu Centro Histórico. Limpeza é sinônimo de brancura e ordenamento.



Figura 44: Passeio da Liberdade. Projeto em andamento/em obras.  
Liberdade para quem? Disponível em: <<https://www.realurbanismo.com.br/passeio-da-liberdade/>>. Acesso em 10 abril 2018.

101



Figura 45: Mercado Público de Florianópolis, 2017. Projeto concluído.  
Acervo pessoal Danuza Meneghello.



Figura 46: Projeto de revitalização do Largo da Alfandega. Em elaboração.  
Disponível em: <<http://floripamanha.org/2018/02/edital-preve-revitalizacao-do-largo-da-alfandega-em-florianopolis/>>. Acesso em 10 abril 2018.



Figura 47: Projeto Centro Sapiens: transformar o Centro Histórico de Florianópolis (parte leste), em um local criativo, voltado para turismo, gastronomia e tecnologia. Em andamento.  
Disponível em: <<https://centrosapiens.com.br/sobre/>>. Acesso em 10 abril 2018.

São Projetos desenvolvidos pelo município junto com a iniciativa privada. Mas não só. Diversos setores da sociedade civil participam e ao se analisar quem as compõem nos deparamos em grande parte com representantes da classe alta de Florianópolis e empresariado<sup>42</sup>.

O Mercado Público é um excelente lugar para observarmos o movimento político da cidade. É espaço de disputa social, de ideias. Desde quando a venda e a compra aconteciam a céu aberto, até os dias de hoje a céu fechado.



<sup>42</sup>Associação FloripAmanhã Gestão 2018/2019 Presidente: Anita Pires; Vice-presidente: Salomão Mattos Sobrinho.



FONTE: Infográfico elaborado pela autora com fotos do APE-SC e Casa da Memória.

Essa breve cronologia foi retirada de um dos documentos do IPUF, enviado por correio eletrônico pela arquiteta Karina Baseggio em 30 de novembro de 2017, e trata do Tombamento do Mercado Público de Florianópolis. Sobre o Tombamento em 1984 e as necessárias obras no prédio, o IPUF considera no documento que:

Com essas medidas de restauração, a Prefeitura, através do IPUF, objetiva preservar um significativo Patrimônio Cultural do Município, além de permitir a reanimação do centro histórico através da inserção de novos usos e de incentivar atividades culturais, através de realização de pequenas apresentações do folclore local e diversas manifestações artísticas da cidade.

FONTE: IPUF, 2017.

No destaque acima chama a atenção a palavra “reanimação” do centro histórico. Animar novamente, é mais ou menos esse o sentido da palavra. E reanimar nessa perspectiva é inserir novos usos (hoje é revitalizar). Possibilitar que o pátio do Mercado fosse um "palco" para atividade culturais, “pequenas” apresentações: folclore local e manifestações artísticas. O que causa uma certa dúvida é o que consideram folclore local? É bem provável que a capoeira entraria nas manifestações artísticas.

Independente da palavra, a ação, a intenção é a mesma: selecionar a atividade e o público. Em 1984 essa era a ideia. No decorrer de trinta e um anos (reforma de 2015), algo na lógica dos órgãos públicos não deu certo. A reanimação do século passado não manteve o lugar animado. Em 2015 a *revitalização* é mais uma tentativa de trazer a vida para o lugar. Cabe a pergunta: vida para quem?

O Decreto 035/84 versa sobre a transformação do prédio do Mercado em patrimônio municipal. Fato que permanece até hoje apesar das inúmeras tentativas para o seu tombamento como patrimônio federal.

DECRETO Nº 035/84

ASSINATURA  
Bel. Severino José Dias  
Chefe Divisão Documentação  
Mot. 2477 - GABINETE PREFEITURA

O Prefeito Municipal de Florianópolis, no uso de suas atribuições e com base na Lei 1.202 de 02 de abril de 1974 e;

DECRETA

Art. 1º Fica tombado, nos termos do art. 1º e art. 6º da Lei Municipal nº 1.202 de 02.04.74, como Patrimônio Histórico e Artístico do Município, o Mercado Público de Florianópolis, localizado à Rua Francisco Tolentino, de propriedade do Município, devendo o tombamento ser inscrito no competente livro de Tombo do Serviço de Proteção do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município - SPHAM.

Art. 2º Este Decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal, em Florianópolis, aos 20 de março de 1984.



ONOFRE SANTO AGOSTINI

Secretário Municipal Chefe de Gabinete  
(Autorizado conforme Portaria nº 03/84  
do Prefeito Municipal)

FONTE: Florianópolis. **DECRETO Nº 035**, de 1984.

106

A Lei nº 1.204/74 dispõe sobre a proteção do PATRIMÔNIO HISTÓRICO, ARTÍSTICO E NATURAL DO MUNICÍPIO E CRIA O ÓRGÃO COMPETENTE. O Artigo 1º determina que:

Constituem patrimônio histórico e artístico do Município de Florianópolis, os bens móveis e imóveis existentes no seu território, cuja conservação seja de interesses público, quer por sua vinculação a fatos históricos notáveis, quer por seu valor cultural a qualquer título. (LEI Nº 1.204/74)

E continua, no Artigo 18:

Os bens tombados não poderão ser, em nenhuma hipótese, destruídos, demolidos ou mutilados ou restaurados, sem prévia autorização especial do SPHAM, sob pena de embargo e multa de 100% (cem por cento) do dano causado, além das cominações previstas no artigo 23. (LEI Nº 1.204/74)

O Artigo 19 reza que o imóvel tombado como patrimônio histórico, cultural e/ou arquitetônico poderão ser identificados através de placa. O Mercado é edificação tombada e está inserido em Áreas de Preservação Cultural (APC-1) e classificado na categoria 1.

Além disso, diz a lei que os bens tombados ficarão sujeitos a vigilância permanente do SPHAM (atual SEPHAN), “[...] que poderá inspeciona-los sempre que julgar conveniente, não podendo os respectivos proprietários ou responsáveis criar obstáculos à inspeção [...]”.

As placas existem. O espaço para as apresentações culturais, não.



Figura 48: Fotos das placas referentes ao tombamento e preservação do Mercado Público de Florianópolis, tiradas em um domingo, no inverno de 2016. Acervo pessoal Danuza Meneghello.



Figura 49: Vão do Mercado Público de Florianópolis ocupado por mesas, em um domingo, no inverno de 2016.

Acervo pessoal Danuza Meneghello.



Figura 50: Interior do vão central do Mercado Público de Florianópolis, em um domingo, no inverno de 2016.

Acervo pessoal Danuza Meneghello.

Em outro documento (IPUF, 2004), produzido pelo SEPHAN<sup>43</sup>, consideramos importante destacar alguns trechos, pois colocam a importância do Mercado como patrimônio histórico e cultural da cidade, onde ressalta a singularidade do Mercado possuir um vão aberto. Destaca a importância do lugar enquanto lugar de comércio popular e lazer:

Fruto de uma longa reivindicação popular, que resultou nesta obra arquitetônica com características próprias, chama a atenção a presença do pátio interno, que antes era ocupado pela circulação da rua. Este espaço do pátio interno possui uma beleza cênica marcante, de grande força plástica, que o torna diferente dos outros mercados e também das outras edificações monumentais existentes em Florianópolis. Após o fechamento da rua à circulação viária, tem sido utilizado como área de extensão dos bares, com mesas móveis, constituindo-se em uma área de lazer.

FONTE: (IPUF, 2004)

Mais adiante, em outro trecho do mesmo documento, destaca-se a palavra informalidade. Que no Mercado prevalecia o informal, situação agora que não nos deparamos: prevalece o horário, o tempo delimitado e o consumo. Esse é o lazer. Não sobrou espaço para o comércio popular e nem para o lazer desprezioso.

109

O uso do Mercado Público é uma das atividades mais tradicionais do centro de Florianópolis. O colorido, a relação com o céu aberto, o sol, a música, a alegria e a informalidade confundem-se para tornar esse lugar um ponto de lazer e turismo único em todo o Brasil.”<sup>2</sup>

FONTE: (IPUF, 2004)

Considera o texto que no espaço do Mercado são oferecidas situações especiais, que em outros espaços da cidade não são encontradas. No Mercado, cita o texto, o que atrai é a “[...] efervescência popular, os produtos populares que continuam sendo oferecidos, aliados ao espaço diferenciado [...]” (IPUF, 2004). E que alguns bares e restaurantes valorizam a *cultura local* (destacamos essas duas últimas palavras, visto que servir peixe

---

<sup>43</sup> Órgão municipal de preservação criado em 1974 vinculado à estrutura municipal de planejamento de Florianópolis, o IPUF.

na brasa e pirão e ter uma cerâmica de boi-de-mamão enfeitando as mesas, é muitas vezes o que se entende por *valorizar a cultura local*). E defende que:

As transformações fazem parte do processo de vida, e as modificações das atividades em curso são reflexo desta realidade. Porém, as transformações não devem se direcionar para um comércio padrão, que pode ser encontrado em qualquer lugar, desvinculado de identidade local. Mas sim, para algo especial, diferente....

FONTE: (IPUF, 2004)

Espaço exterior diferenciado? Atualmente temos um lugar coberto. Efervescência popular? Existe de fato uma efervescência, mas não é diversificada. Valorização da cultura local? Qual é a cultura local em Florianópolis? Só é considerada cultura local o que está desde a colonização açoriana? E a cultura Guarani é cultura local? E as manifestações culturais que os negros trouxeram e desenvolveram aqui durante o período escravista é cultura local?

E podemos ouvir o que nos fala Regina Santiago (2017) durante sua entrevista,

A Capoeira não é açoriana mesmo, e porque que o Mercado é açoriano? O Mercado você vai pegar essas fotos antigas e você vai ver vários escravos, se duvidar tinha mais escravos naquele Mercado do que açorianos, a 150 anos atrás. Eu não consigo ver nexos nesse tipo de argumento, na verdade jamais defenderia que a Capoeira é açoriana, mas não vejo nexos usar isso como argumento para não estar ali, não, a Capoeira é brasileira, e ela não é só registrada, ela é registrada como vigente em todo o território nacional. (SANTIAGO, 2017).

110

Cabe em outro momento uma discussão sobre cultura local. Fica a indicação.

Mas de qualquer maneira o texto traz para a luz preocupações pertinentes com o futuro do Mercado, futuro que é o nosso presente. E, novamente, a preocupação com o “manezinho” e a “identidade do ser ilhéu”, ao defender que:

O Mercado é a vitrine de Florianópolis. É um pouco do manezinho que ficou. Está vinculado a identidade do ser ilhéu. É onde a cidade pode mostrar a sua gente e o que faz de diferente. A valorização da cultura local através dos seus produtos, deve ser a tônica da política de intervenção.

FONTE: (IPUF, 2004)

Ao pesquisarmos sobre a programação cultural, maio de 2018, do Mercado Público, acessível na internet, observamos uma programação eclética. Desde samba até sertanejo. Sendo assim somos todos manés, até a capoeira é cultura local. Capoeira da Ilha.



## Som do Mercado

### Programação do mês de maio

<p>08/05   terça-feira 18h - Jeisson Dias</p> <p>09/05   quarta-feira 18h - Michel Moraes</p> <p>10/05   quinta-feira 18h - Sertanejo</p> <p>11/05   sexta-feira 11h30min - Kvox 18h - Projeto Vozes no Mercado</p> <p>12/05   sábado 12h - Susana Steil</p>	<p>14/05   segunda-feira 18h - Marcos de Larah</p> <p>15/05   terça-feira 18h - Rachel Barreto</p> <p>16/05   quarta-feira 18h - Cléo Bafini e Rico Soares</p> <p>17/05   quinta-feira 18h - Sertanejo</p> <p>18/05   sexta-feira 11h30min - Neko Visentini</p> <p>19/05   sábado 12h - JAM</p>	<p>21/05   segunda-feira 18h - Alexandre Macuco</p> <p>22/05   terça-feira 18h - Sim Ú Samba</p> <p>23/05   quarta-feira 18h - Thomaz Vitelli</p> <p>24/05   quinta-feira 18h - Sertanejo</p> <p>25/05   sexta-feira 11h30min - Rodrigo Ribeiro 18h - Amanda Amâncio</p> <p>26/05   sábado 12h - Samba da Castanheira</p> <p>28/05   segunda-feira 18h - Allende</p>
--	---	--

Figura 51: Folheto de programação cultural distribuída no Mercado, em destaque apenas as apresentações musicais contratadas. Florianópolis, maio 2018.  
Disponível em: <<http://www.mercadopublicofloripa.com.br/>>. Acesso em: 10 maio 2018.

111

Ou podemos continuar brincando de identidade mané. Onde está na foto abaixo o ser ilhéu?



Figura 52: Vão central do Mercado Público.

Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/mercado-publico-lota-durante-o-primeiro-sabado-apos-inauguracao-de-cobertura-retrati>>. Acesso em 10 maio 2018.

E o documento finaliza dizendo que a função urbana do pátio interno é para a *livre* circulação de pedestres, serve como *corredor de passagem* e que não pode se transformar em um objeto de “apropriação por parte de alguns lojistas”. A realidade não condiz com o pensamento que predominava no Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município de Florianópolis (SEPHAN).

O Projeto Renovar, elaborado pelo IPUF/SEPHAN é outro documento que versa sobre a preservação do patrimônio cultural de Florianópolis. O interessante desses documentos oficiais é a relação entre a teoria e a prática, ou seja, ao mesmo tempo que reconhecem a importância histórica e natural de Florianópolis, liberam construções em áreas protegidas por lei, permitem o funcionamento de restaurantes sem um devido saneamento básico, almejam a construção de marinas para embarcações de luxo ou transatlânticos em uma cidade que no verão fica intransitável, enfim. É, afirmarmos, uma relação de oposição. No documento em questão lemos que,

Dentre os pensamentos mais recentes relacionados à preservação dos bens culturais encontram-se a Declaração de Quebec (2008), que discorre sobre a preservação do espírito do lugar. O referido documento abrange o caráter vivo e permanente de monumentos, sítios e paisagens culturais. Por seu caráter dinâmico, sugere o envolvimento das comunidades tradicionais na proteção da memória, vitalidade, continuidade e espiritualidade destes lugares. (IPUF/SEPHAN, 2012, P.3)

112

Preservar o espírito do lugar, proteção da memória, da espiritualidade. Queremos todos a mesma realidade? Onde o descompasso? Será isso que tem de fato acontecido no Mercado Público? É no risco do desaparecimento que se faz importante a preservação ou que se torna então em espaço de memória? Pintaudi traz a seguinte observação sobre os Mercados como centros de compra e venda,

Quando esse costume sofre uma ruptura com a presença de outras formas de abastecimento, mais modernas, surgem como possibilidades a metamorfose do mercado público, que passa a ser apropriado como lugar “tradicional”, onde se pretende produzir uma “identidade” para a sociedade, ou então o desaparecimento dessa forma da paisagem urbana e, conseqüentemente, do imaginário. (2006, p.82)

A Geografia é ciência que busca a compreensão do movimento da sociedade no espaço geográfico. Nesta pesquisa valorizamos a memória histórica e a memória individual, memória que tem um chão. História que acontece em um espaço, um lugar.

Em 1988 a Constituição Brasileira em seus artigos 215 e 216 define o que é patrimônio cultural brasileiro. Considera que o patrimônio pode ser de natureza material e imaterial e envolve não apenas a sua estrutura física, mas os saberes e fazeres da sociedade brasileira. O Mercado Público mesmo não tendo sido tombado como patrimônio da União, recebe também essa distinção. E faz parte da memória histórica e individual da cidade.

Atualmente a política de *revitalização* e recuperação de áreas consideradas importantes para a história das cidades, tem sido desenvolvida por diversos órgãos, tanto federais como estaduais e municipais. Em Florianópolis o Mercado Público é um desses imóveis *revitalizados*. Para Abreu (p. 1, 2013), “A valorização do passado, ou do que sobrou dele na paisagem ou nas “instituições de memória” (museus, arquivos, bibliotecas etc.) (Nora, 1984), dá-se hoje de forma generalizada no mundo” e considera que essa tendência é resultado do fim do pensamento Iluminista, onde predominava o otimismo em relação ao futuro:

[...] inúmeras explicações vêm sendo oferecidas pelos mais diversos autores. Algumas delas enfatizam as transformações que já vêm ocorrendo no imaginário ocidental há algumas décadas. Outras dão ênfase à velocidade eletrizante do período atual de globalização, que tem dado origem a uma busca ansiosa de referenciais identitários por parte das sociedades. Os acontecimentos do século XX parecem ter minado bastante essa fé ilimitada no porvir. (ABREU, 2013, p. 20).

113

E se o porvir se tornou algo pouco sólido, recorre-se ao passado. E nesse frenesi de *revitalizações* muitas vezes se mescla o discurso de que “antes que era bom”. As cidades no Brasil foram construídas calcadas na segregação. Eis por que é necessária atenção ao se fazer o discurso de que bom era antes. Não! No Mercado Público de Florianópolis nunca foi bom, nunca foi tranquilo, tinha-se mais espaço no Vão Central, mas o embate acontecia, ora reclamavam do barulho do atabaque, ora da calçada que ficava obstruída ou ainda do simples aglomerado de gente.

Hoje temos duas grandes diferenças: a primeira é que ao se propor a *revitalização* do Mercado não sentaram na mesa os capoeiras, os raps, os pagodeiros. Sentaram os setores representantes principalmente do comércio. E o segundo aspecto é que ficou espaço zero para a roda de Capoeira. Exclusão total, tanto na hora das negociações sobre o espaço do vão central, como posteriormente quando se concretizou qual espaço “restou” para qualquer atividade que não seja de bar e restaurante. Então a luta não é pela volta do

que se tinha, pois nada se tinha, é sim pelo reconhecimento que no Mercado Público de Florianópolis é preciso possibilitar a diversidade do uso.

Uso esse que sempre foi pensado e autorizado pela elite de Desterro e posteriormente de Florianópolis: comerciantes, empresários, políticos de tradição familiar, enfim:

Os mercados públicos, formas ainda presentes na paisagem urbana, estão procurando gerar uma imagem de ‘tradição’ (onde os novos fregueses podem simular um comportamento ‘tradicional’). Nesse local, que poderia ser considerado desprovido do conforto moderno oferecido por outros empreendimentos de comércio de alimentos, o ato de comprar e vender os produtos da terra faz com que as pessoas ‘se sintam’ mais próximas a ela e busquem identificação com o lugar, já que ele permanece naquele sítio há algum tempo. (PINTAUDI, 2006, p. 98).

O Mercado de Florianópolis através das políticas públicas e privadas (Renovar, Mix-Ocupação, Centro Sapiens...) torna-se símbolo de comércio cultural, nas palavras de Pintaudi (2006, p.98) “[...] numa sociedade que sujeita tudo ao econômico, essa ‘tradição’ é capturada e a exploração continua através da cultura. O costume de ir ao mercado vira norma, deixa de ser estilo de vida para virar gênero de vida”, ali se consome cultura e comida. Alega-se que ou esses lugares, geralmente dos centros históricos das cidades, mudam radicalmente (de uso) ou tenderão ao desaparecimento. Paradoxo. Existe algo extremamente perverso, uma metamorfose espacial para sobreviver. Ao mesmo tempo “me” destruo para poder “me” construir. Agora, nesse processo de autofagia social, ou melhor, de canibalismo social, quem come o que?

O espaço do mercado “flexibiliza-se”, ou seja, esse espaço está sendo invadido por um novo momento da história, mais precisamente aquele em que a sociedade está totalmente submetida ao econômico e imprime uma maior velocidade às vendas[...]. Os mercados que deixam de ser funcionais desaparecem da paisagem. Estamos diante do consumo do espaço. (PINTAUDI, p.98, 2006).

Do mesmo modo que é a elite, o poder econômico, quem decide qual lugar pode ser frequentado e por qual classe social, o mesmo acontece em relação ao Mercado Público, ontem e hoje. Para Popinigis (2013, p. 172) sobre o Mercado nos fins do século XIX tece a reflexão de que mesmo continuando sendo o local da venda e da compra de alimentos torna-se “exemplo de modernidade e civilidade dos habitantes de Desterro, não necessitava somente de serviços, mas também de status”. E independente da Abolição e

da mudança de regime no Brasil, as gentes que não tinham a imagem da modernidade, estavam excluídos desse lugar, do Mercado Público de Florianópolis.

O que estamos querendo discutir é, afinal, como resistir para além de uma memória histórica, onde saudosamente relembramos as rodas de capoeira entre um pequeno grupo de amigos. Assim, concordamos quando lemos que para algo ter sentido de resistência temos que estar cientes que o tempo não para e ao mesmo tempo fecundar a terra para criar raízes:

Como reconhecer então os mercados públicos no presente e as possibilidades de seu devir enquanto espaço de trocas, no mundo de hoje, quando vivemos uma privação geral de sentido que se constituiria na única possibilidade de continuar criando raízes? (PINTAUDI, 2006, p. 83).

Como? Não ser possível fincar raízes no espaço geográfico, significa que o futuro é um tempo ameaçado? Eis o questionamento.

Mas uma coisa que não queremos parecer é que somos saudosistas. Não estamos querendo manter uma manifestação cultural estática em um lugar estático. Não. O que queremos então ao questionarmos a falta de espaço para a Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado? E, Pintaudi responde, “não advém de qualquer nostalgia referente a este espaço, mas da necessidade de compreender, uma forma que só ‘permaneceu no tempo’ metamorfoseada” (2006, p. 84). Importante criar distância da palavra nostalgia que geralmente soa como uma melancólica lembrança. Trata-se, sim de reconhecer que na mutabilidade dos lugares e das relações sociais, das suas práticas, a roda é realidade rebelde de uma concepção social onde o tempo tudo devora, onde permanentemente o novo se instala implacável e que a vida é assim: sôfrega consumidora.

A roda pode ser lamento, mas é sobretudo, escola na rua. A lição principal: o diálogo possível entre os tempos. Passado e futuro no presente, jogando o jogo da vida. Como na brincadeira de palavras, de domínio popular “O tempo perguntou pro tempo qual é o tempo que o tempo tem. O tempo respondeu pro tempo que não tem tempo pra dizer pro tempo que o tempo do tempo é o tempo que o tempo tem”. Fazemos o tempo, que intangível, nos possibilita sempre um outro tempo<sup>44</sup>.

---

<sup>44</sup> Em algum momento, no jogo da capoeira, os lutadores fazem uma “volta ao mundo”, giram na roda no sentido anti-horário. Outro tempo, outra lógica. Que revolucionário gesto, que muitos capoeiras nem se dão conta!

Os mercados são exemplos de formas na cidade que precisam para sobreviver na sua função e na sua estrutura material metamorfosear-se. E os processos de *revitalização* são instrumentos de “limpeza”,

[...] a permanência dessa forma em tempos de um capitalismo fluído é através de sua metamorfose. Para existir na duração do tempo, um espaço tem que ter capacidade de resistir. Nos tempos atuais, isso significa metamorfose constante. (PINTAUDI, 2006, p. 96)

Nas palavras da autora a “reconstrução dos mercados cobertos, conservando a aparência do edifício anterior, revaloriza o espaço do mercado, transformando-o em um conjunto imobiliário”, e que atende a “clientela que vai às butiques” (2006, p. 97). A autora comenta sobre os Mercados de outros lugares, mas cabe a observação a esse Mercado de Florianópolis.

Comer no Mercado é ao mesmo tempo igual e diferente do que comer no shopping. Tem-se o diferente no mesmo. Vai-se no Mercado Público como se fosse ao shopping: como tainha e tomo a cerveja da marca que estou habituado, sinto-me seguro. A self que tiro revela um lugar singular, mas está homogeneizado. Eu não vou ao Mercado é o Mercado que vem até mim. Levo para o Mercado todos os meus apetrechos culturais. E assim nessa diversidade do Mercado eu encontro o meu padrão social.

Nas palavras de Abreu (2013) busca-se, atualmente, com voracidade o singular, e com a mesma ânsia o singular é transformado em plural, em série. Vira vitrine.

Agora vejamos os capoeiristas, não buscam a sua identidade, esses que armaram a Roda do Mercado (e a Roda da Figueira) sabem quem são. Sabem sua origem. E principalmente sabem o que não são. Temos clareza do que é o Mercado, ou os Mercados. Então não estamos fazendo aqui uma reflexão sobre identidade, muito menos resgate (nada está perdido), estamos resistindo onde temos resistido. Simples assim. No chão do vão a manifestação que foi gestada no porão. Porque no Vão? Pela memória? Por ser algo no passado que era promissor? Ou era promessa de um futuro com autenticidade? O que é o Vão hoje? O vão hoje é o lugar do presente no Mercado do presente. A Roda é a manifestação do passado no presente e no presente a possibilidade de se estar no futuro. É memória e é ação.

Outras leituras podem ser feitas. Uma outra compreensão, ou seja, estar no mundo, estar exposto ao “relento”, *não ter eira e nem beira*, era e é sinônimo de fracasso social. O ser vivente do espaço público é um ser marginal. É o escravo, o vagabundo, o malandro,

o capoeira, o sem teto. Dar ao espaço público um carácter privado, minimamente fechá-lo é acima de tudo destacar, dar status a quem o frequenta. Quem, então, sai do Vão? Ora, os que fazem a Roda do Mercado deveriam ser os que se deslocariam para fora dele. Ficariam ao relento, sem eira nem beira. Sem status.

O Mercado atual continua como lugar de passagem para todos, mas de permanência para alguns. Está aberto, mas não é acessível. Permanece o patrimônio material como algo que gera a sensação de normalidade ou melhor permanência, mas fortuitamente (será?) muda-se o carácter, o significado. Lá está o Mercado, prédio que faz parte da identidade do povo ilhéu. Qual povo? E principalmente com qual uso? Como pensar uma cidade que os espaços comuns deveriam ser para todos?

“Em tempo de incertezas, geradas em grande parte, pela velocidade das renovações tecnológicas, da instantaneidade, da veiculação de informações, da compreensão espaço-tempo [...]” como destaca Teixeira (2002, p.41) e do aprofundamento, brutal, da desigualdade social, esses lugares (lugares da memória histórica), “são como âncoras” sociais, para todos:

117

A Lei Municipal nº 7667/2008, de 27/06/2008, institui o Programa Municipal de Proteção e Conservação do Patrimônio Imaterial ou Intangível do Município, constituído por uma diversidade cultural, formada por diferentes origens, entre estas a guarani, a açoriana, a afro-brasileira, com maior grau de influência cultural e a árabe, a alemã, a italiana e a grega, em menor proporção [...] Apesar de sua criação em 2008, a Lei ainda não foi posta em prática. (FLORIANOPOLIS, 2012, p. 7).

E na legislação de patrimônio, dos anos seguintes, no mesmo documento citado acima temos que:

A Política Cultural para os Locais de Memória foi implantada pela Lei 7955/2009 com alterações da Lei nº 8209/2010. Trata-se de locais com significação histórica e cultural, onde aconteceram ou acontecem atividades referenciais. Estes locais serão protegidos através de Inventário e deverão ser posteriormente sinalizados com placas contendo referências culturais e históricas de Florianópolis. (FLORIANOPOLIS, 2012, p. 7).

Alguns documentos sobre o Mercado Público de Florianópolis, mais atuais, de 2010 a 2016 dizem respeito a organização ou gerenciamento desse lugar. Um desses documentos é o projeto “**Mix-Ocupação**” para o Mercado Público de Florianópolis, elaborado em 2010 (DECRETO Nº 8.335, 2010). Quem pensa e redige? Várias

associações comerciais e sociais (ACIF, Associação do Mercado Público, CDL, IGEOF, Sindicato dos Empregados de Comércio, FloripAmanhã), e órgãos públicos (FCFFC, IPUF, SEPHAN, Corpo de Bombeiros do Estado, SESP, SMDU). Em uma primeira olhada, a pergunta: onde estão as organizações populares que até esse momento estiveram presentes no Vão central do Mercado Público? Não estão.

O referido documento considera o Mercado como patrimônio cultural da cidade e identifica as leis que regem esse espaço geográfico de Florianópolis:

1984 – Tombamento Individual: Decreto Municipal nº. 035/84  
1986 – Tombamento como Conjunto Urbano: DECRETO MUNICIPAL Nº. 270/86  
1989 – Classificação da Edificação como P1: DECRETO MUNICIPAL Nº. 521/89  
1997 – Inserção em Área de Preservação Cultural: LEI COMPLEMENTAR Nº. 001/97 (Plano Diretor de Distrito Sede). (FLORIANÓPOLIS, 2010, p. 7)

Destaca, também que o Mercado Público:

[...] se torne realmente expressão da diversidade cultural local, referência do modo de ser e dos produtos e serviços próprios da região e se constitua desta forma também, em uma atração turística diferenciada, que contribua ainda mais para o desenvolvimento da cidade. (FLORIANÓPOLIS, 2010, p. 7).

118

E indica que,

Para tanto, é imprescindível **corrigir** [destaque nosso] determinadas distorções, estabelecidas em tempos não muito distantes, pelas quais áreas significativas do Mercado Público foram ocupadas, de forma desproporcional, por produtos que pouco tem a ver com as referências culturais da cidade. (FLORIANÓPOLIS, 2010, p.7).

Corrigiram. Um dos boxes que ocupam o Mercado Público em 2018 é uma rede de restaurante de comida rápida estadunidense. O Mix-Ocupação tem como principal objetivo “manter a alma do Mercado Público”. O que isso significa? Não sabemos. Mas salientam que para isso acontecer há de se pensar nos usos e os subdividem em: tradicional, popular, referência cultural, desejáveis e proibidos. Entre as referências culturais temos, artesanato, temperos e os produtos locais. Ponto.

Na página 28 colocam a importância de um Espaço museológico que chamam de “Armazém do Mercado”, espaço para o *resgate da memória* do Mercado. Não realizado até julho de 2018.

Sobre o Vão Central defendem que “[...] deve manter sua função urbana de livre circulação de pedestres, privilegiando o caráter marcante do cenário representado pelo monumento, de grande força plástica” (FLORIANÓPOLIS, 2010, p. 29-30).

E acrescentam:

A rua central poderá ser utilizada como extensão de bares e lanchonetes, atividades culturais e de eventos. Somente poderá ser ocupada 1/3 da área da rua com mobiliário e equipamentos.

Os 2/3 da área da rua remanescente *permanecerão livres* (destaque nosso), de modo a propiciar a realização de atividades culturais e de eventos.

Utilização de parte da área como Espaço de Atividades Culturais de caráter temporário: folguedos (Capoeira, Roda de Samba), teatro de rua, dança, demonstração de atividades tradicionais (feitura da renda, cerâmica, canoa), feiras de artesanato e eventos.

Limitar o número de mesas e cadeiras por estabelecimento.

Garantir a acessibilidade universal e mobilidade, mantendo os corredores sempre liberados. (FLORIANÓPOLIS, 2010, p. 29-30)

Consideramos desnecessário comentar sobre os tópicos acima, já fizemos esta discussão. Fotos e documentos comprovam exatamente o contrário.

119

A leitura de umas das atas, referente a reunião ampliada “Mix do Mercado Público” de 16 de setembro de 2010, dois aspectos nos chamam atenção. Um é a preocupação, de um dos participantes, que o Mercado não se elitizasse e o outro aspecto é um questionamento. Em 2010 já estavam discutindo como seria a ocupação do Mercado Público de Florianópolis, o que seria feito, quais as principais modificações, quem participaria. Onde estávamos? Onde estavam os nossos representantes políticos?

Em 17 de junho de 2015, pelo Decreto 14.800 é aprovado o regulamento do Mercado Público Municipal de Florianópolis. Trata o documento da administração e funcionamento do referido estabelecimento. Sobre a utilização do Vão Central e as atividades referentes a esse espaço nada é comentado.

O Mercado é lugar de memória. De Florianópolis. De todos. Para Teixeira (2002, p.61), “Aí se assinala uma questão crucial para os defensores da preservação patrimonial dos centros históricos: lugares identificados com o cidadão, com sua história, ou lugares “exóticos”, cenários, para o turista?” E ele mesmo responde

[...] a preservação dessas construções como algo que garanta a vida desses espaços identitários como entendemos ser o caso do Mercado Público – da sua permanência, simbólica e funcional (em meio a tantas

e radicais transformações da paisagem que o cerca) – é extremamente importante. (TEIXEIRA, 2002, p. 41).

Na dissertação citada acima, de 2002, observamos que o autor ao mesmo tempo que destaca que o Mercado Público se manteve com as suas singularidades e diversidades frente as modificações do Centro Histórico da cidade,

Sem cair, conscientemente em um maniqueísmo fácil, afirmaríamos que em um mercado público, como é o caso de Florianópolis, ao contrário do “shopping”, é bem-vinda, ou natural, a diversidade social. Comerciantes e consumidores, cidadãos e turistas, circulam nos espaços de compra e degustação, de cheiros “inadequados” e outros, nem tanto, de comportamentos vários, de estímulos identificados com o lugar [...]. Todos são atores de um espaço permeável, lugar de trocas e experiências, onde o encontro com o outro é imprescindível e condição “sine qua non” para a convivência urbana. (TEIXEIRA, 2002, p. 65).

Apresenta, nas linhas finais, a preocupação de para onde caminha os projetos sobre o Mercado e o uso do seu Vão Central. Identifica as diversas manifestações que acontecem nesse lugar (carnaval, exposições, festas), sendo que algumas o autor classifica como informais e faz uma reflexão sobre a mercantilização da cultura e a sua folclorização visando os turistas, “A maioria dos acontecimentos culturais, que se passam no Mercado, particularmente no seu vão central, são sintomas dessa espetacularização da sociedade”, comenta Teixeira (2002, p. 72) e associa o despertar do interesse da administração municipal pelo Vão do Mercado com uma política rentista que predomina em Florianópolis: vende-se paisagem e cultura.

Enfatiza que o Mercado de Florianópolis, cidade onde falta espaços públicos de lazer, é um patrimônio do município, nem privado e nem público. Avaliava que a cobertura do vão central e a troca do piso (troca dos paralelepípedos por piso homogêneo de granito) levaria a transformação do vão em uma praça de alimentação o que poderia levar a uma mudança de uso e de público, que em 2002 era na sua grande maioria frequentado por uma classe mais popular.

Sobre os *espetáculos informais* comenta sobre o pagode das sextas feiras e outros que ocorrem no sábado pela manhã, entre eles a Roda de Capoeira, onde apresenta uma foto do ano 2000, retirada do jornal **AN Capital** (p. 2). Roda que foi armada embaixo da torre leste, no Vão. Reflete que, principalmente, essas atividades mais informais são organizadas pelas camadas mais populares de Florianópolis e uma parte dos que

frequentam o Mercado reclamam dessas manifestações. Considera que essas reclamações revelam:

[...] o conflito entre público e privado, onde o espaço público por excelência é privatizado tanto por alguns bares, ao colocar as mesas no vão central e pagar os músicos, quanto por segmentos da população que vêm ali espaço privativo de sua classe. Esse procedimento reproduz atitudes de controle social existentes desde a velha Desterro – na exclusão e tentativa de regulamentar procedimentos das camadas pobres da população. (TEIXEIRA, 2002, p.72).



**Figura 53:** Jogo de Capoeira no vão do mercado Público.  
(TEIXEIRA, 2002, p.72)

Sobre a Capoeira, Teixeira (2002, p. 73) faz uma relação entre a evolução da sociedade e a aceitação de *algumas práticas sociais*, “Dando um exemplo atual, a prática da capoeira e seus rituais, hoje adotada pelos jovens e até das classes médias, e que acontece esporadicamente no vão central do Mercado era condenada no início do século XX e atribuída, pelas classes burguesas locais, à marginalidade”. Importante salientar que a *prática da capoeira* é na realidade uma manifestação cultural afro-brasileira, que *esporadicamente* acontece no Vão central do Mercado desde **1987** e que continua sendo *atribuída pela classe burguesa* florianopolitana à marginalidade. Obviamente

poderíamos fazer uma ampla discussão sobre a transformação da capoeira em mercadoria, em um produto que serve ao patrão, como diria Mestre Pinóquio<sup>45</sup>. Vários capoeiristas escrevem e falam sobre esse processo de *compra e venda da capoeira*, mas não é o objetivo central dessa pesquisa.

Nosso olhar recai sobre a Roda de Capoeira do Mercado, espaço de passagem de coisas e gentes, “A praça do Mercado, que fora inicialmente um possibilitador dessa mobilidade e autonomia”, afirma Popinigis (2013, p. 12), com as políticas de embelezamento, o Mercado se tornou um lugar de exclusão, “ao ponto de, nos tempos atuais, restarem poucas memórias sobre a participação dos homens e mulheres africanos na dinâmica do pequeno comércio em Santa Catarina”. Um estado “[...] branco e masculino, no qual somente a imigração europeia teria dado impulso ao crescimento industrial e comercial”.

Assim o espaço geográfico é lembrado por quem o domina. O Mercado de Florianópolis é considerado, atualmente, lugar seguro e viável para se circular e consumir, torna-se lugar de convivência para uma classe social que a cinco anos atrás não andaria por essas paragens.

Alguns temas se mesclam quando o poder municipal, as empresas privadas discutem a cidade: violência, segurança, limpeza, turismo, revitalização. Nas palavras de Oliveira (2014, p. 87) “a cidade deixa de ser o local da segurança e passa a ser o locus do medo e do perigo racializado”.

Para tanto é necessário desenvolver algumas estratégias (sutis) para que quem esteja *a margem* permaneça marginalizado, mesmo que caminhe pelo *centro* da cidade, “as estratégias de segregação racial são postas como bem-vindas para afastar esse mal-estar (muros, difusão generalizada de vigilância eletrônica, privatização ilegal de ruas e praças, etc.)”, assim alegando segurança “estabelecem atitudes preventivas que difundem preconceitos, estigmas, estereótipos racistas e classistas”.

O espaço urbano, da rua, deixa de ser acessível. Todos aparentemente circulam, vão e vem. Mas existe o controle do tempo e do espaço. O espaço urbano sem controle é apontado como o lugar do perigo. O vazio é preocupante. Assim como o corpo parado, sem produção, indolente, está fora do tempo. É problema, requer atenção, “o pobre e o

---

<sup>45</sup> Sei do teu balançar. De que entre o mar e o asfalto anseias, hoje, as ondas. Mas a capoeira precisa de terra para *vingar*. Assim terás, em alguns, mãos dispostas ao plantio. Plantaremos juntos. Quiçá, meu irmão, seja solitária a colheita. Gratidão.

negro, longe de seus “lugares característicos” pelo discurso dominante, são vistos como símbolos do caos, da desordem e do medo” (OLIVEIRA, 2014, p.87).

É, pois, no espaço informal da cidade, no seu coração, que a cor da segregação é pintada. Ali onde já nada e ninguém se interessava em estar, principalmente nos fins de semana e a noite, torna-se lugar de interesse privado. Lugar para consumo. No Mercado não existe lugar, além de dois pequenos bancos, talvez com um (1) metro e pouco de comprimento, para se sentar com displicência. Todos os assentos exigem consumo.

Esse lugar, o público Mercado de Florianópolis, nunca foi de quem não tem. Não foi do pobre e muito menos das negras e negros dessa cidade. Para eles a passagem. O produto comprado às pressas, o produto vendido entre os vãos. Liberdade para ir e vir? Não para esses que a sociedade capitalista, ainda mantém acorrentados. Para os ancestrais da Capoeira são 468 anos atravessando as capoeiras, os matagais que separam as senzalas dos quilombos. Junto com eles, índios e *brancos* seguem os rastros de quem sabe que não basta resistir, tem que lutar.

E nas palavras de Freire (1996, p. 23), o ânimo necessário,

Gosto de ser gente porque, mesmo sabendo que as condições materiais, econômicas, sociais e políticas, culturais e ideológicas em que nos achamos geram quase sempre barreiras de difícil superação para o cumprimento de nossa tarefa histórica de mudar o mundo, sei também que os obstáculos não se eternizam.

Do porão ao vão do Mercado várias histórias podem ser contadas. A da Roda de Capoeira é só mais uma.

## 4.2 Capoeira em Florianópolis

Na passagem das coisas e das gentes, no Mercado está a capoeira.

Florianópolis é lugar de capoeira. Capoeira mané. É cultura dessa terra, terra de carijó, de negro, de açoriano. Capoeira da Ilha.

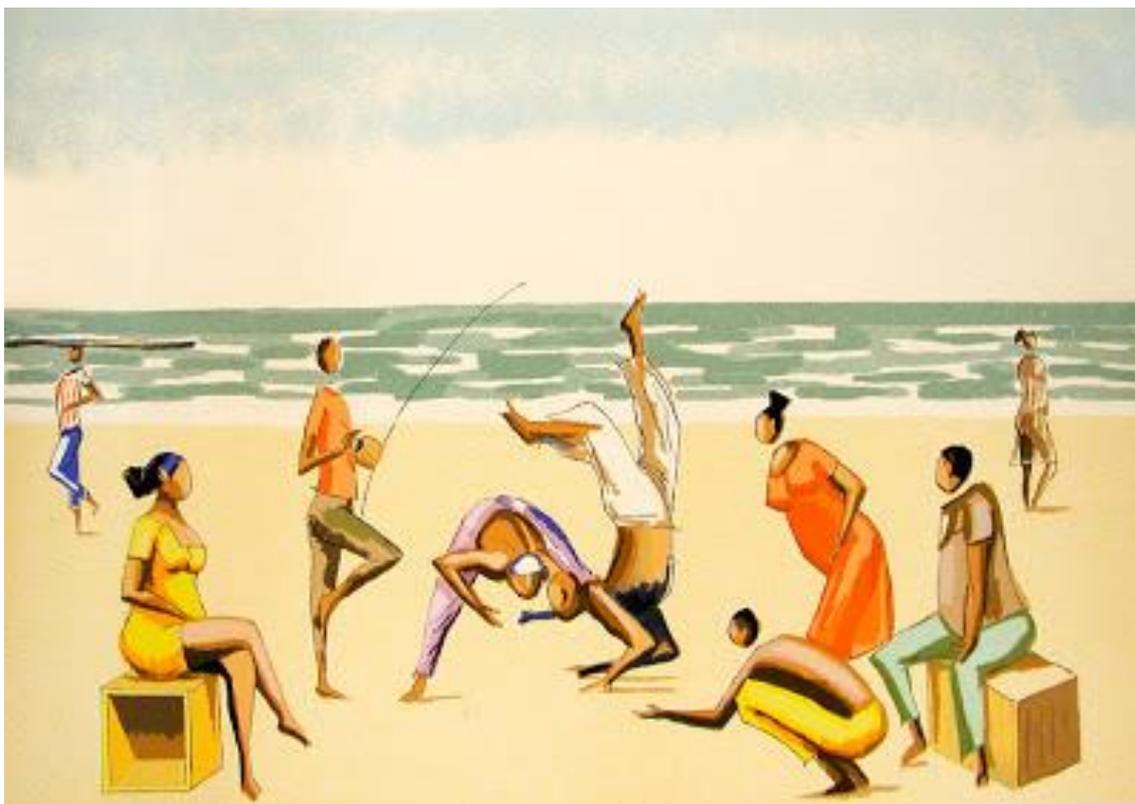


Figura 54: Capoeira, do pintor, ilustrador, escultor e jornalista argentino naturalizado brasileiro Hector Paride Bernabó, conhecido como Carybé.

Disponível em: < <https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=GY6iWmGkciE86-noA8&q=capoeira+pinturas>>. Acesso em: 10 abril 2018.

A Capoeira em Florianópolis fez 40 anos em 2017.

Em parte.

Vejamos.

Se considerarmos a Capoeira praticada dentro de um grupo, liderada ou coordenada por um capoeirista mais experiente, sim, a Capoeira fez no dia 01 de agosto, 40 anos. Essa é a data que os capoeiristas dessa cidade decidiram colocar como marco.

Mas se considerarmos a capoeira como “[...] uma invenção dos africanos no Brasil, desenvolvida por seus descendentes afro-brasileiros [...]” como comenta Rego (p.

31, 1968) e que essa manifestação surge da necessidade de se defender contra a brutalidade da força física e da perversidade da força institucional, arriscaríamos afirmar que não. Não, por essas terras, os *desterrados sociais*<sup>46</sup> já apareciam nas páginas dos jornais locais (Desterro e posteriormente Florianópolis) e de Santa Catarina no geral. Negras (obviamente<sup>47</sup> não encontramos nenhum registro, ainda, de mulheres capoeiristas dessa época) e negros sabiam gingar.

Para Rego, a Capoeira:

[...] foi inventada com a finalidade de divertimento, mas na realidade funcionava como faca de dois gumes. Ao lado do normal e do cotidiano, que era divertir, era luta também no momento oportuno. Não havia *Academias de Capoeira*, nem ambiente fechado, premeditadamente preparado para se jogar capoeira. (1968, p. 35)

A pesquisa nos arquivos públicos, procurando documentos e jornais que tratassem do Mercado Público e da Capoeira em Florianópolis, foi feita com muito gosto. É de certa forma empolgante encontrar pequenos tesouros entre tantos papéis. A história oficial repleta de mentiras, pois é contada pelas mãos e pelo pensar dos dominantes, guarda, muitas vezes sem querer, a ação dos que não podem nem escrever e nem falar. Assim vasculhando nos arquivos virtuais, nos deparamos, como por acaso, com algumas relíquias dessa terra, também, de senhores e senhoras da *casa grande*. E se tinha casa grande tinha senzala

125

Aqui em Florianópolis e em Santa Catarina encontramos algo que considerávamos intuitivamente impossível de não ter existido antes da década de setenta do século XX: a Capoeira e seus capoeiristas.

No ato da procura curiosa encontramos o site da Biblioteca Nacional Virtual, a Hemeroteca, importantíssimo local de pesquisa. Ali encontram-se catalogados inúmeros documentos referentes a sociedade brasileira (colonial, monárquica e republicana). Dirigimos nossa pesquisa para jornais de Santa Catarina no geral e de Florianópolis no particular.

Ao colocar a palavra “Capoeira” notícias de 1848 em diante começaram a aparecer. Lendo uma por uma fomos trazendo para a luz uma *capoeira* que ora é

---

<sup>46</sup> As notícias retiradas dos jornais (final do século XIX e princípio do XX) de Desterro, de Florianópolis, de Joinville e de Itajaí tratam sempre do negro, liberto ou escravo. O que consideramos um desterrado social (sem terras e sem direitos).

<sup>47</sup> Afinal quem escreve a história? Homens brancos,oras.

vegetação (muitas das notícias tratam de terrenos que precisam ser limpos da “capoeira” que cresce sem controle), ora aparece enquanto lugar que se guardam galos e galinhas. *Capoeira* também é o nome do cavalo do Tenente Pedro Demoro, que em 1899 era dono de uma coudelaria. E é referência sobre o bairro *Capoeiras* em Florianópolis. Mas nas linhas dos jornais, também é documentada como luta. As notícias não tratam sobre Rodas de Capoeira, mas de capoeiristas, e é sobre essas notícias que cabe aqui algumas observações.

O que pensava a sociedade catarinense sobre a Capoeira em meados para o fim do século XIX? O capoeirista estava relacionado a que tipo de imagem ou atitude? Importante salientar o que todos sabem: a capoeira é afro-brasileira. É coisa de negro. Tendo isso lembrado vejamos o que pensavam os homens (e as mulheres, quiçá não apareçam) dessa época.

Dos jornais pesquisados destacamos dezessete (17). Abarcam os anos de 1849 a 1952. O material sobre capoeira vai de poemas, causos, contos a notícias. Algumas relatando fatos de São Paulo, Rio de Janeiro (muitos sobre os processos eleitorais) e até de Salvador. E o que lemos sobre esse indivíduo que faz capoeira? São temas sempre relacionados a briga, traição, malandragem. O capoeira é insolente, ágil e com destreza de corpo, violento, não confiável, arruaceiro, briguento, vadio, moleque, carrancudo. Enfim, um elemento entre malvisto, malandro e exímio lutador. Algumas vezes a Capoeira é defendida como luta marcial brasileira contra o boxe ou a luta livre ou o jiu-jitsu.

No jornal **O Conciliador Catharinense**, de março de 1850, nas páginas 1 e 2, lemos um discurso relativo a Assembleia Provincial onde o texto finaliza lembrando que os deputados devem se portar com dignidade e “[...] nunca se proproserão absurdos, e nem se tem dado em espetáculo, apesar de nenhum deles ser *Bacharel Formado*, nem capoeira”. Capoeira como espetáculo? Seria essa a conotação? Que para ser político é preciso seriedade, algo que estudante e muito menos um capoeirista tem?

No jornal **República** de 1898 (Edição 00073), na página da capa, a palavra capoeira, associada a uma pessoa está relacionada aos termos “[...] covarde, rabiscador, impenitente, insolente, ignorante, chato, hydrofhobo, calumniador, mentiroso, capoeira”.

Em 1880 no jornal **A regeneração**, de fevereiro, época de Carnaval, a seção “Variedades”, página 2, trata do Carnaval Desterrense. Ali não só é parabenizado o fim

do *entrudo* (proibido por código de postura), como se defende a sátira como linguagem refinada, afirmando que ela não pode ser comparada a várias ações ou linguagens grosseiras como o é a “*embigada do capoeira*”!

Em 1853, em **O Correio Catharinense** (Edição 030), encontramos um relato destacando os diversos significados para a palavra capoeira. Uma delas, “muleque que pula na rua com a faca na mão, diante da polícia” já aponta uma ideia:

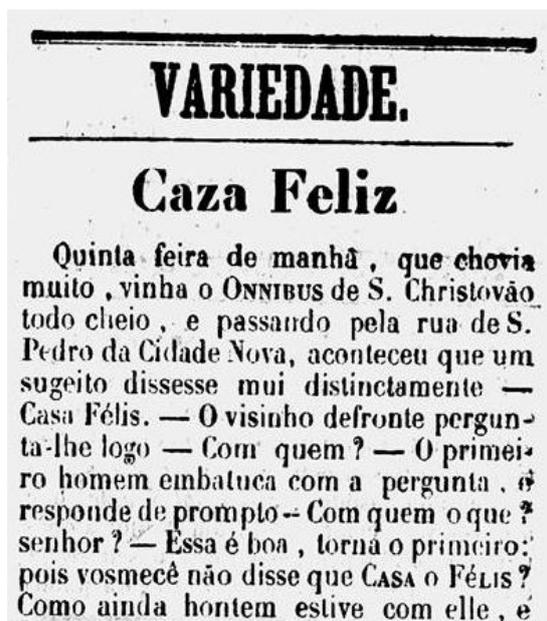


Figura 55: “Variedade: caza feliz”. **O Correio Catharinense**, Florianópolis, edição 030, 1853.

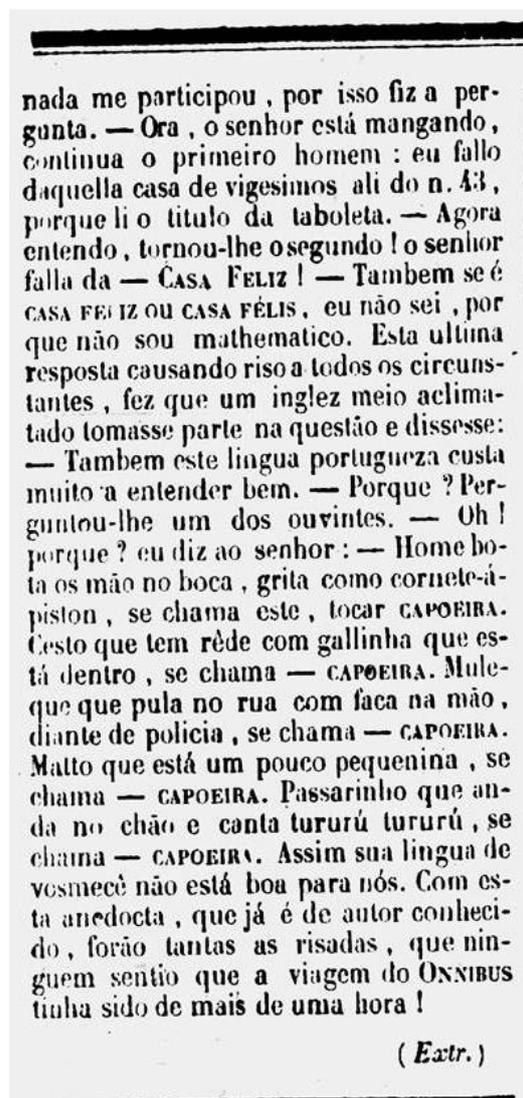


Figura 56: “Variedade: caza feliz”. **O Correio Catharinense**, Florianópolis, edição 030, 1853.

Em 1934, Marcos Konder (político catarinense) escreveu sobre Lauro Müller (1863- 1926), republicano e governador de Santa Catarina, no **Jornal O Estado**. A sua

crônica, relata um pouco sobre esse homem que é originário de Itajaí e o que nos chama atenção é o trecho a seguir,

Menino vivaz e precoce, grangeou entre os colegas o título de sabeduro, tal a presteza com que respondia às arguições dos decuriões, tal a curiosidade das perguntas, com que embatucava o velho professor [...]. Nas horas vagas, o diabrete não desprezava as traquinices próprias da idade. **Aprendia a jogar a capoeira com o preto Desiderio** (destaque nosso), cabra famoso e temido em todas as redondezas pela sua agilidade felina, pela mestria de suas rasteiras e pela violência das suas cabeçadas. (**O Estado**, 1934)

Nas bibliotecas e na internet encontra-se a biografia e os feitos de Lauro Müller. Mas sobre o preto Desiderio, nada. Fizemos várias tentativas, nenhuma positiva. O que foi feito desse exímio lutador? Lemos o artigo de Jeferson do Nascimento Machado (2017) que cita a reportagem de **O Estado**, mas ali, também, não encontramos nenhuma indicação sobre o capoeirista *bom de cabeça*. Por onde andar a família de Desiderio? Onde encontrar suas façanhas e desafios? Por mais que surpreenda saber que Lauro Müller tenha se afeito a essa arte de ataque e defesa e mais ainda que na sua biografia esteja isso registrado, faz falta principalmente mais informação sobre seu preto professor.

Mas sigamos. As anedotas são muitas. Eis a que está registrada na edição 6808 do jornal **O Estado** em 1936, em Concurso de Papagaios. E o papagaio mais malandro é brasileiro e se movimenta como capoeirista.

# Cuidado com o inverno!

## Como se combate o reumatismo

O sr. José P. Valente, residente á Avenida Theresopolis, em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, nos escreveu o que se segue:

«Há mais de 2 annos, soffria de cruel Rheumatismo syphilitico, sempre de cama e passado noites em claro, principalmente no INVERNO, quando as dores me atacavam com furia.

Fiz diversas injeções mercuriaes e arsenicaes, tomei muitos deparativos, etc., mas peorava sempre. Varios medicos me aconselhavam outras injeções, que recusei, pelos naturaes perigos e serias despesas. Era já um cadaver, por assim dizer e estava certo de que não iria longe. Nesse estado de desanimo fui para Pelotas, onde tenho parentes e procurei a Beneficência Portuguesa, já então em estado desesperador. Desse importante Hospital é medico, há muitos annos, o humanitario dr. Romary, o qual me recitou o Galenogal. As primeiras doses, meihorei muito e ao terminar o terceiro frasco, fiquei completamente restabelecido e com tal disposição para comer, que, em pouco tempo augmentei muitos kilos de peso, voltando para o logar de minha residencia, animado, satisfeito, grato e feliz.»

(Firma reconhecida)  
RHEUMATISMO chronico ou recente, muscular ou articular, cerebral ou gottoso, só se debelha com um deparativo SEM ALCOOL como é o GALENOGAL, que não ataca orgão algum, não impede a digestão nem exerce resguardo.

O GALENOGAL encontra-se em todas as Pharmacias do Brasil e das Republicas Sul-Americanas.  
N. 21 Aps c L. D. N. S. P. — N. 963

## L. I. F.

Aug., Resp., e Subl., Loj., Cap.,  
«Ordem e Trabalho» (R., M.,)

Sees., Magn., de Posse das LLaz., OUI., e DDip.

De ordem do Pod. Ir. Ven. convido o Oubr. do Quad. desta Aug., Ott., os dignos Irs. do Quad. de nossa co-irma Regeneração Catharinae, os Mlhos e passagouros cor. e os, para assistirem á Sess. Mag. de Posse das LLaz., OUI., e mais DDip., eiletos para dirigir os destinos desta Aug., Ott., no período mag. de 1936 á 1937, em a noite de 23 do corrente, ás 19 1/2 horas, em nosso Templo, á rua Saldanha Marinho n. 11.

Florianopolis, 20 de Junho de 1936.  
J. M. F. N. T., Secr.

268 3 v. 3

## DR. DJALMA MÖLLMANN

Com pratica nos hospitais europeus

Clinica médica em geral  
Consultas das 10 ás 12 e das 16 ás 18 horas.

Instituto de electro cardiographia clinica

Curso de aperfeiçoamento de doenças do coração, (diagnostico preciso das doenças cardiacas por meio de traçados electricos)

Clinica de criança  
Doenças do systema nervoso

GABINETE DE ELECTROTHERAPIA  
Ondas curtas, Raios ultra violeta, Raios infra- vermelhos e Electricidade médica.

Laboratorio de Microscopia e Análises Clínicas

Exames de sangue para diagnostico da syphilis (reações do Wassermann, de Hecht Tzu, Kahn e Sachs Zorge), Diagnostico do impetigo. Pesquisa de urés no sangue, etc. Exame de urina (reação de Ascheta Zondek, para diagnostico precoce da gravidez). Exames de pus, suor, liquido rachiano e qualquer pesquisa para elucidação de diagnosticos.

Rua Fernand Machado, 6  
Telephone 1195—Florianopolis

## Dr. Bulcão Vianna

Consultorio á Rua João Pinto n. 18 (sobrado). Consultas das 1 ás 3 horas da tarde. Aos pobres—Consultas no Hospital de Caridade, ás 8 horas da manhã.

## CONCURSO DE PAPAGAIOS

A Grande Feira de Amostragem de La Plata re goitglava. Ali, entre a alta aristocracia portenha, via-se a aristocracia emigrada de outras terras, despeitada pelos nevios de luxo, como um corretoamento de «espleas». N'quella noite de gala, conava se, entre as innumeras atricões de feira, um interessante concurso de papageios. Num pavilhão enorme, amplamente illuminado, róbore um minucioso palco, os representantes de varios paizes iram disputar o premio oferecido. O pavilhão estava repleto.

Depois de encios espectorivo, annuciaram o primeiro concorrete. Era um papageio francês, luminoso e dandy. Pez colhas incriveis, saracoteou, pulso, rodou e, numa vez de tenor anaxaladistal ma, preludio rrechos da «Carmen». Foi freneticamente applaudido.

Vieram outros, entre os quaes se destacou um representantio italiano, que fez diubruras gurais, depois dos versos recitados e depois da «locução sobre o thema: «A influencia da farda nos partidos politicos», discursado com emphase pelo delegado da E-nomhi.

Chegou, afinal, a apresentação do papageio brasileiro, accollido com um silencio respeitoso. Era, sem dúvida alguns, o rei dos papageios. Irie sobrepujar, enriquecer seus concorrentes Vinha acompanhado de fama universal.

Nesse ambiente religioso, a voz nacional souhou para o tablado, deu uma volta para mostrar-se á multidão, cobrio erguido, pelo militar, passos regios, vogueiramente impopulares, com metecos tropicallmas. Depois, dirigiu-se para o centro do piteleteo e affrontou a assembléa com o olhar despreocupado, solenne, impassivel. Porém não dizia nada, não fazia nada.

—Mas é só isso? — commentavam em surdina O papageio «scioçã» ere um deus verde e amarelo. Parvo, mudo, cunho, contiguava a flor a multidão. Parecia só aquillo mesmo. Foi então que um dos laizes interveio. Com sua voz impiedosamente fria, dirigindo-se a um companheiro, e baxvou: — Que papageio idiota, esse!

Não precisou mais nada. Nosso representantio ouviu imperiavelmente solenne, voltou a cabeçinha verde, onde brilhavam olhos redondos, de um amarelo illumado, e deu um passo em direcção ao observador. Passo módi, provocante, passo de co-poetra. Arrepiou com desprezo as asas e, com uma voz arrastada, insolente, falou pela primeira vez: — «Papageio idiota é vossê; ouviu, seu fulestrinha idiota!»

E, já ante a porta de gelada, voltando-se para a assisténcia, apurvellada, num cruzar expressivo de asas, fez um gesto genuinamente verde e amarelo. — Tomem revêca, seus... Ulpiano Del Fiechta

## Dr. Augusto de Paula

Medico e parteiro Operações

CONSULTORIO: Rua João Pinto, 18

Dieralmente das 3 horas em diante

Residencia: Visconde Ouro Preto, 42 — Tel. 1355

## Pessoas de optimos nervos

Qualquer pessoa com optimos «nervos» pôde torna-se «neu asthenica em consequencia de uma intoxicação de causa externa ou interna, de uma perturbação gastrica ou renal, ou por falta de repouso ou de alimentação sufficiente. Muitas vezes o nervosismo corre por conta de simples disordens do metabolismo celular, que uma mudança de regime, de clima ou de vida basta para corrigir.

Não ha, pois, «vis de regra, «gente nervosa» «mas gente intoxicada» ou «gente descontrolada». No caso de taes estados de «intoxicação» ou de «descontrole» provierem de um simples retardamento das trocas organicas, o que é muito commum, recommenda-se o Tonofosfan da Casa Bayer.

Elle levanta as energias perdidas com o uso de poucas injeções, fazendo desaparecer as manifestações erroneamente captuladas por «nervosismo ou neurasthenia».



Os incomparáveis e afamados receptores de fama mundial. Si ainda não o possui, adquira-o e vos certificará de que são os mais perfectos entre os melhores

Costa & Cia.  
Rua Conselheiro Mafra, 54  
P. 22

Empregadas  
Culinheiras - Arrumadeiras - Cozinheiras - Pagens - encontram emprego facil e immediato nas melhores condições por intermedio da agencia de empregos domésticos - Rua Conselheiro Mafra n. 31.  
Telephone - 1561 - 30 v. 18

43 Telephone - 1561 - 30 v. 18



QUEM ESTÁ MALHANDO FERRO?

E o malho da insomnia na bigorna dos nossos nervos. Fazamos parar esse trabalho que nos extenua. Um comprimido de ADALINA, calmante suave, nos proporciona um sono agradável e natural. ADALINA não tem inconveniente nem, contra-indicação.

ADALINA

«TELEFUNKEN—OCEAN»  
o novo receptor de ondas curtas e longas da afamada Fabrica TELEFUNKEN—a ultima palavra em materia de radio-difusão. Estabilizadores de tensão «KOERTING»—legitimos—indispensaveis para compensar as oscillações da rede electrica, que prejudicam a radio-recepção.  
Carlos Hœpcke S/A — Florianopolis  
Filial em: Blumenau, Itajavillo, São Francisco, Laguna e Lages  
Mostruario permanente em Cruzeiro do Sul — Est. Herval — BRSPRG, 7-1)

## Não Sofra

A Alma Nervosa, Palpitações do Coração, Aperto e Agonia no Coração, Falta de Ar, Suffocações, Sensação de Aperto na Garganta, Cançãos, Falta de Sono, Falta de Appetite, incomodos do Estomago, Arotos Freqüentes, Azia, Bexos Amargos, Ventosidades na Barriga, Enjôos, Latijamento e Quentura na Cabeça, Pezo na Cabeça, Pontadas e Dôres de Cabeça, Dôres no Peito, Dôres nas Costas, Dôres nas Cadeiras, Pontadas e Dôres no Ventre, Tonturas, Tremuras, Excitações Nervosas, Escurecimentos da Vista, Desmaios, Zumbidos nos Ouvidos, Vertigens, Ataques Nervosos, Estremecimentos, Formigamentos Sábios, Caimbras e Fraqueza das Pernas, Suores Frios ou Abundantes, Arrepios, Dormentias, Sensação de Calor em Diferentes Partes do Corpo, Vontade de Chorar sem ter Motivos, Enfraquecimento da Memoria, Moleza de Corpo, Falta de Animo para Fazer qualquer Trabalho, Frio nos Pes e nas Mãos, Manchas na pele, Certas Coeceras, Certas Tosses, Ataques de Hemorroidas, etc. etc. Tudo isto pode ser causado pela inflamação do Utero!

A's vezes a pobre doente pensa que está soffrendo de muitas Molestias, sem saber que tudo isto vem do Utero Doente.

O Utero é assim: quando elle está Doente todos os outros Orgãos sentem tambem.

Trate-se! Trate-se!

Use Regulador Gesteira

REGULADOR GESTEIRA é o Remedio de Confiança para tratar inflamação do Utero, o Catarro do Utero causado pela inflamação, Anemia, Palidez, Amarelhão e Desarranjos Nervosos causados pela Molestia do Utero, a Alma Nervosa, a Pouca Menstruação, Dôres e Colicas do Utero e Ovarios, as Hemorroidas do Utero, as Menstruações Exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação, a Fraqueza do Utero, as Ameaças de Aborto e as Hemorroidas causadas pelo Foco do Utero inflamado!

Comece hoje mesmo a usar Regulador Gesteira

«Philco»

É o Radio que foi e é considerado o melhor aparelho construido scientificamente, pois mais famosos engenheiros Americanos, o elogiado por pessoas de bom gosto. PHILCO o Radio que não require propaganda, é elle mesmo que se apresenta ao publico pelas suas optimas qualidades de um receptor nunca construido. Peça, pois, uma demonstração, nos seus agétes distribuidores

Casa «A MUSICAL»

Rua João Pinto, 12



Grandes e pequenos todos proclamam o Peitoral de Angico Pelotense, o rei dos remedios para resfriados tosse e bronchites. É o preparado por excellencia, empregado em todas as molestias das vias respiratorias.

A' venda em toda parte.

Ano de 1856, “Entretanto andamos aprendendo à capoeira, sem o querer. É necessário a noute andar quebrando o corpo, senão vem alguma testada aos queixos. O que vale é que o frio não deixa ninguém sahir a noite! ” Trecho da Crônica Semanal escrita em **O Mensageiro** (1856, edição 74, p. 2-3), jornal que circulou de 1855 a 1916. A crônica trata da pouca iluminação que tem nas ruas de Desterro e do frio *siberiano* que faz naquele mês de junho, dia quatro.

E continuam os capoeiras em 2018, no frio de junho, na cidade de Florianópolis, quebrando o corpo nas ruas e rodas da cidade. Os golpes são muitos e constante as testadas, ainda.

Na terça-feira, dia 23 de julho de 1861, mais uma vez, o Senhor José Maria do Valle, delegado de polícia da capital da província de Santa Catarina, foi considerado pessoa não grata na cidade de Desterro. Comenta-se que anda à toa, não realiza com diligência e responsabilidade o seu serviço, e que se não consegue manter na linha o seu próprio filho, o senhor José Maria do Valle Filho, promotor público da Comarca de São José, o que se dirá, então, de uma cidade inteira. O fato é que o rapaz, dizendo-se doente, e dessa maneira com licença saúde, fez o que para tratar da sua saúde? Oras, agiu como um moleque

130

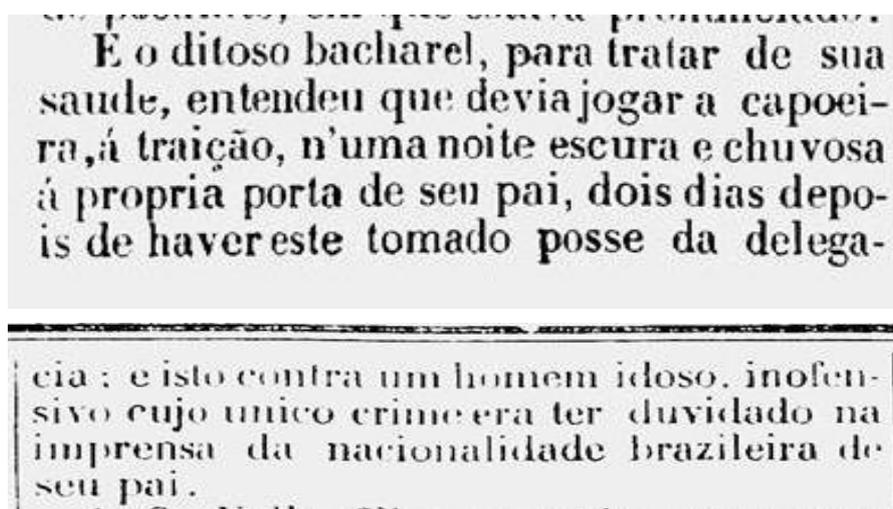


Figura 58: Fragmentos do jornal **O Mercantil**, Florianópolis, 23 jul. 1861.

Recomenda-se que o senhor Valle Junior seja demitido por dizer-se doente, enganar as autoridades:



ira, 29 de Novembro de 1928

d”

mo

O

**As lutas de capoeira no Circo Queirolo**

de to- S. Paulo, 28.—As lutas de ca

**Jiu-jitsu e capoeiragem**

S. Paulo, 15.— No campo de São Bento, realizou-se grande torneio de luta livre, jiu-jitsu e capoeira. A luta principal foi travada entre o campeão nipponico Geo Ohari e o nacional Argemiro Feitosa, que se dizia profundo conhecedor da capoeiragem, e que todavia causou grande decepção, pois o japonês ponde, com facilidade, e dentro de poucos minutos da pelêja, abatê-lo.

É enquanto os empresarios riam, com a bolsa recheiada, que a casa esteve á cunha, o pobre homem gemia desfallecido e o público clamava contra a burla de que era victima. Premeditam-se já represalias, que poderão ter graves consequencias. E' tempo de a policia intervir.

Ademais, ha a considerar que a maior parte desse público é constituido de estrangeiros, que, diante desse espectáculo degradante, põem a ridiculo a nossa capoeira, que é evidentemente uma arma de defesa de que devemos cuidar com maior interesse e não deixá-la á mercê de explorações odiosas como essa.

Figura 61: “As lutas de capoeira no Circo Queirolo” (circo dos irmãos Queirolo atuante até os dias de hoje). Fragmentos do jornal **O Estado**. Florianópolis, 29 nov. 1928.

Muitas são as notícias que tratam da capoeira como luta nacional. Até a década de trinta a capoeira é considerada crime, como revela o DECRETO N. 847, de 11 de outubro de 1890, passível de prisão e até deportação se for estrangeiro. Coisa de desordeiro. Mas principalmente a partir da década de 1930 quando é permitida a sua prática, obviamente enquadrada dentro de uma ordem e regida por normas, ela passa a ser considerada como uma provável luta nacional. Para ABIB, a qualidade dos antigos capoeiras está exatamente na “desordem”, numa outra ordem que não a imposta:

[...] que ao desfazerem a ordem estabelecida, principalmente nos enfrentamentos com a polícia, nas arruaças, brigas e confusões, estavam demarcando um comportamento desafiador do poder escravista, num primeiro momento, e do poder repressor, que se instala com a República em finais do século XIX, e vai até a assinatura do decreto de Getúlio Vargas, no ano de 1934, que tira a capoeira da criminalidade, iniciando, então, o processo de maior aceitação social dessa prática. (2004, p. 122)

Eis porque reportagens como a do circo Queirolo, ou de notícias de desafios que lutadores de boxe, de luta livre, de jiu-jitsu faziam aos capoeiristas brasileiros. E o povo assistia, *tremendo*. E as classes mais favorecidas de Florianópolis, assistiam no antigo Teatro Santa Izabel. Pagavam para ver. E as lutas aconteciam, muitas vezes em lugares construídos e frequentados por essa elite local.

Na noite de segunda -feira, dia 12 de março de 1917, entre revoluções e guerras na Europa e Ásia, em Florianópolis, um público numeroso, como descreve o jornal **O Dia**, do dia 13, encheu o Teatro Álvaro de Carvalho. Motivo? Assistir as lutas que estavam acontecendo durante a semana no Teatro. E acrescenta o jornal,

Para amanhã anuncia-se um grande Festival Sportivo, que a Empresa Moura dedicou á distincta officialidade e praticantes do Navio Escola “Wenceslao Braz”.

O programa desta festa será o seguinte:

Na tela: Um film cinematográfico de grande sucesso;

No palco: Luta Romana.

1ª luta - Desafio entre o Sar. Noubor e Reismann, amadores, ambos alemães.

**2ª luta - Luta livre, com direito de usar os golpes da luta brasileira capoeira** entre “Le Marin”, o ágil e sympatico francez e o valente, forte musculoso campeão brasileiro “Silva” (**O Dia**, edição 102, p. 2, 1917).

Desperta um certo estupor saber que a sociedade (antes desterrense e após a chacina de Anhatomirim, controversamente florianopolitana), majoritariamente branca<sup>48</sup> e com melhor renda, vai ao Teatro, inaugurado em setembro de 1875, mas batizado em 1858, com o nome de “Theatro Santa Izabel”, assistir luta livre.

Dois destaques: primeiro o nome original do Teatro, Santa Izabel! Considerando que em 1872 (MAMIGONIAN et al., p. 198, 2013) a cidade tinha das 25.709 pessoas, 2.940 negros escravizados, ou seja, aproximadamente 11% da população vivia em

---

<sup>48</sup> Trabalho de dissertação com rico acervo iconográfico. Na página 50 podemos observar quem frequentava o Teatro. Conferir: GODOIS, Ivo. Um palco iluminado. Disponível em: <<http://tede.udesc.br/tede/tede/1253>>. Acesso em 18 jul. 2018.

condições brutais, qual o significado de receber este nome? Que vínculos poderíamos traçar com a situação nacional da época? E o segundo destaque: lutadores são autorizados, pelas regras estabelecidas, a usar golpes de capoeira. Que espetáculo! Capoeira para assistir, sim. Capoeira para jogar na rua, não. Visto as inúmeras reportagens que trazem os jornais da época onde a capoeira luta é tratada como coisa de vagabundo. Quiçá, crime.

E segue, varando os séculos notícias, anedotas, causos sobre a e os capoeira. O jornal **O Pacajá** publicava uma série de crônicas intituladas “Pedro e seu amo”. Nos anos de 1862. Pedro, definitivamente negro, faz diversas diligencias para seu amo: leva recados, faz compras, bisbilhota, enfim é o faz tudo. E tudo relata, tudo conta. Passa a impressão de um rapazote alegre, vivaz, arteiro e que sabe dar suas pernadas. E como se pudesse tomar ares de liberdade com seu amo e senhor. Que imagem queriam passar para os leitores da época? Que uma pessoa escravizada pode viver bem? Eis umas das crônicas onde é descrito o modo como um capoeirista se comporta.

# O PACAJÁ

JORNAL LITTERARIO RECREATIVO E NOTICIOSO

REDACTOR -- JUVITA DUARTE SILVA.

ANNO I.

DOMINGO - 2 DE NOVEMBRO DE 1862.

N. 26

## O PACAJÁ.

O digno *Chronista* do *Argos* em falta de assumpto para entreter seus leitores, teve a bondade de nos metter à bulha, por causa dos artigos *Pedro e seu amo*.

O distinto *chronista* tem porzei *Reconhecemo-lo. Foi mesmo inconsideradamente que aceitamos esses artigos* : a pezar disso permitta-nos o *chronista* que reclamos contra o modo menos justo e pouco civil por que qualifica esses artigos. Jamais n'elles se desrespeitou ninguem, ou offendem-se á moral. Os artigos ahi estão, e desafiamos ao *chronista* para que nos aponte as offensas á moral que nelles tem apparecido. E' incxacto ter-mos aceitado artigos que firão a reputação de qualquer e menos ainda de ter-mos desrespeitado o lar domestico, pois não temos esses costumes vis e repugnantes que o *chronista* quer emprestar-nos. A lição seria util para outrem, não para nós- porque a pezar de jovens e principiantes apenas, sabemos seguir escudados na prudencia pelo devido caminho e por isso permitta-nos o *chronista*, dizer-lhe que não aceitamos a sua fição que alem de incivil tem o inconveniente de não ser acompanhada de exemplos que esclareçam a regra.

Seria bom que aquelles que censuram, e recommendão scircunspção fossem os primeiros em ser scircunspectos, e que não elevassem um pequeno grão d'arêia ás proproções do *Pão d'Assucar*, e que O caso contem como o caso foi.

## Pedro e seu amo.



--Bravos moleque, como ficas bonito vestido a maruja!

--E' para, nhonho ver que de toda forma, Pedro, é um bonito rapaz, apezar des-

ses elogios que nhonho me faz, tenho querido por mais de cento e uma vez pedir a minha demissão, e se não fosse ter pena de meu amo, por certo ja tinha mandado esta vida ao diabo!

--Então qual a rasão, Pedro?

--Tenho sido muito censurado, porque infelizmente nasci negro e não posso apparecer onde o branco mete-se de gorra.

--Deixa-te de *historetas*, és as minhas pernas e fallando-me não sirvo para nada.

--Porem, nhonho, podia ver uma pessoa branca, para ter o direito de fallar, pois do contrario seremos sempre censurados.

--Porem não ouviste ainda dizer de quem é o barrete com que nos mimosearão?

--Está tudo cheio por ahi, nhonho, que é de um moço chamado *Martello*, porem não sei onde mora esse *gaiato*!

--Oh! do Mr. *Martello*?! conheço muito! bem desconfiava eu!.

--Pois eu, nhonho, estou aqui pronto; pode mandar-me onde lhe agradar que com muito praser hirei.

--Pois, Pedro, eu aproveite já que es-

*Pedro*  
*do amo*  
*M. 18*

taes pronto. Sabes andar á vella, patroar, e dessas mais manobras do mar, não é?

--Sei, sim senhor; entendo de orçar arribar, fazer uma ale-larga enfim, nhonho, não tenha duvida porque Pedro é bom, e entende *datrica*.

Além disso, nhonho, o batel ainda está abicado a praia e agora é só receber as ordens do nhonho, e correr para á praia repetindo como o *Bardo* ao remeiro: «Ao largo!» e meu batel, hirá então, nhonho, fendendo essas aguas verde-escuras de nosso oceano.

--Bom, muito bom! pois então hirás. Leva esta carta. Fassa-se de vella a *Ilha das Vinhas* e dê alguns bordejos por ella, veja si a vista lá Mr. Martello, e aborde a ella.

--Mas, nhonho, eu não conheço esse *quidam*!

--Eu te darei os fidelissimos signaes, olha: é um moço de enorme *abdome*, sustenta grande *filancia*, tem certo *gaz á capoeira* no andar e no fallar demonstra certa *imposam* ou *radomontarde*, e entrega esse *agradecimento* que o envio, e võe introduza-lhe de sua parte seus *comprimentos*, pela *toisea* lembrança de occupar-se de nós;

--E' verdade! que ideia esturdia, nhonho! escolher a minha pessoa para seu *palito* sem ao menos lembrar-se que para isso é muito *grossa*! Forte *patola*, nhonho! Essa lembrança só de *algun biseque*, ou *Zacharias*! Quer Mr Martello, nhonho associado ou *cangado* com seu amigo pregar lições de moral!... Lições de *moral*!! esse antigo *marujo* da *briosa* tripulação do *Chaveco*, esse antigo *importador* do *Mercador*, esse grande heroe, esse *vulto* que pelos seus *feitos* por suas altas *facanhas* honrou as paginas do *Livro Negro*! e agora coberto com a falsa capa de *Mentor*, prega embusteira moral--doutrina essa para elles completamente estranha, sem ao menos tapar com o embuço o cynismo que os absorve, que tão saliente se manifesta estapado na frente! Ora, nhonho, esta só lembra ao diabo!

Chamão-nos de *immoraes*, porque censuramos as faltas de quem não cumpre com suas abrigações; somos *immoraes* por que

censuramos ao tal moço que imitando a esses *meninos descalfos* (ou moleques) joga *capoeira* na rua ou os *tápas* e aproveitando-se da tarefa de *Chronista*, para vingar-se da censura do nhonho e do meu *saboucte* lança-nos um pnhado de imunda lama que também o salpica...

--Forte lorpa, é o Snr. Martello, Pedro!

--Em que é que esse *gaiato* vê *redicullaria*, *immoralidade* e *escandalo* conforme disse? *Deus te perdõe Paschoal*! Dis o tal minino, nhonho, que somos os *proprios* avilipendiar a nossa nacionalidade e que por isso fique o estrangeiro sensato, *intelligente* e *não sei que mais* reconhecendo pela sua *cathilnaria*, que foi reprovado o nosso procedimento, e não aceito. *Vous êtes trompé Mr. Martello*, o seu amigo a quem S. S. acha-se hoje aliado, graças á seus lindos olhos, machucar e deprimir as familias honestas e zombar desse bom povo pela importancia que lhes derão, não sei o que será, e no entanto é esse estrangeiro querido e amado pela mesma pessoa do Mr. Martello, e tem o direito de tudo dizer, censurar e desacreditar aquelles que tiverão a infelicidade de recolhel-o ao mesmo gremio d'onde recebem a importancia que hoje ostenta: isso não sei o que será... Viva o patriotismo do Mr. Martello que quer que o estrangeiro tenha direito de tudo dizer e os nacionaes que meta uma rolha na boca! Forte tolema.

--Rasga-lhe o *capote*, moleque, não tenhas medo.

--Nenhum, nonho; não tenho *papas* na lingua. Engraçado e muito engraçado é Mr. Martello na sua historia. Elle que recorde-se ou pergunte a seu collega ou *adjunto* das *celeberimas molequagens* desses *gaiatos* de cabellos brancos d'outr'ora e que me diga o que será aquillo a par do nossa *immoralidade*.

Julga o tal *moralista de meia tigella* que as suas palavras por serem dirigidas a nós, ficarão tendo mais valor ou que nos abaterão? engana-se completamente! o calhão que quebra um brilhante não tem mais valor que tinha, não passa de um vil calhão e o brilhante, não perde o seu merrimento, não perde o seu valor.

Em outras duas crônicas destacamos apenas um breve trecho.

Uma em que “Pedro” é mandado para desmanchar uma roda (jogo de búzio?) e a outra em que o rapaz se reconhece como bom capoeirista:

### Pedro e seu amo.

--Ah ! *Pedro, Pedro* moleque de uma figa !

O que foi você fazer ? Que diabo de aranzel ou embroglio arranjou você ?

--O que nhonhô ?

--O q', dice você á aquelle môço de chapéo alto de chile que elle tanto se *encrespou* ?

--A quem nhonhô ? ao Senr. *Zé de Christo* ?

--Sim, sim, demonio.

--Oh ! nhonhô, eu juro pela *canella de Santo Amaro*. Eu nada dice que lhe pudesse offender.

Quando nhonhô mandou que eu fosse ao *club pandigueiro*, encontrei Senr. *Zé de Christo* que era mesmo um *Christo* no bilhar, e quiz dizer o que nhonhô mandou ; porem elle ficou logo tão *azafamado*, nhonhô tão *encarnado* que era mesmo um cama:ão e levantando *le parapluie* quiz dar-me uma *cajadada* ; mas nhonhô sabe que Pedro é bom capoeira, e que *o geito do corpo è o pé*, pulou logo fera da *liça*.

Depois, Pedro, vá a rua do príncipe, desmanche aquella *roda* de gente de sua cor que nos domingos costumão ajuntar-se e pessa para que não continue por que pode os *filantes* ( como chama Victor Hugo nos *miseraveis* ) darem com elles no *Xilindro* por causa do jogo do *buzio*.

Bom, nhonho, fica tudo a meu cuidado.

--Não se esqueça do que tenho-lhe recommendado, vá dar os recados que lhe dice, e ouça com toda attenção as *criticas* desses *violas*, e não me saia da *pista* desses *marrecos* ; enfim arranje-se lá *como quem não quer a couza*, e depois volte a narrar esses *pormenores*, não se esquecendo da mais *pequenina* couza.

--Inutil nhonho, é me recommendar, porque Pedro não se esquece do que vê ou ouve, e não é de capa *encoirada* nem serve de capa para esses *meninos*. Eu já vou sem demora alguma para esta importante commissão, onde julgo que sirvo com toda actividade e zelo.

Bom, nhonho, eu parto já a cumprir com meus deveres : isto é de andar metendo meu respeitavel *nariz* onde não sou chamado, e onde se póde passar sem elle.

*Pedro e seu amo.*

Figura 64: “Pedro e seu amo”. O Pacajá. Florianópolis, Edição 20, p. 82-83, 1862.

Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreaderr.aspx?bib=766429&pesq=capoeira>>.

Acesso em 18 ago. 2018.

Crônicas escritas em Desterro, meados do século XIX. O capoeirista é figura conhecida na cidade: fala, se veste, caminha pelas ruas de modo peculiar. Os negros são proibidos nessa província catarinense de viver em ajuntamentos, em batuques e gritarias. E curiosamente jogavam búzios na Rua do Príncipe, atual Conselheiro Maфра, rua que margeia o Mercado Público da cidade e que no seu Vão Central, há 31 anos, tem uma roda nos sábados, agora de capoeira, que alguns gostariam de desmanchar e que é também frequentada por gente da cor do “Pedro”! Impressionante.

Nos versos da “Xandóca”<sup>49</sup>, personagem do Boi de Mamão<sup>50</sup> e que principalmente até a década de 1970, se apresentava nas ruas de Florianópolis chamando para o espaço público homem, menina, menino e mulher, também ali aparece a malandragem do capoeira:

*Xandóca*  
Marcha Carnavalesca  
(Letra e música de João Barbosa)

(Côro)  
Xandóca! Xandóca!  
Vem cá, me dá uma beijoca,  
Bem juntinha a mim;  
Agarradinha, assim,  
Xandóca! Xandóca!

(Sólo)  
Eu, quando te falei,  
P’ra cairem nesta farra,  
Pensei...Pensei...  
Me larga, não agarra,  
Qu’eu quero me mexer,  
Dôa lá a quem doer!

(Côro)  
Xandôca! Xandôca! Etc.

(Sólo)  
Fui cedo prá fuzarca,  
Nasci com marca,  
No samba entrei,  
Tomei mesmo á barca,

---

<sup>49</sup> Xandoca – O personagem é apresentado por uma exótica figura feminina, maltrapilha, mas vaidosa e pede dinheiro para toda a assistência. Ela tem a função de arrecadar auxílio para os integrantes do folguedo do Boi de Mamão. Disponível em: <[http://nea.ufsc.br/files/2016/05/Texto\\_peninha\\_TEATRO-DO-BOI-DE-MAM%C3%83O-2.pdf](http://nea.ufsc.br/files/2016/05/Texto_peninha_TEATRO-DO-BOI-DE-MAM%C3%83O-2.pdf)>. Acesso em 10 jul. 2018.

<sup>50</sup> Pedro com seus cinco anos sabe tudo de Boi. Filho de Chico e Lara, todos os três afilhados meus. Que bom tê-los!

Capoeira já joguei  
Fui malandro e serei.

FONTE: **Sul**: Revista do Círculo de Arte Moderna (SC) – 1948 a 1952. p. 18.

O fundamental é que a cidade, há 124 anos chamada de Florianópolis, conhece a capoeira. Convive na informalidade com essa luta, escreve e fala sobre ela. Através dos registros que nesse minguado de tempo conseguimos pesquisar, convive com ela, no mínimo, desde 1850. São 168 anos.

Não estamos nesse estudo pesquisando sobre o que a memória coletiva de um lugar guarda no seu imaginário e o que transmite para as gerações que a precede. Mas sabemos que a escola, os meios de comunicação, as agremiações, as igrejas são veículos fundamentais para reproduzirem, principalmente a ideia, a ideologia dos que estão no poder. Das elites locais. E o que encontramos sobre a capoeira, em alguns jornais de Santa Catarina, do século XIX em diante, são basicamente duas visões: ou é luta para se ver ou é coisa de gente sem brio.

Nas linhas dos jornais, **O Conciliador Catharinense** (1849 a 1850), **O Correio Catharinense** (1852 a 1854), **O Mensageiro** (1855 a 1916), **O Argos da Província de Santa Catarina** (1856 a 1861), **República** (1858 a 1937), **O Mercantil** (1861 a 1868), **O Pacajá** (1862), **O Despertador** (1863 a 1883), **A Regeneração** (1868 a 1889), **Gazeta de Joinville** (1877 a 1908), **Conservador** (1884 a 1889), **República** (1895 a 1897), **O Dia** (1901 a 1918), **Gazeta do Commercio** (1914 a 1918), **O Estado**: Diário Vespertino (1920 a 1929), **O Estado** (1930 a 1939) e **Sul** (1948 a 1952), o capoeirista caminha entre o crime e o espetáculo. Do principal Teatro, para as ruas da cidade basta uma *gingada*. O tempo não volta para traz.

E assim na passagem das coisas e das gentes, no Mercado assentou-se a capoeira.

A capoeira do século XX. A que em 2017 completou 40 anos. É o ano de 1977. Mestre Pop, Lourival Fernando Alves Leite, artesão na época e capoeirista, sempre, chega em Florianópolis. Era um dos muitos artesãos que colocavam seus panos no chão da Praça XV, e que são posteriormente expulsos. Fato já citado.

É esse homem que ao dar aulas de capoeira no Educandário 25 de Novembro, Abrigo de Menores, no bairro da Agrônômica forja capoeiristas que constituem, nos anos vindouros, a *Capoeira da Ilha*.

Em 77 quando cheguei comecei a fazer um trabalho com o artesanato aqui na Praça XV. Basicamente, vivi toda minha infância em Campo Grande. Mais ou menos em 69...saí pra conhecer o mundo, viajar e terminei chegando em Floripa, e aqui fiquei até hoje. (PINTO et al., 2014, p. 19).

E até hoje joga na Praça XV, na Roda da Figueira e *dá lição*. Roda onde giram os capoeiristas que apreciam e dão valor a capoeira da cidade. Ali o seu aluno do Educandário, hoje mestre, Pinóquio, coordena esse lugar aberto a vadiação. Foi ali também que conheceu outro aluno, Calunga, mestre nos tempos de agora. O mesmo que em 1986 vai possibilitar a entrada de Alemão na Universidade Federal de Santa Catarina e que irá tecer toda a história do grupo Palmares em Florianópolis, período que comentamos anteriormente. Calunga comenta durante a entrevista,

Cheguei, era o Pop. [...] com um cabelo desse tamanho Black Power, um berimbau que era uma vara de pescar, e tocando, ele vendia artesanato. [...] - Tu sabes capoeira, eu perguntei para ele. - É, eu sei um pouco de capoeira. - E tu tens capacidade de ensinar alguma coisa? - Não, ensino, ele falou. Ensino, não tem problema. Nem perguntei se era mestre, naquela época não tinha essa referência de mestre. Sabe alguma coisa para me ensinar? Sei. Então vou arrumar um espaço para tu me ensinar capoeira. (PINTO et al., 2014, p. 20).

140

Em 1978 acontece a primeira roda de capoeira. Na Praça XV de novembro, hoje Roda da Figueira. Ali Mestre Pop fazia a roda com as crianças do Educandário 25 de novembro e expunha seu artesanato. A capoeira que antes figurava nas páginas dos jornais, entre um caso e outro, não era praticada na cidade, não havia rodas no centro da cidade. Em Pinto et al. (2014, p. 24) encontramos a seguinte observação, “Era uma parada quase que obrigatória [...] para ver o que se passava naquela roda de movimento [...], onde o berimbau causava estranheza [...], sendo confundido muitas vezes com uma vara de pescar”.

A capoeira, enquanto prática de grupo, era criança nessa cidade. Feita como nos contam alguns capoeiristas, sem malícia e sem malandragem. Não havia a necessidade do confronto. Foi num clima de uma Ilha que *aparentemente* inspirava tranquilidade (plena ditadura militar, um ano depois aconteceria a novembrada) que os primeiros capoeiras iniciaram seus movimentos do corpo e das ideias:

Essa foi a ideia primeira de expressão da capoeira em Florianópolis, que foi mudando à medida que foram chegando pessoas de outras capitais

com realidades e ideias bem diferentes na forma de capoeirar, exigindo uma mudança de comportamentos frente a esses novos capoeiristas. (PINTO et al., 2014, p. 24).

E do encontro com a capoeira de Alemão (Canoas/RS) e a capoeira da década de 1980 de Florianópolis é que nasce o que costumamos denominar *Capoeira da Ilha*, combativa, resistente e com fundamento. Mestre Calunga comenta:

Quando o Alemão chegou, ele veio com outra história, com outro estilo, que era a preocupação com o lado do fundamento da capoeira que a gente não tinha até então. Que era de entrar na roda, de sair da roda, da malícia do jogo. A gente era muito inocente nesse sentido, não tinha essa malícia...de cantar, de tocar o berimbau. Porque o fundamento para mim é o que move a capoeira, vamos dizer assim, o fundamento é o que protege, é o que dá embasamento para poder entrar na roda, pra poder sair, pra saber jogar, saber com quem jogar. Então a gente começou a sentir o que era bater, o jogo começou a ficar mais forte. Ajudou a gente a se proteger contra os malvados. Então foi muito importante nesse sentido, a gente começou a ficar mais maduro dentro da capoeira. Porque como foi um choque muito grande, de repente começou essa coisa de pegar, pegar, pegar, teve muita gente que correu da capoeira. (PINTO, 2014, p. 31).

141

E Mestre Pinóquio:

Só que o outro lado da capoeira que é a malícia. Isso aí o Alemão contribuiu. Foi um cara que viveu intensamente a capoeira. E a capoeira na rua. Na rua é que a perna treme é que tu podes valer-se da sua experiência. Na rua realmente ensina do jeito que tem que ser. Tu tomas uma queda na rua não é que nem aqui nesse tablado limpinho, cheiroso. Na rua, lá no mercado, tu cai em cima das pedras, tu aprende mesmo com a realidade. (PINTO, 2014, p. 33)



Figura 65: Dança de guerra ou jogar Capoeira, Johann Moritz Rugendas.

Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?biw=1366&bih=662&tbm=isch&sa=1&ei=GY6iWmG1kcIE86-noA8&q=capoeira+pinturas>>. Acesso em 10 abril 2018.

Desse modo a Capoeira vai se constituindo enquanto realidade na cidade. E no campus universitário da UFSC é que a Capoeira Palmares faz sua “casa”. É no curso de Educação Física, no CDS, no chamado Ginásio de Alumínio que o grupo se estrutura. Esse trabalho dá origem a muitos outros. Foi criado um projeto de extensão que perdura até os dias de hoje<sup>51</sup>. No currículo do curso, uma disciplina obrigatória sobre Capoeira. Principalmente na década de 1990, a integração UFSC e as comunidades adjacentes ao *Campus Universitário* foi muito forte, fazendo com que a capoeira se tornasse parte do cotidiano da universidade e dessas comunidades, nem sempre de modo tranquilo como nos relata Alemão:

Aos poucos o campus começou a ser cercado, aumentou o contingente de seguranças, assim como o controle e repressão aos jovens que o frequentavam. Qualquer ocorrência era culpa dos moleques ou da capoeira. Começaram a ser vistos como uma ameaça à comunidade universitária. A capoeira somente não deixou de ser um projeto, por força de alguns estudantes e professores que assinaram o projeto e defenderam a proposta. Paralelo a isso, iniciou-se um forte movimento de rebeldia e contestação ao preconceito. Os projetos se tornaram mais bem fundamentados, estudos e pesquisas começaram a dar lugar a trabalhos acadêmicos mais consistentes e os treinos continuaram a

---

<sup>51</sup> O projeto formou inúmeros capoeiristas. Alguns deram continuidade a a capoeira Palmares: Mestre Polegar (coordena os treinos do projeto de extensão), Mestre Khorvão, Contramestra Jô Capoeira e Contramestra Danuza (coordena o projeto de extensão).

ocorrer nos horários noturnos. A capoeira, os treinos que não tinham hora para acabar, começaram a ser vigiados e controlados. (PINTO, 2014, p. 34).

Com a base plantada na UFSC, as raízes ao crescerem se estenderam. A Roda do Mercado é raiz estendida da capoeira Palmares, para a cidade. A semente é boa. A árvore tem gerado bons frutos. Flores. Espinhos, obviamente: são resistentes e protegem.

Nos anos finais da década de 1980 o trabalho realizado por Alemão, Calunga, Pop, Pinóquio, e outros capoeiristas consolidou a capoeira em Florianópolis. Diversos bairros<sup>52</sup> conviveram (e convivem) com essa luta de ataque e defesa, em suas Associações de Moradores, em seus Centros Comunitários, em seus espaços públicos e privados: Centro, Estreito, Balneário, Coqueiros, Coloninha, Agrônômica, Trindade, Mocotó, Serrinha, Pantanal, Saco dos Limões, Santa Mônica, Córrego Grande, João Paulo, Saco Grande, Canasvieira, Barra da Lagoa, Lagoa da Conceição, Campeche e Carianos entre outros da Grande Florianópolis.

A ideia de uma CAPOEIRA DA ILHA se efetiva em 1998.

Nesse ano realiza-se o I Festival de Capoeira Angola da Ilha de Santa Catarina onde reúne diversos capoeiristas de Santa Catarina e do Brasil. Esse encontro, onde se joga, se pensa e se debate a Capoeira, foi organizado por uma entidade criada por dois grupos de Florianópolis, a Palmares e o Quilombola (Mestre Pinóquio): a Central Catarinense de Capoeira Angola<sup>53</sup>.

Esse primeiro Festival, posteriormente outros foram realizados, foi significativo para a história da Capoeira em Florianópolis porque expos na roda e na fala o que esses grupos pensam e o que pretendem com essa arte luta, a capoeira. Colocou a cidade em movimento.

Presentes no Festival, Mestre Nô e outros grandes mestres, contramestres e professores da Bahia, São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina como Mestre Bigodinho, Lua Rasta, Braulino (saudade mestre!), Bandeira, Thouro, Nestor Capoeira, Levi, Casquinha, Dentinho, Dindo e Bicudo. E inúmeras atividades, a Roda do Mercado, e três batismos de Capoeira: no Restaurante Universitário

---

<sup>52</sup> Bairro mesmo é o Monte Verde. Lá tem mulheres que se dobram só para não quebrar: são mulheres da resistência: abraço Lelê, abraço Tinha.

<sup>53</sup> Atualmente a entidade encontra-se inativa.

da UFSC (6º Batismo Capoeira Angola Palmares), Clube Bem Bolado e Praça do Balneário do Estreito,

A Central passou ser a entidade articuladora de uma ideia. Uma entidade de promoção de eventos para preservação da capoeira e capacitação dos capoeiristas, como cursos, debates, mostras de vídeos em relação à Capoeira e outros temas afins. Uma entidade que reunia capoeiristas preocupados e engajados em trabalhos de resistência, ou seja, de resgate, preservação e promoção da Capoeira Angola e seus mestres. (PINTO, 2014, p. 53)

E é a constituição de uma capoeira com fundamento e combatividade que vai conseqüentemente fortalecer a importância das Rodas de Rua de Capoeira. Principalmente depois da década de 1990 os capoeiristas em Florianópolis sentem o impacto de um “inchamento” da Capoeira no Brasil. A Capoeira “explode” para o mundo, torna-se um produto, uma marca. Os grupos se estruturam seguindo uma lógica empresarial. E os que não desaparecem, os que resistem, permanecem onde sempre estiveram: na margem social.

A Capoeira definitivamente se espalha por todos os continentes. Os Mestres, os que de algum modo tiveram contato com capoeiristas da década de 1920, 1930 se tornam referências no mundo da capoeira. E muitos desses mestres atravessaram a fronteira brasileira levando esse conhecimento para outros lugares. Alguns foram e não voltaram mais para o Brasil. Alguns se mantiveram fiéis aos princípios populares e ancestrais da capoeira. Mas, em grande medida, é uma capoeira sem fundamento, competitiva e mercantil que se espalha com mais rapidez de sul a norte e de oeste a leste.

Em Florianópolis, a capoeira, que em 1986 já havia se transformado com a chegada do Alemão, é de 1990 até por volta do ano 2000 testada não apenas nos seus fundamentos, na sua destreza e técnica, mas precisa, principalmente, lutar pelos espaços tradicionais de treino e roda: Mercado, Figueira, UFSC. Grupos como Palmares e Quilombola, vivem durante esse período momentos de enfrentamento, não apenas físico, mas institucional, como o Grupo Palmares dentro da UFSC. Diversas foram as reclamações por parte de outros grupos de capoeira levadas ao Conselho Universitário desta Instituição Federal. Muitas vezes relatando situações que haviam acontecido em rodas de capoeira fora da Universidade.

Florianópolis é lugar de capoeira: jogo de dentro e jogo de fora. É referência internacional. Suas Rodas de rua são consagradas enquanto espaço de ataque e de defesa. Lugar de malícia e malandragem. Os que se mantiveram a margem, mantiveram sua singularidade em um mundo que padronizou comportamentos e pensamentos.

#### 4.3 A Roda de Capoeira: lugar de malícia e malandragem



Figura 66: Capoeira, Rozina Becker do Valle, 1966.

Disponível em:

<[https://www.catalogodasartes.com.br/Lista\\_Obras\\_Biografia\\_Artista.asp?idArtista=2251](https://www.catalogodasartes.com.br/Lista_Obras_Biografia_Artista.asp?idArtista=2251)>.

Acesso em 10 abril 2018.

A Roda de Capoeira está inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão. Tornou-se de 2008 para cá manifestação cultural de importância nacional e internacional. É considerada movimento de corpo, luta. E no movimento está o registro histórico, está a compreensão que se tem de mundo, está o ritual centenário que tem ânsia (ainda hoje) de liberdade.

Na brincadeira, no jogo, no som dos instrumentos, na destreza do golpe percebe-se a sobrevivência da malandragem. No gingado vislumbra-se o negro escravizado, e muitas vezes o branco feitor.

No Brasil a capoeira tem atravessado os tempos, ora subordinada ao poder hegemônico, autoritário, militar ora fazendo-se instrumento de resistência popular. Servindo de legado, de passagem dos ensinamentos e práticas afro-brasileiros.

Na página do IPHAN encontramos:

O registro da Roda de Capoeira e Ofício dos Mestres de Capoeira tem amplitude nacional e está em mais de 150 países, com variações regionais e locais [...] O conhecimento produzido para instrução do processo permitiu identificar os principais aspectos que constituem a capoeira como prática cultural desenvolvida no Brasil: o saber transmitido pelos mestres formados na tradição da capoeira e como tal reconhecidos por seus pares; é na roda onde a capoeira reúne todos os seus elementos e se realiza de modo pleno. (BRASIL, 2014)

Eis o Patrimônio Imaterial do Brasil e em 2014 da Humanidade. Cultura. Importância reconhecida pela UNESCO. Valor inestimável, não para todos obviamente. Para os comerciantes do Mercado Público de Florianópolis é prática descartável e incômoda. Nesse espaço geográfico a manifestação da sociedade está medida por quanto monetariamente ela consome. Vende-se farinha, apresentações artísticas, peixe, cerveja, comidas rápidas e pirão.

146

Diz a música de Capoeira, de domínio popular: “todo tempo não é um, morre o homem fica a fama, fica seu palavreado”, vira história: o feito e o dito. A roda de Capoeira, com suas mulheres e homens está inserida no espaço geográfico. Deixa seu registro na cidade, e é história nesse lugar de distintas interpretações e de disputas.

O movimento da Capoeira é de resistir, adaptar-se, subverter, resistir, adaptar-se, subverter, sempre. Avanços, recuos e avanços. Na passagem do olhar atento, a roda de rua é muito mais que um jogo, na *arena* pós-moderna (a rua), que suscita diversas interpretações, nos deparamos com pessoas que reescrevem tradições e práticas sociais. Preservam e respeitam fundamentos e a ancestralidade. É nas frestas que vamos construindo reflexões e criando possibilidades, de mudança, de quebra de rotinas e de novas inovações. Nos vãos o voo. O risco. A roda da Capoeira é lugar de risco. É memória social, que a traça não come.

Arriscar-se engendrando saídas, forjando táticas e aprendendo novamente a ouvir, revigorar a “memória cultural adquirida de ouvido”. Na capoeira, em roda, é assim que nos ensinam. Primeiro escutar, receber. Depois nos mostram a importância do mover-se: corpo e ideias. E no movimento, preencher a rua. Deixar vivo no território a sua marca.

Nessa sociedade que peca pela falta de marcas significativas. Somos educados para o passageiro. A desmemoria é a norma. O passado é monumento, foto, não é legado. São mapeáveis as marcas do poder, e a cartografia aqui é instrumento que cria fantasia, ilude. Realça o traço de quem domina. A roda de Capoeira, traçada em um espaço geográfico, é símbolo que geralmente não consta na legenda de nenhum mapa oficial. Mas é parte indelével do espaço urbano daqui (Florianópolis) e de acolá (Brasil/Mundo).

Silva, que defende a roda de rua como um fenômeno social de manifestação pública, lembra que,

[...] a capoeira sempre realizou rodas na rua, porém em anos idos [...], não tinha o caráter de demonstração pública, mas estava atrelada a uma tradição cultural de se jogar na rua, de conhecer outros capoeiras e realizar "embates" com eles, era um espaço em que os capoeiras, na época sem ligação com grupos, poderiam fazer fama, demonstrar suas habilidades e perpetuar o seu nome no mundo da capoeira e, não raras vezes, no espaço social mais amplo. (2010, p. 19)

A Capoeira persiste. E quando cultivada em liberdade se amplia, e envolve com emoção quem a pratica, quem a assiste. Retida, confinada, escravizada, rotulada, definha ou arrebenta parede, mesa, cadeira “[...] ferro e grilhão [...] Entre a senzala e a casa grande é urgente buscar a terra nova. E assim, encher a rua de pernas é estar disposto para a caminhada”, como nos afirma Pinto et al. (2014, p. 68).

147

E a Capoeira em Florianópolis tem caminhado pela cidade. Independente dos seus fundamentos, hoje, no denominado Centro Histórico (extremamente alterado) alguns grupos, além da Palmares e do Quilombola, realizam rodas. No Calçadão da Felipe Schmidt, o grupo Abadá e na lateral direita da Catedral Metropolitana, o Grupo Filhos de Tigre. Inúmeros grupos fazem rodas em diferentes bairros do município.

São 41 anos de capoeira. Capoeira na roda, na roda de rua que é o lugar do improvisado, da malícia, do combate, do encontro. É na Roda da Capoeira que a vida se faz presente nas suas contradições e acertos. ABIB argumenta que é através da “...tradição oral, presente na roda de capoeira, que os saberes têm o espaço e o tempo de se mostrarem e ser transmitidos pelos iniciados aos mais novos” (2004, p. 131), assim a roda é lugar de “passagem, pois inclui a mudança, o momento da transformação, a passagem entre esse mundo e o além, e vice-versa”. A roda da capoeira é o tempo ao revés, é estar no espaço geográfico, mas sendo regido pelo tempo que gira anti-horário.

A “volta ao mundo”, é um fundamento<sup>54</sup> utilizado após um dos jogadores aplicar um golpe, uma rasteira ou quando quer de algum modo mudar o ritmo, a estratégia do jogo. E esse movimento *arrodeia a roda* sem seguir os ponteiros do relógio.

Para Soares, o imprevisto é inerente ao jogo da capoeira e

A roda de capoeira exige que os jogadores realizem uma improvisação de sequências de movimentos, sem perder a atenção para tudo aquilo que está à sua volta, como o seu parceiro, os instrumentos e a música [...] o capoeirista deve estar em estado de alerta. (2010, p. 76)

A roda de rua de Capoeira, assim como outras manifestações populares que estão na rua são alertas, faróis, que anunciam, alumiam e denunciam.

Em Florianópolis são 41 anos<sup>55</sup> de capoeira jogada por grupos, que possuem nome e endereço. São quarenta e um anos fazendo o esforço histórico para colocar no centro da cidade, da praça, do Mercado, o jogo da liberdade.

E esses 41 anos se tornam 168, no mínimo. A capoeira tem um passado e faz parte da formação histórica de Desterro e de Florianópolis. O capoeirista, “acaba incorporando todo esse saber social que foi desenvolvido por seus antepassados, violentados por um sistema escravista” e “perseguidos [...] “pela lei e pela ordem” vigentes” (ABIB, 2004, p. 84). Ao armar suas rodas nas ruas, vãos e praças, os camaradas capoeiras, os do tempo de agora, deslocam nos seus golpes e contragolpes a névoa que encobre a história. Despertam através das suas cantorias, do batuque, do agudo toque do berimbau, a sua própria memória, mas também, despertam a memória da cidade, de sua elite, de seus empresários, dos “amos” que sempre tiveram seus “pedros” para serem seu faz-tudo.

O fundamental do saber-se parte da história de um lugar não é pelo tempo em si, mas que se é fruto de um movimento que teve suas origens em gente que atravessou mar e terra e que esse movimento se transformou em conhecimento vivido, é saber. Um saber, como escreve Abib (2004, p. 83 e 84), que está na “na astúcia, sagacidade e artimanhas desenvolvidas por um [...] capoeira que, feito e criado no universo da capoeiragem, acaba incorporando todo esse saber social que foi desenvolvido por seus antepassados [...]”, e

---

<sup>54</sup> Fundamento preservado pelos capoeiristas do grupo Palmares de Florianópolis.

<sup>55</sup> Quarenta e um anos levando em conta a constituição formal de um grupo de capoeira, Grupo AÚ pelo Pop (Mestre). Estamos considerando com base nos artigos de jornal pesquisados que os capoeiristas já eram conhecidos em Desterro, hoje Florianópolis.

ao dar voz e corpo a esses que estavam recolhidos no passado é fortalecer os que são oprimidos pelo mesmo sistema que os oprimiu. Chamar os ancestrais é aprender

Esse saber, caracterizado pelas táticas de enfrentamento, que iam desde o uso da violência direta, até o uso de estratégias de dissimulação utilizadas pelos capoeiras do passado, é utilizado nos dias de hoje como formas de sobrevivência numa sociedade opressora contra marginalizados do sistema. (ABIB, 2004, p. 84).

Andamos por aí a jogar capoeira. E esta cidade sabe muito bem o que é uma cabeçada, uma rasteira, um pé riscando o ar. Sabe do andar leve e ritmado de um homem capoeirista e do pisar firme e desafiador de uma mulher capoeirista. Na roda, espaço de confronto, onde a verdade impera, somos todos aprendizes, Soares (2010) comenta que é na roda que se dá a expressão corporal do capoeirista, que não é o espaço para a representação, mas para a autenticidade. Lugar de se romper com o que estava rígido. Onde o poder não está com o mais forte, mas com o que usa da malícia e da malandragem.

E o tempo apenas transforma a técnica em estratégia. Mas assim como na vida, “vacilou, cai”.

149

Das rodas que acontecem em Florianópolis duas consideramos tradicionais na história da Capoeira: Roda do Mercado e Roda da Figueira. Rodas de rua.

Duas rodas onde a vadiação é o que se busca. E vadiar na rua é andar. É ter a leveza nas pernas, no caminhar. Vadiar na roda é estar as voltas com algumas pessoas, no girar do tempo e brincar, jogar. Vadiar na rua com capoeira é encher a rua de pernas.

Mas qual a essência dessas rodas? O que faz desses lugares espaços tradicionais de Capoeira na cidade. Porque defendemos que essas são rodas tradicionais de Capoeira, de rua? Considerando que a Roda de Capoeira foi considerada pelo IPHAN<sup>56</sup> como um campo de saber, não seria toda roda de capoeira um espaço de tradição?

---

<sup>56</sup> A Roda de Capoeira - inscrita no Livro de Registro das Formas de Expressão, em 2008 - é um elemento estruturante de uma manifestação cultural, espaço e tempo, onde se expressam simultaneamente o canto, o toque dos instrumentos, a dança, os golpes, o jogo, a brincadeira, os símbolos e rituais de herança africana - notadamente banto - recriados no Brasil. Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade - A 9ª Sessão do Comitê Intergovernamental para a Salvaguarda aprovou, em novembro de 2014, em Paris, a Roda de Capoeira, um dos símbolos do Brasil mais reconhecidos internacionalmente, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/66>>. Acesso em 10 jul. 2018.

É provável. Mas insistimos na peculiaridade dessas duas rodas de Florianópolis: Mercado e Figueira.

A Roda da Figueira é armada em 1978. Inconstante, mas tem seus primeiros acordos nesse ano. Efetiva-se mais tarde. Outra nasce em 1986, mas firma-se em 1987.

Uma procura as raízes da Figueira da Praça XV para se fixar. A outra percorre as pedras. São os paralelepípedos no Mercado Público que lhe dão abrigo. Assim a terra e a pedra são símbolos dessas rodas.

E as duas se fazem na rua. E quem frequenta a rua? A *ralé*, assim explica o dicionário da língua portuguesa. Capoeira e rua são dos espaços públicos, da *ralé*. É gente que está na rua<sup>57</sup>.

No livro **Cadernos de Capoeira**, que trata da história e constituição da denominada Capoeira da Ilha, um dos seus capítulos (p. 64-68) é referente a essas rodas. Destacamos abaixo algumas passagens,

As duas rodas invadem espaços que, mesmo de domínio público, estão privatizados, ora os disputam com comerciantes ora com o próprio poder público<sup>58</sup>.

Em Florianópolis, estar na via pública, principalmente nas décadas de setenta e oitenta, era coisa de vadio. E foi isso que fizeram (e fazem), mulheres e homens, meninos e meninas no sábado, vadiavam (e vadeiam) na praça e no mercado.

Permanecer por mais de 30 anos vergando corpo e madeira, marcando golpe, ginga e compasso é manter, é permanecer na vigília cultural.

Essas rodas alimentam a memória. Recuperam a essência dessa luta de escravos. Luta que só vai para a rua, legalmente, a partir da década de trinta do século passado. Colocar a Capoeira na rua em lugares significativos para a cidade é tornar vivo valores como liberdade, resistência e cultura popular. (PINTO, 2014, p. 64-68)

---

<sup>57</sup> *Rua*. S. f. 1 Via pública para circulação urbana, total ou parcialmente ladeada por casas. 3. Os habitantes de uma rua. 4. *Fig*. A *ralé*; Us. no interior do verbete: Encher a rua de pernas. *Bras. Fam.* Dicionário Aurélio. Disponível em: <<https://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em 10 abril 2018.

<sup>58</sup> Atualmente na Roda da Figueira vive-se o que estamos chamando a “dança do banco”. O banco que servia de acento para os capoeiristas fazerem a roda tem sido retirado do lugar (embaixo da Figueira) e colocado em outro ponto da Praça XV. Todos os bancos estão sendo grampeados/fixados. Todo sábado de roda anda-se as voltas procurando o banco para colocá-lo onde sempre esteve. Além de berimbau, pandeiro e atabaque hoje o alicate faz parte da bateria.

Relaciona-se as rodas com o saber popular, oral, parte da tradição<sup>59</sup>. O conhecimento acontece principalmente através da fala, do movimento, do gesto, a transmissão é direta,

Se tradição é recordar. É memória. É transmitir. Essas rodas são tradicionais.

Recordam, fazem vir à memória situações e pessoas significativas para a capoeira. Estão na memória de todos os capoeiristas que possuem mais de 20 anos de “*volta ao mundo*”, os daqui e os do Brasil. Os que se consideram habitantes da rua, os que vagabundeiam.

Se transmitir se entende como a “*transmissão oral de lendas, fatos, etc., de idade em idade, geração em geração*”. Essas rodas então são tradicionais.

Oralmente estão entregando os saberes, as lendas, as ideias, as músicas para indistintas gerações. De idade em idade, doam o que receberam. Um legado que é impossível identificar o primeiro e muito menos indicar o último.

O tempo às consagra. Não as mantém. Não, isso quem faz é o eterno movimento da história. E a coerência de quem as faz. (PINTO, 2014, p. 64-68)

As rodas guardam e contam a história dos que iniciaram o movimento em direção a cidade, a rua, que saíram de suas senzalas e ganharam a *capoeira*,

151

As crianças que viviam no Bairro Agrônoma, no Educandário 25 de Novembro desenvolvia além do estudo várias atividades, como trabalho nas oficinas de marcenaria, futebol nos campos que se estendiam até próximo a Ponta do Coral<sup>60</sup>, plantação, e começaram, alguns, a fazer capoeira. Em 1979 o professor, homem viajado, levou a meninada para praça. Era uma maneira de divertir-se na rua. E era assim que faziam os capoeiristas naquela época: vadiavam, brincavam. Crianças, jovens e Pop, o mestre.

Hoje todos são mulheres e homens grandes. O mestre tá lá na praça. Seu filho. Seu neto. E seus alunos, alguns, lá estão. Isso é tradição.

As crianças e jovens que viviam no Bairro Pantanal estavam muito perto da universidade, cresceram ali, brincando nos campos de futebol, nas quadras, na piscina que até o final da década de oitenta era a céu aberto, possibilitando um e outro banho. Além do estudo começaram alguns, a fazer capoeira. Em 1988 o professor, rapaz viajado, levou a meninada para o mercado. Era uma maneira de jogar, adestrar o corpo, maliciar na rua. E era assim que faziam os capoeiristas naquela época:

---

<sup>59</sup> *Roda*. S. f. 12. Distribuição de pessoas reunidas à volta de alguma coisa. 14. P. ext. agrupamento heterogêneo de pessoas; grupo. 15. O grupo de pessoas com quem se mantém relações; círculo de amizades. 18. Fig. Volta. Dicionário Aurélio. Disponível em: <<https://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em 10 abril 2018.

*Tradição*. S. f. 1. Ato de transmitir ou entregar. 2. Transmissão oral de lendas, fatos, etc., de idade em idade, geração em geração. 5. Recordação, memória. Dicionário Aurélio. Disponível em: <<https://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em 10 abril 2018.

<sup>60</sup> Área verde em disputa na cidade entre o setor empresarial e parcela da população.

vadiavam<sup>61</sup>, brincavam e lutavam. Crianças, jovens e Alemão, o contramestre.

Hoje todos são mulheres e homens grandes. E seus alunos, alguns, lá estão. Isso é tradição. (PINTO, 2014, p. 64-68)

A roda do Mercado é resistência contra a descrença:

Estar no Mercado produzindo cultura com a Capoeira é resistir. Resistir é não se deixar dominar. É oferecer resistência. Resistência é a força para anular os efeitos de ações destrutivas. De ações, palavras, atos. Resistir é estar em movimento. É abalo. Agitação: de corpos, corações e mentes. É comoção.

Estar em movimento é resistir à inércia. É sã teimosia. (PINTO, 2014, p. 64-68)

A roda da Figueira é resistência contra a alienação:

Estar na Figueira produzindo cultura com a capoeira é resistir. Resistir é não se deixar dominar. Resistir é estar em movimento.

No balanço do vento, alongados troncos cobrem alongados corpos. Seculares seus galhos abrigam secular luta.

Na singela permanência de sua sombra protegem-se os jogadores. Resistem abrigados. Sob a Figueira, jogar capoeira é abrigar-se. Do abrigo da casa ao abrigo da rua. (PINTO, 2014, p. 64-68)

152

Peres (2017) durante as entrevistas comenta que sempre escuta o Mestre Jimmy Wall falar que “o capoeirista é um arquivo vivo, que a memória do negro no espaço geográfico é o próprio corpo nesse espaço”. Qual a maior prova de resistência da cultura de um povo, do povo negro do que *estar e ser* nos espaços que na realidade não foram criados, organizados para ele?

A capoeira nasce da dor, da fuga dos quilombos, um espaço de resistência, uma dor muito grande assim como são os terreiros, os terreiros são discriminados hoje tão sendo criminalizados, estamos voltando ao século dezenove, começos do século vinte e a capoeira ela sofre esse estigma. A grande luta do capoeira é ressignificar o seu corpo, a prática na sua originalidade, trazer os valores fundantes. O berimbau para mim é um instrumento que é de uma corda e parece que tem uma orquestra ali dentro, ele é o museu mais primário que tem e ele em si traz a memória ancestral. (PERES, 2017).

É, pois, na adversidade que a Capoeira se entrelaça com as pedras do Mercado e com as raízes da Figueira. Do século XIX para cá, 2018, podemos considerar que essa arte-luta é parte integrante do modo de ser ilhéu. É cultura praticada nessa terra *também* de imigrantes açorianos.

---

<sup>61</sup> *Vadiar*. V. *int.* Andar ociosamente de uma para outra banda; vagabundear, vagabundar, vaguear. 2. Levar vida ociosa; 4. *Bras.* brincar; divertir-se. Dicionário Aurélio. Disponível em: <<https://www.dicionariodoaurelio.com/>>. Acesso em 10 abril 2018.

Urgente mesmo é identificar o que une os que acreditam na cidade como possibilidade de dignidade. Nós nos reconhecemos no outro, no alçar-se para cima dos *muros e das mesas* é que enxergamos o horizonte. A terra como amplidão, mãe, farta. A ânsia da liberdade é sentimento permanente do sujeito. É nas frestas que vamos construindo reflexões e criando possibilidades de mudança social. Nos vãos o voo. O risco. Perder o chão é perder-se. Subverter é criar resistência. É preciso politizar a resistência e considerar que estar a margem pode vir a ser uma estratégia.

**CAPOEIRA NÃO É PRATO QUE SE COME NO MERCADO: CAPÍTULO QUINTO**



Figura 67: Vão do Mercado Público de Florianópolis.  
Acervo Danuza Meneghello, 1998.

### 5.1 *Tem Capoeira moço?*

A pergunta é pertinente, afinal, com o que já escrevemos, podemos considerar que o Mercado Público de Florianópolis é um lugar ambíguo.<sup>62</sup>

E quem ajuda a responder são alguns capoeiristas da Ilha<sup>63</sup>: o Contramestre Alemão (Carlos Alberto Dal Molin Silva), o Mestre Pop (Lourival Fernando Alves Leite), o Mestre Calunga (Wilson Roberto Alonso Colunga), o Mestre Pinóquio (Valdemiro Pereira Filho), o Mestre Gerry (Gerry Costa), o Mestre Polegar (Edson Sioff), o Mestre Jimmy Wall (Valmir Ari Brito) e a Contramestra Jô Capoeira (Joseane Pinho Corrêa). Para fazer um contraponto, chamamos o vereador Lino Peres (PT), a historiadora do IPHAN Regina Santiago, a arquiteta do SEPHAN Karina Baseggio, o gerente do Mercado Público Peterson da Rosa. Foram convidados também representantes da Associação dos Comerciantes do Mercado Público, que não nos receberam. O silêncio deles é igualmente uma fala.

Sim, tem Capoeira no Mercado<sup>64</sup>. Mas só no primeiro sábado de cada mês. Das dez da manhã ao meio dia. E é servida fria, às pressas.

155

O que salva esse prato tipicamente brasileiro é a fome de quem o prova, “[...] não quero faca nem queijo. Quero a fome”, nos recita Adélia Prado.<sup>65</sup> É a ânsia, a busca da saciedade, que nos faz retornar para o Vão do Mercado Público de Florianópolis.

*Mas temos fome de quê?* O jogo, neste lugar de passagem, entre capoeiristas e comerciantes, e, principalmente, com o poder municipal (visto que é quem pensa as políticas públicas da cidade) é uma disputa de ideias. É, obviamente, uma disputa de lugar, mas substancialmente é uma disputa política. Santos escreve que “no lugar - um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são a base da vida em comum”, a disputa cria alianças e as desfaz, pois “[...] cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contiguidade é

---

<sup>62</sup> Marilena Chauí já nos alerta sobre o vocábulo “ambíguo”, em seu livro publicado pela primeira vez em 1986. Conferir: SANTIAGO, Homero (Org.). **Conformismo e resistência**: escritos de Marilena Chauí. São Paulo: Autêntica, 2014.

<sup>63</sup> Durante o texto optamos, geralmente, por utilizar o nome do capoeirista sem a sua titulação na frente. À todos um abraço de agradecimento.

<sup>64</sup> Aos capoeiristas, os que fazem a Roda do Mercado, axé por estarem presentes.

<sup>65</sup> O poema “Tempo” faz parte do livro *O coração disparado*, de Adélia Prado, lançado em 1978.

criadora de comunhão, a política se territorializa, com o confronto entre organização e espontaneidade” (2006, p. 218).

*A política se territorializa*, na maioria das vezes, sutilmente, mesmo para os capoeiristas. São poucos os que ao jogar capoeira no vão central, entendem que se movimentam em um lugar prioritariamente comercial. Que esquivam muito menos de um martelo, de um rabo de arraia, de uma bicuda e muito mais de “[...] uma classe política que é uma oligarquia que se apoia da terra, na exploração imobiliária e fundiária”, como enfatiza Lino Peres<sup>66</sup>, acrescentando:

[...] então essa estrutura dominante tem destruído a cidade, eles impulsionaram a cidade do ponto de vista do crescimento, no modelo capitalista periférico, explodiram essa cidade em cima dos mananciais, fizeram uma grilagem gigantesca em cima da terra, implantaram um modelo muito violento aqui nos anos 70, sem nenhuma preocupação com inclusão social, geraram periferias enormes. (PERES, 2017)

E o vão do Mercado é exemplo microscópico desse modelo de cidade que procura criar espaços racionais, planejados, funcionais. Nos alerta Santos: “Por serem ‘diferentes’, os pobres abrem um debate novo, inédito, às vezes silencioso, às vezes ruidoso, com as populações e as coisas já presentes” e “O choque entre cultura objetiva e cultura subjetiva torna-se instrumento da produção de uma nova consciência” (SANTOS, 2006, p. 221). Consciência que para os capoeiristas é forjada na roda de capoeira.

Para Lino Peres, “O Mercado é uma parte estruturante da formação do espaço urbano no Brasil”. Comenta que todas as grandes cidades brasileiras possuem um Centro Histórico, uma igreja, um Mercado, “[...] ou seja, o patrimônio material e imaterial, e aqui ele se mantém, ele não é destruído em si, mas ele é ressignificado como um shopping” (PERES, 2017).

Para Karina Baseggio<sup>67</sup>, o Mercado Público de Florianópolis, por ficar anteriormente em uma região portuária da cidade, é muito simbólico. É memória da cidade, é onde

[...] se estabeleceu um comércio muito popular, que ainda permanece muito popular, sempre esteve atrelado a essa questão do cidadão mesmo, do florianopolitano, ele tem essa força que, acho, as intervenções vêm descaracterizando, mas ainda há uma presença, essa

---

<sup>66</sup> Professor e Vereador (PT) de Florianópolis. Entrevista realizada em 14 nov. 2017.

<sup>67</sup> Karina Baseggio é arquiteta do IPUF/SEPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município). Concedeu entrevista dia 21 de novembro de 2017.

força ainda existe, algo popular no centro da cidade. (BASEGGIO, 2017).

No pensar exposto acima, duas opiniões sobre o Mercado Público são coincidentes: 1) é patrimônio importante da cidade (material e simbolicamente); 2) passa por transformações que o estão descaracterizando como tal. Para Peterson da Rosa<sup>68</sup>, o Mercado é o “cartão postal de uma cidade. É a joia, é uma característica que não tem como tirar. A história aconteceu aqui. Faltava um conjunto para o bem-estar comum”. O gerente do Mercado não lembra, excetuando o *Berbigão do Boca*, de outras manifestações que aconteciam no Mercado, no vão central. Comenta que as principais lembranças são “do tráfico de drogas, da prostituição, dos banheiros que eram muito sujos e hoje mudou para melhor, hoje tem um controle maior”. Ou seja, o Mercado estava abandonado pelo poder público, o que cabia ao município não estava sendo feito, mas não era um lugar abandonado, as pessoas circulavam pelo Mercado: traficantes, prostitutas, capoeiristas, indígenas, população nas suas mais variadas origens sociais.

Karina Baseggio também destaca sobre a temática do “abandono”:

Falam muito do abandono do centro histórico e que precisa renovar porque está abandonado, mas na verdade está cheio de gente, tem uma vida muito grande, acontecem muitas manifestações só que talvez não sejam aquelas esperadas por certos grupos. Então acontece esse tipo de tensão, é complicado, é uma disputa. (BASEGGIO, 2017).

É o que Santos (2006) pondera, quando reflete que o Mercado é uma referência concreta na cidade, no mundo, mas é, também, “*o teatro insubstituível das paixões humanas*”. Ao que a arquiteta do SEPHAN acrescenta:

[...] eu fico muito impressionada quando me falam, que o centro da cidade é abandonado. Eu penso, abandonado por quem? Porque eu moro no Centro, é muito vivo, as pessoas estão sempre andando, e são pessoas diversas, diversos tipos de pessoas, tem estudante, tem as pessoas que moram no morro, as pessoas que vão fazer as suas coisas no Centro, tem quem trabalha, enfim tem os turistas, tem de tudo, mas não é abandonado. Talvez seja, tenha abandono da administração pública que não cuida das calçadas de uma forma apropriada, não cuida dos seus imóveis tombados de uma forma apropriada, então há um descaso da administração dos seus imóveis, dos seus deveres, mas as pessoas ocupam o espaço muito, é muito vivo o espaço do Centro. Nunca consigo entender muito bem essa colocação, mas ela vive sendo

---

<sup>68</sup> Peterson da Rosa, Gerente do Mercado Público de Florianópolis, vinculado à Secretaria de Administração. Concedeu entrevista (não permitiu ser gravada) dia 22 nov. 2017.

dita, os espaços degradados do centro, o setor leste, não entendo. (BASEGGIO, 2017).

Para a historiadora Regina Santiago<sup>69</sup>, do IPHAN, falar do Mercado Público de Florianópolis é igualmente falar de um bem material que é uma referência para a cidade:

[...] a partir dele você vê o resto, você mapeia aquele entorno. Você vai ver foto de Florianópolis antiga, está lá, tem sempre o Mercado, então tem essa referência como lugar, talvez mais que como edificação, mais que como originalidade. Mais do que, por exemplo, que a Alfândega, todo mundo conhece a Alfândega, mas se você for olhar, tem muito mais o Mercado, então acho que isso diz alguma coisa do significado para as pessoas. (SANTIAGO, 2017).

Para o Mestre Jimmy Wall<sup>70</sup> o Mercado Público:

É o quintal da minha casa, eu fui criado ali no Mercado, porque o meu pai era marinho e ele tinha o costume de nos levar muito ali. A minha mãe, como boa macumbeira, da Umbanda, eu ia com ela para comprar as coisas ali no Mercado, comprar fumo de corda, comprar umas frutas, umas verduras, eu ajudava no carreto com as compras. (JIMMY WALL, 2018).

Jimmy destaca a importância do Mercado como lugar agregador e informativo. Era ali que marcava encontros e que se inteirava das “novidades” da cidade, “Porque as relações de compra e venda, contatos, do comércio, as mentiras, as fofocas, as brigas, passam pelo Mercado, o que ia fazer, saber quem é quem, conhecer as pessoas” e faz uma interessante comparação “O Mercado seria a artéria que movimenta tudo, tudo passa pelo Mercado, eu não consigo vir no Centro sem passar pelo Mercado, ainda hoje” (2018).

Na sua opinião, a reforma realizada em 2015, em que uma das alterações foi a cobertura do vão central e a sua transformação em uma praça de alimentação, foi uma reforma elitista. Considera que o povo não frequenta mais o Mercado Público, seus amigos questionam “O alto preço das bebidas, das comidas, então isso prejudicou muito o encontro [...] do sambão que tinha ali da época, eles não tão mais, as pessoas não frequentam mais, eles dizem que o Mercado não é mais deles, eles mesmo dizem, é um racismo social” (2018).

---

<sup>69</sup> Regina Helena Meirelles Santiago chefe da Divisão Técnica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em Santa Catarina. Concedeu entrevista em 22 nov. 2017.

<sup>70</sup> Mestre de Capoeira do Grupo Palmares. Graduação conferida por Mestre Nô em 2017. Entrevista realizada em 18 jan. 2018. Jimmy, presença marcante nas rodas de rua, Saravá!

Para Santiago, do IPHAN, a reforma não pode ser vista como algo que é positivo ou negativo. Como ela mesma fala, “Tem seus prós e contras, eu acho que uma parte dessa mudança é positiva, e daí eu estou falando mesmo como leitora, como cidadã da cidade, uma parte dessa mudança é bem positiva [destaca a atratividade] e uma outra parte nem tanto”. E argumenta:

Na verdade, uma outra parte tem perdas, você tem uma mudança social, poderia pensar em algumas frentes para manter alguns grupos que podem ter sido afastados, ou ter sua frequência do Mercado um pouco dificultada. Poderia buscar a participação da comunidade. Um considerável número de pessoas teve a sensação de ter perdido um pouco do Mercado, então isso talvez pudesse ter sido evitado ou olhado mesmo depois de acontecido poderia ter sido um alvo de preocupação, um alvo de olhar para. Como poderia fazer para que não ficasse tanto assim. (SANTIAGO, 2017).

Considera que o aspecto positivo é que o patrimônio que for tombado tem que ser usado. Precisa manter o vigor de um bem reconhecido, utilizar, mantê-lo vivo, mas qual exatamente é esse uso não é algo que está dado. O modo como será utilizado, isso é parte dessa interação da cidade. E cada um vai ter um olhar.

159

Na realidade ela está falando de como se olha para o espaço público da cidade, das disputas que acontecem e do que apresenta como um “embate”. Em suas palavras:

A cidade é espaço público, então quando você fala sobre privatização de espaço público o que está em discussão eu acho, ou disputa, em uma perspectiva mais de ciências humanas é o uso do espaço público, é a visão do espaço público, é construção do que que é público, do que não é, é visão de sociedade, do que é belo, do que é bom. (SANTIAGO, 2017).

A defesa da privatização de áreas públicas da cidade muitas vezes está fundamentada no discurso da segurança, da limpeza, do bem-estar comum, da boniteza, como já destacamos anteriormente. Para Oliveira: “Este discurso inscreve cores na cidade para justificar ações segregadoras” (2014, p. 88). E explica que “O espaço público é substituído pelo racializado e regulado para o consumo, da *praça pública* aberta a todos, isto é, o local dos encontros, dos debates, dos embates e das manifestações políticas das diferenças”, para, o que em grande medida se transformou o vão central do Mercado Público: “[...] uma *praça de alimentação* nos *shopping centers*, local do consumo fechado, despolitizado, de práticas e gestos regulados e lugar de controle de acesso de

sujeitos “indesejáveis”. Jimmy descreve essa mesma sensação, sugerindo essa vivência, quando perguntamos como ele se sente quando vai no Mercado Público nos dias que não tem Roda de Capoeira:

Sinto falta dos abraços, dos *ois*, eu passo no Mercado e uma coisa que não acontecia, as vezes eu passo ali sem cumprimentar ninguém, isso para mim é um absurdo, eu mal conseguia, levava meia hora para ir de um lado para o outro, hoje eu passo em um minuto e ninguém diz assim: Jimmy! Ninguém me chama mais. Porque tu passas a perceber quando tu não estás sendo mais reconhecido, quando tu nota que não é mais cumprimentado. Eu sinto muita falta disso, os contatos não têm mais. Aí eu vou encontrar eles em outros locais, porque o Mercado era um ponto de encontro. Não tem mais um ponto de referência, isso te deixa meio perdido, né? (JIMMY WALL, 2018).

E destaca, que o Mercado era o lugar da informação, “Por ser casa de Exu, Exu é movimento, a palavra Exu é esfera, então é movimento, é moinho, tudo passa pelo Mercado, tudo começa pelo Mercador” (JIMMY, 2018).

Regina Santiago destaca que o Mercado é lugar privilegiado, e por isso a disputa que acontece ali em relação a Roda de Capoeira, não acontece tão intensamente em relação a outras rodas em outros lugares da cidade,

[...] tem toda aquela titulação do espaço, como espaço cultural, com homenagem ao Luís Henrique Rosa, é claro que é um espaço privilegiado, então assim a Roda da Figueira ou a Roda da Catedral elas não sofreram ou elas não são alvo de uma disputa tão ferrenha como a Roda do Mercado porque enquanto espaço ele é um espaço mais privilegiado e mais visado por outros interesses. (SANTIAGO, 2017).

E na observação feita por Karina, que não tinha, na época da entrevista, conhecimento do Espaço Cultural Luís Henrique Rosa, podemos reconhecer semelhanças com o raciocínio desenvolvido anteriormente por Jimmy:

Acho que é o espaço do encontro, e quando você sobe os preços, quando você começa a cobrir e depois fechar as laterais por causa do vento, você vai segregando as pessoas, então deixa de ter esse caráter de rua e de encontro e acaba virando um espaço homogêneo e mais desinteressante. (BASEGGIO, 2017).

E reforça: “não dá para esquecer que aquilo é uma rua, então aquele espaço que parece um parque de alimentação, é uma rua, um espaço público. Então uma coisa que você tem que evitar, que a coisa se feche, se privatize, que segregue” (2017).

A já comentada Lei Municipal Número 10.139, de 17 de novembro de 2016, que alterou a lei anterior, foi criada para evitar a exclusão, a retirada de manifestações culturais populares. Lino Peres explica o que o levou a propor a mudança:

O nosso projeto de garantir os espaços que já tem sua posse estável, consolidado historicamente, que pudesse reservá-los por lei, tanto os espaços do centro da cidade, como nos bairros. O nosso projeto tenta preservar pelo menos a Capoeira, que tinha um espaço no centro do Mercado, com conflito, sim, mas tinha. No vão que, aliás, invadiram aquele espaço do Luis Henrique Rosa também. Os caras vão invadindo com as cadeiras, aquilo ali está se transformando em mercadoria pura. (PERES, 2017).

Para Mestre Pop<sup>71</sup>, o Mercado Público, nos seus vários momentos históricos, teve uma função social e cultural. Mas atualmente tornou-se principalmente um espaço comercial, onde o espaço para a cultura ficou reduzido. Antes “[...] ele tinha uma característica popular, ele não estava tão elitizado, eu acho que as últimas administrações públicas de Florianópolis vieram elitizando o Mercado e conseqüentemente afastando a população que frequentava o Mercado historicamente.” (2017).

Na opinião de Mestre Pop, querem fazer

[...] daquele local histórico um ponto de referência turístico, mas para um determinado segmento da sociedade, tanto é que a população que frequentava três anos para trás, a população negra, estava muito presente no Mercado. No sábado, por exemplo, quando pintava um sambão, uma roda de Capoeira, desde então, de uma certa época, esse público, de uma certa forma se afastou, então o Mercado, hoje, já não acolhe mais a população como um todo de Florianópolis (MESTRE POP, 1999)

O pensamento de Santiago aponta para um Mercado diferente de um simples espaço de consumo:

[...] eu acho que ter um Mercado com uma cara mais de Mercado e menos de um barzinho comum, me parece que é algo que poderia ser investido como diferencial, e aí eu estou até falando de um possível olhar comercial para aquilo, então assim, a música ao vivo que está lá, é a música ao vivo que tem em qualquer outro lugar, inclusive na maioria dos outros lugares com uma acústica melhor. Hoje dentro do Mercado tem uma acústica confusa, ela fica um pouco abafada. Esse olhar para outras coisas que não são só enfim, as cadeias de *fast food*, entendeu, então é interessante. E é isso, é algo que daria para se pensar,

---

<sup>71</sup> Mestre (1979) que chegou em Florianópolis em 1976, ano que marca a idade da Capoeira na cidade. Entrevista realizada janeiro de 2018.

mas enfim, depende sim de uma, de um certo embate, de um certo diálogo, e de uma participação maior da sociedade. (SANTIAGO, 2017).

“O Mercado Público era um lugar mais popular”, comenta o Contramestre de Capoeira Alemão<sup>72</sup>. Ele também coloca a sua estranheza no que se transformou, sobretudo, o Vão Central:

Hoje não vou mais. O Mercado pra mim tá totalmente descaracterizado, dá até vontade de chorar quando eu vejo o Mercado. Virou uma grande praça de alimentação, tu chegas no Mercado Público e as pessoas ficam leiloando as comidas, todo mundo com o cardápio na mão. Pra mim o Mercado Público descaracterizou total. Tem [cita o nome de um estabelecimento de comida rápida que não vamos identificar] no Mercado Público, uma coisa que eu nunca imaginei que iria ter, e o Mercado, pra mim, perdeu a característica dele, no meu modo de ver, perdeu. Principalmente no vão central. (ALEMÃO, 2017).

Mestre Polegar<sup>73</sup>, capoeirista nativo do bairro Pantanal, começou a frequentar a Roda do Mercado ainda criança. E o que menciona sobre o Mercado Público? “Que o Mercado antigamente era um Mercado Público, hoje é um shopping. Então é difícil até de fazer uma roda lá dentro porque nos agride. Não se vê o povo, a massa lá dentro, só os executivos”. E continua,

A gente não vai ali para encher a cara, a gente não vai lá tomar um whisky, que eu não sei nem quanto que custa uma garrafa de whisky, eu não sei quanto que vale, não sei quanto que vale tudo isso. Então o pobre não vai lá pra usufruir do Mercado, nessa parte tão cara. Antigamente o Mercado tinha as lojas ali que eram mais baratas. Então quer dizer, já pensou como é que o capoeirista vai lá e vai sentar com os amigos lá, fica mais difícil. (POLEGAR, 2017).

A Contramestra Jô<sup>74</sup>, capoeirista da Palmares, aluna do Alemão, frequenta a roda do Mercado desde 1988. Nascida e criada no bairro de Coqueiros entende o Mercado como o lugar do encontro. Considera que o Mercado Público de Florianópolis nunca teve uma ala, um setor com bastante artesanato, com produtos nativos,

---

<sup>72</sup> Contramestre Alemão, formado pelo grupo Palmares (1984), já apresentado anteriormente. Precursor da Roda do Mercado (1987). Entrevista realizada em 19 dez. 2017.

<sup>73</sup> Mestre de Capoeira do Grupo Palmares. Graduação conferida por Mestre Nô em 2010. Entrevista realizada em 11 abril 2017.

<sup>74</sup> Contramestra de Capoeira do Grupo Palmares. Graduação conferida por Mestre Nô em 2013. Entrevista realizada em 03 jan. 2018.

[...] porque o nosso nunca teve muito essa característica, tirando a parte do peixe que é a parte característica do Mercado mesmo, essa história do manezinho, dos vendedores de peixe, porque a parte de cá sempre foi de loja, loja de sapato, então não tinha muito, o nosso Mercado nunca teve uma característica de Mercado como nos outros lugares, mas tinha os pontos de encontro. (JÔ, 2018).

Destaca que vários foram os manifestos, os movimentos feitos pelos capoeiristas para tentar preservar o Mercado como patrimônio histórico e cultural da cidade, protegendo-o das reformas desenvolvidas pelos órgãos públicos. Segundo ela, o que “[...] essa elite da cidade fez eu acho que acabou com o Mercado. Depois que eu passei a frequentar a Roda do Mercado, todo o sábado, durante muitos anos, eu ia pro Centro, eu passava por dentro do Mercado”. Relata que era prática comum passar pelo Mercado, “Qualquer lugar que eu fosse no Centro eu passava por dentro do Mercado. Depois eu fiquei tão revoltada com essa reforma que fizeram, primeiro naquele telhado, que tirou toda a beleza do Mercado por dentro, um telhado horrível”. E continua dando voz ao desassossego: “A gente sempre brigava pelo espaço, mas agora, tem muita cadeira, eles tiraram o paralelepípedo e colocaram um granito para dar estabilidade para as mesas”. E reafirma, com convicção:

Então eu não passo mais pelo Mercado hoje em dia, eu não passo, eu passo por fora, eu passo pela Conselheiro Mafra. Só quando for para comprar peixe, é a única exceção, quando for para comprar peixe, um camarão. Mas eu não passo mais no Mercado, porque pra mim eles tiraram a alma do Mercado, sabe, porque eles, o povo não tá mais ali dentro, essa onda de ser tudo *gourmet*, além dos preços que é mais para uma classe diferente que um povão mesmo, para mim, acabaram com o Mercado, por enquanto. Eu acredito que com o tempo o povo vai retornar, mas por enquanto [...] (JÔ, 2018).

Mestre Gerry<sup>75</sup>, originário do bairro Saco Grande I, foi frequentador assíduo da Roda do Mercado. Trabalhava no Centro, “com as navalhas” (expressão do Gerry), na barbearia do pai, e ao meio dia ia jogar capoeira no Mercado Público. Sobre o Mercado de quando era guri, recorda:

[...] os balaios, os pescadores, as figuras tradicionais da Ilha se encontravam no Mercado, então tu olhavas aquelas pessoas, as vezes via na televisão, ô esse cara eu conheço. Então o Mercado era um lugar de encontro, a cidade, o lugar grande, o lugar de encontro era sim, era o Mercado, o grande Mercado... hoje ele dentro da arquitetura da cidade

---

<sup>75</sup> Mestre de Capoeira do Grupo Angola Fortaleza da Barra. Graduação conferida por Mestre Calunga em 2014. Entrevista realizada em 16 jul. 2018.

é grande, imagina na antiga, era um mundo. Eu não tenho a lembrança, por exemplo, da água batendo no Mercado, não, não tenho. (GERRY, 2018).

Chama atenção para o fato de os nativos de Florianópolis, como Jô e Gerry, não se lembrarem do mar encostado no Mercado Público. Relatam que raramente vinham para a “cidade”, era algo raro e caro. Excetuando Jimmy, que conta durante a entrevista, que muitas vezes mergulhava nas cercanias do Mercado para pegar as moedas que os passantes jogavam. Jimmy é da área central do Maciço do Morro da Cruz, do Morro do Céu.

Mas voltemos aos comentários de Gerry,

A palavra Mercado, ela acaba nem cabendo mais dentro da estrutura que é um Mercado Público hoje, porque ele é um centro cultural né, claro vive do comércio, do peixe [mas] tinha que abrir espaço ali para cultura, de certa forma alguns estabelecimentos não combinam com o Mercado, na minha opinião assim, acho que ele ganharia mais com outras atrações. (GERRY, 2018)

E quando perguntamos sobre a reforma, destaca que era necessária, pois,

164

[...] cobrindo o vão central, pra mim, foi uma coisa que ganhou espaço né, claro, pra se apresentar, na Ilha chove muito, a gente tem que considerar essa coisa, então eu acho que foi uma coisa de bom gosto, não ficou uma coisa pesada, um telhadão, eu acho que ficou bacana, dá pra usufruir mais durante a noite e o dia. O Mercado o prédio em si, com toda aquela arquitetura, me parece que traz uma outra coisa pra dentro daquilo ali, podia estar cheio de artesanatos, artesãos, né? E a própria produção da Ilha de frutas e verduras que existe na Ilha. Se tu entrar no Ratonos [bairro de Florianópolis] hoje parece que tu está em outro lugar [...] então tem a condição de ser facilitado, vender os produtos naturais da Ilha, aquela coisa do orgânico que é muito importante de estar ali. (GERRY, 2018).

Ao mesmo tempo que considera positivas algumas das alterações feitas no Mercado Público, Gerry fala novamente, com convicção da importância de ser um espaço cultural, de valorizar o passado como memória viva. E pergunta:

Quem vai lembrar da escravidão, que a grande maioria dos Mercados foram construídos pelos escravos, querem o que? Fechar os olhos para o nosso passado? Se você não tem passado provavelmente o futuro não vai valorizar mesmo. Então, a gente tem que valorizar esse passado dando a oportunidade pra cultura se manifestar pô, se fosse uma coisa que fosse ocupar, mas uma roda é quatro metros quadrado, qualquer chão, quer cobrir cobre, se não quiser não precisa também... (GERRY, 2018).

E dá a dica:

O Mercado deveria é estar fomentando a Roda da Capoeira, anunciando, abraçar junto, da mesma forma o universo da Capoeira iria estar enaltecendo essas atitudes do Mercado e todo mundo ganha com isso, o cara vai ali jogar capoeira, já vai comprar o peixe, tomar caldo de cana, já vai tomar uma gelada, comer um peixe frito. Então acho que tem que juntar essas coisas, porque realmente é uma forma de viver maravilhosa quando as pessoas se abraçam, em vez de querer expulsar de uma área. (GERRY, 2018).

“Eu sei que o dinheiro pesa no final do mês e você precisa pagar suas contas, comerciante, mas se ficar apostando só em querer ganhar o dinheiro sem querer dar oportunidade para as outras pessoas que vivem em volta de você”, alerta o Mestre Gerry. Ele explica que “[...] a capoeira alimenta muitas pessoas, são vários professores de Capoeira, são muitos alunos que vão ali em busca dessa arte, então vamos abrir o coração e a intenção de um universo melhor. Mais arte no Mercado” (2018).

Mestre Polegar desenvolve um raciocínio semelhante ao exposto, de que:

[...] o pobre, a gente sempre é escoraçada de muitas coisas. Então o que eu vejo é que os capoeiristas, é porque o ganho que eles [comerciantes] vão ter com nós é mínimo, no pensamento deles, porque eles vão ter uma cultura lá dentro. Quando as pessoas do Mercado, se eles fossem mais espertos, eles têm uma Roda de Capoeira lá, eles não valorizam sua própria cultura. Antes mesmo de muita gente estar trabalhando lá, já estava a Capoeira, antes de existir mesa lá dentro e cadeira já tava a capoeira, a capoeira começou lá em 87. Faz muitos anos. Mas infelizmente vai se acabando porque eles estão nos expulsando lá de dentro. (POLEGAR, 2017).

165

Mestre Calunga<sup>76</sup>, durante a entrevista realizada na sala do Projeto Córdoba, no Colégio de Aplicação/UFSC<sup>77</sup>, relembra do Mercado. Ele é paranaense, chegou em Florianópolis em 1976, e se deparou com um ambiente bastante popular, simples e animado. Recorda das pessoas vendendo balaios e outras coisas mais, para o povo mesmo. Que não existia bar no vão central. Era a venda do peixe, dos calçados. Na opinião de Calunga:

O Mercado era fundamental, onde era toda a parte comercial do povo mais trabalhador, o colono, do agricultor, do pescador, era onde as

---

<sup>76</sup> Mestre de Capoeira do Grupo Angola Fortaleza da Barra. Graduação conferida por Mestre Nô. Entrevista realizada em 08 dez. 2017.

<sup>77</sup> Aos amigos solidários da Geografia: José Carlos (axé padrinho), Tomás (mano mais novo) e Peron gratidão pelo incentivo e pelos abraços.

peessoas se encontravam, o Mercado é um ponto de encontro, todas as capitais tem um Mercado popular e todas elas estão transformando em outro produto, que são os bares, que eu acho que, não que seja contra o bar, mas só bar, as outras coisas não tem espaço, essa divisão de espaço que tá mal colocada, quando que o bar era só uma coisa que fazia parte, vamos dizer, que estava integrado, agora não o bar é a principal coisa, a bebida, isso descaracterizou. (CALUNGA, 2017).

Considera, ainda, que o Mercado deixou “[...] de ser um Mercado popular, virou um comércio que tá cada vez mais elitizando que já não tem mais espaço para tu ir lá e sentar, porque tá muito cara, o povo já não vai mais no Mercado”. Para ele, quem frequenta “são os turistas, gente de poder aquisitivo maior, então, virou uma elite, elitizou” (2017).

Atualmente, comenta que não frequenta mais o Mercado, que “[...] não me interessa mais ir, não vale a pena, não tenho dinheiro para frequentar e o ambiente não é mais meu ambiente, não é mais um ambiente popular” (2017). Relata que comprava no Mercado porque o preço era mais acessível, comprava tênis que era mais barato, e usava para jogar capoeira, mas até isso deixou de fazer.

Pergunto para Mestre Pinóquio<sup>78</sup>, nascido em Biguaçu, sobre o Mercado, das antigas, e ele, tal qual Gerry e Jô, diz que pouco vinha pra Florianópolis, “[...] eu lembro de ter ido ao Mercado há muitos anos com o meu pai, não lembro de detalhes, mas eu lembro que quando a gente saía de Biguaçu pra ir ao Centro [de Florianópolis] naquela época, era como se fosse ir a Marte” (2018). E completa dizendo que o que levou ele efetivamente ao Mercado Público foi a Roda de Capoeira:

Eu conheço o Mercado há, sei lá, trinta anos jogando capoeira ali, e a gente viu e sentiu a transformação daquele espaço público em quase que privado, então eu tenho saudade de quando o Mercado Público era realmente público, e tem uma Roda de Capoeira ali, que poucas vezes foi mencionada pelas redes de comunicação da cidade. O que eu percebo é que as manifestações públicas, que é o caso de uma roda de Capoeira, no Mercado Público é invisível. A cidade, não interessa a cidade, uma roda aonde se manifesta a cultura, não há interesse nenhum de divulgação pela mídia local. (PINÓQUIO, 2018).

E continua: “essa cidade é realmente uma cidade sem cultura, eu mesmo, eu não me sinto cidadão dessa cidade, a própria cultura açoriana, acabaram com tudo”. E, pescador que é, afirma: “Inclusive as baleeiras, a pesca artesanal, o pescador faz um

---

<sup>78</sup> Mestre de Capoeira do Grupo Capoeira Angola Quilombola. Graduação conferida por Mestre Pop em 2000. Entrevista realizada em 07 dez. 2017.

rancho de canoa ali vai preso, o *cara* pode fazer uma mansão ali em cima das dunas, agora imagina a capoeira?” Na sua opinião, querem transformar o Mercado em um shopping, e ao elitizar acabam selecionando as pessoas que o frequentam.

Calunga, ao ser perguntado sobre o Vão Central do Mercado, recorda que era pouco utilizado “[...] com atividades extras do Mercado, o vão era mais para a passagem de pessoas e tal, então quando começou a história da Capoeira, as rodas de Capoeira, eu lembro que foi uma das primeiras atividades populares dentro do Mercado”. E ao falar sobre esse pioneirismo da Capoeira ocupando o vão, ele vai *cartografando* o movimento da Roda do Mercado no próprio vão central:

[...] eu vi que a roda foi um chamariz pro pessoal começar a utilizar aquele espaço. Eu lembro que quando começou a Roda, não tinha esses bares, era livre, não tinha ocupação com mesas e essas coisas, então a Roda era, preenchia um espaço que era vazio mesmo, ela não atrapalhou em nada, muito pelo contrário, criou mais vida no Mercado. (CALUNGA, 2017)

Já com a chegada dos bares...

167

[...] eu senti que a partir do momento que começou a entrar os bares começou a incomodar, o bar se incomodou com a Capoeira, quando era lá no início, a gente começou a fazer no meio (1), mas com o tempo, o sol, a chuva e não sei mais o que, a gente foi lá pra aquele vão (torre oeste) inicial onde tem o Camelódromo, lá do lado (2), para ter a proteção contra o sol e a chuva, e ali era em frente onde tinha a loja que tinha panela, até ali, beleza, nunca teve problema, [...] quando ela migrou [a Roda] para o outro lado (torre leste) onde já tinha um bar (3), aí começou. O dono do bar começou a olhar com cara feia. Não tinha mesa fora ainda, mas o cara já se incomodou e a partir dali a gente mudou, foi pro meio novamente (4) [...], mas a partir do bar, que começou o problema. (CALUNGA, 2017).

Alemão prossegue grafando através da fala o mapa da Roda,

Nunca foi um lugar dado pra nós. Quando começa no sábado de manhã a ir bastante gente, a ser um lugar cultural, os caras começam a colocar um barzinho, outro barzinho e outro barzinho [...] porque não tinha tanto barzinho, ali vendia coisa de pombo, vendia coisa de pesca, vendia coisa de aviamento, e esses caras não se incomodavam muito com nós, porque chegava meio dia, eles estavam meio que fechando. O comércio fechava ao meio dia, no sábado de manhã [...] mas quando começa a virar barzinho, começa a ter cultura e os caras começam a querer colocar mesinhas, tomar cerveja, a gente começa *oh, que que é isso, aqui é um espaço público, isso aqui é popular, como que vocês vão colocar mesinhas aqui, como é que vocês vão privatizar isso daqui?* (ALEMÃO, 2017).

É para ele, o início de um conflito que não só permanece, como se intensifica: “começa a ter essas brigas, começa a ter essas coisas, daí a gente começa a sair, começa a ir pro sol, a gente sai da sombra e começa a ir pro sol [...]” (2017). Interessante afirmação: *sai da sombra e começa a ir para o sol*,<sup>79</sup> Alemão diz, de um modo específico, mas relendo, percebemos a sutileza da observação. Quanto mais a Roda de Capoeira tornava-se real, visível, permanente, mais incômodo causava. É quando começam a levar a roda de um lado para o outro dentro do vão central, “Quando começa a ter aqueles agito sábado de manhã, começa a modificar Florianópolis, não tem mais cara que vai comprar balai”, e começa a ocupação do vão pelos bares. Ao que acrescenta:

[...] daí começa a pular um monte de bar ali, daí cada bar contrata um músico, outro bar um outro, daí começa a ter um embate com a gente e com o pessoal da música, a gente fica, pô, coloca o som ali no canto, deixa a gente ter nossa roda aqui. (ALEMÃO, 2017).

Interrompo, “Foi quando começamos a fazer a Roda mais cedo”. E por ser mais cedo, mais incômodo trouxe. Das dez da manhã ao meio dia, no sábado, é o momento que o comércio, o Centro em Florianópolis está mais cheio de gente. Horário nobre para o comércio. Importante ter suas portas desobstruídas, suas mercadorias expostas aos olhos dos clientes. E o que acontece no Mercado, esse Mercado que já começa a ter seu vão central invadido por mesas e cadeiras? Um bando de mulheres, homens, meninos e meninas se digladiando, em frente das portas dos estabelecimentos. Complicou. O horário de meio dia causava pouco transtorno. Mas o das dez na frente das portas das lojas? Com toque de berimbau, batuque de atabaque, pandeiro e cantoria? Confusão certa.

A roda veio pra de manhã, e além de vir pra de manhã a gente trouxe a roda pro sol (1), porque a roda era na sombra (2). E daí a roda veio pro sol, [...] quando coloca o Pirão (restaurante) do lado de lá (torre leste), a gente vai pra lá (3), porque embaixo não vai ter bar embaixo, [...] até que o Pirão vai embora e vira um bar ali na frente, daí o cara do bar começa [...], daí vira bar do outro lado também, quando tudo começa a virar bar[...] (ALEMÃO, 2018).

Alemão deixa as palavras no ar, mas “quando tudo começa a virar bar”, a roda se torna extremamente itinerante (5). Para fazer Roda “dentro”? Só através de muita briga,

---

<sup>79</sup> “É uma história que se passa na penumbra, e é preciso que o sol transumante que trago comigo clareie os mínimos recantos”, linda frase dita por Fanon (2008).

ou chegando muito cedo. Nem no sol, muito menos na sombra. E então quando nenhum lugar é possível, fazem fora, nas margens. Onde, séculos atrás, as negras vendiam seus quitutes. Nas margens.

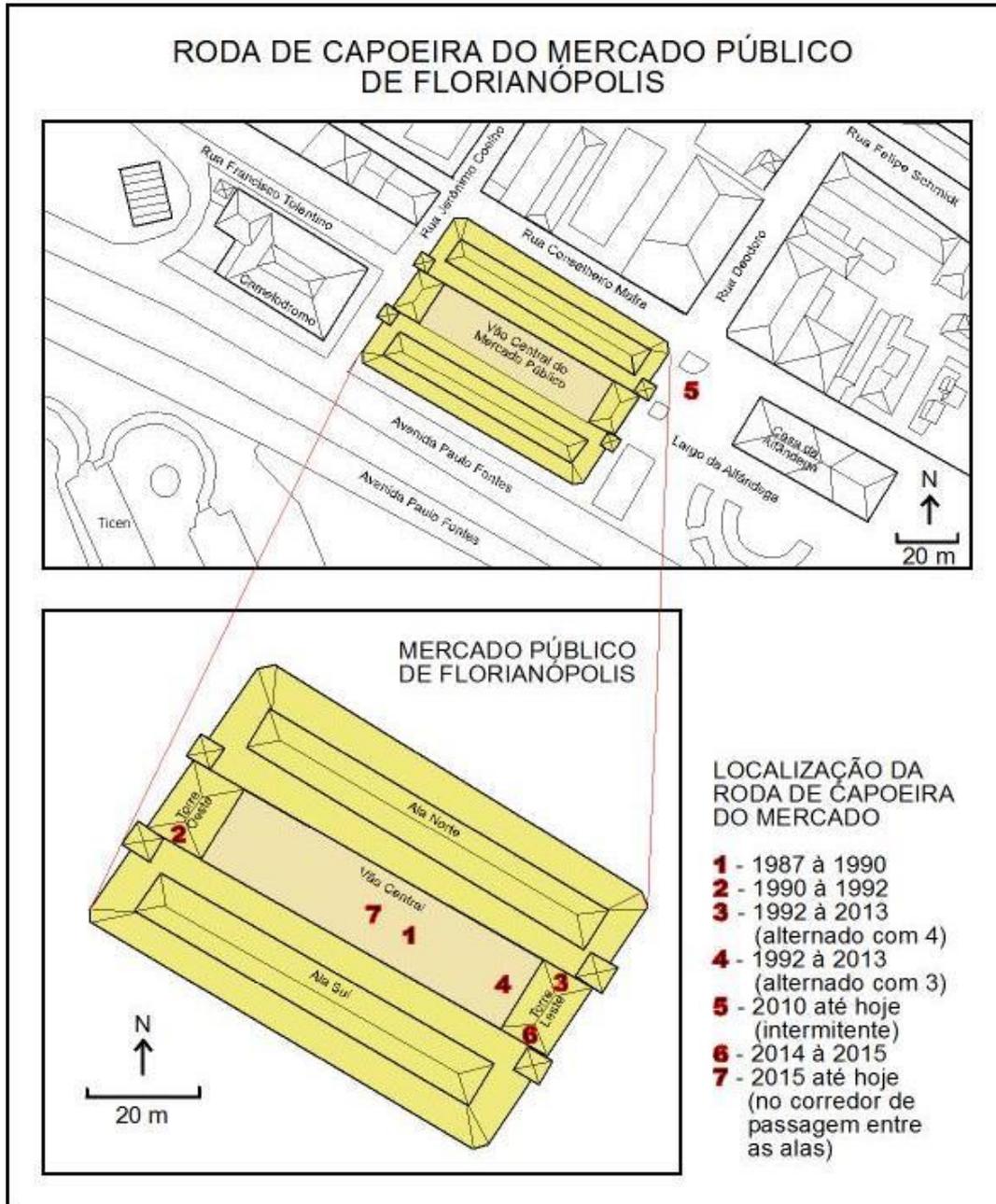


Figura 68: Mapa da Roda de Capoeira do Mercado Público de Florianópolis, com as localizações ao longo do tempo.

Elaborado pelo professor e geógrafo Marcio Marchi, 2018.

E o estar nas margens é estar próximo da acomodação? Nem sempre. O cansaço por disputar um lugar, ao sol, ou a sombra (na atualidade) quase gerou desistência. Mas não, gerou raiva, digna, e a raiva gerou consciência, que gerou resistência e se

transformou em ação. Em ato pensado. Incipiente, frágil, parcial. Mas olhado de perto, é semente a germinar.

Para alguns mestres da Capoeira da Ilha, quando comentamos que uma das justificativas para a Capoeira não estar no Mercado, é por não fazer parte da cultura açoriana (fato relatado anteriormente), consideram que é:

Uma discriminação, tão falando em cultura brasileira, a capoeira é a essência, a mãe da nossa cultura. Então negar uma coisa que faz parte da nossa história, que criou outras atividades que vieram dali, como o samba, como as danças, muitas coisas que se juntaram, essa junção de culturas é que deu a cultura brasileira. Como é que eu vou deixar de viver uma coisa que faz parte, só porque não é da cultura portuguesa? A capoeira é brasileira, não é baiana, a Bahia tem um celeiro de grandes mestres, mas a capoeira é Brasil, é Pernambuco, é Recife, é Alagoas é Florianópolis, é Rio de Janeiro e tá aí, em tudo que é escola, colégio, centro comunitário, comunidades. Então não vai estar no Mercado Público, no lugar que é no centro da cidade onde passa milhões de pessoas? Acho que é uma discriminação, é elitizar mais ainda e não valorizar as coisas da terra. (CALUNGA, 2017).

Jimmy se posiciona de modo semelhante, aprofundando a análise sobre o racismo.

Para ele:

É um comentário racista, é um racismo social, se fosse uma dança polonesa, teria essa preocupação? Se fosse uma dança italiana... Florianópolis é uma cidade muito racista, muito racista, tanto pessoalmente como institucionalmente. Uma das formas mais maquiavélica do racismo é o preconceito, não é a discriminação, é o sectarismo, tu evitas o negro chegar a Universidade, evita o negro chegar ao Mercado, evita o negro chegar na sua cultura, são discursos racistas. O processo de higienização, de assepsia social do Centro de Florianópolis [...] que os negros permaneçam nos morros [...] eu nunca vi um Secretário de Cultura negro no município, eu nunca vi um Superintendente da Fundação Franklin Cascaes negro [...] os negros, nós incomodamos a cidade, aparecemos só no carnaval, mas é um espaço reservadinho, fechadinho [...] O que é cultura açoriana? Tem que se discutir também, porque será que açoriano é só o boi de mamão, o boi de mamão nem açoriano é, ele é africano. Outro erro absurdo, ah! o boi de mamão é açoriano, que nada, cara, o boi de mamão é africano, cultura africana [...] tem que ser alguém da cultura, para discutir cultura, como que ele vai avaliar com propriedade sobre cultura se ele não conhece. (JIMMY WALL, 2018).

Pinóquio também critica:

É um absurdo uma pessoas abrir a boca e falar um monte [...] dizer que a capoeira não pode estar no Mercado, porque [...] então o seguinte, não podia nem ter cultura açoriana aqui, tinha que ser o tupi [...] capoeira é

cultura, capoeira é cultura mundial meu irmão [...] a capoeira é um veículo que tem que estar no Mercado, na Universidade, não só a Capoeira entendeu, cara, todas as culturas que tem essa finalidade de mudar, de conscientizar, de mudar a realidade [...] é muita burrice na minha opinião pensar tão raso, quando elitizarem [...] quando tiver que ter um cartão magnético pra entrar [...] aí a Capoeira não vai ter mais espaço ali, não vai servir para aquelas pessoas, mas eu parto do princípio que o Mercado Público, aonde as pessoas vão comprar banana [...] daí param ali pra ver Capoeira, pra escutar um mestre, tu entende, então eu estou falando de pessoas simples, agora a partir do momento que elitizaram aquilo, a capoeira até é para aquelas pessoas, mas num estágio mais na frente, a capoeira é pra pessoas simples, para as pessoas que tão aí sendo escravas do sistema, e não sabe porque, nem pra que, e a capoeira dá uma luz, um caminho. (PINÓQUIO, 2018).

Gerry é outro a questionar o descaso com a capoeira enquanto manifestação cultural legítima:

Eu sofri com essa coisa também, sofrer não, *porque a gente não deve sofrer com coisa pequena*, mas me desbaratinaram de alguns lugares, porque a Capoeira não é açoriana. O Casarão da Lagoa, deixam [...] fechado, entendeu, eu to muito a fim de trabalhar, de dar capoeira de graça pros outros [...] pra mim é isso mesmo, safadeza, porque a gente tem um espaço lindo, não abre, entendeu, fica ali, um prédio esperando o cupim comer [...] o negócio devia ser bombado de manhã, a tarde e à noite, devia ter várias atividades, um espaço bom pra caramba que tem ali no Casarão e atrás do Casarão. O Mercado tem que abrir o espaço pra Capoeira. (GERRY, 2018).

171

Fica no ar a frase do Mestre, “porque a gente não deve sofrer com coisa pequena”. Estamos no espaço da SAL (Sociedade dos Amigos da Lagoa/FPOLIS), onde ele desenvolve seus treinos. E é um autêntico manezinho da Ilha, e mesmo assim enfrenta discriminações. Abib (2004, p. 132) escreve que a Capoeira capacita os capoeiras para que enfrentem distintas dificuldades que a vida apresenta. Dificuldades, desafios e injustiças criadas por esta sociedade desigual e excludente em que vivemos. A Capoeira prepara para “[...] questionar os valores de uma sociedade consumista e mercadológica. Este aprendizado desenvolvido nas rodas e no jogo da capoeira, torna-se então um aprendizado social” (2004), aprendizado para a vida.

“Em rio que tem piranha, macaco bebe água de canudo e jacaré nada de costas”, cita Mestre Nô<sup>80</sup>, nos mostrando que malandragem e malícia são ingredientes necessários para um capoeirista, para um sobrevivente.

E a Roda de rua é o lugar dos que teimam em *continuar vivos*. Alemão quando começa a falar sobre a Roda do Mercado, conta que a primeira roda de rua de Florianópolis é a Roda do Mercado:

É significativa na vida dos capoeiristas [...] não é uma roda na rua é uma roda de rua [...]. Durante um tempo, o cara pensava assim, vou para a Roda do Mercado, vou para apanhar, vou para brigar, vou para trocar um pau, era assim que muita gente ia pra Roda do Mercado e muita gente não ia porque sabia que se fosse, se ele fosse jogar alguém ia testar ele. Durante um tempo a Roda do Mercado era assim. (ALEMÃO, 2018).

Era assim. Mas ele mesmo considera que a Roda do Mercado era um lugar democrático, cada um que chegasse fazia o seu jogo, “só que tinha uma levada, tinha uma proposta, tinha uma ideia. A gente foi fazendo uns agito, trazendo gente e vindo mais gente e saindo uns jogos fortes, e a fama da Roda do Mercado andou”. Para Calunga a Capoeira na rua, é possibilidade de amadurecimento, “É a maior experiência que o capoeirista tem em termos de praticidade da Capoeira, da Capoeira ser realmente utilizada na vida dele, no dia a dia”. E acrescenta, “[...] não necessariamente você tem que jogar capoeira com as pessoas, com movimento, mas sim com a expressão, com fala, com os exemplos” (2018).

172

Polegar compara a Roda de rua de Capoeira com uma escola, onde você começa estudando, mas é na Roda de rua que você se forma, “Porque a roda de rua são vários elementos que não vai encontrar numa academia”. E destaca que “A Capoeira passa a se tornar um jogo, onde mantém a cultura do canto, do toque do berimbau”, mas considera que “[...] muitas pessoas esquecem que é uma cultura que a gente tá tentando manter há muitos anos desde a época da escravidão, da luta, que vai se perdendo pela falta de interesse das pessoas” (2017).

A entrevista com a Jô foi realizada na sua casa, no entardecer de verão. Peço para fazer algumas considerações sobre a Roda do Mercado, que ela participa desde o início,

---

<sup>80</sup> Entrevista realizada com Mestre Nô, dia 20/10/2017, em Canoas/RS, na casa do Mestre Dindo (que aqui saúdo agradecida pela constante hospitalidade por parte de toda sua família: Lore, Lambari e Glênio). Tarde chuvosa.

e ela fala com seu sotaque manesês<sup>81</sup>, que a Roda do Mercado é um lugar de resistência, independentemente de onde aconteça, no entorno ou no vão, é uma roda de resistência. Afirma que toda roda de rua é uma roda de resistência. E indaga,

Mas como que a gente vai resistir a esse sistema capitalista [...] tudo na capoeira é contra o sistema que nos oprime, a gente tá sempre lutando contra o opressor, claro não vou chegar para o dono do boteco lá e dizer, tu és um opressor [...] a luta não é assim, a luta é de conscientização [...] mas o pensamento, infelizmente a sociedade não pensa como a gente, a gente tá aí lutando contra todos [...] e a Roda do Mercado é um exemplo dessa luta, de como o dinheiro, o que o dinheiro tá fazendo com a cidade, porque o Mercado é só um recorte, se tu ver tão fazendo com a cidade inteira [...] (JÔ, 2018).

“A roda de rua é o inesperado, tem a adrenalina, o coração apertado para não dar nada errado, ninguém se machucar, porque é muita energia, a energia da rua é uma energia muito forte, eu acredito que influencia a roda.” É assim que essa mulher, capoeira de Florianópolis, comenta sobre a roda de rua “Capoeira de rua, roda de rua é o inusitado, acontece de tudo” (2018).

Pergunto, também, para Mestre Pop: e a roda de rua? “A roda de rua representa a essência mais pura, e mais autêntica e genuína da cultura da Capoeira, é onde ela sempre esteve e deve continuar estando, ela não tem fronteira, todos passam pela rua e a Capoeira é da rua, é de todos” (2017).

Para o Mestre, a Roda do Mercado:

Significou uma escola importante para a minha maturação, para a minha compreensão da diversidade da Capoeira, os vários espaços, as várias formas de se expressar, de construir a cultura da Capoeira. E a Roda do Mercado, que é uma roda histórica, tradicional em Florianópolis, não só para mim, como para boa parte da comunidade da capoeira da Ilha, é uma roda significativa, significante para a nossa cultura, para o nosso saber. (MESTRE POP, 2018).

E exemplifica o significado da roda ser uma escola, lugar de aprendizagem:

[...] foi um processo de construção, você renunciar muitas coisas para poder entender a dimensão da Capoeira, e eu via que naquele momento em que eu estava talvez radicalmente envolvido com a Capoeira eu não via da forma que hoje eu vejo. Faz parte de uma linhagem, faz parte de uma história, e a Roda do Mercado representa exatamente nossa linhagem, quando eu estou lá eu estou em casa. (MESTRE POP, 2018).

---

<sup>81</sup> Dizem que irmãos são do mesmo sangue. Qual o que! Tenho na vida uma irmã que me acompanha na rua, na roda, na dor, na alegria. É Josinha, axé menina.

A roda de rua é comparada por Gerry a uma raiz, uma semente. Para ele, toda tem um comando. É preciso respeitar os fundamentos e tem que saber chegar, ter educação. Se não souber chegar, pode até não conseguir jogar. Reforça então que “A Capoeira ela educa muito, até porque ela não é uma coisa feita pros fortes, burgueses, ela serve também, mas ela foi feita pro povo mais humilde, o povo do gueto, que tem uma cultura gigantesca”, e que:

Precisa ser lapidado, porque fica a margem da sociedade, desamparado, culturalmente, financeiramente, e tudo isso a gente sabe que agrava a possibilidade de tu progredir, de tu evoluir. Então a Capoeira ela é uma ferramenta muito importante pra nossa nação nesse momento, eu acredito. (GERRY, 2018).

“A roda de rua de capoeira pra mim”, explica Jimmy, “é o passaporte do capoeirista, ele aprende é na rua, o contato é na rua, porque a capoeira na rua é queda sem tatame, você vai testar realmente o seu treino”. E prossegue: “[...] tu ouves, tu vê tudo, tu se concentra, tu vê a malandragem do capoeirista, nós capoeiristas de rua não temos movimentos definidos, não há um movimento plástico” (2018).

“A rua é um espaço de conquista, a Capoeira é pra ensinar a gente a andar na rua, *ensinar a gente a sofrer, entende, tem gente que procura sempre um motivo pra se matar, eu procuro um motivo pra viver*, e a capoeira é meu veículo” [grifo nosso]. Quem fala? Mestre Pinóquio. A Capoeira ensina. É escola permanentemente aberta, dinâmica. E exigente.

A roda de rua é um encontro social, sem rótulos, pública, a Capoeira não pode ter dono. É uma roda aonde as pessoas se encontram e trocam e conversam, trocam experiências, trocam pancada também, porque faz parte, é onde o sujeito se enriquece, porque ele vai se deparar e conviver com pessoas que fazem a Capoeira de uma forma diferente, porque a Capoeira é expressão de cada qual, porque nesses encontros está o enriquecimento, que muitas vezes não é muito saudável, a roda de rua, como é no Mercado, é sempre um encontro de pessoas, sem rótulo, sem exigir que a pessoa vista isso ou aquilo, que a pessoa tenha essa ou aquela religião ou cor, isso é a roda de Capoeira, isso é a rua, isso é enriquecedor. O aprendizado é quando você vai numa roda pede licença, primeiro já começa exercitando a maneira de chegar, de se comportar, entendeu, e depois vai interagir com pessoas que mal vê, ou que nunca viu, e vai haver ali um combate, pode ser um combate num nível suportável legal, mas pode ser um combate também que tenha consequências, que também faz parte. (PINÓQUIO, 2018)

Essa é a compreensão majoritária dos entrevistados sobre a importância da Roda de Rua de Capoeira. Todos em algum momento receberam essa lição, de que é na rua, no encontro com o inusitado, com o que não é esperado, que se consegue averiguar os conhecimentos, a maturidade física e emocional, como reitera Alemão:

Quando o jogo de capoeira ele é jogado mesmo, os capoeiristas são selecionados através do jogo. Não é uma seleção de discriminação, é quem pode, pode. A roda de capoeira é onde o menino chora e a mãe não vê. Então essa era a proposta da roda de Capoeira ali [no Mercado]. Que é a proposta de todas as rodas de rua que eu conhecia. (ALEMÃO, 2017).

A Roda do Mercado formou essa geração de capoeiristas que hoje são os mestres da cidade. O Mercado é a casa, vejam, não apenas comercial da cidade de Florianópolis, é lugar onde foi gestada uma Capoeira que se tornou referência no Brasil. Divulgou Florianópolis, é visível na fala dos capoeiristas a importância da Roda do Mercado como lugar que atraiu muito mestre de fora. Alemão comenta que teve roda com sol, com chuva, de todos os modos e que sempre tinha um mestre diferente, alguém que ouviu falar da roda e foi lá conferir.

175

Calunga ainda destaca que

[...] fazer essa roda aqui para os capoeiristas se encontrarem [...] então foi bem interessante nesse sentido, e foi um marco, tanto que ficou famosa, ficou conhecida, tinha regularidade, e começou a juntar os capoeiristas [...] teve momentos difíceis, momentos melhores, mas valeu a pena nesse sentido, uma história, marcou na história. (CALUNGA, 2017).

Para o capoeira, “A Roda do Mercado sempre foi uma roda de peso, vinham os mestres de fora, quantos e quantos mestres passaram por ali, deixaram ali a sua serventia, deixaram ali o seu axé e mestres importantes, que já se foram [...]” e cita a origem desses mestres, desses educadores populares, que vieram da Bahia, e de outros estados, do Paraná, do Rio Grande do Sul, de São Paulo, de Minas e de outros Estados do Brasil. Que vieram a Florianópolis na época da roda e tiveram na Roda do Mercado e foi através dessa roda “Que conheceram o Mercado, senão não iriam talvez, então a Roda é importantíssima, ela marcou e ela tem essa importância [...]” (2017).

Para Gerry, a roda de rua foi fundamental para sua formação como capoeirista. Conta sobre aquela época:

Eu lembro uma época que quem ia pra Roda do Mercado não era qualquer um não, não era qualquer um não. Eu ia lá direto, jogar capoeira lá todo final de semana, muitas vezes a pessoa cria um envolto da ignorância, por não estar indo presenciar e participar, cria um universo e esse universo é que eu quero ver o capoeira quebrar, que é a onda de chegar lá, respirar fundo e entrar na roda pra vadiar, sem pretensão nenhuma, porque sempre vai ter um melhor e sempre vai ter um pior, então vai pra vadiar, vai pra brincar, pra respeitar e seja humilde de reconhecer e sai da roda quando tiver condição, é natural, eu muitas vezes apanhei na cara, porque, porque eu era teimoso, agora não precisa ser teimoso. (GERRY, 2018).

E continua, “A capoeira que foi construída em mim através do Mercado foi uma capoeira de todos os itens e considerações, presença de grandes mestres de grande porte, presença de guerreiros, de porradeiros, mas que chegava lá e respeitava a roda [...]” e explica, “Porque se você tem fundamento, tendo humildade de espírito você entra em qualquer roda e sai. Tem que ter realmente uma consideração grande pela Roda do Mercado porque ela ensinou muito pros valentões e pros não valentões” (2018).

Quando pergunto para Jimmy, sobre a importância da Roda do Mercado na sua formação, diz: “Tudo, se eu sou o que sou hoje, devo ao Mercado. Começa a respeitar o medo, todo lutador tem medo, o que faz nós treinarmos é o medo. O Mercado me ensinou a tocar, me ensinou a jogar, me ensina, me ensina a cantar”. Acrescenta que ensina a “lidar com o mais fraco, o mais forte, a saber recuar, voltar, saber avançar, ter contato com outras pessoas, eu tive contato com muita gente de fora graças ao Mercado” (2018).

Conversando sobre a importância da roda, da Roda do Mercado, com Pinóquio, ele a compara com a escola.

É uma escola pra vida, uma escola de capoeira, eu sou ousado em dizer que o meu mestre me ensinou a fazer movimentos, e o Mercado me ensinou a usá-los, eu estava exposto, eu não tava na minha zona de conforto, na rua tem que se virar. Sou muito grato ao Mercado pelo capoeirista que sou hoje, até aqui, porque a minha construção continua. Eu não estou capoeira, eu sou capoeira, isso eu devo ao Mercado. Quando eu comecei a frequentar o Mercado eu ainda não me sentia assim. Não era fácil no Mercado, e depois passou a ser prazeroso, porque quanta coisa eu aprendi ali, nos conflitos, com os meus colegas, os meus amigos que são hoje, que me serviram pra minha caminhada, na minha vida, como um todo, com mais resistência, mais sabedoria, então a Roda do Mercado foi uma escola, quem não foi discriminou. (PINÓQUIO, 2018).

Afirma que “A Capoeira tem que viver, não basta tu treinar, tu tens que viver, tens que sentir. É treinar, sentir e viver, é o trio, é que nem tática, técnica e malícia, tem que reunir três elementos pra jogar capoeira”. E depois de reunir estes elementos, adquirir autonomia e consistência, novamente tem que treinar, sentir e viver o negócio, a capoeira. Assim ela se torna, como diz o mestre, verdade, “Pra interiorizar a capoeira em ti, pra que tu saias do estado de estou capoeirista. A Capoeira do Mercado, a Roda de Capoeira do Mercado foi a roda que deu o tom da capoeira de Florianópolis” (PINÓQUIO, 2018).

“O que mais me irrita na Roda, de hoje, do Mercado é o tempo, esse de duas horinhas, isso pra mim é o que mais me irrita sabe, naquela época não tinha tempo e isso te limita, tudo tem que ter um tempo”. Jimmy explica: “A cultura africana, não tem ponto, ela tem reticências. Você não termina, a roda não termina, ela se interrompe, não há término, e o horário assim da roda, é o que mais me deixa irritado”. Tempo que muitas vezes não é respeitado. Várias vezes a Roda está acontecendo e ligam o som mecânico, entra uma banda folclórica tocando, enfim. Situações que revelam uma dissonância entre todos, “É no auge, aquele golpe não entrou, a ladainha tá boa, aí tu olha, adeus, adeus, pô!”, completa Jimmy (2018).

177

O questionamento de Jimmy e dos outros capoeiristas (sobre o tempo e o espaço) tem coerência. Realmente a cena é inusitada e cabe a indagação de onde ela acontece: no mesmo espaço geográfico, mas em tempos diferentes, ou seria ao contrário? No mesmo tempo, mas em espaços diferentes? Certamente o espaço é o mesmo, o Mercado Público de Florianópolis, mas o tempo, nos parece, transcorre desigual. A roda de capoeira, de rua, acontece paralelamente ao movimento dos bares e de suas gentes. As cenas não se combinam. Opostas em tudo: nos trajes, no modo de habitar<sup>82</sup> esse lugar, no movimento dos corpos, nada combina entre eles. Movimentam-se em paralelas: a capoeira e os consumidores ao redor das mesas, os garçons, os gerentes dos bares. O movimento que observamos no mapa, o espaço do vão central tracejado por diversas trajetórias, caminhos, percursos.

E em alguns breves momentos dá-se o choque entre essas duas realidades, uma rusga: a mulher que passa e esbarra em algum capoeirista sentado na passagem entre as alas, o homem que raivosamente atravessa no meio da roda e os capoeiristas falam “ei,

---

<sup>82</sup> Ana Fani (2005) marca em seus livros esse verbo “habitar”, que considera uma relação de apropriação constante.

atenção, cuidado! A criança que, encantada, avança para participar e todos riem da sua singeleza. E, então, por segundos vira uma cena única, todos no mesmo tempo. Mas são curtíssimos e o contato se parte. Até quando os capoeiristas continuarão a se reconhecer naquilo que fazem? Até quando terá sentido *girar* no vão central do Mercado Público? O que não podem perder?

O pensador argentino Canclini (1983, p. 134) nos auxilia: “A resposta do capitalismo tem sido incontáveis vezes a repressão. Mas a réplica mais cotidiana e incisiva é a que trata de absorver as culturas populares, integrá-las, ressemantizar as suas mensagens e refuncionalizar os seus objetos”, o tempo citado pelo mestre, por exemplo, o espaço que cabe para roda é outro, “[...] são reestruturadas com a finalidade de se tornarem compatíveis. Internaliza-se a cultura dominante nos hábitos populares, reduz-se o étnico ao típico, uniformizam-se as diversas estratégias de sobrevivência” (1983). O que estamos efetivamente *entregando ou garantindo* ao nos mantermos no vão?

Perguntamos para Polegar, mestre da Palmares, se ele via um significado da Roda acontecer, ainda hoje, dentro do Mercado, no vão central. A resposta?

178

O que eu penso, o meu jeito de pensar a Roda do Mercado, ela tá com um embate. Ela tá com uma luta pela cultura. Mas o que que acontece, nós estamos lá lutando para manter uma cultura que há muito tempo atrás lá dentro era muito forte. Porque nós não temos apoio, o próprio sistema vai nos oprimindo, querendo nos tirar e a Roda do Mercado como a própria Capoeira é a maior forma de resistência de cultura, de manifesto que eu vejo no embate contra esse sistema hoje que cada vez mais tá tentando nos tirar para o lado, nos oprimir cada vez mais e a capoeira ela não, nunca afrouxou e nunca vai afrouxar. A gente vai sempre lutar por que a gente ama essa cultura, ama essa luta, mas infelizmente é cada vez mais difícil. (POLEGAR, 2017).

Mestre Pop reforça o dito por Polegar. Nas palavras dele:

Claro, primeiro que gera uma conquista, foi uma conquista, mais de 20 anos que resiste ali dentro do vão central, então essas políticas que foram adotadas para dar visibilidade para as expressões populares ela ficou de fora, mas tem por direito estar dentro, aquele espaço foi um espaço conquistado, então aquela Roda do Mercado deve acontecer no vão, não no entorno, até porque tem todo um afeto, uma tradição que aconteceu ali, tem toda uma história, então quem viveu sabe onde as coisas aconteciam, e em alguns momentos não se pode fazer a roda ali no vão por causa do bar e das mesas que eles colocaram ali, mas a gente tem que resistir, a gente tem que levantar uma bandeira. (MESTRE POP, 2018).

“A elite só se importa com os seus privilégios, por isso que está tudo aí, golpe, golpe midiático, golpe judiciário. A palavra certa do manezinho é essa avacalhação né, tá tudo avacalhado mesmo, mas a gente não desiste [...]”, pode até desanimar comenta Jô, mas “[...] eu não posso falar para o grupo, vamos fazer a roda lá fora que vai ser uma roda legal, não, não posso falar isso, porque eu não posso dizer para as pessoas desistirem da luta”. Para Serpa (2007, p. 11-12) é importante pensar o espaço público “[...] como espaço de ação política e arena para manifestações de diferentes ideias de “cultura” [...] que abarque as representações e práticas sociais das classes populares nas cidades [...]”.

O espaço público como espaço de ação política? Eis o que pensa um capoeira:

Quanto ao espaço público, eu não faria a Roda fora do vão central nem por decreto, nem por decreto, vamos resistir até a polícia vir, vamos para porrada. Ah! porque não quero briga e não sei o que, aí vais perdendo, daqui a pouco tás fazendo roda sabes aonde? Lá dentro da água, vão te expulsando lá pra margem, não, nós estamos ali a trinta anos, a Roda é do Mercado, tem um histórico ali, os comerciantes não vão arredar a mesa? A primeira chibata vai ser em cima da mesa. É assim, eles só nos respeitam quando eles veem que a gente tem potencial para quebrar a cara. (PINÓQUIO, 2018).

179

Potencial bélico, pergunto. E nesse momento quase acho graça ao pensar em como vou colocar toda essa palavrão em um trabalho acadêmico. Que seja. E o homem confirma, “Bélico! Porque conversar, essa gente não ouve ninguém. Essa gente não tem respeito por ninguém, essa gente só entende quando a navalha corta a carne”. E continua, “A gente tem educação suficiente para chegar lá e argumentar e tal. Não tão nem aí pro teu argumento, botam dois seguranças lá. Se tivesse dois barulhos no Mercado ali, naquele vãozinho, ali, garanto que eles já iam nos respeitar, a capoeira sempre foi respeitada por isso” (2018).

O acesso não é somente físico, mas simbólico, “Se for certo que o adjetivo “público” diz respeito a uma acessibilidade generalizada e irrestrita, um espaço acessível a todos deve significar [...] algo mais do que o simples acesso físico a espaços “abertos” de uso coletivo” (SERPA, 2007, p. 16), e por isso “A Roda do Mercado tem que acontecer ali dentro, onde sempre aconteceu, aí tem sentido”, porque, “Daqui um pouquinho colocam no entorno, daqui um pouquinho colocam em frente da Alfândega, daqui um pouquinho tá lá na esquina, a roda itinerante”. Afinal, “Esse espaço tem que ser consagrado, por causa da ancestralidade, tem todo um axé ali naquele espaço, e esse espaço tem que ser respeitado”. (MESTRE POP, 2018).

Polegar lembra que,

O local onde a gente fazia a roda antigamente era bem onde era para fazer hoje. Infelizmente botaram as mesas todas lá, que é nome do lugar, tem uma placa lá, Luís Henrique Rosa, que é um espaço cultural. Não existe nada de cultura lá, não existe um violão, não existe uma apresentação de dança e não existe a capoeira. Nós estamos à mercê dum beco, de um cubículo, onde passa pessoas transitando de um lado pro outro. O espaço mal dá para fazer uma roda. Mas como a capoeira é resistência [...] a gente vai sempre lutar por uma coisa melhor para nossa própria cultura. (POLEGAR, 2017).

Tem que ser no vão? Relembro a pergunta para o Pinóquio. “Nós não começamos ali no vão central do Mercado? Eu não tenho culpa nenhuma se eles pegaram o vão central do Mercado e privatizaram, encheram de mesas”. Pinóquio considera que “Ficou ridículo, eles deixaram um corredorzinho para cultura e para as pessoas passarem, então eles que tem que melhorar, eles que tem que fazer um espaço ali, tinha que ter deixado ali pelo menos uns cinco metros”. Explico, que pela lei um terço do vão central tem que estar reservado para atividades não comerciais. Pelo decreto. E ele, “Então eles já estão passando por cima da lei, quer dizer, eles já estão infringindo a lei e passando por cima da gente. E a gente está permitindo, daqui a pouco nem aquele corredor vai existir mais, vão fechar tudo com mesa”. E é isso mesmo, mal termina a roda e os garçons já chegam com as mesas:

O espaço é público porque a roda não impede as pessoas de transitar, a gente não se importa, porque a s pessoas tem que passar, o espaço é público. Agora se a pessoa passar no meio e tomar um parafuso na cara e cair nocauteada aí o problema é dela, quem tem que pagar isso são os gestores do Mercado porque não deixam espaço para as pessoas transitarem, as pessoas podem passar, agora se for atropelado não posso fazer nada. (PINÓQUIO, 2018).

Para Calunga “A roda tinha que ter um espaço dentro do Mercado, ali no centro do vão, porque ela começou ali e ela foi o marco para as atividades culturais ali dentro, então eles tinham que considerar isso”. E defende que “Essa roda tinha que ser um privilegio pro Mercado, não pros capoeiristas, capoeiristas fazem em qualquer lugar, mas pro Mercado, cadê o espaço cultural? Para mim tem que ser no meio, no centro, no coração do Mercado” (2017).

E continua, quase como um desabafo, afirmando que a gente vê como a cultura popular, em geral, não é vivenciada pela elite. Eles não querem a cultura popular, pois preferem a cultura estadunidense, europeia, menosprezando a nossa cultura:

O som do berimbau incomoda, o toque do pandeiro incomoda, incomoda ver as pessoas se divertindo sem gastar nada, esse cara vem fazer a roda aqui, se diverte pra caramba, e não gastam nada aqui, não tomam um chopp, não estamos lá para aquilo, estamos ali para se divertir sem beber, eles só veem lucro na frente, só veem dinheiro e é isso que incomoda, falta de cultura mesmo, falta de sensibilidade, de compreensão, é uma pena porque empobrece muito né? (CALUNGA, 2017).

No desabafo, o mestre já responde à pergunta que pretendia fazer: porque a roda de capoeira causa incômodo no Mercado Público? Alemão, anteriormente, já colocou a sua opinião sobre essa situação, quando comenta sobre a troca de horário da roda. Mestre Pop, sentado embaixo da sua barraquinha, na Feira da Escadaria do Rosário<sup>83</sup>, responde, pensando não apenas nos comerciantes, mas, especialmente, na elite florianopolitana, nos seus governantes:

181

O que perturba é que eles nunca viram a Capoeira, ela sempre teve uma invisibilidade, a gente quando se mostra a gente se mostra na resistência, quando a gente grita, quando a gente fala, aí eles nos veem, mas quando a gente tá se manifestando de forma cultural e espontânea eles não nos veem, porque eles não nos valorizam, é claro que eles tentam nos colocar em qualquer lugar, e achar que lá não é o lugar para a Capoeira, que ali é um lugar privilegiado para a elite, hoje mais do que nunca, sempre essa questão da limpeza étnica né, a gente tem que *continuar levantando a barreira de resistência* mesmo, dizer não, enfim, a gente mora em uma cidade conservadora, extremamente conservadora, muita gente reacionária e não cabe a Capoeira, *porque não é uma apresentação*, é a Capoeira como ela é, a Capoeira que está na rua, é a Capoeira como a gente tá, do jeito que eu to aqui eu vou pra lá, eu não coloco uma roupa, eu não coloco um uniforme, eu não vou todo bonitinho entendeu, porque é diferente de uma apresentação de um grupo [...] uma roda de resistência, ela tem que acontecer do jeito que ela acontece e eles não querem, uma monte de mulambo, monte de negros, eles acham que aquilo ali empobrece aquele espaço elitizado. (MESTRE POP, 2018).

Duas afirmações chamam a atenção. Primeiro, quando o Mestre coloca que “continuar levantando a barreira de resistência”, ou seja, mesmo que muitas vezes de

---

<sup>83</sup> A Feira Afro-Artesanal acontece toda as terças na Escadaria do Rosário, em Florianópolis. Artesanato, história, música e poesia.

modo inconsciente por parte de uma parcela dos capoeiristas, a Roda do Mercado seria uma barricada erguida no vão central. É de fato uma nota dissonante, tocada por um instrumento de uma corda só. E a segunda observação é a de que não é uma apresentação. Não é um espetáculo.

Para Regina Santiago, do IPHAN, “A capoeira ela tem uma característica popular e marginal, na sua origem. Quanto mais diferenciada, mais apartada nesse sentido, de ser mais radicalmente popular, mais radicalmente marginal, ela incomoda mais”. Uma visão que aprofunda:

Hoje em dia ela segue sendo muito popular, talvez não seja mais tão marginal, eu acho que essa característica existe, e as vezes ela persista mais até na mentalidade de quem está fora, de quem está em um lugar de fora, de um olhar externo e mais desinformado sobre a Capoeira. Então o preconceito sobre a Capoeira traz muito essa coisa que é ser popular, que é ser marginal. Em vários espaços a Capoeira foi e é reprimida, as vezes pelo Estado, as vezes por setores outros e aí, claro, esses setores que podem inclusive ter mais facilidade de demandar o Estado, a polícia e tal [...] eu acho que o embate da Capoeira por espaço nem deve ser algo tão difícil assim de se encontrar, esse embate talvez tenda a ser mais fácil, mais frequente, quanto mais o espaço seja central para a cidade, quanto mais o espaço seja crucial. (SANTIAGO, 2017)

182

Vejam os que diz Mestre Gerry, capoeirista e músico. Para ele, é uma “matemática bem objetiva, é o seguinte, a turma da capoeira não são uns playboys, não, na maioria não são, são uma galera que batalha”. Mas “O Mercado quer a galera que tem dinheiro. A Capoeira hoje tem outra formação, é um universo bonito de ver, musical, o som do berimbau, atabaque, tudo a ver com o Mercado” (2018).

Faço pergunta semelhante para o representante legislativo municipal: por que que se incomodam tanto com a Capoeira no Mercado Público?

Lino Peres é quem responde: “Isso é um racismo institucional, comercial e inconsciente do setor branco da cidade, porque a Capoeira, ela não cobra ingresso para entrar nem para sair, não pede licença, ela toca na rua”. E faz comparações: “Ela carrega o problema que tu vê que o comércio ambulante também tem, ou seja, ela avilta todo o processo de tributação, não tem como enquadrar em termos de tributação”. Acrescenta ainda que:

Se colocar a Capoeira em um espaço fechado, com uma geodésica bonita, com cores africanas e cobrar ingresso, tu ias ver que ela ia ser supervalorizada. Ela não é enquadrada, isso é insuportável para os

governos. De modo geral mesmo a elite mais avançada já é insuportável, imagine essa aqui que é atrasada e além disso tem os comerciantes, a rua tem que ser do meu comércio, nada fora do comércio, então essa coisa dos homens com os corpos nus também tem um problema do inconsciente, que ataca a moral burguesa, pequeno burguesa atrasada, judaica cristã nessa Ilha, então isso foi sempre uma tensão. Como é o terreiro. Então nós temos uma evangelização absurda que é uma moralização do espaço. A Capoeira afronta isso também. (PERES, 2018).

“A periferia quando inventa de ocupar o Centro vai dar rolo entendeu? É o choque, é uma afronta”. E o vereador conclui: “Tem que abrir aquilo ali, vamos abrir na marra esse troço, ou judicialmente ou negociando” (2018).

Karina Baseggio, do SEPHAN, considera que “A tensão existe porque os comerciantes, eles estão olhando o lado deles que é vender, que é o comércio, eles se sentem como proprietários [...] é disputado por muito interesses”. Explica melhor em seguida:

Até porque é uma cultura negra, e a cultura negra incomoda muito, e quando você vê um grupo ali se manifestando, não é todo mundo que se sente confortável com isso, talvez os comerciantes preferissem um outro tipo de grupo nesse espaço, por isso que acontecem essas tensões. (BASEGGIO, 2017).

183

Comenta que na mídia virtual sempre lê algum texto ou opinião denunciando os conflitos que acontecem no Mercado. Considera que não há nenhuma atividade mais popular no Mercado e que fica feliz em saber que existe resistência.

Pergunto se ela tem conhecimento que existe um espaço ali no vão central chamado Espaço Cultural Luis Henrique Rosa? Ao que ela responde: “Não, eu não sabia”. Assim informamos para a representante do *Serviço do Patrimônio Histórico, Artístico e Natural do Município*, que no vão do Mercado Público de Florianópolis, patrimônio tombado municipalmente, existe legalmente um espaço cultural tombado por mesas.

Para Calunga “A roda na rua ela é um grito de liberdade, é uma forma de você se expressar, de você reivindicar, você se mostra, eu exijo, eu to aqui, a arte tá aqui. De reivindicar os seus direitos”. E este *grito* é uma maneira de quebrar o mudismo social e dizer:

Eu tô lutando pela vida, tô lutando pra viver melhor, eu tô lutando pela minha cultura, eu tô lutando pela minha arte, eu tô exercitando meu corpo para estar bem de saúde, eu tô vivendo intensamente o momento presente, eu tô vivendo a minha cultura, eu tô vivendo a minha terra, eu

tô vivendo o meu espaço que eu tenho direito de estar, eu tô reivindicando aquele espaço ali, para eu poder me expressar, eu acho que não existe forma melhor. (CALUNGA, 2017).

Existe uma frase, que aparece nas cantigas de Capoeira que diz “A estrada é boa mestra e dá lição verdadeira”, se pensarmos que estrada é rua, realmente, *não existe forma melhor* de aprender e de se fazer ouvir do que estar na rua, na estrada. Para Mestre Pinóquio “A gente tem que resistir e as vezes não é só com palavra. Para isso tem que ter consciência coletiva capoeirística, que estamos ali para levar chibatada da polícia, mas por uma causa, por uma resistência”. E compreender que “A gente não tá querendo o espaço pra gente, é público, é um movimento cultural, mas as pessoas não têm essa consciência. Não sabem nem seus direitos, não tem convicção”. É fundamental acreditar no que faz, entender porque faz. Para o mestre é fundamental ter uma causa e que se não tiver um motivo, uma causa, não vai ter resistência. O que alimenta a ação de resistir é entender por que se resiste. E se isso não estiver presente, tanto faz a roda ser aqui ou acolá. E pergunto sobre a dificuldade de se fazer a Roda do Mercado e ele, “Antes, durante e depois e depois, é por causa da grana, vai ser sempre por causa da grana, do espaço”. A grana? E reforço, *só a grana?*

184

*Pinóquio diz:* Porque o objetivo era esse. Ou você acha que eles dão ponto sem nó? É a grana e acabou. Outra coisa, aglomera um bocado de gente ali, isso atrapalha o comércio, entende? É tudo a grana. Outro dia a mulher quis brigar com a gente porque as pessoas estavam no passeio e aí as pessoas não podiam entrar na loja dela, o espaço é público porra, as pessoas podem parar onde elas quiserem, aí chamou a polícia e tal. Porque não queria que as pessoas se aglomerassem ali na frente da loja, mas o espaço é público. Então tá tudo envolvido a grana. As pessoas têm a sociedade que merecem, porque as pessoas não têm consciência de nada, é só a grana, é tudo por dinheiro, são capazes de matar a mãe por dinheiro e já tem acontecido. Não, eles não conseguem se misturar, entender que aquilo é um movimento cultural, que aquilo, não de imediato, mas em médio e longo prazo pode trazer benefícios sociais para a cidade. É a grana.

*Danuza diz:* Tu vê que o ponto principal ali é a grana?

*Pinóquio diz:* E acabou. (PINÓQUIO, 2018)

Insisto. E pergunto: Qualquer manifestação que acontecesse ali, geraria um problema? “É outra coisa, na visão deles a capoeira traz um público muito pobre que não consome e fica tumultuando”. E cita como exemplo o carnaval: “eles vão adorar porque traz uma outra ideia de consumo de biritá, a capoeira não, o objetivo é outro, não é encher

a cara, pode ser até depois, mas durante não, entendeu? ” (2018). Na opinião do mestre, a Capoeira atrai um público que não interessa, é outro foco.

Calunga ajuda a completar o quadro, destacando que a discriminação e a desigualdade social provocam vários problemas. Na sua opinião falta cultura. Muitos falam inglês, falam francês, mas não conhecem a cultura popular e acrescenta: “Não veem que a roda da capoeira é importante não só como manifestação, mas como educação, quantas pessoas que abriram a cabeça através da capoeira” (2017).

Pergunto a todos: O que fazer? Qual a sugestão? Qual a proposta?

A administração (privada e pública), a “Mesa” e o gerente do Mercado Público, indicam a saída, que seria usar o entorno e/ou contar com o que se tem.

Os representantes públicos apontam a permanência.

E os capoeiristas? Estabelecemos um diálogo com eles, ora desanimador, ora mais otimista, mas sempre dito de modo veemente.

Para Mesa:

Na passagem são feitas as apresentações culturais. Não existe uma avaliação sobre se o lugar é ou não o melhor lugar. É o lugar determinado para isso. Não houve necessidade dessa avaliação. Podem fazer a roda mais cedo, os bares abrem as 10 horas, ou fazer fora. A prefeitura tem que se resolver. Se ela quer receber o aluguel do box ou se quer liberar para show. (MESA, 2017).

185

E Rosa, firma sua sugestão baseado no Decreto. Argumenta que ele também rege sobre o espaço do vão central e sugere “[...] para amenizar o conflito é ter boa convivência” (ROSA, 2017).

Vou ao **Dicionário Aurélio**. Convivência é o “Ato ou efeito de conviver”. E pode ser entendida também como “Frequência de trato íntimo e mútuo”. Nem uma coisa nem outra acontece no Mercado de Florianópolis, o Público. Não convivem na intimidade, os capoeiristas e os setores administrativos. Não colaboram mutuamente para que aquele espaço se torne de uso comum, igualitário socialmente. Não foram consultados. Conviver é viver com o outro, é ter intimidade. Se para amenizar o conflito a sugestão é ter boa convivência, comecemos, pois, com o diálogo. Cedendo entrevistas.

Santiago (2017), aponta para uma compreensão das partes envolvidas. Considera que na dinâmica social, nada está definido de modo permanente. Se considera do grupo que acha que tudo pode ser visto e se não arrumado, concertado. O que não foi feito antes pode ser conquistado agora, com luta e resistência. E que todos os embates servem de

lição para futuras disputas sociais. Para ela, os pontos de conflito em uma cidade são inúmeros e é preciso propor, sempre.

A historiadora comenta sobre o registro da Capoeira, do estudo que foi feito, da elaboração de um Dossiê:

Todo bem para ser registrado ele tem um estudo de que bem que é esse, como que ele acontece, quais são as variações, qual foi o processo histórico concentrando sobre esse aspecto. Essa questão da espontaneidade e do improvisado da Capoeira, da não institucionalização da Capoeira é algo que existe muito, está muito relatado e eu imagino que esteja muito presente no imaginário da capoeira, na construção da identidade da Capoeira. O típico da Roda do Mercado era para ela ir se fazendo ali, quem chegar chegou. Precisa de uma outra força, algo externo para amenizar. (SANTIAGO, 2017).

Peres acredita que o conflito só se resolve “Via negociação ou via judicial. Vai precisar um choque, vai ter que enfrentar e atender a população. Vai reivindicar o seu espaço, ocupar esse espaço, em conflito, vai dar muito choque”. Diríamos que ele não acredita numa solução onde prevaleça a boa convivência,

Eu não vejo uma perspectiva harmônica, para um lado ou para o outro, mas eu acho que vai ter que ser uma saída negociada, uma negociação direta, porque para mim a cidade é um ponto de conflito, o planejamento é um pacto, não é uma cidade ideal nem para um e nem para o outro, a burguesia não vai conseguir governar sem o povo e nem vice e versa, não sem conflito. Eu acho que o fato da Capoeira ser patrimônio na humanidade, resistir esse tempo todo e hoje cada vez ela é reconhecida mesmo de uma forma tortuosa, eu sou otimista de que a gente possa sim abrir, aumentar esse espaço cada vez mais (PERES, 2018)

Para Peres, a burguesia local é ignorante e imediatista. Considera que em relação ao vão do Mercado os capoeiristas tinham que partir para cima todos os finais de semana “[...] mas alguns disseram não, vamos esperar uma vez por mês, vamos negociar primeiro. Até agora não vi essa avaliação de volta, se vamos respeitar ou não, se não for isso tem que partir para uma medida na Câmara, um debate ou justicializar” (2018). E acrescenta,

Inclusive fazer um acordo com o setor empresarial [...], por exemplo, implanta um *Centro Sapiens*<sup>84</sup>, você tem que fazer um sistema de troca, tem que deixar o setor popular com tarifas acessíveis. A cidade é diversa, é uma negociação, você quer ganhar dinheiro então recicla os prédios antigos, para aplicação popular, para os moradores de rua, para

---

<sup>84</sup> Projeto já relatado anteriormente.

as prostitutas, como faz o Arco Íris<sup>85</sup>, eles só querem um lado, esquecem o do outro. Tem que pedir uma reunião ampliada ou uma audiência pública. Urgente”. (PERES, 2018)

E incentiva, sugere ações:

É uma luta, na rua. Os capoeiristas têm que sair em passeata, todo mundo, é a única maneira de a gente configurar nesse espaço, a minha perspectiva é na luta, na rua de novo, não tem outra, porque se tu relaxou, não dá para relaxar, se não os fascistas voltam, a democracia é uma luta permanente. (PERES, 2018).

Nas suas palavras finais comenta que é impossível sabermos o futuro. Tudo é muito indeterminado, e compara essa incerteza com a própria Capoeira, “O jogo é incerto, não sabe o que pode acontecer, a vida é uma dança, os capoeiristas tem essa sabedoria, volta e meia as densidades voltam e a poeira volta, a Capoeira tira a poeira” (2018).

Para Baseggio, um outro órgão que poderia ser um aliado, servindo de intermediário nesse conflito, é o Conselho Municipal de Cultura. Esclarece que o referido órgão envolve vários setores, vários pensamentos com relação a cultura, não só ao patrimônio material. Comenta que algumas vezes a SEPLAN tem emitido alguns pareceres sobre o Mercado Público, por exemplo, quando os comerciantes solicitam um fechamento das laterais e é onde colocam o que pensam sobre o uso do patrimônio. Sugere também “[...] uma audiência pública, talvez um debate mais coletivo chamando a população para mostrar a problemática” (2017).

Para Mestre Pop, tem que manter a roda no vão central: “Se sair acabou. Eles sempre vão dar um jeito de justificar o injustificável. A gente deu um grito, eles se incomodam, e a gente tem que incomodá-los cada vez mais” (2017). Na Capoeira existe uma palavra, que geralmente é usada como uma chamada de alerta, de atenção. Quando usada os capoeiristas param, ficam quietos ou atentos: IÊ! Eis o *grito*: IÊ.

“Pessoal vamos prestigiar essa roda, essa roda é importante pra Capoeira, todo mundo faz parte dela, todos os capoeiristas fazem parte dela, e todos tem os direitos e deveres de estarem ali e prestigiarem” (2017). Eis o chamado do Mestre Calunga. Para ele os administradores, os comerciantes do Mercado, tinham que olhar um pouco mais para a Capoeira e dar um espaço privilegiado para a roda. Ter a Capoeira no vão seria um orgulho,

---

<sup>85</sup> Instituto Arco Íris Direitos Humanos.

Eu vejo que as vezes não merece ter a Capoeira ali dentro, não merece, tinha que partir deles. Mas por outro lado a gente sabe que a roda ali fora o povo vai ver mais, porque o povo passa por fora, não passa por dentro do Mercado, nem tem como passar, sempre vai ter alguém fazendo carinha feia e bicudo. (CALUNGA, 2017).

Pinóquio segue na mesma linha: “O que faltou na minha opinião, pro Mercado, foi dar as pessoas um motivo, uma causa, para que as pessoas deixem de ir à praia para ir lá. Não pô, eu tenho um compromisso com as crianças, com a sociedade” (2017). A discussão prossegue em um diálogo que julgamos importante reproduzir na íntegra:

**Danuza:** Falar com as pessoas? É isso?

**Pinóquio:** “Tinha que fazer um chamamento e conscientizá-las da importância de cada qual lá, a importância da roda, qual o impacto que isso tem na cidade e na vida das pessoas que estão olhando”.

[Faltou, na opinião do Mestre Pinóquio uma atuação mais forte, incisiva por parte dos vereadores ligados a causa popular] “Eles eram para ter pego o projeto e dizer não, pera aí, cadê o espaço da Capoeira? Cadê o espaço do *Luizinho*? Vocês vão engolir o espaço do *Luizinho*? Agora não tem mais muito o que fazer”.

**Danuza:** Não?

**Pinóquio:** Depois que passa o carro por cima da cabeça não adianta juntar os miolos, você tem que evitar que o carro passe por cima da cabeça das pessoas, espera aí meu, para o projeto, entra com um mandato de segurança, nós queremos assegurar aqui o espaço do *Luizinho*, o espaço já tá aqui garantido por lei, e tem mais, vocês tem que deixar tanto por cento pra cultura, não fizeram isso. Quanto espaço vai ter pra cachaçada? Quantos por cento é pra cultura? Eu que sou ignorante e sei disso, um miserável daquele não sabe disso? e o que que eles fizeram? Não fizeram porra nenhuma! Eu acho que agora a nossa luta ali no Mercado está perdida.

**Danuza:** Perdida?

**Pinóquio:** Eu considero perdida, pela falta de consciência dos capoeiristas, e pela preguiça e malandragem dos nossos vereadores, eles deveriam ter intervindo antes. Depois que o martelo vem na cara não adianta você querer, já foi, você tem que prever o golpe do cara, quando o cara chutar, já foi, não tá mais ali. Então pela má gestão dos nossos políticos, pela falta de consciência dos nossos alunos e pela [falta de] vontade de alguns pseudos mestres, a nossa luta no Mercado está perdida, ou vamos ficar mendigando um espaçozinho ali.

**Danuza:** Mesmo assim manterias a roda ali?

**Pinóquio:** “Manteria. Ali dentro. Manteria”.

**Danuza:** Mesmo perdida?

**Pinóquio:** Eu sou da opinião de que a gente tem que comer o que tem. Junta os cacos e continua. É dos cacos que se continua, a roda eu faria ali e aí nem vou te dizer o que faria mais. (2017)

A fala de Gerry, revela uma outra proposta, um outro pensar. E é isso, como diz Mestre Nô “Capoeira na roda e na vida”. Diversos olhares e pensamentos:

**Gerry:** Devem abrir o coração para a Capoeira, porque essa é uma arte e está ali há tanto tempo, então merece o respeito. Por que se fosse uma coisa qualquer, uma brincadeirinha, fuleirinha, uma vadiaçãozinha assim de besteira. Não é, é uma vida, tem pessoas que vivem, sobrevivem disso e pô cara, você vai olhar pro mundo, a Capoeira tá nos guetos que mais precisa de alguma ajuda. Poxa, será que a Capoeira não merece respeito? Merece.

**Danuza:** Desistir, talvez?

**Gerry:** Como qualquer coisa na vida, a Capoeira dá vontade de desistir várias vezes, *mas a Capoeira é mais atraente do que a vontade de desistir* [grifo nosso], essa é a verdade (GERRY, 2018).

Para Mestre Jimmy, o importante é tentar dialogar com os comerciantes, tentar manter um contato. Considera que os comerciantes construíram uma ideia sobre os capoeiristas e que isso precisa ser desfeito. E conclama:

Vão à roda né, compareçam à roda, que ela não se acabe porque eu não vou hoje porque eu sei que o pessoal vai, aquele vai, o outro não vai, eu recomendo, permaneçam indo na roda, não deixem, como diz na religião, não deixem a vela apagar, porque é fundamental, porque a Capoeira do Mercado ela deu base para todos os grandes capoeiristas da Ilha, que foram inteligentes e beberam da fonte, então isso não pode acabar assim. (JIMMY, 2018).

189

Alemão, o contramestre que iniciou os primeiros movimentos da Roda do Mercado, confessa:

**Alemão:** Não tenho mais muita coragem de ir naquelas rodas lá, por que assim, o que que eu vejo do Mercado, eu vejo que o momento que tinha que ser discutido o Mercado, o que que ia ser feito do Mercado, era antes de ter sido feito. O espaço Luís Henrique Rosa, que era ali, foi tombado o lugar, conseguimos tombar o lugar como um espaço de cultura popular sábado de manhã. Eu fique nessa ilusão, durante um bom tempo, achei que não ia rolar alguma coisa ali, sem ter o respeito a esse espaço cultural, porque ali teve várias coisas que foram feitas, várias coisas aconteceram ali, várias vezes fecharam o Mercado para não sei o que, pra fazer festa da ostra, mas sempre tinha um espaço para a roda de Capoeira, sempre tinha, então eu achava que a roda de Capoeira tinha conquistado o espaço. Agora virou uma praça de alimentação.

**Danuza:** com tu vê essa roda hoje?

**Alemão:** “Eu nunca mais fui ver, tenho até medo. Ver minha história. No meu modo de entender, a prefeitura quando fez aquilo ali, foi imbecil, tinha que ter feito uma roda no meio, fechado uma roda”. [Para Alemão a Prefeitura tinha que entender a importância da roda de Capoeira, no sábado de manhã. Considera valorosa a atitude dos que continuam no Mercado Público fazendo a Roda]

**Danuza:** Tem que continuar? Mesmo na passagem? As vezes com poucos capoeiristas?

**Alemão:** Eu acho legal a galera insistir de estar lá, porque nós somos de lá, esses caras que estão lá não, nós somos mais de lá que esses caras, esses caras compraram o espaço, nós conquistamos o espaço. A gente conquistou sem visão mercadológica nenhuma, a gente ia fazer a roda por espontaneidade, a roda de Capoeira que a gente ia fazer lá assim, por questão de cultura, de colocar na rua a cultura para que as pessoas que estão na rua vissem, pra fazer parte do cotidiano, pra estar ali envolvida naquele espaço. Tanta carroça passou ali, tanta energia, tanta energia boa a gente levou pra li, eu não consigo chegar naquele Mercado, eu nem passo ali por dentro, dói meu coração passar ali. (ALEMÃO, 2018).

Na opinião de Alemão, a época que os capoeiristas tinham que ter brigado era antes da reforma de 2015. Que provavelmente foi aprovado sob o aval da Câmara de Vereadores, e os espaços foram vendidos:

**Alemão:** Os caras que compraram os espaços, um espaço caro, ele paga imposto pra Prefeitura, ele tem que pagar os funcionários dele. Não foi ele que tirou nós de lá, não foi o cara que comprou o espaço ali. Foram os caras que pensaram daquela forma o Mercado, esses caras nos tiraram de lá, que são quem? Os políticos, os caras da Câmara de Vereadores. “Se existe uma lei, que garante a Capoeira no vão central, eu acho que um outro caminho era aumentar esse espaço do vão central, a partir da lei, mas ao mesmo tempo, legitimar, esse maior espaço do vão central, a Capoeira tem que estar maior, tem que ter mais gente, as pessoas têm que entender que a roda do Mercado é importante, tem que ser importante pra mais gente.

**Danuza:** tem que ter um significado maior para cidade?

**Alemão:** Para cidade. As pessoas têm que entender que aquela roda ali tem um significado importante, e mais capoeiristas reconhecer. Eu admiro as pessoas que botam a roda no sábado de manhã no vão central, eu admiro. Pra mim é uma satisfação ver que ainda tem gente fazendo isso. Aquele Beija-flor que vai com uma gotinha de água pra apagar o incêndio, entendeu? (ALEMÃO, 2018).

O Mercado Público de Florianópolis é um croqui econômico e social de qualquer cidade capitalista do mundo. Do Mercado vemos o mundo. Cada um dos entrevistados, com seus silêncios e suas falas, colocou uma convenção cartográfica nesse croqui. O símbolo da indignação, desenhado por Pinóquio, com todo o processo que aconteceu e acontece no Mercado, a marca do desapontamento e da incredulidade riscado por Alemão, o desassossego e a busca de novos desafios colocados pela Jô, o bom ânimo e o incentivo a persistir na luta impressos por Mestre Pop, Calunga, Gerry e Jimmy. Essas marcas, somadas às de outros entrevistados, são a representação desse espaço geográfico impregnado de intenções.

A Capoeira, ajuda a desestruturar a ordem ali estabelecida. Gostaríamos de tecer um fio entre o que Joel Rufino dos Santos<sup>86</sup> fala sobre o “pobre”, com o capoeirista que joga na rua, que mora nas periferias e que faz do seu ofício (ofício dos mestres) o seu pão e a sua vida: “Pobre é aquele que desorganiza a sociedade com seus desejos. É a classe perigosa. É aquele que desestrutura o mundo [...] pobre é aquele cujo desejo é subversivo, cujo desejo pode destruir, desordenar a sociedade [...] pode criar uma representação da sociedade como se ela estivesse de cabeça para baixo” (**O ENCONTRO com o outro**, 2004).

Mercado. 167 anos. A resistência nem sempre precisa ser violenta. Às vezes é astuta. Modesta. A resistência às vezes não afronta, mas confronta as díspares realidades. E no confronto, o conforto de saber-se atuante. É assim que se transmite o legado da liberdade, da Capoeira: resistindo incansavelmente.

Nas tantas idas para fazer a entrevista com a Associação dos Comerciantes, em uma delas, quando chego no hall, localizado na torre oeste do Mercado Público de Florianópolis, o que eu vejo? De costas, braços ao longo do corpo, olhando pela janela? O boneco de Luiz Henrique Rosa, músico da nossa cidade, homenageado com o Espaço Cultural, no vão do Mercado Público.

Olhando, olhando, olhando. E fiquei um pouco ali parada, imaginando o que estava tão atentamente vendo pela janela lateral. E o que pensava sobre o que via. Assim, pedi licença e tirei a foto, com respeito, e confesso, com uma boa dose de melancolia.

---

<sup>86</sup> Joel Rufino dos Santos: doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, onde leciona literatura. Conferir o vídeo: **O ENCONTRO com o outro** [entrevista], 2004.



Figura 69: Boneco de Luiz Henrique Rosa, no hall da Torre Oeste do Mercado Público de Florianópolis, 2017.

Acervo pessoal Danuza Meneghello.

## CHAMADA<sup>87</sup>: CONSIDERAÇÕES FINAIS

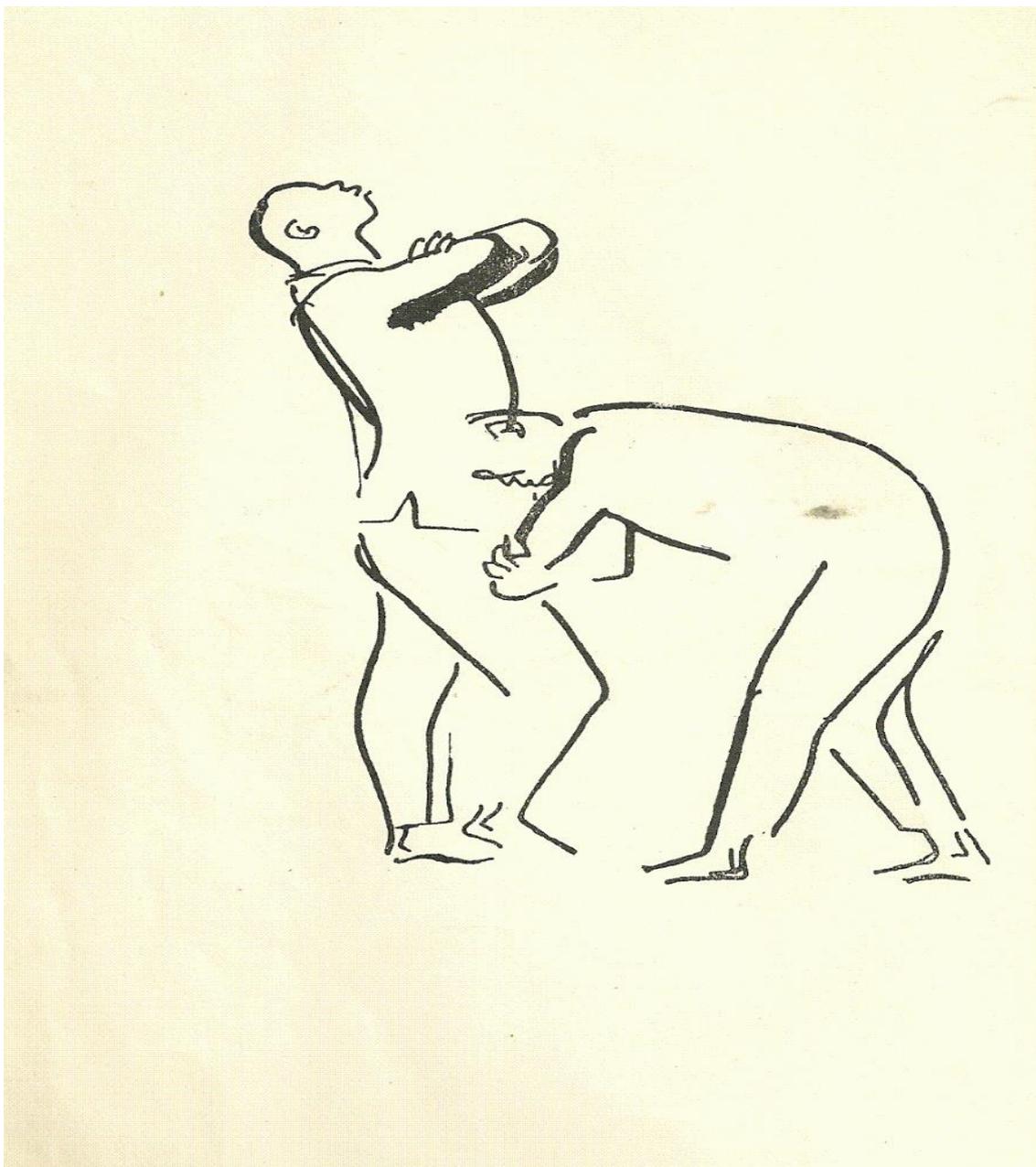


Figura 70: **Chamada**, desenhos de Caribé. Salvador: Livraria Progresso, 1955.

---

<sup>87</sup> Fundamento da Capoeira Angola: geralmente um capoeirista mais experiente chama um mais novo para testar seus fundamentos.

O jogo termina no pé do berimbau<sup>88</sup>. Aperto a mão, sôfrega e saio da roda. Com ânimo diverso: exausta, alegre, dolorida, revigorada. Sempre inquieta. Como na vida.

Hoje é dia doze de setembro de 2018. Chove na capital do Estado de Santa Catarina. Há três anos atrás, mais ou menos, andava às voltas para me inscrever no mestrado, na UFRGS. Grande expectativa. Ansiosa para caminhar pelo *Campus Universitário*, pela cidade de Porto Alegre. Para voltar a ser estudante. Para compartilhar com amigos e familiares minhas descobertas nessa nova estrada.

E descobri que a estrada da pós-graduação é uma estrada solitária, em quase todo o percurso. Aqui e acolá uma luzinha. Acalanto necessário.

O que aqui foi escrito, o foi dentro de um contexto histórico e envolvido pelas indagações (e angústias) de quem se fez moradora de uma cidade em degustação. Uma elite esfomeada, gluttona, vem devorando terras e gentes.

E a indagação que deixamos é, de que lado da trincheira estás? E com quais armas contas para essa refrega?

Apontamos nessas duzentas e poucas páginas nossa posição. Hoje com cinquenta e quatro anos estou cada vez mais convicta do lugar (social e ideológico) no qual pretendo me manter. E acredito, que no movimento por uma justa sociedade, uma das ferramentas é o tensionamento, a denúncia e a rua. A história está no movimento dos corpos e das ideias. Jogar para o futuro as possibilidades de resistência, mesmo não tendo provas consistentes de que no futuro estaremos resistindo. Mas a escassez de direitos, de fala, de pão, de terra e de paz levam à resistência, esse ato de recusar-se a submissão de outrem, de opor-se com vigor a tudo que sufoca, mata, faz desaparecer e amordaça.

Nessas páginas, desenhamos a Roda de Rua do Mercado Público de Florianópolis, e consideramos que é o espaço da ação social, do discurso diverso, da cultura popular, da manifestação afro-brasileira. É o espaço da aprendizagem, da ensinância, do saber. Que a Roda de Rua possibilita, para quem quiser aprender, o caminho da autonomia e da responsabilidade para com o outro.

O jogador de capoeira que vai para rua geralmente descobre que vive em uma sociedade opressora e desigual. Mas identificamos, também, durante a pesquisa, que muitos capoeiristas em Florianópolis não perceberam essa mensagem ainda: a de que a

---

<sup>88</sup> Ao finalizar o jogo: IÊ. E entre tantos pontos e vírgulas, as mãos, mente e coração de Fernanda. Com bom ânimo, sempre, me auxiliando para chegar aqui. Abraço de gratidão nessa mulher que *caminha*.

capoeira serve antes de mais nada para quebrar grilões. Não jogam, apenas se jogam como nos fala sempre Mestre Nô.

Mesmo que todos os capoeiristas que frequentam a Roda do Mercado não estejam imbuídos de um caráter revolucionário, consideramos, sim, essa roda de capoeira um marco, um ponto de incomodo no espaço público, urbano do centro histórico da cidade. Ela conta uma história. Uma história individual e coletiva. Presenciamos isso ao ouvir os mestres e a contramestra falarem. A subjetividade dessa história está presente nessas falas. Mas o que é genuíno nessa luta, arte Capoeira? A sua trajetória. A sobrevivência. Eis aí a sua grandiosidade. Ponto.

E voltamos a perguntar: é essa cidade que queremos? Esta cidade, afinal, aceita dar espaço e voz para as manifestações culturais populares? Os órgãos públicos e legislativos desta cidade aceitam implementar um planejamento estratégico participativo, democrático? Um plano diretor com representatividade popular? Assim ao falar da Roda do Mercado, estamos propondo uma reflexão sobre planejamento municipal.

Vivemos em uma cidade onde prevalece no poder municipal a lógica privatista autoritária e racista. E que há muito convive com capoeiristas. O encontro com a literatura, com jornais que retratam a vivência dos capoeiristas na cidade de Desterro e de Florianópolis é indicação de futuras investigações. Investigar de modo mais preciso e trazer para conhecimento geral o que era pensado e feito em relação a esse “malandro”, que andava pelas ruas da cidade antes do século XX.

Nas linhas finais, recuperamos o valor da memória histórica. Não como âncora, mas como vela que infla e nos tira da estagnação, do lodo da maré baixa<sup>89</sup>. A memória, aqui, como desafio. Na Roda de Rua do Mercado, as marcas: o movimento dos corpos, o sangue, as desavenças, o suor, os encontros, os abraços, as rasteiras, as quedas. A Capoeira faz no Vão do Mercado a roda da vida de inúmeros capoeiristas. Esse lugar se tornou, no passar desses 31 anos, a casa de mulheres e homens jogadores dessa luta de ataque e defesa. A casa, e não a cova da Capoeira.

Durante o trabalho fomos desenhando a importância do Mercado Público, patrimônio tombado pelo poder municipal, e da Capoeira, patrimônio imaterial tombado pelo poder federal. Destacamos situações que demonstraram que o primeiro está, cada

---

<sup>89</sup> Maré mesmo é o nome da minha cachorra anárquica. Muitas vezes me mirava incrédula, mas se manteve firme na casa.

vez mais transformado em um lugar de consumo elitizado. Ali as placas contam uma história que a rotina diária quer esquecer – a cidade desmemoriada. O segundo, o patrimônio, se mantém na rua com princípios e fundamentos cada vez mais esquecidos por uma parte dos capoeiristas. Um com valor de venda visível, o outro sem valor aparente. Consideramos, depois dessa caminhada, uma difícil, improvável junção.

Mas esses patrimônios integram a cidade. Estão de fato inseridos no imaginário e no espaço geográfico desse município. Ora são abandonados, ora excluídos. Emergem, muitas vezes, irreconhecíveis. Mas apenas por um tempo, pois consideramos que há na consciência popular, o desejo latente de ser igualmente livre. E é nesses momentos, que o essencial para se viver com igualdade volta a se tornar reconhecível. E o reconhecimento se dá, seja lutando por espaços 100% públicos<sup>90</sup>, seja através de manifestações culturais populares.

Recorremos, como ingrediente de lembrança histórica, às revoltas e resistências de todos os negros que traçaram caminhos rumo à liberdade. São rastros que nos ajudam a não esquecer: Negro Cosme/ Balaiada – Vale do Itapecuru – MA; Quilombo do Catucá/ Malunguinho – Recife – PE; Quilombo dos Palmares – União de Palmares – AL; Quilombo do Buraco do Tatu - Salvador – BA; Engenho Santana – Ilhéus – BA; Bairro de Itapoan – Salvador – BA; Ladeira da Praça – A Revolta dos Malês - Salvador – BA; Carrancas – Cruzília – MG; Sítio Histórico do Patrimônio Cultural Kalunga – Cavalcanti, Monte Alegre e Terezina – GO; Manoel Congo – Vassouras/Paty do Alferes – RJ; Quilombo Maria Conga – Magé – RJ e tantos outros. A todos, nossa saudação.

Qual o próximo passo? A traça rói o papel, como garantir que a palavra seja voz ouvida? E se o poder público e privado perder o interesse pelo Mercado? Como entender os silêncios que falam e não dizem nada? A resposta certa não sabemos, mas intuímos que no início está uma indicação: *Ocupar espaços públicos, encontrar os camaradas e entregar-se à pura diversão, sem ter que comprar, é algo cada vez mais raro. Nos dias de hoje, em que estamos amordaçados pelo tempo e confinados em espaços fechados, expor-se é uma ousadia. Ocupar e oferecer a vadiação da capoeira como cultura que se recria é ser capoeira, é fazer o que sabemos e fazemos porque esse saber não tem certificado, foi conquistado e mantido como ideia e como meio de vida.*

---

<sup>90</sup> Ponta do Coral, Florianópolis/SC, luta pelo Parque das Três Pontas. Axé a todos que lutam.

*E se o desafio é continuar, se a ideia é persistir, que seja aqui pisando essas pedras centenárias, hoje encobertas, no Mercado Público. Patrimônio que resiste.*

E soou o toque de recolher. Eis o aviso de que o tempo é devorador de sonhos. Risco o chão em quatro pontos. São vinte e duas horas e trinta e cinco minutos de uma noite estrelada. Agradeço a ancestralidade o sustento do corpo e o equilíbrio da mente, e encerro. Berimbau chamou. IÊ é hora, é hora, camará!

*Meus companheiros amados, não vos espero nem chamo:  
porque vou para outros lados. Mas é certo que vos amo.*

Cecília Meirelles, 1951.

## MESTRE NÔ: REFERÊNCIAS



Figura 71: Mestre Nô, Roda do Mercado, 2014. Acervo Danuza.

### AUDIOVISUAIS

**A CAPOEIRA na roda e na rua** [documentário]. Direção de Tunai Arozi. Produção de Tunai Arozi. Realização de Tunai Arozi, Liz Abreu e Sandro Sampaio. Intérpretes: Capoeiristas. Roteiro: Tunai Arozi, Liz Abreu e Sandro Sampaio. Música: Diversas de Capoeira. Florianópolis, 2017. (11 min.), son., color. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=bp1OorEFX\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=bp1OorEFX_g)>. Acesso em: 30 maio 2017.

**O ENCONTRO com o outro** [entrevista]. Café filosófico com Joel Rufino dos Santos, 12 mar. 2004. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XLrPPqw0QOI>>. Acesso em: 30 maio 2017.

**MERCADO PÚBLICO é o espaço mais democrático de Florianópolis** [reportagem]. RIC TV, 29 fev. 2016, 03:27 min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=RxUhs0t2f6U>>. Acesso em 10 maio 2018.

**PROJETO capoeira viva** [curta-metragens]. Disponíveis em: <<http://www.capoeiraviva.org.br/apre.htm>>

**QUANDO a rua vira casa** [curta-metragem]. Direção de Tetê Moraes. Produção de Carlos Nelson Ferreira dos Santos. Roteiro: Arno Vogel; Carlos Nelson F. Santos; Marco Antônio Mello. Rio de Janeiro: Take Produções e Comunicações, 1980. (20 min.), son., P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=F6oxjTOMenA>>. Acesso em: 29 maio 2018.

## ENTREVISTAS

ALEMÃO. **Entrevista concedida a Danuza Meneghelo**. Florianópolis, 19 dez. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no ANEXO “IV” desta dissertação].

BASEGGIO, Karina, arquiteta do IPUF/SEPHAN. **Entrevista concedida a Danuza Meneghelo**. Florianópolis, 21 nov. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no ANEXO “XIV” desta dissertação].

GERRY. **Entrevista concedida a Danuza Meneghelo**. Florianópolis, 16 jul. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no ANEXO “IX” desta dissertação].

JIMMY WALL. **Entrevista concedida a Danuza Meneghelo**. Florianópolis, 18 jan. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no ANEXO “XI” desta dissertação].

JÔ. **Entrevista concedida a Danuza Meneghelo**. Florianópolis, 3 jan. 2018. [A entrevista encontra-se transcrita no ANEXO “X” desta dissertação].

MESTRE CALUNGA. **Entrevista concedida a Danuza Meneghelo**. Florianópolis, 8 dez. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no ANEXO “VI” desta dissertação].

MESTRE NÔ. **Entrevista concedida a Danuza Meneghelo**. Florianópolis 26 out. 2016 [A entrevista encontra-se transcrita no ANEXO “III” desta dissertação].

MESTRE POP. **Entrevista concedida a Danuza Meneghelo**. Florianópolis, 07 dez. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no ANEXO “V” desta dissertação].

PERES, Lino. **Entrevista concedida a Danuza Meneghelo**. Florianópolis, 14 nov. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no ANEXO “XII” desta dissertação].

PINÓQUIO. **Entrevista concedida a Danuza Meneghelo**. Florianópolis, 07 dez. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no ANEXO “VII” desta dissertação].

POLEGAR. **Entrevista concedida a Danuza Meneghelo**. Florianópolis, 11 abr. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no ANEXO “VIII” desta dissertação].

ROSA, Peterson. **Entrevista concedida a Danuza Meneghelo**. Florianópolis, 22 nov. 2017.

SANTIAGO, Regina Helena Meirelles, chefe da Divisão Técnica do IPHAN-SC. **Entrevista concedida a Danuza Meneghelo**. Florianópolis, 21 nov. 2017. [A entrevista encontra-se transcrita no ANEXO “XIII” desta dissertação].

#### PERIÓDICOS [JORNAIS]

“A Capoeira e o Estado Novo-70 anos de(re) encontros”. **Sala de Pesquisa Internacional**, 28 mar. 2009. Disponível em: <[https://saladepesquisacapoeira.blogspot.com/2009\\_03\\_22\\_archive.html](https://saladepesquisacapoeira.blogspot.com/2009_03_22_archive.html)>. Acesso em 10 maio 2018.

“Ao Governo Imperial”. **O Mercantil**, Florianópolis, n. 61, p. 2, 1861. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=711667&pesq=capoeira>>. Acesso em 10 abril 2018.

“Arquivo público de Florianópolis: pouco caso oficial ameaça o arquivo histórico de Florianópolis”. **Notícias do Dia online**, Florianópolis, 30 jul. 2017. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/coluna/carlos-damiao/pouco-caso-oficial-ameaca-o-arquivo-historico-de-florianopolis>>. Acesso em ago 2017.

“As lutas de capoeira no Circo Queirolo”. **O Estado**. Florianópolis, 29 nov. 1928. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=711667&pesq=capoeira>>. Acesso em 10 abril 2017.

“Ciríaco, Hermann, Arthur e Hulk”. **Jornal dos Sports**, Rio de Janeiro, 03 set. 1995.

“Começa nova etapa de revitalização do Mercado Público de Florianópolis”. **Notícias do Dia**, Florianópolis, 30 set. 2013. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/novos-concessionarios-do-mercado-publico-comecam-a-receber-memorial-dos-boxes-que-irao-ocupar>>. Acesso em: 26 abr. 2017.

“Concurso de papagaios”. **O Estado**, edição 6808, Florianópolis, 1936, em Concurso de Papagaios

“Documentário sobre os 50 anos do CNFCP”. **Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular**, Rio de Janeiro, 22 ago. 2018. Disponível em: <[www.cnfcp.gov.br/ Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular](http://www.cnfcp.gov.br/Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular)>. Acesso em 30 ago. 2018.

“Este mês os moradores da Grande Florianópolis têm grandes motivos para comemorar”. **Jornal do Mercado Público de Floripa**, Florianópolis, ago. 2018. Disponível em: <<https://www.facebook.com/pg/jornaldokobrasol>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

“Florianópolis ontem e hoje”. **Blog**, Florianópolis, [s.d], Disponível em: <<http://floripendio.blogspot.com.br/2010/05/florianopolis-antigo.html>>. Acesso em: 10 maio 2018.

“Florianópolis tem 110 mortes violentas em 2017”. **CBN Diário**, Florianópolis, 07 ago. 2017. Disponível em: <<http://cbndiario.clicrbs.com.br/sc/noticia-aberta/florianopolis-tem-110-mortes-violentas-em-2017-veja-os-bairros-onde-os-casos-ocorreram-203412.html>>. Acesso em 10 maio 2018.

“Florianópolis vive explosão de crimes e recorde de mortes violentas em 2017”. **Folha**, São Paulo, 02 nov. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2017/11/1932340-florianopolis-vive-explosao-de-crimes-e-recorde-de-mortes-violentas-em-2017.shtml>>. Acesso em 10 maio 2018.

“Floripa ontem e hoje: historiador conta as transformações políticas e sociais da cidade”. **Notícias do Dia online**, Florianópolis, 24 dez. 2016. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/floripa-ontem-e-hoje-historiador-conta-as-transformacoes-politicas-e-sociais-da-cidade>>

“Há 170 anos, Dom Pedro 2º desembarcava na antiga Desterro, hoje Florianópolis”. **Notícias do Dia online**, Florianópolis, 10 out. 2015. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/plural/ha-170-anos-a-capital-da-provincia-e-freguesias-recebiam-a-visita-imperial>>. Acesso em 10 maio 2018.

“Lauro Müller: menino - adolescente – aluno”. **O Estado**, Itajaí, p. 10-10, 13 maio 1934. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/ DocReader/DocReader.aspx?bib=098027\\_03&pesq=capoeira](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=098027_03&pesq=capoeira)>. Acesso em: 16 maio 2018.

“Mercado Público de Florianópolis”. **Guia Floripa**, Florianópolis, [s.d.]. Disponível em: <<http://www.guiafloripa.com.br/turismo/patrimonios-historicos/mercado-publico>>. Acesso em 10 maio 2018.

“Noticiário”. **A Regeneração**. Edição 00270, de 1871. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=709603&pesq=capoeira>>.

Acesso em 10 maio 2018.

“Notório Saber de Mestre Nô”. **Notícias UFSC**, Florianópolis, 30 mar. 2016. Disponível em: <<http://noticias.ufsc.br/2016/03/universidade-ja-ufsc-reconhece-titulo-de-notorio-saber-a-mestre-no/>>. Acesso em: jun. 2018.

“Novos apontamentos para sua História, com informações adicionais referentes à nossa Capoeiragem no século XIX”. **Sala de Pesquisa Internacional**, 28 mar. 2009. Disponível em: <<https://saladepesquisacapoeira.blogspot.com/2009/03/maranhaocirco-queirolopolicia-militar.html>>. Acesso em 10 maio 2018.

“Número de assassinatos em Florianópolis cresce”. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 23 nov. 2017. Disponível em: <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/noticias/noticia/2017/11/numero-de-assassinatos-em-florianopolis-cresce-94-10033730.html>>. Acesso em: 10 maio 2018.

“O Pacajá”. **O Pacajá**. Florianópolis, Edição 26, p. 1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=766429&pesq=capoeira>>.

Acesso em 18 ago. 2018.

“Pedro e seu amo”. **O Pacajá**. Florianópolis, Edição 20, p. 82-83, 1862. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=766429&pesq=capoeira>>.

Acesso em 18 ago. 2018.

“População em situação de rua resiste ao fechamento do Centro Pop em Florianópolis”. **Maruim**, Florianópolis, 24 ago. 2017. Disponível em: <<http://maruim.org/2017/08/24/movimento-de-pessoas-em-situacao-de-rua-resiste-ao-fechamento-do-centro-pop-em-florianopolis/>>. Acesso em 15 jul. 2018.

“Reabertura do Mercado Público de Florianópolis”. **Diário Catarinense**, 05 ago. 2015. Disponível em: <[http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/DC\\_mercado\\_publico/](http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/DC_mercado_publico/)>. Acesso em: 10 maio 2018.

“Tarifa de ônibus de Florianópolis será de 3,99 no cartão e 4,20 em dinheiro a partir de segunda”. **G1**, Florianópolis, 28 dez. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/tarifa-de-onibus-de-florianopolis-sera-de-r-399-no-cartao-e-r-420-em-dinheiro-a-partir-de-segunda.ghtml>>. Acesso em dez. 2017.

“Taxa de mortes violentas em Florianópolis supera cidade do Rio de Janeiro”. **Notícias do dia online**, Florianópolis, 27 nov. 2017. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/taxa-de-mortes-violentas-em-florianopolis-supera-cidade-do-rio-de-janeiro>>. Acesso em: 10 maio 2018.

“Variedade: caza feliz”. **O Correio Catharinense**, Florianópolis, edição 030, 1853.

“Vistas panorâmicas resgatam a originalidade de Florianópolis”. **Notícias do Dia online**, Florianópolis, 10 dez. 2016. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/coluna/carlos-damiao/vistas-panoramicas-resgatam-a-originalidade-de-florianopolis>>. Acesso em 10 maio 2018.

<http://laam.ufsc.br/projetos/aspectos-naturais-e-da-urbanizacao-do-macico-do-morro-da-cruz/>>. Acesso em 10 maio 2018.

MATHIAS, Letícia. “Começa nova etapa de revitalização do Mercado Público de Florianópolis”. **Notícias do dia**. Florianópolis, 30 set. 2013. Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/noticias/novos-concessionarios-do-mercado-publico-comecam-a-receber-memorial-dos-boxes-que-irao-ocupar>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

**O Dia**. Florianópolis, edição 102, p. 2, 1917.

**O Mensageiro**, Florianópolis, 23 jul. 1861.

**O Mensageiro**, Florianópolis, edição 74, páginas 2-3, 1856.

## REFERÊNCIAS

ABIB, Pedro Rodolpho J. **Capoeira Angola**: cultura popular e jogo dos saberes na roda. 2004. 170 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004. Disponível em: <[https://grupomel.ufba.br/sites/grupomel.ufba.br/files/capoeira\\_angola\\_cultura\\_popular\\_e\\_jogos\\_dos\\_saberes\\_na\\_roda.pdf](https://grupomel.ufba.br/sites/grupomel.ufba.br/files/capoeira_angola_cultura_popular_e_jogos_dos_saberes_na_roda.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2016.

ABREU, Mauricio. Sobre a memória das cidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (Org.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2013. Cap. 1. p. 1-21. Disponível em: <[https://editoracontexto.com.br/autores/silvana-maria-pintaudi/producao-do-espaco-urbano-a.html#yt\\_tab\\_products1](https://editoracontexto.com.br/autores/silvana-maria-pintaudi/producao-do-espaco-urbano-a.html#yt_tab_products1)>. Acesso em: 28 mar. 2018.

ADERALDO, Guilherme André. **Reinventando a cidade**: uma etnografia das lutas simbólicas entre coletivos culturais video-ativistas nas “periferias” de São Paulo. São Paulo: AnnaBlume, 2017.

ALVES, Flamarion Dutra. Interpretação da história do pensamento geográfico pelo método hermenêutico. In: MARAFON, Glaucio José et al (Org.). **Pesquisa qualitativa em geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: Faperj, 2013. Cap. 1. p. 37-54.

ARAUJO, Suzane Albers et al. **Patrimônio Histórico e Cultural de Natureza Material**: Diretrizes básicas. 2008. IPUF/SEPHAN. Disponível em: <[http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/18\\_06\\_2015\\_16.27.29\\_e3a74e07b867f67cee07fd9b1ea8eca8.pdf](http://www.pmf.sc.gov.br/arquivos/arquivos/pdf/18_06_2015_16.27.29_e3a74e07b867f67cee07fd9b1ea8eca8.pdf)>. Acesso em: 20 set. 2017.

AREIAS, Almir das. **O que é capoeira**. 5.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

AURÉLIO, Dicionário. **Dicionário Aurélio de Português online**. 2008. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/aurelio-2/>>. Acesso em: 13 mar.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. **Ofícios do chefe de polícia para o Presidente da Província**, 1833-1870. Caixa 26, 1843.

BARROS, Silvia Maria de. **Memória, história e formação da Câmara da Vila de Nossa Senhora do Desterro**. Vol. II. Florianópolis: Centro Legislativo Municipal de Florianópolis, 2008.

BECK, Aldo (Org.). **Aldo Beck**: Neticom Brasil Agência Web. Disponível em: <<http://www.aldobeck.web2407.uni5.net/obras/>>. Acesso em: 20 mar. 2017.

BEZERRA, Joel Alves. **A capoeira e o Estado Novo**: 70 anos de (re)encontros, 2007.

BOSSÉ, Mathias Le. “As questões de identidade em Geografia Cultural – algumas concepções contemporâneas”. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). **Paisagens, textos e identidade**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004, p. 157-179.

BRASIL, Presidente da República dos Estados Unidos do et al. **DECRETO-LEI Nº 25, DE 30 DE NOVEMBRO DE 1937**. 1937. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Decreto nº 847, de 11 de outubro de 1890. **Código Penal dos Estados Unidos do Brasil**: DOS VADIOS E CAPOEIRAS. CAPITULO XIII. Rio de Janeiro, RJ, 11 out. 1890. Disponível em:

<<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-847-11-outubro-1890-503086-publicacaoor>>. Acesso em: 07 maio 2017.

\_\_\_\_\_. **Constituição dos Estados Unidos do Brasil** (1937). Rio de Janeiro, 1937. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil** (1988). Brasília-DF, 5 de outubro de 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicaocompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm)>. Acesso em: 12 set. 2016.

\_\_\_\_\_. Fundação Palmares. Ministério da Cultura (Org.). **População escrava do Brasil é detalhada em Censo de 1872**. 2013. Texto elaborado por Daiane Souza. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/archives/25817>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

\_\_\_\_\_. Hemeroteca Digital Brasileira. Biblioteca Nacional (Org.). **Periódicos de Santa Caterina**. Disponível em: <[bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/](http://bdigital.bn.gov.br/hemeroteca-digital/)>. Acesso em: 15 maio 2018.

\_\_\_\_\_. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Ministério da Cultura (Ed.). **Roda de Capoeira e ofício dos mestres de capoeira**. Brasília/df: Rosewood (títulos) e Mrs Eaves (textos), 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/DossieCapoeiraWeb.pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Mapa da violência 2016**. Brasil: Flacso, 2016. Anual. Disponível em: <<http://www.mapadaviolencia.org.br>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. **Mapa da violência 2012: a cor dos homicídios no Brasil**. Rio de Janeiro: CEBELA; FLACSO; Brasília: SEPIR/PR, 2012. Disponível em: <[http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012\\_cor.pdf](http://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_cor.pdf)>. Acesso em 25 abril 2017.

CAMARGO, Gabriel Villas Bôas et al. **Inventário de paisagem cultural de Florianópolis**. Florianópolis: Pet/arq/ufsc, 2015. Disponível em: <<https://issuu.com>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

CANCLINI, Néstor Garcia. **As culturas populares no capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CAPOEIRA, Nestor. **Capoeira: os fundamentos da malícia**. Rio de Janeiro: Record, 1992.

\_\_\_\_\_. **Capoeira: pequeno manual do jogador**. Rio de Janeiro: Record, 1987.

- CAPOEIRA, Nestor. **Galo já cantou**. Rio de Janeiro: Arte Hoje, 1985
- CARLOS, Ana Fani Alessandri et al (Org.). **Dilemas Urbanos**: novas abordagens sobre a cidade. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- \_\_\_\_\_. **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2013. (978-85-7244-633-4). Disponível em: <<https://editoracontexto.com.br/autores/silvana-maria-pintaudi/producao-do-espaco-urbano-a.html>>. Acesso em: 28 nov. 2017.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A prática espacial urbana como segregação e o “direito a cidade” como horizonte utópico**. São Paulo: Contexto, 2016.
- \_\_\_\_\_. **O espaço urbano**: novos escritos sobre a cidade. São Paulo: Fflch, 2007.
- CARYBÉ. **Jogo da capoeira**: desenhos de Caribé. Salvador: Livraria Progresso, 1955.
- CASCAES, Franklin. **Bruxa dos Tempos Modernos**, 1976. Nanquim sobre papel, 65,5 x 47,5 cm. Acervo: Museu Universitário Prof. Oswaldo Rodrigues Cabral. Secretaria de Cultura e Arte, Universidade Federal de Santa Catarina (Catálogo de exposição). Disponível em: <[http://cascaes-desenhos-e-esculturas.exatosegundo.com.br/wordpress/wp-content/uploads/1-franklin\\_cascaes-desenhos\\_e-esculturas.pdf](http://cascaes-desenhos-e-esculturas.exatosegundo.com.br/wordpress/wp-content/uploads/1-franklin_cascaes-desenhos_e-esculturas.pdf)>. Acesso em: 12 abr. 2018.
- CASCUDO, Luiz Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Rio de Janeiro: Ministério da educação e cultura, 1962.
- CASTRO, Maurício Barros de. **Na roda da capoeira**. Rio de Janeiro: IPHAN, CNFCP, 2008.
- CAVA, Bruno. **Ocuppy**: a democracia real como construção da indignação. In: Lugar comum, n 39, Rio de Janeiro: Rede Universidade Nômade, 2012. n/p. CHERSO, Francesco Patrizi da. **A cidade feliz**. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisas em ciências humanas e sociais**. São Paulo. Cortez. 1991. pp. 77-106.
- CORRÊA, Joseane Pinho; PINTO, Fabio Machado (Org.). **Curriculum vitae Norival Moreira de Oliveira**. Florianópolis: Não Publicado, 2013. 120 p.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajelórias geográficas**: 2. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CULTURA, Ministério da (Org.). **Capoeira**. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

ELY, Vera Helena Moro Bins et al. **Reflexões e devaneios sobre a emergência da paisagem como fenômeno social no centro de Florianópolis**. Florianópolis: Pet/arq/ufsc, 2011. Disponível em: <<https://issuu.com/petarqfsc/docs/>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Lisboa: Ulisseia, 1965. Disponível em: <<http://lelivros.love/book/baixar-livro-os-condenados-da-terra-frantz-fanon-em-pdf-epub-mobi-ou-ler-online/>>. Acesso em: 12 nov. 2017.

FARIAS, Rodrigo da Costa et al. A capoeira do Mercado Modelo de Salvador: gestualidades performáticas de corpos em exibição. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, n. 2, p.143-155, abr. 2007. Mensal. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16651>>. Acesso em: 10 maio 2017.

FEDATTO, Carolina. **Um saber nas ruas: o discurso histórico sobre a cidade brasileira**. 183f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2011.

FELBECK, David. **Introdução aos mecanismos de resistência mecânica**. São Paulo: Edgard Blucher, 1971.

FERRACINI, Rosemberg; MAIA, Carlos Eduardo S. **O espetáculo na praça: a roda de capoeira angola**. Rio de Janeiro: Espaço e Cultura, 2007.

FLORIANÓPOLIS. **DECRETO Nº 035**, de 1984. Tombamento do Mercado Público como patrimônio histórico e artístico da cidade de Florianópolis. Florianópolis, SC, de 20 de mar. 1984. Arquivo Público.

\_\_\_\_\_. **DECRETO N. 847**, de 11 de outubro de 1890. Florianópolis, SC, out. 1890. Acervo público.

\_\_\_\_\_. **DECRETO Nº 18.260**, de 28 de dezembro de 2017. Reajuste Tarifário para o Transporte Coletivo Urbano de Florianópolis. Florianópolis, SC, 28 dez. 2017. Disponível em: <<http://leismunicipa.is/ptcov>>. Acesso em: 05 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. **DECRETO Nº 8.335**, de 02 de agosto de 2010. Institui comissão especial para estudo e proposição de “Mix-Ocupação” para o Mercado Público de Florianópolis. 290. ed. Florianópolis, SC: Diário Oficial do Município de Florianópolis, 04 ago. 2010. p. 2-2. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/legislacao-municipal/4571/leis-de-florianopolis/categorias/seguranca?p=253>>. Acesso em: 12 set. 2016.

\_\_\_\_\_. **DECRETO Nº 8.740**, de 31 de janeiro de 2011. (<https://leismunicipais.com.br>) dispõe sobre a ocupação e funcionamento do Mercado Público de Florianópolis, e dá outras providências.

\_\_\_\_\_. Câmara Municipal de (Ed.). **LEI Nº 10.139**, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2016. 2016. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei Municipal Nº 10.139**, de 17 de novembro de 2016. Florianópolis, 2010. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br>>. Acesso em: 25 abril 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei Municipal Nº 7.870**, de 26 de maio de 2009. Florianópolis, 2010. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br>>. Acesso em: 25 abril 2017.

\_\_\_\_\_. **Lei Ordinária nº 8.212/2010**, de 05 de abril de 2010. Fica instituído o Dia Municipal da Capoeira, a ser comemorado anualmente no dia 1º de agosto, que deverá constar do Calendário Oficial de Eventos do Município. Cria O Dia Municipal da Capoeira, 214. ed. Florianópolis, SC, 05 abr. 2010. Disponível em: <<https://leismunicipais.com.br/a/sc/f/florianopolis/lei-ordinaria/2010/822/8212/lei-ordinaria-n-8212-2010-cria-o-dia-municipal-da-capoeira>>. Acesso em: 12 set. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 2000. Disponível em: <[http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf\\_bib.php?COD\\_ARQUIVO=17339](http://plataforma.redesan.ufrgs.br/biblioteca/pdf_bib.php?COD_ARQUIVO=17339)>. Acesso em: 12 abr. 2018.

FUNARI, Pedro; PELEGRINI, Sandra (Org.). **Patrimônio histórico e cultural**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

GALLOIS, D. T. “Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades?” In: RICARDO, Fany (Org.) **Terras indígenas e unidades de conservação da natureza: o desafio das sobreposições territoriais**. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004, p. 37-41.

GODOIS, Ivo. **Um palco iluminado: o Teatro Álvaro de Carvalho em Florianópolis SC - década de 1980**. 2011. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Teatro, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <<http://tede.udesc.br/tede/tede/1253>>. Acesso em: 05 jul. 2018.

GOMES, Paulo César da Costa et al. **A cultura pública e o espaço: desafios metodológicos**. Rio de Janeiro: Uerj, 2001.

GONÇALVES DIAS. Academia Brasileira de Letras (Org.). **Canção do Tamoio**. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/goncalves-dias/textos-escolhidos>>. Acesso em: 06 fev. 2017.

GRAUS, 7 (Org.). **Dicionário Etimológico**. 2008. Disponível em: <<https://www.dicionarioetimologico.com.br/>>. Acesso em: 25 maio 2017.

HAROCHE, Claudine. **Querer dizer, fazer dizer**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1992.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Método e metodologias na pesquisa das geografias com cultura e sociedade. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz et al. **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Letra1, 2016. Cap. 1. p. 15-33. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/>>. Acesso em: 25 maio 2017.

HENRIQUES, Isabel Castro. **Território e identidade: o desmantelamento da terra africana e a construção da Angola colonial (c.1872-c1926)**. Sumário pormenorizado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2003. p. 1-27.

IBGE (Org.). **Censo 2010**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/florianopolis>>. Acesso em: 26 dez. 2017.

IPEA. Disponível em: <[http://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&view=article&id=30253](http://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=30253)>. Acesso em ago. 2017.

\_\_\_\_\_. Bibliotecas. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo?id=225477&view=detalhes>>. Acesso em ago. 2017.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Roda de capoeira**. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 25 maio 2017.

IPIUF (Florianópolis). **Atlas de Florianópolis**. Disponível em: <[https://parquemunicipalmaciodacosteira.files.wordpress.com/2010/05/atlas\\_ipuf](https://parquemunicipalmaciodacosteira.files.wordpress.com/2010/05/atlas_ipuf)>. Acesso em: 02 jan. 2018.

\_\_\_\_\_. **Documentos referentes ao Mercado Público de Florianópolis**. [e-mail] Mensagem recebida por: <[karina.ipuf@pmf.sc.gov.br](mailto:karina.ipuf@pmf.sc.gov.br)>. em: 28 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Mercado Público de Florianópolis**. Florianópolis: SEPHAN, 2004.

LEITE, Ilka Boaventura. **Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996.

IPUF/SEPHAN. **Projeto Renovar**. 2012. Disponível em: <[http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/ipuf/index.php?cms= patrimonio+cultural+de+ natureza+material&menu=4& submenuid=612](http://www.pmf.sc.gov.br/entidades/ipuf/index.php?cms=patrimonio+cultural+de+natureza+material&menu=4&submenuid=612)>. Acesso em: 02 mar. 2017.

LIMA, Henrique Espada. Da escravidão à liberdade na Ilha de Santa Catarina. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti et al (Org.). **História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina**. Florianópolis: Ufsc, 2013.

LIMA, Ivan Costa et al (Org.). **Negros, território e educação**. 3. ed. Florianópolis: Atilênde, 2009. 174 p.

LINDÓN Viloría, Alicia. “Las huellas de Lefebvre sobre la vida cotidiana”, In: **Veredas: Revista del pensamiento sociológico**. México: UAM, nº 8, 2004, p. 40-60.

LINS, Daniel; FURTADO, Beatriz (org.). **A alegria como força revolucionária: ética e estética da alegria**. In: Rizomas. São Paulo: Hedra, 2008.

MACAÔ, Mestre. **Capoeira Palmares: em busca das raízes**. Sergipe: Escola de Capoeira Ongira de Palmares, 1992.

MACHADO, Jeferson do Nascimento. História da capoeira na região de Imbituva-PR: cultura negra entre brancos. **Bilros: história(s), sociedade(s) e cultura(s)**, Fortaleza, v. 5, n. 10, p.33-64, set. 2017. Disponível em: <<http://seer.uece.br/?journal=bilros&page=article&op=view&path%5B%5D=2904>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

MACHADO, Juliana Salles. **Lugares de gente: mulheres, plantas e redes de troca no Delta Amazônico**. 2012. 350 f. Tese (Doutorado) - Curso de Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

MAIA, Alexandre Gori; BUAINAIN, Antonio Marcio. “Pobreza objetiva e subjetiva no Brasil”, **Confins** [Online], 13 | 2011, post online no dia 30 Novembro 2011, consultado o 12 Janeiro 2018. URL: <http://journals.openedition.org/confins/7301>; DOI: 10.4000/confins.7301

MAMIGONIAN, Armen et al (Org.). **Santa Catarina: estudos de geografia econômica e social**. Florianópolis: Gcn/cfh/ufsc, 2011.

MARAFON, Glaucio José et al (Org.). **Pesquisa qualitativa em geografia: reflexões teórico-conceituais e aplicadas**. Rio de Janeiro: Faperj, 2013. 542 p.

MARICATO, Ermínia. “É a questão urbana, estúpido!”. In: MARICATO, Ermínia et al. **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013, p. 19-26.

MASSEY, Doreen et al. **Filosofia e política da espacialidade**. Alemanha: Departamento de Geografia, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza et al. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOREIRA, Marianna Fernandes; GRANDI, Matheus da Silveira; ALMEIDA, Rafael Gonçalves. “Xadrez urbano: uma introdução às peças e estratégias espaciais do Movimento dos Sem-Teto”. **Anais do XI SIMPURB**, Brasília, 2009.

MOREIRA, Rui. “As categorias espaciais da construção geográfica das sociedades”. In: \_\_\_\_\_. **Pensar e ser em Geografia**. São Paulo: Ed. Contexto, 2007. P. 81-103.

MUNANGA, Kabengele. “Nosso racismo é um crime perfeito.”. **Revista Fórum**, 2012. Disponível em: <<http://www.revistaforum.com.br>>. Acesso em: 08 maio 2017.

\_\_\_\_\_. **Diversidade, identidade, etnicidade e cidadania**. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/7293072-Diversidade-identidade-etnicidade-e-cidadania-prof-kabengele-munanga-departamento-de-antropologia-usp.html>>. Acesso em: 21 maio 2017.

\_\_\_\_\_. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra**. São Paulo: Autêntica, 1999.

NIGRO, Cíntia et al. Territórios do Patrimônio: tombamentos e mobilizações sociais. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês G. (Org.). **Dilemas urbanos: Novas abordagens sobre a cidade**. São Paulo: Contexto, 2005. p. 166-176.

OLIVEIRA, Denilson Araujo de. O marketing urbano e a questão racial na era dos megaempreendimentos e eventos no Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 85-106, maio 2014. Quadrimestral. Disponível em: <<http://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/4838>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

OURIQUES, Mariana. **As fugas de escravos na Ilha de Santa Catarina. Santa Catarina em História**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 3-13, mar. 2013. Disponível em: <<http://seer.cfh.ufsc.br/index.php/sceh/article/download/482/163>>. Acesso em: 06 jun. 2017.

PASTINHA, Mestre. **Capoeira Angola**. 3ª ed. Bahia: Fundação Cultural do Estado, 1988.

PENNA, Clemente Gentil. **Escravidão, liberdade e os arranjos de trabalho na ilha de santa catarina nas últimas décadas de escravidão (1850-1888)**. 2005. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/101610>>. Acesso em: 28 maio 2016.

PEREIRA, João Baptista Borges. **O negro na sociedade brasileira**. 2015. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br>>. Acesso em: 09 maio 2017.

PEREIRA, Raquel Maria Fontes do Amaral. **Santa Catarina no contexto da formação sócio-espacial do Brasil Meridional: Do período colonial ao início do século XX**. In: PIMENTA, Margareth de Castro Afeche (Org.). **Florianópolis do outro lado do espelho**. Florianópolis: EdUFSC, 2005.

PINHO, Joseane. **Iê a Capoeira... Iê tem fundamento, camará!** Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) – Centro de Ciências do Desporto, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1993.

PINTAUDI, Silvana Maria. Os mercados públicos: metamorfoses de um espaço na história urbana. In: **Cidades**. 5. ed. São Paulo: Unesp, 2006. p. 81-100. Disponível em: <<http://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/viewFile/505/537>>. Acesso em: 11 mar. 2017.

PINTO, F. M.; MENEGHELLO, D.; CORREA, J. P.; BRITO, V. A. “O ensino da capoeira em Florianópolis”. In: **ANAIS da 53a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência**. Nação e diversidade: patrimônio do Futuro. Salvador: EdUFBA, 2001.

\_\_\_\_\_. “O ensino da capoeira em Florianópolis”. In: FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). **Intercultura: estudos impertinentes**. 1/1 ed. Ijuí: Unijuí, 2003, v. 1, p. 61-79.

PINTO, F. M.; RITA, A.; MENEGHELLO, D. “Projeto de Extensão Capoeira Ajagunã de Palmares”. In: **ANAIS DO III SEPEX UFSC**. III SEPEX, Florianópolis: EdUFSC, 2003, CD ROOM.

PINTO, Fabio Machado et al. **Cadernos de Capoeira: Capoeira da Ilha: história e constituição**. Florianopolis: Add+planejamento Livros, 2014. 96 p.

PINTO, Fábio Machado. **Movimento/Cultura popular**: a luta continua camará... In: Motrivivência, Ano XI, N° 14, Maio/2000, p. 115-136.

\_\_\_\_\_. **Pequenos trabalhadores**: sobre a educação física, a infância empobrecida e o lúdico numa perspectiva histórica e social. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1995.

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; PAULA, Cristiano Quaresma de; BONETTO, Helena. Mapas-narrativas e um Conto Geográfico. In: HEIDRICH, Álvaro Luiz; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino. **Abordagens e práticas da pesquisa qualitativa em geografia e saberes sobre espaço e cultura**. Porto Alegre: Letra1, 2016. Cap. 3. p. 49-68. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/>>. Acesso em: 25 maio 2017.

POPINIGIS, Fabiane. Africanos e descendentes na história do primeiro mercado público de Desterro. In: MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; VIDAL, Joseane Zimmermann (Org.). **História diversa**: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Ufsc, 2013. Cap. 7. p. 151-180. Disponível em: <[https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/545532/mod\\_resource/content/1/B7 Mercado pdf.pdf](https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/545532/mod_resource/content/1/B7_Mercado_pdf.pdf)>. Acesso em: 7 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. **Mulheres africanas e o pequeno comércio em desterro, século XIX. 2013**. Disponível em: <<http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos.6/fabianepopinigis.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2017.

RAMIRES, Julio Cesar de Lima; PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. Pesquisas qualitativas: referências para pesquisa em geografia. In: MARAFON, Glaucio José et al (Org.). **Pesquisa qualitativa em geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: Faperj, 2013. Cap. 1. p. 23-35.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Mito e verdade da revolução brasileira**. Florianópolis: Insular, 2016.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola**: ensaio sócio-etnográfico. Salvador: Itapuã, 1968.

RODRIGUES, Raymundo Nina. **Os africanos no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. Disponível em: <<http://www.brasiliana.com.br/obras/os-africanos-no-brasil/pagina/30/texto>>. Acesso em: 24 dez. 2017.

[s.a.] **Fotos antigas de Florianópolis**. Disponível em: <<http://fotosantigasflorianopolis.blogspot.com.br/>>. Acesso em 10 abril 2017.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos; VOGEL, Arno. **Quando a rua vira casa: A** apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro. 3. ed. São Paulo: Projeto, 1985.

SANTOS, Joel R. “Negritude, recalque nacional”. In: **Revista do Brasil**. Rio de Janeiro. Imprensa Oficial. Ano I, no 3, 1985.

\_\_\_\_\_. **Zumbi**. São Paulo: Moderna, 1985.

SANTOS, Milton de Almeida. Por uma Geografia Cidadã: Por uma Epistemologia da Existência. **Boletim Gaúcho de Geografia**: Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Porto Alegre -, Porto Alegre, v. 21, p. 7-14, ago. 1996. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38613/26350>>

SANTOS, Milton e SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **Natureza do Espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: EdUSP, 2006. Disponível em: <[http://files.leadt-ufal.webnode.com.br/200000026-](http://files.leadt-ufal.webnode.com.br/200000026-4d5134e4ca/Milton_Santos_A_Natureza_do_Espaco.pdf)

[4d5134e4ca/Milton\\_Santos\\_A\\_Natureza\\_do\\_Espaco.pdf](http://files.leadt-ufal.webnode.com.br/200000026-4d5134e4ca/Milton_Santos_A_Natureza_do_Espaco.pdf)>. Acesso em: 11 maio 2016.

\_\_\_\_\_. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: Edusp, 2014. 176 p.

\_\_\_\_\_. **Por uma geografia cidadã**: por uma epistemologia da existência. Porto Alegre: Associação dos Geógrafos Brasileiros, ago. 1996.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma geografia das territorialidades e das temporalidades**: uma concepção multidimensional voltada para a cooperação e para o desenvolvimento territorial. São Paulo: Outras expressões, 2011.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2007.

SILVA, Carlos Alberto Dal Molin. **A “Volta ao Mundo” da Capoeira**. Monografia (Especialização em Educação Física Escolar) – Centro de Ciências do Desporto, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1993.

SILVA, Ludovico. **A mais-valia ideológica**. Florianópolis: Pátria Grande, 2013. 208 p.

SILVA, Robson Carlos da. **Roda de rua**: notas etnográficas a respeito do jogo da capoeira enquanto fenômeno sociocultural urbano. Educação em Debate, Fortaleza, v. 59, n. 1, p.11-24, 30 jun. 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/15997>>. Acesso em: 16 out. 2016.

SOARES, Maíra Cesarino. **Roda de capoeira**: rito espetacular. 2010. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SOUZA, Ângela Fagna Gomes de. Saberes Dinâmicos: o uso da etnografia nas pesquisas geográficas qualitativas. In: MARAFON, Glaucio José et al (Org.). **Pesquisa qualitativa em geografia**: reflexões teórico-conceituais e aplicadas. Rio de Janeiro: Faperj, 2013. Cap. 1. p. 55-67.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertand-brasil, 2013.

\_\_\_\_\_. Território do outro, problemática do mesmo? O princípio da autonomia e a superação da dicotomia universalismo ético versus relativismo cultural. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato (Org.). **Religião, identidade e território**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2011. p. 145-176.

STRECK, Danilo R. et al (Org.). **Fontes da pedagogia latino-americana**: antologia. Belo Horizonte: Autentica, 2010.

SUGAI, Maria Inês. **Segregação silenciosa**: investimentos públicos e dinâmica socioespacial na área conurbada de Florianópolis (1970- 2000). Florianópolis: EdUFSC, 2015.

TEIXEIRA, Luiz Eduardo Fontoura. **Espaços públicos da Orla Marítima do Centro Histórico de Florianópolis**: o lugar do Mercado. 2002. 95 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Geografia, UFSC, Florianópolis, 2002. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/83888/188092.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 30 maio 2016.

VASCONCELOS, Pedro de Almeida et al. **A cidade contemporânea**: segregação espacial. São Paulo: Contexto, 2016.

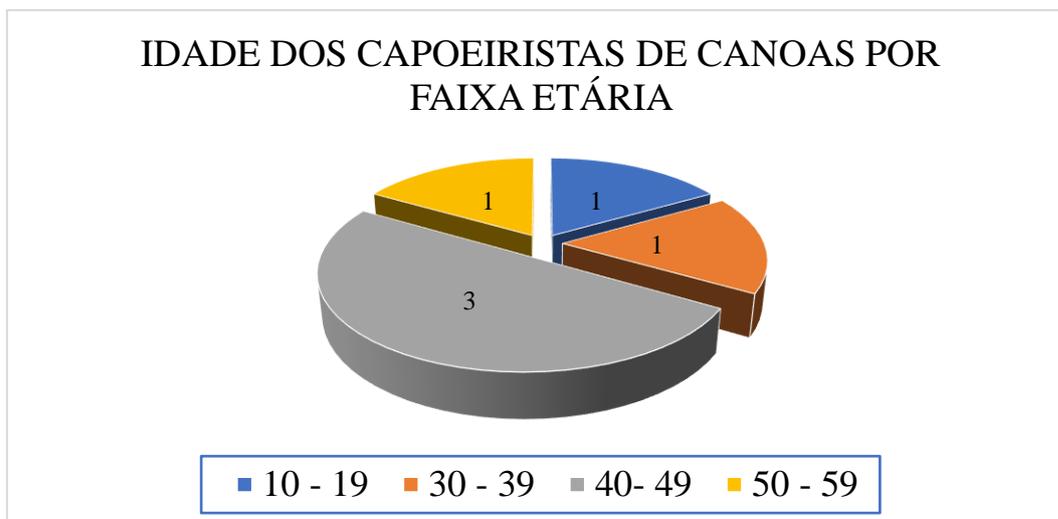
VILAÇA, Flávio. **O que todo cidadão precisa saber sobre habitação**. São Paulo: Global, 1986.

## ANEXOS

### ANEXO I: GRÁFICOS DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS COM OS CAPOEIRISTAS EM CANOAS-RS

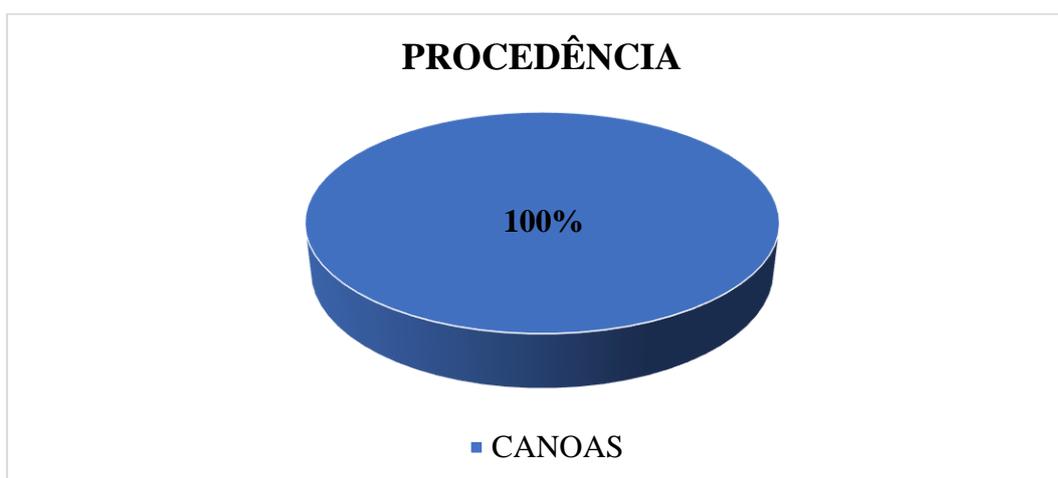
Questionários aplicados em canoas, em 28 de outubro de 2017, com 06 (seis) capoeiristas

#### 1. Idade



216

#### 2. Procedência



3. Conhece pessoalmente o Mercado Público de Florianópolis?



4. Esteve nos últimos cinco anos no Mercado Público? (Resposta incluída no gráfico anterior)

5. Qual a impressão principal desse lugar?

217



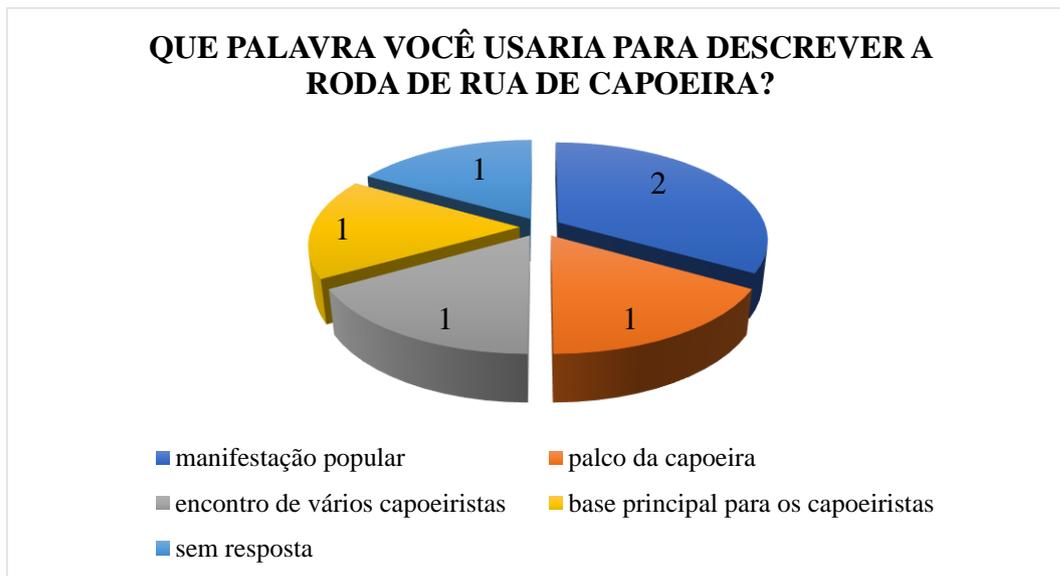
6. Por que você vai no Mercado Público de Florianópolis?



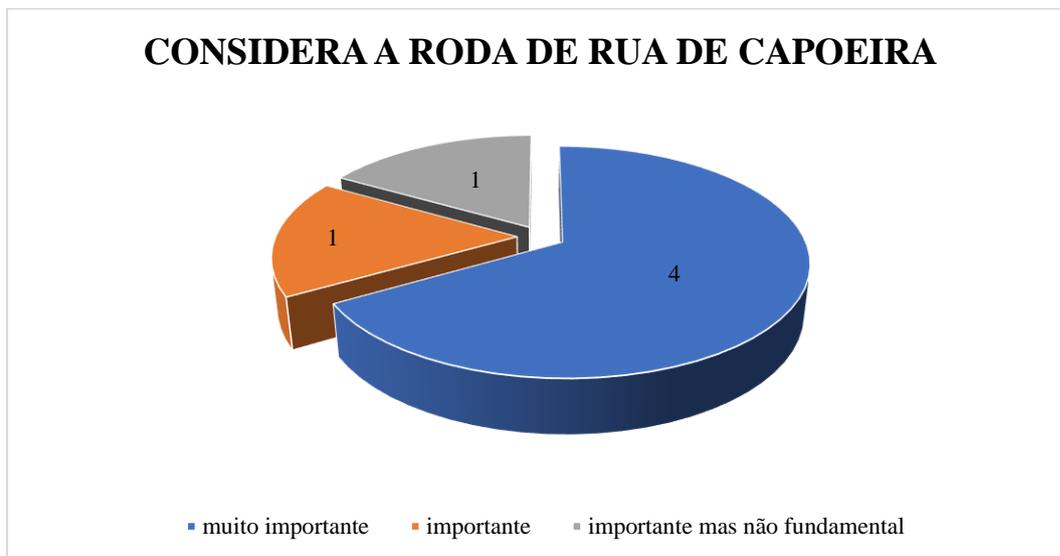
7. Você sabe o que é uma Roda de Rua de Capoeira?



8. Que palavra você usaria para descrever a Roda de Rua de Capoeira?



9. Considera a Roda de Capoeira de Rua:

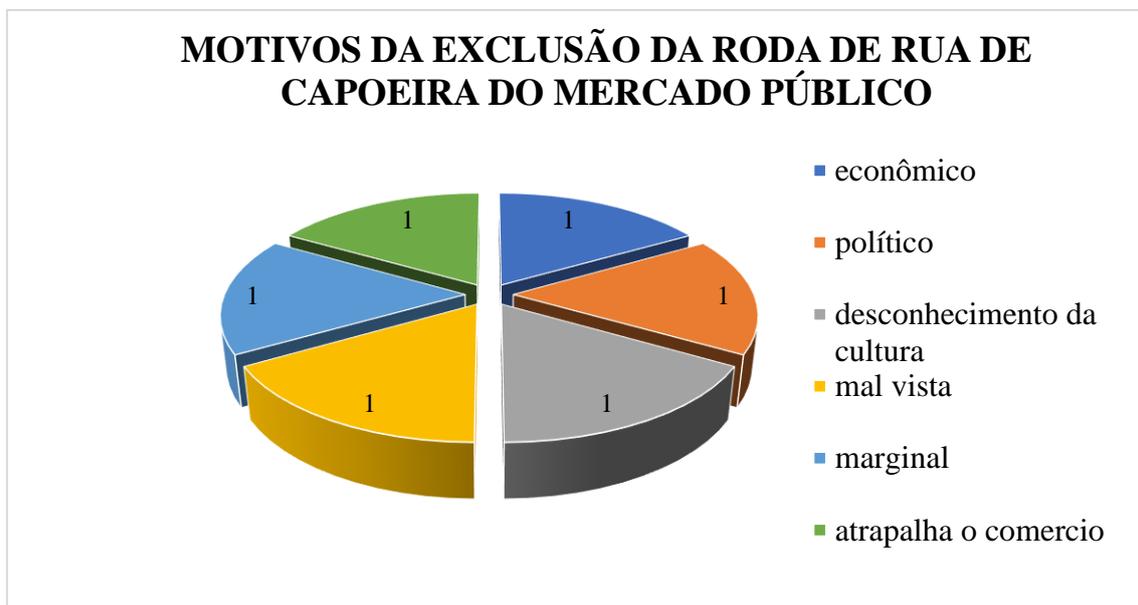


10. Essa Roda de Rua do Mercado acontece há 30 anos. No decorrer dos anos tem sido cada vez mais difícil realiza-la. Na tua opinião essa Roda:



11. Que motivos, na tua opinião, levam os comerciantes do Mercado Público de Florianópolis a não quererem a Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado?

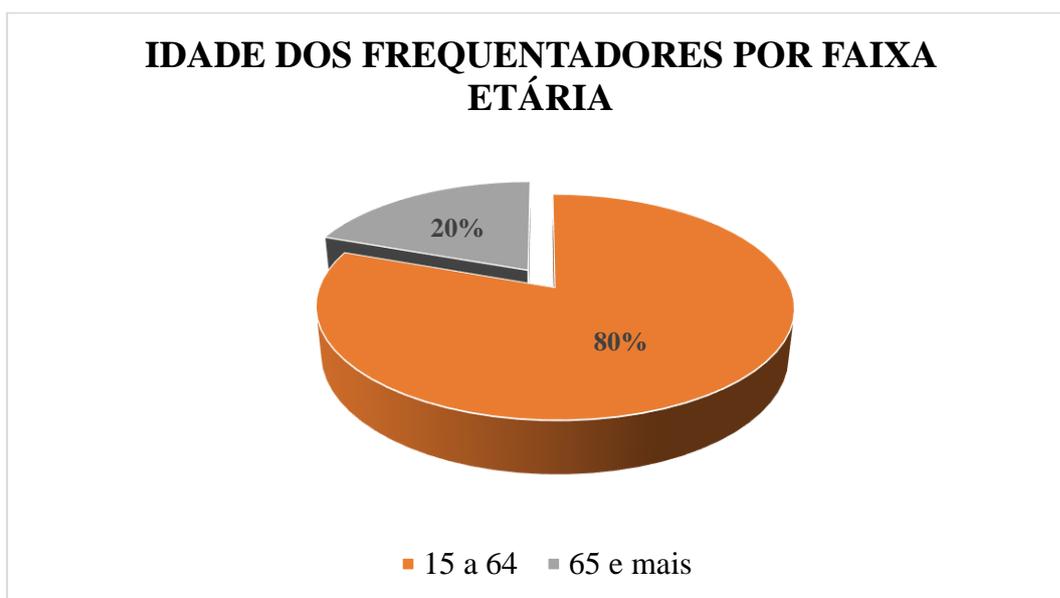
220



**ANEXO II: GRÁFICOS DOS RESULTADOS DOS QUESTIONÁRIOS APLICADOS COM O PÚBLICO FREQUENTADOR DO MERCADO PÚBLICO DE FLORIANÓPOLIS-SC**

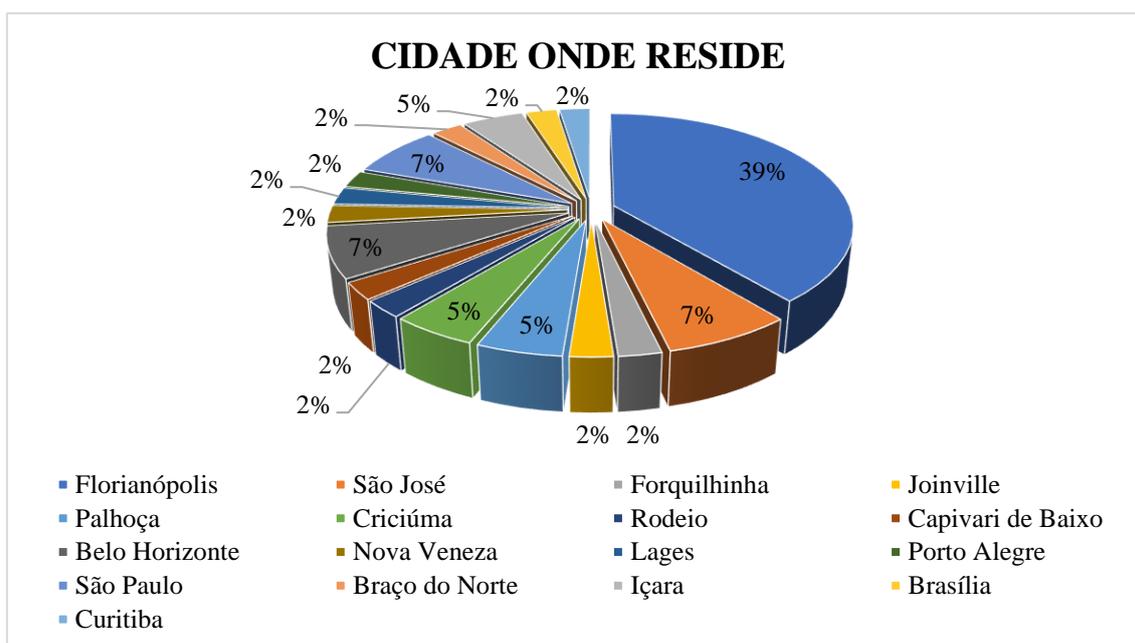
QUESTIONÁRIOS APLICADOS NO MERCADO PÚBLICO, EM 04 DE NOVEMBRO DE 2017 (SÁBADO, DIA DE RODA DE CAPOEIRA), COM 41 (QUARENTA E UM) FREQUENTADORES

1. Idade

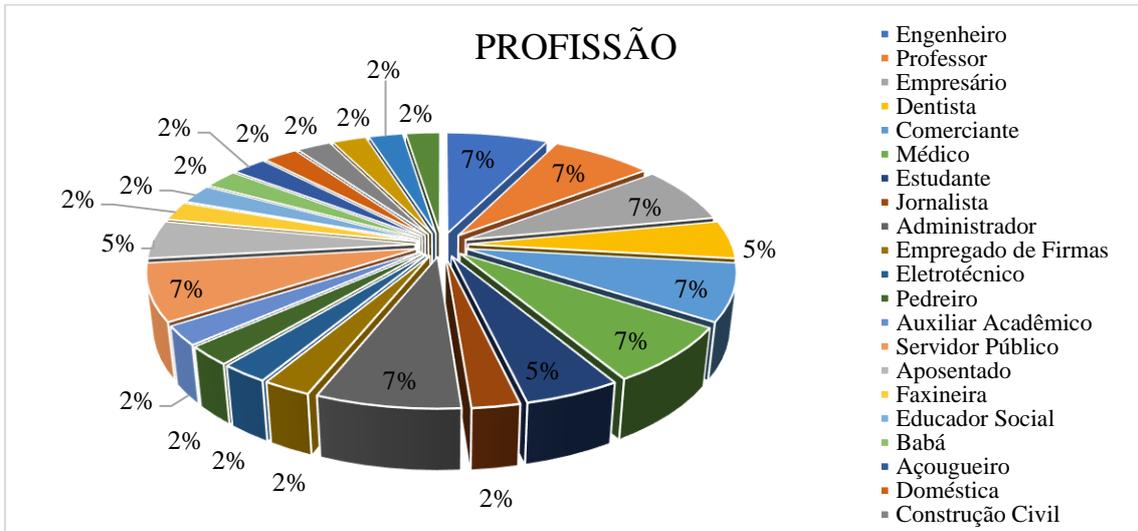


221

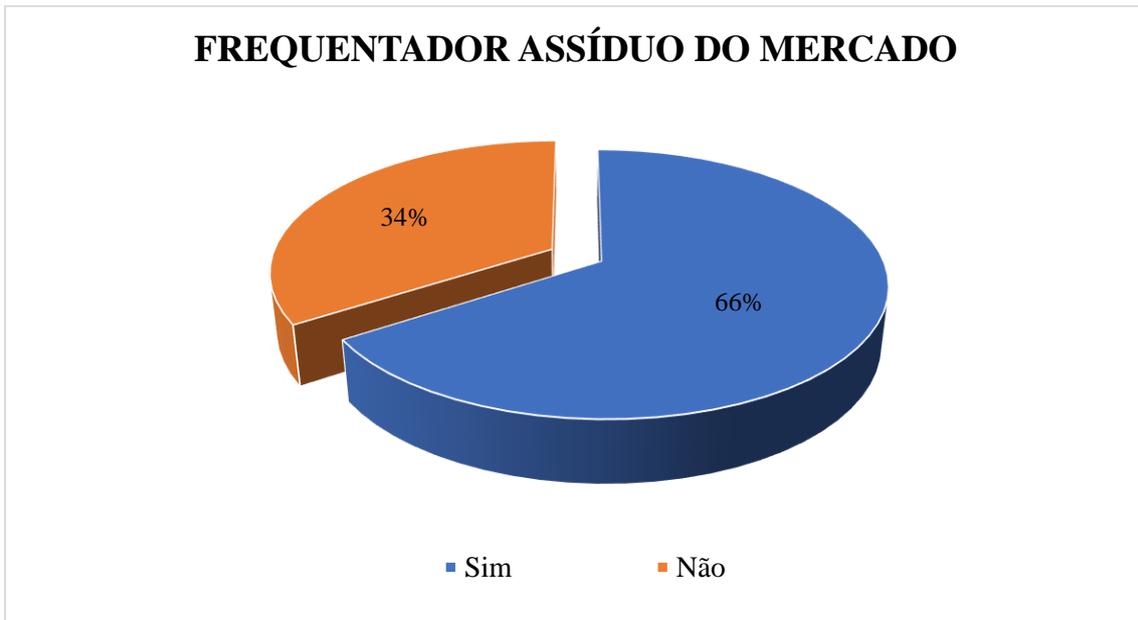
2. Procedência



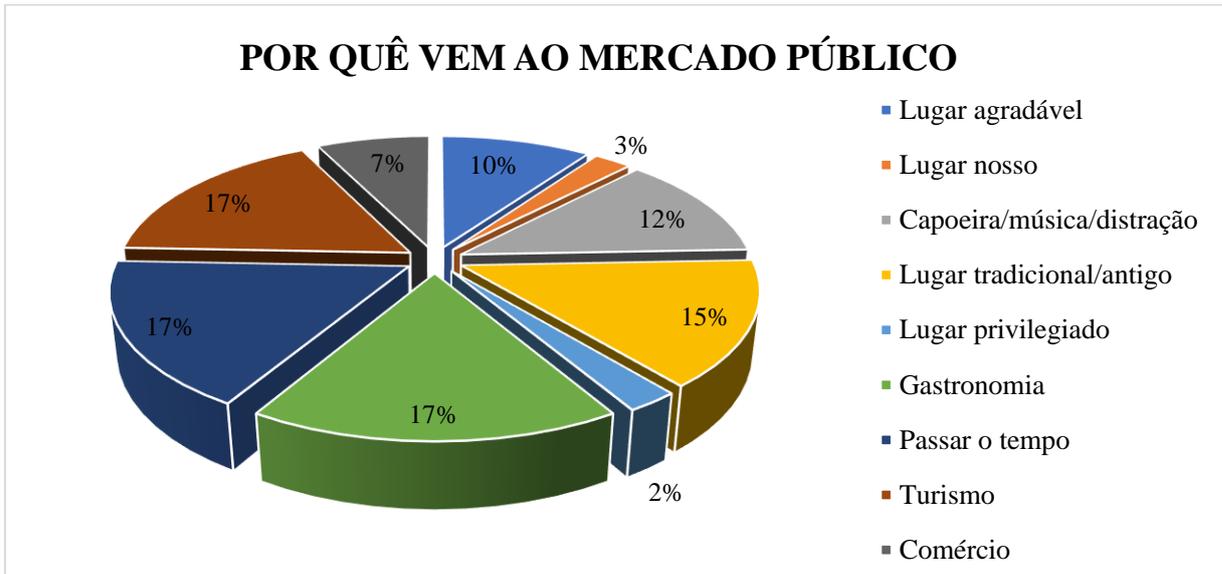
### 3. Profissão



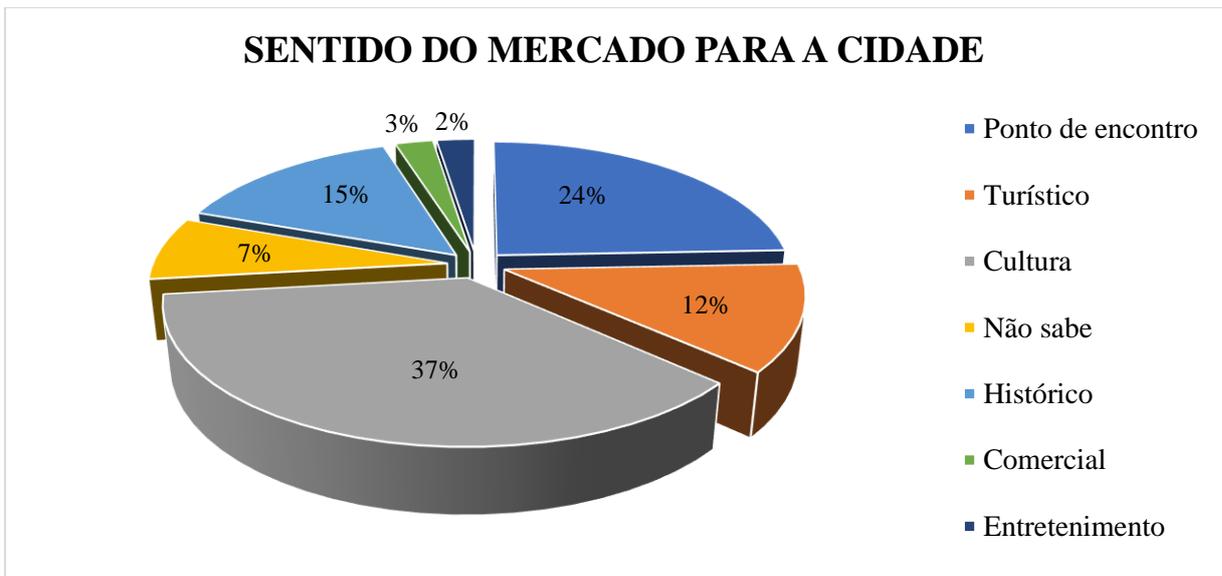
### 4. É frequentador assíduo do Mercado Público de Florianópolis:



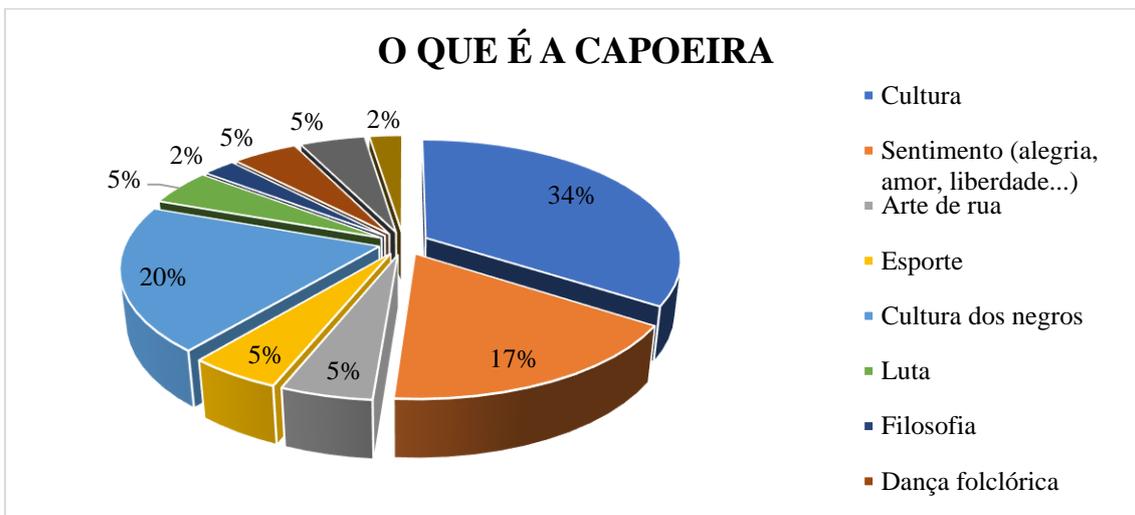
5. Por que você vem no Mercado Público?



6. Qual o sentido do Mercado Público para a cidade?



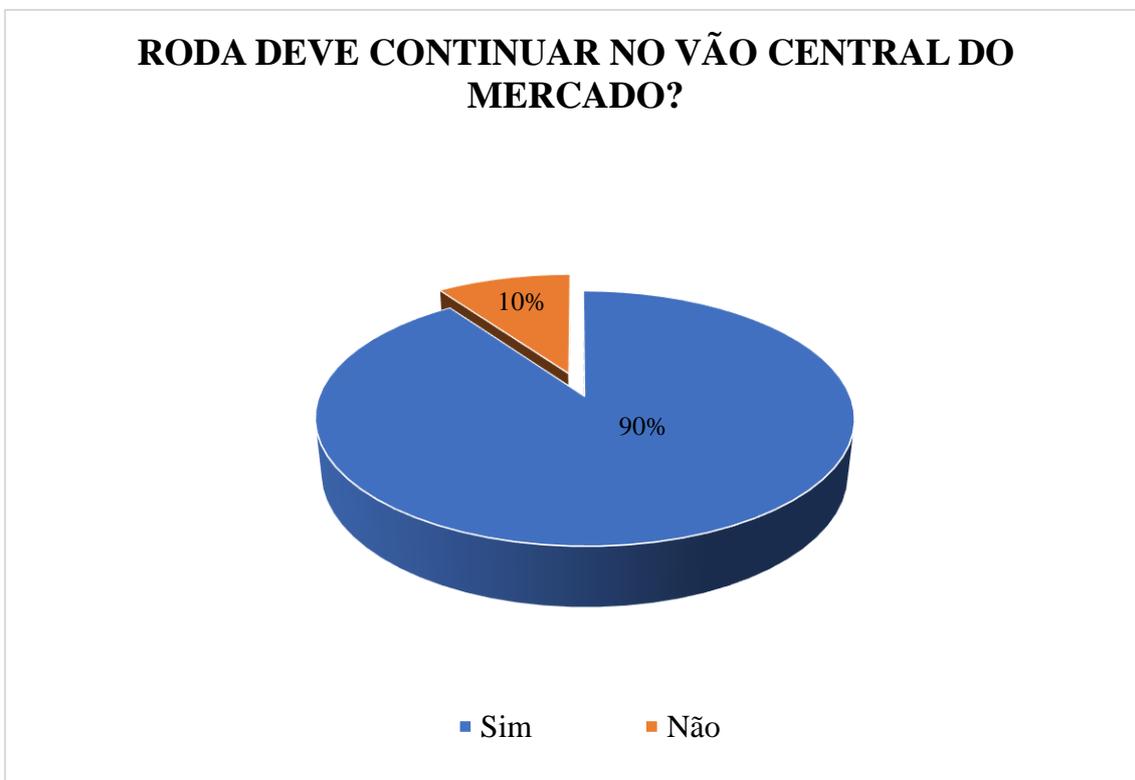
7. O que você considera que é a Capoeira?



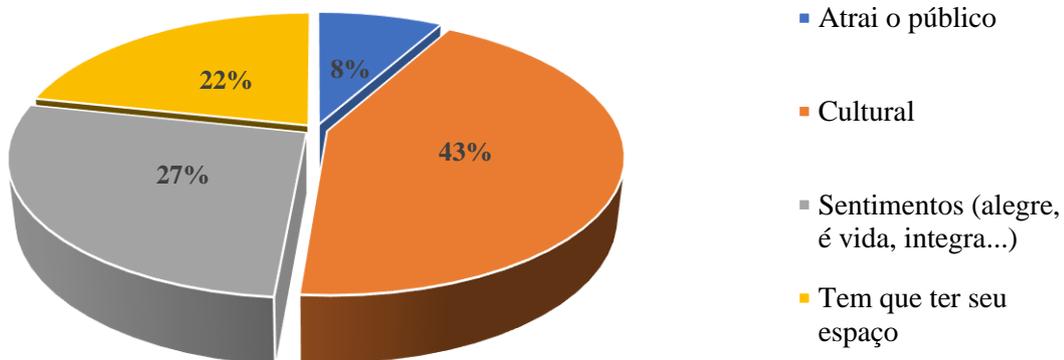
8. E qual a tua opinião sobre ter uma Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado? (Incluída na questão seguinte)

9. Essa Roda de Rua do Mercado acontece há 30 anos. No decorrer dos anos tem sido cada vez mais difícil realiza-la. Na tua opinião essa Roda deve continuar no Vão Central?

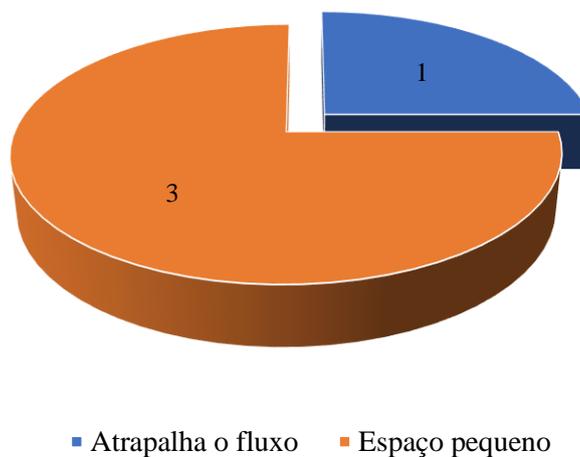
224



### MOTIVOS PARA A RODA CONTINUAR NO VÃO CENTRAL DO MERCADO

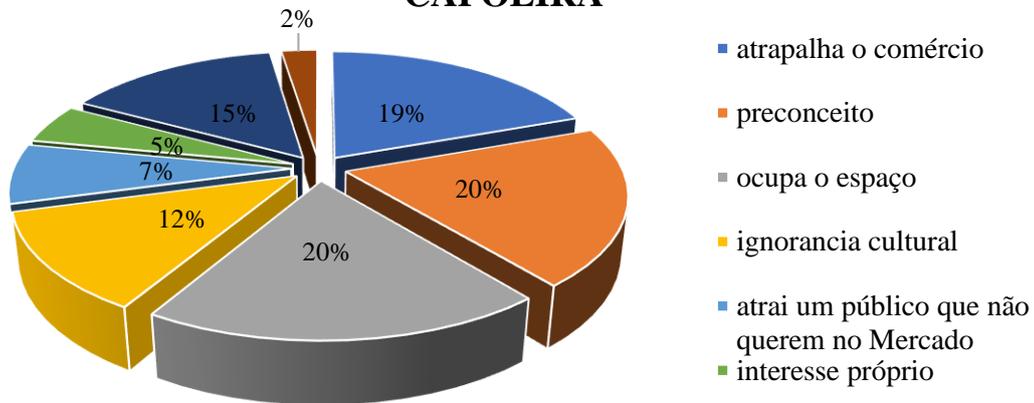


### MOTIVOS DE NÃO PERMANECER NO VAO CENTRAL DO MERCADO



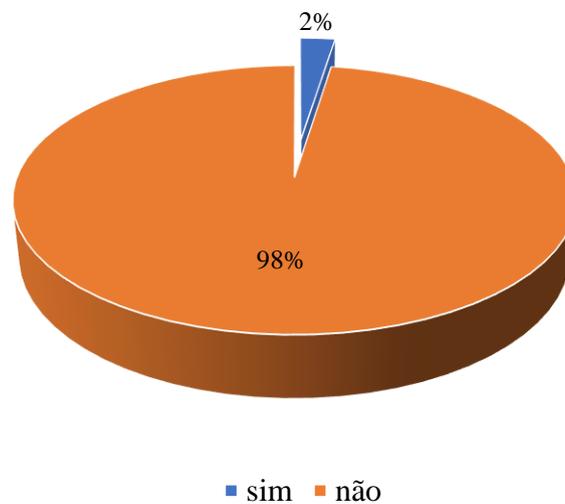
10. Que motivos, na tua opinião, levam os comerciantes do Mercado Público de Florianópolis a não quererem a Roda de Capoeira no Vão Central do Mercado? Por que?

### PORQUÊ OS COMERCIANTES NÃO QUEREM A CAPOEIRA



11. Durante a roda você já observou alguma tensão/conflito entre comerciante, usuários e capoeiristas?

### PRECENCIOU CONFLITOS ENTRE CAPOEIRISTAS, COMERCIANTES E USUÁRIOS ?



12. Como se manifesta?  
Sem resposta